

ANO XX — N.º 204

OUTUBRO - DEZEMBRO, 1952

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

SUMÁRIO

*Número Especial com o Programa
em Experiência*

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS — BRASIL

REVISTA DO ENSINO

DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

É o processo educativo compreendido em seus elementos fundamentais — de um lado, a criança, ser imaturo, prêsso ao seu mundo físico e afetivo, indiferente ao que não tem relação com a sua vida, e, do outro, a experiência adulta condensada em fatos, princípios e leis, visando a alcançar certos valores sociais, morais e civis — que demarca o traçado do programa escolar e, ao mesmo tempo, ressalta a complexidade dos problemas que o envolvem.

Realmente, conhecer a criança em seu meio, compreender as fases da sua evolução, interpretar as experiências que já possui, os motivos e interesses que a animam nos diferentes ciclos da idade; depois, encarar os fatos a serem estudados em seu aspecto embrionário, dinâmico e vital, na delimitação e gradação das dificuldades, e, ainda, em consonância com as exigências da vida, são questões que demandam estudos sistematizados, pesquisas e experiências contínuas.

Há quem pense: a imaturidade do espírito infantil ou a superficialidade da sua experiência deve ser amadurecida ou aprofundada pela imposição da escola, a quem cumpre revelar à criança conhecimentos vastos e complexos, mesmo que não se coadunem com a dinâmica e a força dos seus interesses e experiências. Dai os programas enciclopédicos cujos fatos o educando deve aprender, ainda que não os possa compreender. Dai os insucessos escolares verso insucesso da cultura nacional.

A Secretaria da Educação, sentindo a necessidade de um programa que melhor atendesse às imposições do processo educativo, constituiu comissões de marcação valor pedagógico, encarregando-as de o elaborar.

Sem perder de vista as possibilidades do aluno, procurou-se conciliar as condições escolares atuais — composição média das clas-

ses, extensão do curso, duração do ano letivo e do dia escolar com a significação social dos conhecimentos, hábitos, atitudes e idéias que à escola cabe desenvolver.

É assim que matérias afins, como Noções de Cousas, Ciências Naturais e Higiene, que nos programas vigentes foram consideradas em separado, nos atuais constituem uma unidade de estudos reduzidos ao essencial, de modo a não comprometer as finalidades dos mesmos na escola primária.

Procurou-se, também, para atender às condições naturais do desenvolvimento da criança, evitar a sobrecarga de matérias que não se harmonizassem com as fases dos seus interesses, razão por que certos assuntos foram deixados para mais tarde, outros substituídos e outros eliminados do programa.

O estudo dos fatos geográficos, por exemplo, cuja compreensão requer certa visão social que a criança do primeiro ano, presa ainda ao seu meio familiar, não possui, passou a ser iniciado no segundo.

Com estas modificações, o trabalho escolar do primeiro ano ficou bastante aliviado. No seu horário semanal devia dar-se atenção às aulas de Língua Pátria, Aritmética, Geografia, Ciências Naturais, Noções de Cousas, Higiene, Instrução Moral, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto e Exercícios Físicos.

Releva acentuar que a medida aplicada ao primeiro ano era necessária. Haja vista a percentagem elevada de crianças que o repetem uma, duas, três e até quatro vezes, resultando desta verdadeira estagnação escolar ser-lhes impossível chegarem ao término do curso primário.

Na organização do currículo escolar, encarada sob esse duplo aspecto — técnico e político, e sem se perder de vista o princípio básico da educação — "não contrariar a evolução natural, antes favorecê-la", procurou-se:

a) seriar as dificuldades, iniciando o estudo de cada matéria pelos assuntos mais acessíveis à compreensão da criança, mais próximos de sua experiência;

b) correlacionar os assuntos em estudo nas diversas matérias do programa (Geografia — História — Ciências Naturais — Educação Moral e Cívica, etc.);

c) fracionar certos estudos em períodos, o que talvez facilite o trabalho didático, pela dosagem racional do tempo necessário à apreciação e assimilação dos fatos e também dosagem da matéria cuja aprendizagem se deve verificar.

Procurou-se, ainda, ordenando, de maneira clara e precisa, os diferentes aspectos da experiência coletiva em um programa realizável sugerir algumas atividades que poderão ser desenvolvidas e

adaptados ao meio escolar, às necessidades, aptidões e capacidade dos educandos. Todavia, não se visar a tolher a autonomia e iniciativa didáticas do professor e, sim, dar às escolas estrutura comum, no sentido de conciliar seus resultados com as exigências sociais.

A divisão da matéria de determinadas disciplinas em períodos foi adotada com o objetivo de favorecer a verificação do programa, sob o ponto de vista quantitativo, e, destarte, assegurar-se da sua executabilidade, relativamente à extensão. Ocorre, entretanto explicar que, na realização do seu trabalho, o professor não deve prender-se demasiadamente aos períodos. Muitas vezes, terá que passar a assuntos que estão em período diferente daquele que decorre, a fim de não perder a oportunidade para tratar de fatos atuais. Pode também acontecer que a matéria seja esgotada antes de terminado o período ou, ao contrário, não se consiga realizar tudo no espaço determinado. Em todos estes casos, é a necessidade da classe, do desenvolvimento dos educandos, que devem constituir motivos de preocupação do professor na execução do programa.

Evidentemente, a preocupação do administrador, quando lança um programa de trabalho, é que ele seja, executado na íntegra. Em se tratando, porém, da educação, processo de complexidade extrema, o melhor partido será experimentar, medir, para depois ajustar os interesses e possibilidades naturais do educando com o interesse político-social.

Eis porque a administração do ensino público em Minas julgou mais acertado promover uma experimentação em torno de assuntos que lhe parecem indispensáveis à cultura elementar do cidadão brasileiro. E só aqueles de comprovado valor educativo e de perfeita executabilidade, relativamente à situação escolar atual, passarão a ser considerados partes integrantes do programa destinado à escola primária.

É neste caráter — Programa em experiência — que os presentes programas são entregues às professoras mineiras. A colaboração e a assistência interessada dos que vão realizá-lo de muito servirão para que seja melhorado. Revisto à luz das observações relatadas pelos que o aplicarem, será, por certo, peça de valor no desenvolvimento da educação.

LINGUA PATRIA

PRIMEIRO ANO

Linguagem oral

— Enriquecer e dilatar a experiência sobre as coisas e relações de seu meio através de atividades vivas e interessantes como animais, plantas, etc. e através de histórias e de poesias, gravuras, etc.

— Desenvolver a linguagem espontânea e a desembaraçada e a boa pronúncia através de oportunidades em que se leva a criança a falar, como: conversa, hora de história, dramatizações, palestras, gravuras, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das experiências novas que adquire, principalmente em atividades correlatas com as Ciências Naturais.

— Corrigir os erros mais frequentes e mais graves.

Leitura

— Desenvolver um grande interesse pela leitura.

— Formar na criança a atitude de que ler é interpretar.

— Dar a capacidade de ler passagens simples, inteligente e correntemente.

Composição

— Desenvolver a capacidade de escrever cartas simples, bilhetes e avisos, com poucos fatos e com motivo real.

— Formar a capacidade de escrever uma história curta e com boa seqüência lógica.

— Dar a noção da sentença e o uso do ponto final e da interrogação, no fim da sentença.

Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras formadas de sons simples e grupos consoantes de *lh*, *nh* e *ch*;

— Treinar a ortografia das formas verbais usuais na linguagem, como infinitos, particípio presente, passado, quando escrevem sob o ditado e nas composições.

— Treinar a divisão das palavras que escrevem.

— Desenvolver a articulação e a boa pronúncia das palavras, para evitar erros.

Escrita

— Dar uma boa posição habitual.

— Desenvolver a coordenação motora e estabelecer liberdade de movimento.

— Treinar a boa formação das letras, o bom alinhamento das palavras.

— Formar bons hábitos de escrita a lápis.

SEGUNDO ANO

Linguagem oral

— Dilatar as experiências sobre coisas e relações do meio, através de um contacto vivo com a natureza, através de histórias, de poesias, de gravuras, de excursões e das demais atividades do programa.

— Desenvolver o pensamento e a lógica da criança através da participação em várias atividades da escola, da casa e do seu meio e através da discussão e da conversa sobre planos e atividades, e de histórias, de gravuras, de dramatizações, etc.

— Desenvolver a linguagem clara e espontânea através de oportunidades em que se leva a criança a falar, como: conversa, hora de histórias, palestras, dramatizações, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das atividades já citadas e com o enriquecimento de coletivos.

— Corrigir os erros de linguagem mais comuns ou mais graves da classe.

— Dar noções simples de sujeito e de predicado, de substantivo, de pronome e de verbo.

Leitura

— Dar um grande interesse pela leitura e pelas atividades de leitura em classe.

— Promover um desenvolvimento rápido nos hábitos formados no primeiro ano.

— Desenvolver a capacidade de interpretação inteligente de maneira simples.

— Desenvolver a capacidade de ler silenciosamente matéria ligada a outras do programa como Ciências, Geografia, etc.

— Desenvolver a capacidade de ler oralmente, em situações normais de leitura oral.

Composição

— Desenvolver a capacidade de escrever cartas, bilhetes com um fim real.

— Desenvolver a boa organização dos fatos e a certeza da linguagem na composição de histórias da imaginação da criança ou à vista de gravuras.

— Oferecer boas normas de composição através da leitura de bons livros.

— Desenvolver a concordância verbal nos casos em que as composições o exigirem.

Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras formadas de sílabas simples; com letras geminadas; com *se* e *ce*; com *x*; com *qu* e *gu*, etc.

— Treinar a divisão das palavras que escrevem e das palavras com ditongos e tritongos.

— Desenvolver a capacidade de escrever trechos simples, sob ditado.

Escrita

— Desenvolver os hábitos formados no primeiro ano.

— Desenvolver as qualidades de alinhamento, formação das letras, regularidades de inclinação e espaçamento.

— Treinar a escrita de 50 letras por minuto.

TERCEIRO ANO

Leitura oral

— Dilatar as experiências sobre as coisas e relações principalmente através das Ciências, da Geografia e da História, como através de histórias, poesias, gravuras e excursões.

— Desenvolver o pensamento e a lógica da criança através da participação em atividades que obriguem a criança a pensar, e através de dramatizações, histórias, gravuras, conversa, discussões, etc.

— Desenvolver a linguagem espontânea e clara em situação em que se leva a criança a falar, como: conversa, hora de histórias, palestras, dramatizações, etc.

— Desenvolver o vocabulário e a pronúncia através das várias atividades citadas acima, de leituras, das outras matérias do programa, e através do estudo da família das palavras.

— Corrigir os erros de linguagem mais freqüentes e mais comuns, principalmente os que se referem ao uso das formas verbais, possessivos e pronominais de 3.ª pessoa e o uso do *haber* impessoal.

— Dilatar a estrutura das sentenças das crianças através do estudo das palavras modificadoras do sujeito — frases adjetivas e advérbias adjetivos e advérbios e preposições.

— Levar a criança a conjugar os verbos regulares para fundamento da concordância verbal.

Leitura

— Desenvolver um grande interesse pela leitura de bons livros.

— Desenvolver a capacidade de ler tipos diferentes de material para vários fins.

— Desenvolver a capacidade de interpretar trechos de dificuldade crescente.

— Aumentar a rapidez da leitura silenciosa.

— Desenvolver a capacidade de leitura oral em situações normais.

— Enriquecer o vocabulário de leitura de termos e de expressões através do estudo de sinônimos, antônimos e parônimos.

— Treinar a criança no uso da biblioteca e do dicionário.

Composição

— Desenvolver a facilidade e o desembaraço na composição de cartas, bilhetes e convites, com o tratamento de 3.ª pessoa.

— Desenvolver a capacidade de compor histórias mais longas com boa seqüência lógica.

— Dar boas normas através da leitura de bons livros.

— Dar o uso da vírgula.

— Desenvolver a concordância dos adjetivos com os substantivos, nos casos em que as composições exigirem.

Ortografia

— Treinar a ortografia de palavras com grupos consontais com *sc*, com *h* no princípio, com *g* e *j*, etc.

— Treinar a acentuação das palavras proparoxítonas.

— Dar o hábito da consulta ao dicionário para resolver questões de pronúncia e de ortografia.

— Promover a indução de regras simples de ortografia e de acentuação das palavras.

Escrita

- Dar uma boa posição habitual para a escrita a tinta.
- Desenvolver movimentos desembaraçados e ritmados.
- Desenvolver as qualidades de alinhamento, formação de letras regularidades de inclinação e espaçamento.
- Treinar a escrita de 50 letras por minuto.

QUARTO ANO

Linguagem oral

- Desenvolver a capacidade da criança de expor com clareza e boa seqüência lógica, experiências próprias ou adquiridas através de outras matérias como Geografia, Ciências e História.
- Desenvolver o vocabulário através das várias atividades do programa como através do estudo dos sufixos e prefixos mais comuns na sua linguagem.
- Conjuguar verbos auxiliares para fundamento da concordância verbal.

Leitura

- Enriquecer a experiência através da leitura.
- Dar interesse profundo pela leitura de bons livros e dar motivos para ler.
- Formar o hábito de estudo, desenvolvendo a capacidade de resumir um trecho lido; resumir trechos de autores diferentes mas sobre o mesmo assunto; tomar informações para a solução de vários problemas, etc.
- Desenvolver a capacidade de ler oralmente em situações normais de leitura oral.
- Formar o hábito do dicionário.
- Treinar o uso da biblioteca e de fontes de informação.

Composição

- Desenvolver a facilidade e desembaraço na redação de cartas, convites e bilhetes, com um fim real em vista, no tratamento de segunda e terceira pessoas.
- Desenvolver a capacidade de contar histórias mais longas, em boa seqüência lógica e melhor estrutura da sentença.

- Desenvolver a capacidade de resumir trechos lidos ou discutidos em aula, com boa organização e clareza.
- Dar o uso da crase — do emprego de *the* — *o* — *se*.
- Dar noção dos verbos transitivos e intransitivos — do objeto direto e indireto.
- Dar a noção do período composto e o das conjunções.
- Dar a facilidade de usar a pontuação: ponto final, de interrogação, de exclamação e vírgula.

Ortografia

- Dar o domínio da ortografia das palavras.
- Promover a indução de regras simples de ortografia e de acentuação.
- Treinar o uso do dicionário para a solução das dificuldades que venham a surgir.

Escrita

- Desenvolver as qualidades de legibilidade, como espaçamento das linhas e das palavras; forma, tamanho, regularidade, inclinação e espaçamento das letras.
- Desenvolver a boa aparência da escrita pela disposição geral — margens, centragem de títulos e aberturas de parágrafos.
- Treinar a rapidez de 70 à 80 letras por minuto.

QUARTO ANO

Linguagem oral

Uma boa linguagem é, para o homem, um dos maiores instrumentos de êxito na vida.

Havendo entre o pensamento e a linguagem a mais íntima relação, torna-se necessário desenvolver o pensamento para desenvolver-se a linguagem.

O pensamento desenvolve-se através das experiências comuns da vida, e, na escola primária, quer através dessas experiências comuns, quer através de processos próprios.

Tudo o que diz respeito ao pensamento, por isso, diz respeito à linguagem, e não é possível separar-se o aprendizado da linguagem do das demais matérias e atividades.

Por sua vez, o apuro da linguagem influi na boa formação do pensamento, pois nós pensamos, geralmente, com palavras, e tanto mais preciso será o pensamento quanto mais próprios os termos com que o formamos e traduzimos.

Dai estas conclusões, geralmente aceitas e fáceis de realizar no ensino primário, porque a classe é confiada a um só professor:

a) o ensino da linguagem faz-se não só nas aulas próprias de linguagem, mas através de todas as matérias em todas as atividades;

b) o professor deve velar, rigorosamente, para que os alunos usem de linguagem correta e própria;

c) a linguagem é aprendida por imitação, tornando-se, por isso, necessário que a linguagem do professor sirva de um bom modelo.

Como todas as habilidades de uso constante, as habilidades da linguagem devem ser quanto possível automatizadas, de forma que, pensando bem, as crianças expressem sem esforço e corretamente o pensamento.

Não se deve gastar tanta energia na procura de forma quanto se gasta na formação do pensamento, como em aritmética se procura que as crianças, ao invés de $2+2=4$, não façam a operação, mas de pronto, e automaticamente, vejam 4.

Esse automatismo prende-se à formação do hábito, entre cujas leis está a de que o hábito deve ser formado nas mesmas condições em que se pratica na vida real. Não se deve, por exemplo, aprender a tocar piano tocando-se órgão. Ora, em que condições se usa a linguagem na vida real? Pois é em tais condições que se desenvolvem as atividades da linguagem.

As crianças devem conservar, discutir, monologar, contar com os mesmos estímulos e com os mesmos interesses com que agem na vida, não só porque esse é o processo natural do aprendizado, mas também porque é para a vida que se prepara.

PRIMEIRO ANO *Fevereiro e março*

Atividade:

1.º — Conversa.

A conversa deve ser sempre dirigida por algum motivo real e claro, como organização de um plano de trabalho, esclarecimento ou troca de experiências, de interesse comum, etc.

A conversa deve partir da criança, para a professora, e não o contrário.

Sugestões:

- conversa sobre alguma experiência interessante;
- sobre o fato do dia;
- sobre o plano de atividade do dia ou da semana;
- sobre quaisquer atividades coletivas, etc.

2.º — Histórias contadas pela professora.

As histórias são grandemente educativas. Elas desenvolvem o poder de observação, treinam a memória, exercitam a inteligência e a lógica, desenvolvem o poder de imaginação e de emoção e intensificam e estendem as relações sociais da criança. Para o ensino da língua, particularmente, elas enriquecem a experiência, desenvolvem a seqüência lógica dos fatos, dando um sentido de ordem, e esclarecem o pensamento, fixam e ampliam o vocabulário da criança, dão formas e expressões à linguagem infantil.

Para a educação moral, ajudam a formar o caráter, dando à criança o hábito de buscar sempre as consequências dos fatos.

A maneira da apresentação influi em alguns valores que delas se possam tirar. É o motivo por que as boas histórias devem ser lidas e contadas pela professora às crianças, e por estas dramatizadas e lidas. Cada uma dessas maneiras contribuirá com os seus valores específicos, concorrendo em geral, para o desenvolvimento mais completo da criança.

Nas histórias contadas às crianças, a professora deve:

- contá-las com expressão;
- conversar sobre elas, sondando a apreciação das crianças;
- fazer desenhar partes delas, para aumentar a compreensão das experiências e dos fatos que envolve;
- conversar sobre os desenhos, deduzindo, através do comentário, os meios de aperfeiçoá-los;
- exposição dos melhores desenhos num canto do quadro negro.

Sugestões de histórias para serem contadas:

«Os três porquinhos»; «D. Baratinha»; «Os três ursos da floresta»; «Chapeuzinho Vermelho», versão de Grimm; «Os músicos de Bremen»; versão de Grimm; «Joãozinho e Maria»; «O Pequeno Polegar»; «Branca de Neves»; «A Gata Borralheira», de Perrault, «Rapunzel»; dos «Novos Contos de Andersen».

NOTA: — As histórias têm várias versões. A professora deve conhecer todas e escolher a mais adequada ao grupo de crianças a que se destina.

Como nem todas as histórias foram escritas especialmente para crianças e como outras não satisfazem integralmente ao objetivo, da professora, com relação à criança, todas as histórias devem ser adaptadas, antes de sua aplicação.

3.º — Gravuras.

As gravuras não são todas iguais quando à maneira de apresentar os fatos.

umas apresentam o fato completo e acabado — são as de sentido completo.

Outras apresentam uma parte do fato, deixando o resto à imaginação da criança.

Outras há que não contam fatos, mas apresentam paisagens, coisas e retratos.

O conteúdo de uma gravura é o que determina a sua aplicação.

As de sentido completo prestam-se para a leitura. Ler uma gravura consiste em coordenar e relacionar todos os seus elementos num só sentido. Por isso, ela deve ser lida de uma única maneira por todas as crianças. A sua finalidade é desenvolver, especialmente a lógica da criança.

A gravura de sentido completo desenvolve a lógica e a imaginação, especialmente.

A finalidade das gravuras que não contam fatos propriamente, é de ilustrar as aulas de Ciência, de Geografia, de História do Brasil, como também enriquecer a experiência da criança.

Essa atividade deve ser desenvolvida da maneira seguinte:

a) apresentar uma gravura sugestiva que contenha um fato completo;

b) ler a gravura apresentada no quadro;

c) ler gravuras de livros.

Sugestões para livros de gravuras nesse período:

«Os amigos de Nenê», Genoud; «Nossos bons amiguinhos, os cachorrinhos»; «Os preferidos de Nenê», Genoud; «Histórias dos seis coelhinhos», etc.

4.º — Excursão indicada pelo interesse da classe:

O programa contém poucas atividades cujo valor se possa comparar com o da excursão.

A criança precisa ter um fundo de experiências vividas com o seu próprio organismo, isto é, com os próprios sentidos, para servir de base às transmitidas pelos livros e pela classe. E a execução é a atividade que mais favorece a esse tipo de experiência.

Ela não só enriquece como aprofunda, dilata, amplia e corrige a experiência da criança.

Deve ser desenvolvida da maneira seguinte:

a) a conversa sobre o motivo, local é assunto da excursão, visando ainda a verificar noções e conhecimentos que as crianças já possuem;

b) discussão do plano de execução; o que vão ver; o que desejam saber e aprender;

c) estudo de aspectos principais da excursão para despertar a curiosidade, dar experiência e provar o pensamento;

d) observação e explicação no local;

e) conversa sobre os pontos mais interessantes;

f) desenho, representação no tabuleiro da areia, em argila ou cartolina, do que foi visto.

5.º — Dramatização de uma história:

A dramatização é uma atividade simples. Faz parte da atividade infantil. A cada momento a criança dramatiza e, de manhã à tarde ela repete e revive a atividade dos que a cercam.

A dramatização em aula deve ser assim simples e espontânea, nunca decorada.

Dramatizar uma história é brincar a história.

Além dos seus inúmeros valores educativos para a linguagem, a dramatização contribui com um contingente de valores dificilmente conquistados em outras atividades. Ela desenvolve a espontaneidade e simplicidade da linguagem, a lógica; enriquece e firma o vocabulário; corrige a articulação e pronúncia das palavras; dá ensino ao treino das formas verbais nos vários tratamentos, etc.

Uma boa dramatização deve implicar os seguintes pontos:

- a) conversa sobre atividade;
- b) contar a história (a professora);
- c) reprodução da história por uma criança ou por várias, para verificar se está bem sabida;
- d) escolha das personagens para a dramatização, através das sugestões das próprias crianças;
- e) ensaio de dramatização parcial da história;
- f) Conversa sobre o ambiente da dramatização e sobre a escolha das crianças que devem organizá-la;
- g) discussão da caracterização ao alcance da classe;
- h) apreciação e crítica da dramatização pelas crianças. (Salientar as personagens que se expressam melhor. Sugerir maneiras de melhorar).

NOTA: — Este plano é, geralmente desenvolvido em vários dias. História para este período: tipo, «D. Baratinha».

6.º — poesia.

A decoração de poesias não deve ser imposta. A professora leva naturalmente a criança à apreciação da poesia e a estimula a decorar algumas, de maior interesse.

Ler e fazer decorar pequenas poesias, do tipo de «Setim», de Zalina Rolim.

ABRIL MAIO E JUNHO

Atividades:

1.º — Conversa.

2.º — Histórias contadas pela professora:

- a) organização da «Hora de Histórias»;
- b) conversa sobre o que deve ser essa hora, programa, horário, etc.

NOTA: — Neste período as histórias são contadas pela professora.

Sugestões de Histórias:

«A Bela adormecida no bosque»; «O Menino da mata e o seu Piloto»; «Os anões e o alfaiate»; «Chapéuzinho Vermelho»; «Rosa Branca e Rosa Vermelha»; «Margaridinha e o Veado»; «O ganso dourado»; «As duas fadas»; «Joãozinho e Maria».

NOTA: — A repetição das histórias tem por fim fazer a criança aprender melhor a experiência e os fatos.

3.º — Gravuras:

- apresentar gravuras que contenham um fato completo;
- coleccionar gravuras sobre Tiradentes, sobre o descobrimento do Brasil e sobre a escravidão, ou mostrá-las nos livros;
- conversar sobre o conteúdo dessas gravuras, nos dias próprios;

d) leituras de histórias mudas.

As gravuras podem ser recortadas das revistas infantis, de suplementos, ou aproveitadas de livros, como: «Fundo de sacco», de Benjamin Rabier; «Escutem», de Benjamin Rabier; «Filmes», de Hellé.

4.º — Excursão — indicada pelo interesse da classe.

5.º — Dramatização.

Sugestão:

«Os três porquinhos».

6.º — Poesia.

Ler e fazer decorar poesias.

Sugestão:

«O ninho do Tico-Tico», de Zalina Rolin; «Xô, passarinho», de Zalina Rolin, outras desse tipo.

7.º — Histórias lidas pela professora:

- ler uma história curta e mostrar as gravuras;
- conversar sobre a história, medindo a compreensão e a apreciação das crianças.

Sugestões:

«Pituchinha», de Marieta Leite; «Bonequinha Preta e Bonequinho Doce», de Alaíde Lisboa de Oliveira.

Outras atividades:

Devem ser aproveitadas as oportunidades dos aniversários das crianças para organização de pequenos programas, dedicados ao aniversariante. São situações naturais para desenvolver a linguagem.

Os programas podem constar de:

- uma história inventada especialmente para o aniversariante;
- poesias recitadas;
- repetição de uma dramatização realizada;

d) votos expressos espontaneamente e em poucas sentenças por várias crianças;

e) agradecimento do aniversariante, etc.

Programas para os dias festivos, como dia de São João, São Pedro ou de Santo Antônio, etc.

Estas comemorações têm a grande vantagem de trazer a vida para dentro da escola. Bem aproveitadas, são excelentes oportunidades para o desenvolvimento da linguagem, fazendo-se:

- comentários e conversa sobre a comemoração assistida ou a realizar-se;
- poesias dentro do assunto;
- histórias e lendas que se prendam à data, etc.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Atividades:

Nos dias próximos às datas cívicas de 7 e 21 de setembro todas as atividades devem ser associadas ao assunto da comemoração.

1.º — Conversa;

2.º — Histórias contadas pela professora.

Sugestão para a «Hora de Histórias»:

«Os músicos de Bremen»; «O príncipe Sapó»; «O alfaiate valentão»; «O menino da mata e o seu Piloto»; «Os doze cisnes selvagens»; «O pequeno polegar»; «Riquete Topetudo»; «O isqueiro encantado».

3.º — Gravuras:

- apresentar gravuras que contenham um fato incompleto;
- estimular a classe para que cada criança complete a história da gravura de uma maneira;
- escrever no quadro a história mais bonita;
- estimular as crianças a completarem a história da gravura;
- expor os desenhos mais bonitos;
- apresentar gravuras que contenham um fato completo;
- ler histórias mudas;

4.º — Excursão de acórdio com o programa de ciências naturais;

5.º — Dramatização — Tipo, «Os três ursos»;

6.º — Poesias — Ler e fazer decorar pequenas poesias, a exemplo de «A Boneca», de Olavo Bilac;

7.º — Histórias lidas pela professora — Ler as histórias mais interessantes do livro de «Histórias para pequeninos» de Francisco Viana, e outras do mesmo gênero.

OUTUBRO E NOVEMBRO

1.º — Conversa.

2.º — Histórias contadas pela professora.

Sugestão para a «Hora de Histórias»:

«Branca de Neve»; «A gata borralheira»; «Margaridinha e o

veado»; «O velocino de ouro»; «A bela adormecida no bosque»; «O gato de botas»; «Os doze cisnes selvagens»; «A gatinha branca»; «Bapuzzel».

3.º — Gravuras:

- a) estimular as crianças para trazerem gravuras de revistas e suplementos que irão colocando num canto do quadro-negro;
- b) uma vez por semana, agrupar as gravuras de acôrdo com o conteúdo e conversar sôbre elas;
- c) apresentar gravuras associadas ao descobrimento da América, vida de D. Pedro II, da Princesa Isabel, do Duque de Caxias, etc.;
- d) conversar sôbre o conteúdo dessas gravuras.

NOTA: — As outras atividades de gravura dos períodos anteriores devem ser mantidas simultaneamente.

- 4) Excursão — Indcada pela necessidade da classe, de acôrdo com o programa de ciências.
- 5) — Dramatização — Tipo da história: "Pituchinha", de Marieta Leite.

6) Poesia — Ler e fazer decorar poesias. Exemplo: "O rémédio", de Olavo Bilac.

7) Histórias lidas pela professora — Ler cada dia uma parte do livro "Pinóquio", de Colodi, até o final.

Resultados — No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1.º — Compreendem e respondem adequadamente às perguntas de adultos e de outras crianças.
- 2.º — Dão pequenos recados.
- 3.º — Falam em bom timbre de voz e cada um por sua vez.
- 4.º — Possuem uma experiência vivida, relativamente à casa, à comunidade, às plantas, aos animais, etc.
- 5.º — Interpretam e lêem gravuras sôbre experiências que se relacionam com a sua vida.
- 6.º — Têm boa articulação e boa pronúncia do vocabulário corrente.
- 7.º — Sabem recitar cinco poesias, no mínimo.
- 8.º — Conhecem e apreciam vinte histórias do nosso folclore.

SEGUNDO ANO

No segundo ano, continua-se a orientação do primeiro.

O ambiente da escola e a personalidade do professor devem influir favoravelmente, predispondo as crianças para uma expressão espontânea e natural.

Adquire-se a linguagem através de um treino persistente e inteligentemente orientado pela habilidade do professor. Atividades in-

dividuais e em grupo realizadas em classe devem criar oportunidades freqüentes para a criança falar.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

1.º — Conversa diária sôbre o plano de:

- a) atividades do dia;
- b) atividades gerais;
- c) um determinado trabalho;
- d) uma excursão;
- e) uma dramatização;
- f) um programa de auditório, etc.

2.º — Histórias contadas pela professora:

Sugestões para a "Hora de Histórias":

"O velocino de ouro" — "O isqueiro encantado" — "Rosa Branca e Vermelha" — "As duas fadas" — "Histórias de anões" — "O ganso dourado" — "Riquete topetudo" — "Os doze cisnes selvagens".

3.º — Gravuras:

- a) expor 3 ou 4 gravuras incompletas;
 - b) estimular cada criança a inventar uma história sôbre uma delas;
 - c) estimular as crianças a trazerem pequenas gravuras interessantes sôbre quaisquer assuntos;
 - d) agrupar as gravuras de acôrdo com o conteúdo e conversar sôbre elas.
- 4.º — Excursões de acôrdo com o programa de ciências ou de geografia.

Escolha de acôrdo com a necessidade da classe.

5.º — Dramatização:

Dramatizar uma história do tipo do "Ganso Dourado", versão de Grimm.

6.º — Poesias lidas pela professora:

- a) ler as poesias;
- b) conversar sôbre as poesias;
- c) fazer decorá-las.

Sugestões quanto ao tipo:

"Os tamanquinhos", de Cecília Meireles; "A rã e o touro", de Olavo Bilac.

7.º — Histórias lidas pela professora:

"Narizinho Arrebitado"; "O sítio do Pica-Pau Amarelo"; "Marquês de Rabicó"; "Casamento de Narizinho"; "Aventuras do Gato Félix", do livro "Reinações de Narizinho", de Monteiro Lobato.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Relativamente à gramática, que se sugere dêste período em diante, divergem as correntes, dando-lhe uns a primazia no ensino da língua, e indo outros ao extremo de suprimi-la na escola primária.

Achamos de bom aviso guardar um justo meio termo, considerando o que se nos afigura essencial, mas procurando contrabalançar os males da «gramaticque», com a recomendação de processos mais conformes com a atual metodologia da linguagem).

Primeira preocupação do professor deve ser o treino dos alunos nas formas certas, de modo que manejem um vocabulário próprio com a boa sintaxe, antes de se darem conta da existência da gramática.

Assim, por exemplo, saberão empregar adequadamente o verbo *haver*, como auxiliar, como transitivo direto e como impessoal, ainda que não conheçam essa classificação, e isso através de atividades e exercícios numerosos e bem escolhidos.

Admite-se que não saibam que *haver* seja impessoal em determinado caso, mas não troquem praticamente o verbo *haver* pelo *ter*, como usualmente se faz.

Mais tarde, depois do domínio dos fatos da linguagem, o que se comprova com a expressão certa das relações comuns da vida, é que deverá surgir o problema gramatical com a indução das regras elementares.

Primeiro a língua, depois a gramática, tendo-se presente que a gramática deve ser extraída da língua falada e escrita.

Através de várias atividades dêste trimestre, o professor deve aproveitar oportunidades para formar a noção do sujeito e do predicado completo.

Atividades:

1.º — Conversa:

- a) as maneiras já sugeridas;
- b) uma vez por semana conversas sobre acontecimentos noticiados nos jornais, que possam interessar às crianças, para dilatar seus interesses.

2.º — Histórias contadas pela professora:

Hora de Histórias: — «Aladino e a Lâmpada Maravilhosa» — «A fonte da vida» — «O pássaro azul» — «O cavalo encantado» — «Branca Flor» — «João Grumetes».

3.º — Gravuras:

- a) usá-las, freqüentemente, das várias maneiras sugeridas;
- b) coleccionar gravuras sobre as principais personagens da Infância Mineira;
- c) conversar sobre o conteúdo dessas gravuras.

4.º — Excurção, de acôrdo com o programa de ciências ou de geografia.

5.º — Dramatização:

Tipo: — «História do Tocador de Gaita», do livro — «História que a Mamã contava», de João Kopke.

6.º — Poesia:

a) ler uma poesia, conversar sobre ela;

Tipos: — «Deus», de Olavo Bilac; «O Lobo e o Cão», de Olavo Bilac.

7.º — Histórias lidas pela professora:

Continuação do livro «Reinações de Narizinho», de Monteiro Lobato; «Cara de Coruja»; «O Irmão de Pinóquio»; «O Circo de Cavalinhos»; «O Pó de Pirlimpimpim».

8.º — Palestras:

Para ajudar a criança a por as idéias numa determinada sequência lógica, as primeiras palestras devem ser sobre cousas que ela possa mostrar ou fatos sobre que possa ilustrar fartamente:

a) palestrar sobre alguma coisa feita ou coleccionada;

b) sobre maneira de se fazer uma determinada coisa de interesse da classe, — ex.: uma arapuca, um apiário, um passe de mágica, etc.

JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

Nesse trimestre o professor deve aproveitar tôdas as oportunidades para dar à criança a noção da palavra principal do predicado — o verbo — e da palavra principal do sujeito — o substantivo e o pronome.

Atividades:

Associar, quanto possível, as atividades às datas civis dêste período.

1.º — Conversa.

2.º — Histórias contadas pela professora.

Hora de Histórias: — Nesse trimestre, a hora de histórias pode ser preenchida, de vez em quando, com histórias contadas pelas crianças. As histórias devem ser curtas e contadas antes ao professor. As que forem contadas pelo professor podem ser reproduzidas, nessa hora, se forem da escolha espontânea da criança.

Sugestões para a professora:

«Cabeça de Cavallo», versão de Anderson; «A Gata Borradeira», versão de Grimm; «João Bôbo», «Rosa Vermelha e Rosa Branca», versão de Grimm; «Histórias de Anões»; «O Urso Encantado»; «Jack e o pé de feijão»; «O Príncipe querido»; «A hola de ouro».

3.º — Gravuras;

4.º — Excursões: — De acôrdo com o programa de ciências ou de geografia. Escolha de acôrdo com o interesse da classe.

5.º — Dramatização:

Tipo: — História do Chapeuzinho Vermelho.

6.º — Poesia:

Tipos: — «O leão e o camandongo»; «O soldado e a trombeta» e «As Flores», de Olavo Bilac.

7.º — História lida pela professora:

Sugestões: — «Juca e Chico», de Busch; «As Irmãs de Juca e Chico», de Elisa Resende; «A Irmãs de Juca e Chico»; «Sinhasinha e Maricota», de Letzow; «O Saci», de Monteiro Lobato.

8.º — Palestras.

OUTUBRO E NOVEMBRO

O professor deve orientar seu trabalho no sentido de levar a distinguir substantivos próprios e comuns e pronomes. Oportunidades devem ser dadas também para enriquecer o vocabulário das crianças com substantivos coletivos.

Atividades:

1.º — Conversa: — Observar as datas cívicas dêste período, de maneira indicada.

2.º — Histórias contadas pela professora:

Sugestões para o Hora de Histórias: — «Simbad, o marinheiro»; «No reino das fadas»; «Rosa mágica»; «Os doze cisnes selvagens»; «O velocino de ouro»; «Os doze cisnes»; «O cavaleiro e o cisne»; «A fonte da vida».

3.º — Gravuras.

4.º — Excursão, de acôrdo com o programa de ciências ou de geografia.

5.º — Dramatização:

Tipo: — Rever as dramatizações já realizadas.

6.º — Poesias:

LER poesias e comentá-las com as crianças. Acentuar as imagens mais bonitas e fazer sentir os elementos principais da poesia lida. Tipo: — «Os Pobres» e «Natal», de Olavo Bilac.

7.º — Histórias lidas:

«O camandongo cinzento» e «Blondina», de Condessa de Ségur.

8.º) Palestras.

Resultados: — No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) contam histórias mais longas com a boa seqüência lógica;
- 2) revelam grande interesse pelo trabalho criador;
- 3) conhecem e apreciam outras 20 histórias do nosso folclore;

4) contam com boa seqüência lógica fatos presenciados e ocorridos consigo;

5) têm a noção do sujeito e do predicado, do verbo e do substantivo e do pronome;

6) revelam o vocabulário adquirido através de experiências vividas, de histórias, de poesias, e através do estudo dos coletivos;

7) sabem de cor, no mínimo, oito poesias.

TERCEIRO ANO

No terceiro ano, a linguagem encontra muitas oportunidades para se desenvolver nas várias atividades do programa, porque, a cada momento, a criança tem de expor, resumir, discutir, explicar questões ligadas à Geografia, à História do Brasil, às Ciências Naturais, etc.

Motivos para as demais atividades existem sempre, e tanto mais fortes e numerosos quanto mais variado o trabalho da classe e mais desenvolvidas as crianças.

Atividades:

O professor, nesse primeiro período, deve criar ou aproveitar oportunidades para formar a noção dos adjetivos e dos advérbios e rever os conhecimentos adquiridos no ano passado.

1.º) Conversa;

2.º) Histórias contadas pela professora.

Sugestões para «Hora de Histórias»: — Devem ser regulares e freqüentes as histórias contadas pelas crianças, dêste período em diante. «O Moinho do Inferno» (lenda da água salgada); «A Princesa Cobra» (lenda do ruído do mar); «A Princesa dos cabelos de ouro»; «Rosa Mágica»; «A Rabequinha maravilhosa»; «Os três príncipes coroados»; «O mercador e o gênio»; «O filho do pescador»; «A veadinha cõr de neve»; «O gigante dos cabelos de ouro».

3.º) Gravuras, das várias maneiras sugeridas.

4.º) Excursão, de acôrdo com o programa de Ciências ou de Geografia.

5.º) Dramatização:

Tipo: — «O Tocador de gaita», do 4.º livro de João Kopke.

6.º) Poesias

a) ler;

b) conversar;

c) assinalar as imagens e expressões mais bonitas e que podem ser usadas na linguagem corrente;

d) fazer decorar.

Tipo: — «O pássaro cativo», de Olavo Bilac; «Sapo Pererê», de Joaquim Queiroz.

LER as poesias do livro «Animais nossos amigos», de Afonso Lopes Vieira.

7.º) Livros a serem lidos pela professora:

Sugestão: — «Fábulas», de La Fontaine; «Fábulas», de Monteiro Lobato, ou outros livros de interesse para a classe.

Apresentar as fábulas como histórias de animais e não como fábulas, propriamente.

a) Ler uma fábula de La Fontaine;

b) conversar sobre a fábula, dilatando a compreensão da criança, tirando termos e expressões adequadas e boas;

c) ler a mesma fábula adaptada por Monteiro Lobato;

d) conversar sobre ela, fazendo sobressair o humor das adaptações de Monteiro Lobato;

e) evitar as fábulas de moral pessimista.

6.º) Palestra: Devem ser feitas com muita frequência, ilustradas fartamente com gravuras e com objetos.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Neste período devem aproveitar-se as oportunidades para formar a noção das frases modificadoras do sujeito — frases adjetivas e do verbo — frases adverbiais. Levar à indução das preposições.

1.º) Conversas.

2.º) Histórias contadas pela professora:

Sugestões para a «Hora de Histórias»:

«O cavaleiro do cisne»; «As pedras preciosas»; Os três cavaleiros encantados»; «Aladino ou a lâmpada maravilhosa»; «Os doze cisnes selvagens»; «Rapunzel»; «A fonte da vida»; «O Príncipe sepo»; «A bela adormecida no bosque».

4.º) Excursão: — Sugerida todo interesse da classe ou pelo programa de Ciências ou de Geografia.

5.º) Dramatização:

a) fazer ler a história;

b) comentar;

c) escolher as personagens de acordo com a história;

d) dramatizar partes da história;

e) organizar o ambiente;

f) dramatizar a história completa;

g) apreciar e criticar o desempenho de cada criança;

h) sugerir maneiras de melhorar na próxima vez.

Tipo: — «O alfaiate e os anões», do livro «Contos de Grimm».

6.º) Poesias.

Sugestões para a decoração: — «Bárbara Bela», de Alvares Peixoto; «A cruz da estrada», de Castro Alves; «Pátria», de Olavo Bilac; «A coragem», de Olavo Bilac.

NOTA — As aulas de linguagem devem provocar emoção cívica nos dias próximos aos feriados.

O material e as atividades devem, quanto possível, estar associados à data.

7.º) Histórias para serem lidas.

Sugestões: — «Emílio e os detetives de Kastner», tra. de Virginia de Castro e Almeida.

8.º) Palestra.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Atividades

Sempre através das várias atividades e de oportunidades bem aproveitadas, dar a conjugação dos verbos regulares.

Formar na classe o hábito de usar adequadamente forma verbais, possessivas e pronominais do tratamento de 3.ª pessoa: **você, senhor.**

1.º) Conversa.

2.º) Hora de histórias.

Sugestões: — «O patinho feio, de Anderson, como biografia do autor; «Viagens maravilhosas de Simbad, o marinheiro»; «O gato de botas»; «As três cabeças de ouro»; «A borboleta amarela»; «Pétala de rosa»; «O isqueiro encantado»; «O velocino de ouro».

3.º) Gravuras.

4.º) Excursão, de acordo com o programa de Geografia ou de Ciências Naturais.

5.º) Dramatização:

Sugestão: — «Branca de Neve».

6.º) Poesias:

Tipos: — «Estrélas», de Olavo Bilac; «Plutão», de Olavo Bilac.

7.º) Livros a serem lidos pela professora: — «Viagens de Gulliver», de Swift; «Rosa de Tanemburgo» — Cónego Schmidt.

8.º) Palestra.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Atividades:

Exercícios sobre o emprego do verbo **haver**, impessoal, para formação do hábito de empregá-lo acertadamente.

Promover a formação do hábito do emprego do verbo **haver** impessoal.

1.º) Conversa.

2.º) Histórias contadas pela professora.

Sugestões para a Hora de Histórias:

Apresentar histórias do folclore de outros países.

«Flor encarnada e Pérola da Manhã» do folclore africano. — Arnaldo Barreto; «A princesa Papuola» folclore indú; «O Senhor

saco de riso» do folclore japonês; «O país onde não havia gatos»; «O vaso mágico e os caramelos de Gaka-Manim» e «O casamento do Príncipe Rothisen» do indú; «Cantos de Natal», Selma Langerloff; «Os dois corcundas» (francês); «O pinheiro», escandinavo, todos de J. Jobin; «A festa das lanternas», de A. Barreto.

3.º) Gravuras.

4.º) Excursão, de acordo com o programa de Geografia ou de Ciências.

5.º) Dramatização:

6.º) Poesias:

Tipos: — «Justiça», de Olavo Bilac; «O pequeno travesso», de Luiz Murat; Era uma vez», de Maria Salomé Pena.

7.º) Livros para serem lidos pela professora:

«Histórias fantásticas do Barão de Mankausen», adapt. de Monteiro Lobato.

«Robinson Crusoe», adaptação de Monteiro Lobato.

Resultados: — No fim do terceiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1.º) têm um agrado espontaneidade e facilidade de expressão;
2.º) organizam e apresentam bem o pensamento, em conversa;
3.º) introduzem suas idéias na conversa, com naturalidade e respeito à personalidade de outrem;

4.º) enfrentam um grupo com naturalidade, para expor idéias, contar histórias e dar explicações;

5.º) usam corretamente as formas verbais possessivas e pronominais adequadas ao emprego da 3.ª pessoa;

6.º) conjugam verbos regulares e sabem usar na sua linguagem corrente o haver impessoal;

7.º) conhecem os advérbios e preposições;

8.º) conhecem e apreciam as melhores histórias fantásticas do nosso folclore;

9.º) Apreciam um grande número de poesias e recitam 5 no mínimo.

QUARTO ANO

No quarto ano o professor deve formar a consciência linguística nas suas crianças, isto é, dar-lhes a preocupação de se exprimirem bem, com clareza, com fluência com elegância, sabendo que existe uma forma correta e uma incorreta de linguagem e esforçando-se por estar dentro das formas mais corretas. Aproveitar o sentimento cívico da criança para lembrar que é um dever falar bem a língua pátria.

Fevereiro e Março

Atividades:

Neste período a professora deve fazer a revisão da matéria gramatical do 3.º ano e dar a conjugação dos verbos auxiliares.

1.º) Conversa.

2.º) «Hora de histórias»:

As histórias terão um fundo verdadeiro e sério, sobretudo, cívicas.

Sugestões: — «Histórias de José do Egito»; «A última lição de francês de Daudet»; «Lenda de S. Cristóvam»; «Dos Apeninos aos Andes, de Amicis»; «Arctos e Calixto ou a constelação da grande e da pequena ursa» outras e histórias que as crianças continuam a apreciar do programa de 2.º ano e do 3.º ano.

3.º) Gravuras.

4.º) Excursão, de acordo com os programas de Geografia, Ciências ou de História do Brasil.

5.º) Dramatização:

Tipo: «As duas fadas de Perrault ou a mesma história sob o nome de «As enteadas e os avós de Grimm.

a) fazer ler as duas versões da mesma história, a de Perrault e a de Grimm;

b) comentar o conteúdo e a forma de cada uma;

c) levar a criança a sentir a superioridade de forma e de conteúdo da de Perrault;

d) fazer ler novamente a história escolhida, para prestarem atenção nas personagens e no ambiente que irá servir à dramatização;

e) ensinar partes de história;

f) dramatizar a história;

g) crítica e apreciação;

h) sugestões para melhorá-la.

6.º) Poesias:

Ler, comentar e fazer decorar.

Tipo: «Deus», de Casimiro de Abreu; «Miséria», de João de Deus; «Elos de amor», de Júlio Diniz; «Veludo», de Luiz Guimarães.

7.º) Livros lidos pela professora:

a) explicar termos e expressões desconhecidas das crianças, antes de fazer a leitura;

b) ler um conto de cada vez;

c) provocar o senso crítico das crianças, chamando-lhes a atenção para as belezas da forma e do conteúdo;

d) dar oportunidades a que as crianças escolham duas a três expressões e palavras para o seu «caderno de expressões e palavras bonitas».

Sugestões: «Asas de Coragem», de George Sand, tradução de Virginia de Castro e Almeida; «Contos Gregos», de Antônio Sérgio 8.ª) Palestra: A palestra deve ser considerada como a atividade mais importante para o desenvolvimento da linguagem das crianças. Ela envolve várias outras matérias, como Leitura, Geografia, Ciências, História do Brasil, etc. E' uma das atividades mais ricas e de mais recursos nesse ano. A organização lógica dos fatos deve ser desenvolvida através de esquemas.

O esquema consiste apenas numa relação dos fatos que devem ser apresentados. Exemplo:

Como passei as férias — palestra de uma criança de 2.ª ano aos colegas da escola, em assembléa.

Nome da fazenda;
onde fica;
por que tem esse nome;
como fui até lá;
uma coisa engraçada que aconteceu no caminho;
as coisas que fiz;
pesca;
colheita de algodão;
carro de boi.
Do que gostei mais:
amansamento de um burrinho;
treino de um cavalo para corridas.
O que trouxe para o museu
algodão em rama;
um favo de mel
caveira de um bezerro;
pedrinhas do rio.

ABRIL, MAIO E JUNHO

1.ª) Conversa.

2.ª) Histórias contadas pela professora.

Sugestões para «Hora de Histórias»:

«Bábara Helodora», «Tiradentes», «Marília de Dirceu», «Orfeu e Eurídice» (mito). «A história de Ruth» (Velho Testamento). «O patriotzinho de Pádua», (Amicis).

3.ª) Gravuras:

a) apresentar gravuras sobre vultos e fatos da Inconfidência Mineira; sobre a escravidão; sobre o descobrimento do Brasil e os índios. Fazer bem vivas as emoções que as datas respectivas podem suscitar, através de gravuras e de boas páginas literárias em verso ou prosa;

b) usá-las de todas as maneiras indicadas.

4.ª) Excursão, de acôrdo com o programa das outras matérias.

5.ª) Dramatização:

Rever as dramatizações já realizadas.

6.ª) Poesias.

Sugestões:

a) Tomaz Gonzaga: Lira VI — «Acaso são estes os sítios famosos?». Lira XVII — «Não vês aquele velho respeitável». Lira XIII — «Arde o velho garril» Lira XXXVI — «Meu Sonoro Passarinho». — Lira III da segunda parte.

b) Recordar a poesia «Barbara Bela», de Alvarenga Peixoto:

c) ler e comentar um trecho de «Fugindo ao Cativo», de Vicente de Carvalho;

d) «Canção Tamoio» — Gonçalves Dias;

7.ª) Livros lidos — Seguir o mesmo critério.

Sugestão: «Coração», de Amicis com exceção dos contos mensais que serão dados em outras oportunidades..

8.ª) Palestra.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

1.ª) Conversa.

2.ª) Hora de histórias.

Sugestões:

«Vida de Joana D'Arc», «David e o Gigante Goliath», «Naufrágio», Amicis; «A volta de Brunilda», «Capela ou o Chifre da Abundância..» (mito); «Vida de Pasteur», «Vida de S. Francisco de Assis» «Orion, ou a constelação do caçador»; fatos da «Retirada da Laguna», de Taunay.

3.ª) Gravuras.

4.ª) Excursão, de acôrdo com o programa das outras matérias.

5.ª) Dramatizações:

Tipo: «A bela adormecida no bosque».

6.ª) Poesias:

Ler, comentar e fazer decorar.

Sugestões:

«Velhas Árvores», «Ave Maria» e «Madrugada», Olavo Bilac.
«A morte das cigarras», Olegário Mariano.

«O deserto de Tepantar», «O furta sonos», «Um marinheiro» e «Um mercador», de Rabindranath Tagore.

7.ª) Livros lidos pela professora:

a) «A Odisséia», de Homero», adaptação de João de Barros;
b) Contos: «Sangue Romagnuolo», «Pequeno Vigia Lombardo», «O Tamborzinho Sardo», «O pequeno escrevente florentino» e «O enfermeiro de Tatã», de Amicis;

- c) Romance: «A Bandeira de Fernão Dias», de Paulo Setubal, adaptado convenientemente pela professora.
8.º) Palestras.

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1.º) Conversa.
2.º) Sugestões para «Hora de histórias».
«Ben-Hur» — Lews Wallace — Tradução.
«O cavaleiro sem igual ou lenda de Rolando» (adaptação de Arnaldo Barreto). «A vida de Edison», «Alexandre e Bucéfalos», «Castor e Polux ou a Constelação dos Gêmeos», «A morte de Siegfried», «A vida de Santo Inácio de Loyola», «Guilherme Tell ou o Caçador sem medo» (adaptação de Arnaldo Barreto), «Ariana» ou a «Constelação da Coroa».
4.º) Excursões, de acordo com o programa das outras matérias.
5.º) Dramatização:
Sugestão: Dramatizar o trecho do livro «Reinações de Narizinho», compreendido entre as páginas 130 e 149, de Monteiro Lobato.
6.º) Poesias.
Ler, comentar e fazer decorar.
Sugestões: «Terra do Brasil», de D. Pedro de Alcantara; «Jesus e a viúva», de Afonso Lopes Vieira; «O Boi», de Olavo Bilac.

7.º) Livros lidos pela professora:
«Alice no País das Maravilhas», de Luiz Carroll, (tradução de Monteiro Lobato); Os rapazes de Maria João» (tradução de Maria Paula Azevedo); «Terra Bendita», de Virginia de Castro e Almeida.

8.º) Palestras.

Resultados:

No fim do 4.º ano as crianças devem apresentar o seguinte desenvolvimento:

- 1.º) revelam grande preocupação em falar bem;
2.º) organizam e expressam suas idéias com clareza e fluência em discussões mais formais e em palestras sobre determinados assuntos;
3.º) conversam agradavelmente sobre vários tópicos com maneiras e temperamentos adequados à situação;
4.º) usam em sua linguagem corrente termos e expressões retiradas dos livros e histórias contadas;
5.º) sabem introduzir suas idéias na conversa com naturalidade e respeito à personalidade de outrem;
6.º) conjugam os principais verbos irregulares e auxiliares.

LEITURA

O professor deve ter sempre em vista algumas diretrizes para o ensino da leitura através da escola primária. Em primeiro lugar, conhecer a natureza da leitura, para orientar-se de acordo com ela. É um processo difícil e complexo. Na leitura concorrem dois processos de naturezas diferentes: um processo mecânico e processo mental. O processo mecânico é muito mais fácil de ser adquirido do que o mental. Daí, os casos tão freqüentes, nos meios escolares, de crianças que aparentemente lêem, mas que, na realidade, não lêem, porque não interpretam. A primeira preocupação do professor, em todos os anos, desde o início, deve consistir em verificar o processo mental através do processo mecânico.

Em segundo lugar, não pensar o professor que vai ensinar a ler em um ou dois anos. Deve haver muita continuidade no processo de ensino do primeiro ao quarto ano. É nos anos superiores que notamos a deficiência do ensino nos primeiros.

Em terceiro lugar, deve ser lembrado que a leitura é ensinada na escola, porque ela é instrumento indispensável para a luta pela vida. E esse instrumento não se forma enquanto a criança não tiver um profundo interesse para a leitura e «motivos imperiosos» que obriguem a ler.

PRIMEIRO ANO

Há um segredo no ensino da leitura que, uma vez praticado, levará infalivelmente a classe mais numerosa ao êxito. É o interesse pela leitura, manifestado na vontade de aprender a ler. Ele é suficiente para fazer a criança aprender por si mesma.

No primeiro ano este programa se desenvolve em três fases, bem distintas: a primeira, a fase de leitura em fichas ou no quadro; a segunda, a fase de leitura no livro; a terceira, a fase da leitura ampla e variada.

FEVEREIRO, MARÇO, ABRIL, MAIO E JUNHO

(Fase da leitura em fichas ou no quadro)

É a fase mais importante do aprendizado da leitura, porque ela estabelece as bases para as demais.

Desde o início deve formar-se o hábito de associar sentido a todas as palavras lidas e, igualmente, fazer a criança pensar no que lê. Para isso, é indispensável que esse primeiro material seja muito interessante e fundamentalmente artístico. Deve estar rigorosamente dentro das formas de linguagem das crianças: — o vo-

cabulário deve ser o familiar, o quotidiano; a estrutura das sentenças simples e as partes do discurso sempre claras.

A facilidade de fixar palavras e de ler inteligentemente em unidades de pensamento depende, quase que exclusivamente, desses elementos.

A leitura deve associar-se, naturalmente, a todas as matérias do programa. Essa correlação familiariza a criança com os símbolos e esse contacto incidental com palavras leva a criança facilmente a reconhecer sílabas e letras, por si mesma.

Como a atenção das crianças é muito curta, nesta fase, é preferível que haja muitos períodos de leitura, embora curtos, em vez de um ou dois longos. A duração da aula deve ser controlada pelo interesse das crianças. No momento em que o professor sentir que o interesse vai declinando, deve mudar de atividade ou, então, de aula.

Geralmente, os alunos de primeiro ano perdem muito tempo nas aulas de leitura, principalmente nessa fase. Muito lucraria o professor que adquirisse o hábito de trabalhar com pequenos grupos de crianças, enquanto as outras se ocupassem em atividades que pudessem ser controladas. Enquanto se toma lição de um grupo grande, não se pode esperar que todas acompanhem a lição ou participem dela. É esperar demais da atenção delas. Um material suplementar abundante, embora simples, pode mantê-las bem ativas, durante todos os minutos destinados à leitura, e o resultado será muitas vezes maior.

Qualquer que seja o método adotado, deve ter-se muita cautela para não formar, nesta fase, os chamados "letores de palavras".

Esta primeira fase da leitura em fichas ou no quadro-negro absorve quase todo o primeiro semestre. O verdadeiro seria o professor seguir o método global de contos ou de sentençação, mas, no caso de seguir outro método, deve estar bem certo de que as crianças atingiram, no fim do primeiro semestre, os seguintes pontos:

- 1.º — devem ter formado a atitude para com a leitura do que ler, e extrair sentido da página impressa;
- 2.º — devem ter desenvolvido um grande interesse pelas atividades de leitura;
- 3.º — devem ler a sentença em unidades de pensamento;
- 4.º — devem reconhecer, rapidamente, no mínimo, 100 palavras do seu vocabulário corrente;
- 5.º — devem ter adquirido a habilidade de destacar palavras novas;
- 6.º — devem ter formado o hábito de associar sentido a todas as palavras lidas.

Atividades... ..

- a) Exercício intenso, variado e interessante sobre as principais fases do método adotado;
- b) atividades suplementares: jogos e exercícios vários para manter a criança ativamente ocupada durante todos os minutos destinados à leitura.
 - 1.º — Combinar palavras com gravuras e gravuras com palavras.
 - 2.º — separar palavras, conhecidas de desconhecidas;
 - 3.º — jogos diversos de palavras cruzadas;
 - 4.º — exercícios de compôr palavras, compôr sentenças e compôr histórias, com fichas estudadas, etc.
- c) Oportunidades abundantes para leitura ligada a outras atividades da classe.
 - 1.º — Substituir ordens e avisos orais, por escrito, para que a criança os leia silenciosamente;
 - 2.º — ensinar o nome de outras crianças da classe;
 - 3.º — organizar o jornal — escrever diariamente num canto do quadro-negro duas a três experiências de grande interesse para a classe;
 - 4.º — encarregar as crianças da organização diária do calendário com fichas do dia da semana, data e nome do mês e o ano;
 - 5.º — fazer interpretar gravuras com sentenças sugestivas.
- d) Exercícios orais para treinar a percepção auditiva da criança, como base aos exercícios de composição e de composição da palavra:
 - 1.º — usar rimas, por exemplo.
Marcha, soldados;
cabeça de papel.
Quem não marchar direito
vai preso para o quartel.
 - 2.º — dizer várias palavras começadas pelo mesmo som e mandar que digam qual a parte comum das várias palavras;
 - 3.º — fazer exercícios da mesma espécie com som comum, ora no meio, ora no fim.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

(Segunda fase da leitura)

Leitura no Livro

- A) Introdução do livro:
 - a) treinar a criança na maneira correta de abrir o livro e virar as páginas;

b) deixar a criança folhear o livro para acostumar-se com o nome, com os títulos das lições, com as gravuras, com as histórias conhecidas, etc.

c) fazer ler as gravuras para apanharem o conteúdo da lição;

d) fazer verificar a numeração das páginas.

B) Atividades que preparem a criança para ler inteligentemente e correntemente no livro:

1.º — a) ler a história para as crianças ouvirem;

b) fazer dramatizar a história;

c) retirar da história sentenças, palavras e grupos de palavras mais difíceis, e fazer com elas exercícios de leitura no quadro ou em fichas;

d) mandar as crianças abrir o livro nessa história e ler as gravuras;

e) mandar ler a história em unidades de pensamento; isto é, ler por agrupamento natural de sentido e não palavra por palavra;

f) pedir que as crianças leiam a sentença que diz isto ou aquilo, ao invés de mandar, mecânicamente: "adiante", "bastante", etc. Deixar a criança parar, por si mesma, logo que tenha acabado de ler o que se lhe pediu;

g) retirar palavras da lição, escrevê-las em fichas e fazer com elas exercícios de exposição rápida, para aumentar a rapidez de reconhecimento;

h) fazer o mesmo exercício com grupos de palavras e com sentenças.

2.º — Fazer leitura dramatizada para desenvolver naturalidade e expressão. Essa leitura consiste em fazer cada criança ler as palavras de determinado personagem, numa história dialogada.

3.º — Exercícios para desenvolver a rapidez da leitura:

a) começar uma sentença e pedir que as crianças a procurem no livro e terminem;

b) ler uma sentença e mandar que as crianças a procurem para ver quem a acha primeiro.

c) manter, simultaneamente, com as atividades próprias deste período, as do período anterior. Treino contínuo do reconhecimento de palavras e de grupos de palavras com cartões relâmpagos.

Outras atividades com o livro adotado:

1.º — ler silenciosamente uma história e desenhar-lhe algumas cenas;

2.º — ler silenciosamente para indicar as sentenças que respondem às perguntas;

3.º — ler silenciosamente para verificar se a história pode ser dramatizada;

4.º — ler para indicar o trecho mais bonito, etc.

NOTA — O professor deve observar, quanto possível, as diferenças individuais de sua classe, que são maiores, agora, do que em qualquer outro período de leitura. Por isso, o material deve ser o mais variado, interessante e de várias forças.

Nesse período cada criança deve, ao mínimo, ler três livros.

OUTUBRO E NOVEMBRO

(Terceira fase da leitura)

Leitura ampla e independente

É o período mais rico de leitura do primeiro ano. As atividades dos dois primeiros períodos devem ser mantidas.

A) *Leitura oral:*

Neste último trimestre, o professor deve ter a preocupação de conduzir a leitura em situações próprias, isto é, fazer a criança ler uma coisa interessante para um auditório interessado. Cada criança escolhe uma história, estuda-a bem e lê o trecho mais bonito para a classe. O resto da história pode ser contado oralmente. Todos discutirão, em seguida, o valor da seleção e as qualidades da leitura. Através dessa discussão, vão-se estabelecendo as normas da leitura para a classe.

B) *Leitura silenciosa:*

A leitura silenciosa deve desenvolver-se através de motivos variados. O professor deve verificar a vocalização e o movimento de lábios.

C) *Leitura independente*, na mesa da biblioteca e em casa para informação ou prazer:

Uma vez por semana, reunir as crianças e conversar relativamente aos livros e histórias que têm lido, para despertar o interesse pela leitura de bons livros e estimular a leitura freqüente.

D) Manter as atividades do período anterior. Treino diário de reconhecimento rápido de palavras e de grupos de palavras, com cartões relâmpagos.

No fim deste trimestre as crianças devem ter lido, no mínimo, três livros.

No fim do primeiro ano devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- a) têm um grande interesse pela leitura;
- b) absorvem-se na leitura;
- c) lêem silenciosamente sem movimento de lábios;
- d) lêem alto em unidades de pensamento;
- e) respondem e fazem perguntas sobre o conteúdo;
- f) sabem abrir o livro, conhecem a ordem das páginas, sabem usar o índice.

Sugestões para a leitura no primeiro ano:

"Pituchinha", Marieta Leite; "Bonequinha Preta e Bonequinho Doce", de Alaide Lisboa de Oliveira; "Cartilha Analítica", de Arnaldo Barreto, "Cartilha", Proença; "Leitura Principlante", de Erasmo Braga; "Leitura Intermediária", de Proença; "Cartilha do Bebê", de Narbal e Ofélia; "O Livro de Lili", de Anita Fonseca.

SEGUNDO ANO

Além do enriquecimento de experiência e do desenvolvimento de um interesse vivo pela leitura, a atividade máxima do segundo ano está em desenvolver rapidamente os hábitos, atitudes e habilidades de leitura oral e silenciosa, já iniciados no primeiro ano do curso, isto é, reconhecimento rápido e acurado de palavras e grupo de palavras; capacidade de perceber grandes unidades de pensamento; habilidade de atacar palavras novas; poder de concentrar-se no texto e de interpretar inteligentemente o que lê. Isso implica leitura abundante e variada de material fácil e interessante. O vocabulário, a estrutura das sentenças devem ser os usados pelas crianças de todos os meios sociais.

As aulas de leitura terão como objetivo manter os hábitos já formados, eliminar hábitos indesejáveis e desenvolver o poder do leitor.

Para manter os bons hábitos formados deve ter-se na classe material simples e interessante que facilite a leitura independente, isto é, sem o auxílio do professor.

Os maus hábitos devem ser eliminados um de cada vez. O professor, quando reúne o grupo para a leitura, expõe claramente o hábito que tem em vista eliminar. Os exercícios para correção desses maus hábitos devem ser intensos, variados e interessantes. Por isso, aconselha-se ao professor reunir as crianças que manifestarem o mesmo grau de deficiência, trabalhar com elas e marcar

trabalho para as demais. É o melhor dos hábitos de trabalho que um professor pode conseguir, principalmente quando se trata de classes muito numerosas.

As atividades para desenvolver o poder do leitor implicam um tipo de leitura que promova um crescimento maior nos hábitos de interpretação inteligente.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

O trabalho nestes dois meses deve correr muito semelhante ao do último trimestre do 1.º ano.

A — Tese de leitura oral:

a) mandar ler um trecho à primeira vista. Registrar os resultados;

b) mandar ler um trecho com estudo prévio independente do professor. Registrar os resultados.

B — Teste de leitura silenciosa:

Mandar ler uma história curta e fácil para responder com sinais ou poucas palavras, às perguntas feitas no quadro.

C — Leitura no livro adotado (do 1.º ano) para desenvolver a capacidade de perceber grupos maiores de palavras:

a) destacar da lição frases e palavras; fazer exercícios de leitura no quadro;

b) destacar da lição palavras e frases, escrevê-las em fichas e fazer exercícios de exposição rápida;

c) ler para a classe uma história do livro adotado. Mandar cada criança ler um trecho. Exitar as ordens "adiante", "bastante", o que mecaniza muito, mais indicar o trecho pelo conteúdo, assim "— Fulano, leia o trecho que nos conta o nome do menino, etc".

D — Leitura silenciosa:

a) mandar ler silenciosamente uma história do livro para responder às perguntas feitas no quadro;

b) escrever de um lado do quadro perguntas numeradas e, do outro, as respostas com numeração desordenada. Mandar as crianças lerem as perguntas e as respostas para escreverem numa folha de papel, o número da pergunta ao lado do número da resposta;

c) leitura silenciosa por prazer, na biblioteca da classe;

d) leitura silenciosa de direções (ordens) para realizar determinados trabalhos. Ex.: direções (ordens) para colorir, para desenhar, cortar e colar, etc.

E — Exercícios diários com cartões relâmpagos contendo palavras ou grupos de palavras.

Cartões relâmpagos são fichas com palavras ou grupos de palavras. Têm esse nome, porque devem ser apresentados rapidamente às crianças.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Atividades:

— Atividades para despertar o interesse pelo livro adotado.

a) folhear o livro para reconhecer alguma história pelas gravuras;

b) ler o índice para ver que histórias o livro contém, etc.

B — Atividades para eliminar os maus hábitos em leitura oral.

1.º) *Leitura oral*: — Estudar silenciosamente uma história para:

a) ter o trecho mais bonito para a classe;

b) contar o resto da história;

2.º) *Fazer leitura dramatizada* para desenvolver a naturalidade e a expressão. Cada criança lê as palavras de uma determinada personagem, numa história dialogada.

3.º) *Leitura oral* em pequenos grupos.

O professor reúne as crianças em grupos de 4 a 5, de acordo com o seu desenvolvimento. Os grupos trabalham por si mesmos, e, quando necessitam, pedem o auxílio do professor. Cada criança traz consigo uma ficha e marca o que os companheiros revelarem como:

a) leu com clareza;

b) saltou palavras;

c) trocou palavras;

d) leu correntemente;

e) leu com bom timbre de voz;

f) leu com naturalidade e expressão, etc.

Os pontos dessa ficha variam de acordo com o adiantamento das crianças que compõem o grupo.

C — Atividades para desenvolver o poder do leitor em leitura oral e silenciosa;

4.º) *Leitura oral* para toda a classe.

Uma vez por semana deve reunir-se a classe para a Hora de Leitura. Os melhores leitores participam do programa; os outros assistem-lhe ao desenvolvimento. A leitura deve ser estudada previamente. Depois de cada leitura discutir:

a) o trecho, se foi bem escolhido;

b) a história, se foi de interesse geral;

c) a leitura, se foi clara, agradável e expressiva;

d) a pronúncia e a articulação, distintas, etc.

D — *Leitura silenciosa*:

O professor deve apresentar constantemente questões que despertem o interesse das crianças e que, assim, as obriguem a pensar, enquanto lêem. A leitura silenciosa deve ser sempre feita com algum objetivo em vista.

1.º Ler uma história e responder perguntas feitas previamente.

2.º Ler uma história e desenhar cenas do princípio, do meio e do fim.

3.º Ler uma história e dividi-la em principais partes.

4.º Ler instruções para realizar um trabalho como:

a) colorir gravuras;

b) compor uma história com fichas desordenadas;

c) cortar e colar, etc.

Essas atividades devem ser muito freqüentes dêse período em diante, para desenvolver o hábito da leitura independente de interpretação inteligente do que lêem.

E — Atividades para desenvolver rapidamente os hábitos formados no primeiro ano da classe.

Ler silenciosamente por prazer na biblioteca.

F — Exercícios para desenvolver a capacidade de reconhecer rapidamente palavras e grupos de palavras:

a) exercícios com cartões relâmpagos;

b) expor ordens para as crianças executarem: Ex.: "Imite a Emilia, despedindo-se de D. Carochinha", etc.

c) decompor palavras difíceis para auxiliar o seu pronto reconhecimento.

Cada criança deve ler pelo menos quatro livros nesse período além do livro adotado.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

A — Testes de leitura oral.

B — Testes de leitura silenciosa. Esses testes devem ser dados de maneira já indicada no primeiro trimestre. Os resultados devem ser comparados para verificar o progresso das crianças.

C — Atividades para desenvolver o poder do leitor:

1 — Para desenvolver o poder de pensar no que lê:

a) fazer ler silenciosamente uma história;

b) mandar escolher, entre três respostas, uma adequada à pergunta, sem abrir os livros;

c) ler para localizar um dado ou um fato. Ex.: Verificar em que lição e em que trecho desta há uma explicação sobre a casa do castor, etc.

2 — Para desenvolver a capacidade de reter fatos lidos:

a) mandar ler uma história;

b) apresentar perguntas e mandar que respondam com os livros fechados. As outras atividades serão as mesmas dos períodos anteriores.

Manter diariamente a leitura independente de material muito fácil, para desenvolver rapidamente os hábitos formados.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Atividades para desenvolver o poder do leitor:

A — Leitura associada às demais matérias do programa:

- dar um tópico e indicar a leitura a ser feita sobre ele;
- conservar e discutir os dados colhidos pelas várias crianças.

Seguir as mesmas atividades nos períodos anteriores. Nesse período cada criança deve ler, no mínimo, 4 livros.

Resultados — No fim do segundo ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- lêem silenciosamente sem movimento de lábios;
- lêem oralmente, à primeira vista, por unidade de pensamento, e não palavra por palavra;
- fazem perguntas sobre a matéria lida;
- discutem inteligentemente o que lêem.
- interpretam o material ligado às várias matérias do programa;
- mantêm grande interesse pela leitura.

Sugestões para livros a serem lidos nesse ano:

"História de cristininha" — "História de Joãozinho" — "Os bonecos e Elzinha" — "Tinzinho e os pés rombos" — todos de Carlos Frederico. "Rosa Alice no Palácio Encantado" — "O urso que tinha música na barriga" — "As memórias do Elefante Basílio", todos de E. Veríssimo; "Leitura Preparatória"; de Francisco Viana; "O livro de Violeta", de João Lúcio; "Histórias de animais", de João Kopke; "Meu livro", de Teodoro de Moraes; "Primeiras leituras", de Maria dos Reis Campos e Alcina de Souza; "Leitura intermediária", de Erasmo Braga.

TERCEIRO ANO

O terceiro ano oferece uma vasta perspectiva para o desenvolvimento da leitura. Os hábitos fundamentais, mais desenvolvidos, permitem ao professor organizar um programa com o fim de enriquecer as experiências das crianças através da leitura, de lhes inculcir um vivo interesse pela leitura de bons livros e de promover grande desenvolvimento nos hábitos de interpretação, levando-as a defrontar material de dificuldades crescentes e para vários fins.

Devem ser oferecidas abundantes oportunidades para a leitura de material fácil para manter os hábitos já formados e desenvolver a capacidade de ler, rapidamente, em grandes grupos de palavras.

A leitura está obrigatoriamente associada a todas as matérias do programa, e a leitura independente, em casa e na escola, deve ser estimulada de muitas maneiras.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades para verificar o desenvolvimento em leitura:

A) *Teste de leitura silenciosa* para medir o grau de desenvolvimento das crianças.

1) Mandar ler uma história do livro. Escrever perguntas no quadro e mandar responder numa folha de papel. Registrar os resultados.

2) Mandar ler uma história com tempo marcado. Escrever no quadro perguntas sobre todo o trecho. Mandar responder em folhas de papel, sem consultar novamente os livros.

b) *Teste de leitura oral* para medir os hábitos peculiares à leitura oral.

1) Mandar ler individualmente trechos à primeira vista. Registrar os resultados.

Mandar ler individualmente, com estudo prévio, independente do professor. Registrar os resultados.

C) As outras atividades devem correr muito iguais às do último trimestre do 2.º ano.

Cada criança deve ler, pelo menos, quatro livros nestes dois meses, além do livro adotado.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Esse trimestre deve oferecer amplas oportunidades para leitura oral e silenciosa.

A) Atividades para desenvolver a capacidade de ler tipos diferentes de material para vários fins:

- Para treinar a organização das idéias;
- ler uma história e dividi-la nas suas principais partes;
- ilustrá-la com 4 cenas, 6 cenas, 9 cenas, etc.
- desenhar cenas do princípio, do meio e do fim.
- ler do princípio até o meio e inventar o final da história, etc.

B) Atividades para desenvolver a capacidade de pensar claramente sobre o que lê.

Mandar ler trechos das várias matérias, associadas ao estudo que estiverem fazendo para:

- responder às perguntas escritas no quadro;

b) coleccionar dados sobre determinados pontos;
 c) reproduzir ou contar o que se ler.
 C) Atividades para desenvolver a capacidade de interpretação oral e estabelecer as qualidades de leitura oral para um grupo:
 a) leitura no Clube de Leitura, com programas organizados previamente.

b) Leitura oral e discussão quanto:
 1.º) a escolha do trecho, se foi do interesse do grupo;
 2.º) à exposição das idéias do livro com clareza e expressão;
 3.º) ao controle dos gestos e da respiração;
 4.º) à pronúncia e articulação das palavras;
 5.º) ao bom timbre de voz;
 6.º) à confiança em si.
 D) Atividades para treinar o uso do Dicionário. Atividades preliminares:

a) decorar o alfabeto na ordem direta;
 b) decorar o alfabeto na ordem inversa;
 c) decorar o alfabeto a partir de qualquer letra;
 d) treinar a habilidade de encontrar rapidamente o radical da palavra;
 e) treinar a habilidade de encontrar rapidamente a palavra;
 f) treinar a habilidade de selecionar o sentido da palavra de acordo com o sentido do texto.

(Esse treino não deve ser feito com palavras isoladas).

E) Eliminar os hábitos maus através da leitura do livro adotado.

O professor deve reunir todas as crianças que apresentarem uma mesma deficiência; fazer exercícios intensos e interessantes com elas; ocupar o resto da classe em leitura independente, nas suas carteiras.

F) Leitura independente com o fim de prazer ou de informação durante um período, diariamente.

Controlar a leitura através de ficha individual com os seguintes dados, marcados pela própria criança:

a) nome do livro; autor; casa editora;
 b) dia em que começou a ler;
 c) número de páginas lidas, cada vez;
 d) apreciação sobre cada leitura em uma ou duas sentenças.
 Nesse trimestre cada criança deve ler, no mínimo quatro livros.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Nesse trimestre a leitura independente, por prazer ou para informação, deve ser grandemente estimulada. Devem estabele-

cer-se várias formas de controle para se verificar a tendência dos interesses e a apreciação dos livros lidos. O professor deve dispor de um caderno, com uma folha dedicada a cada aluno, onde este inscreva os nomes de todos os livros que for lendo e a data respectiva.

O uso do dicionário deve ser observado em todas as atividades de leitura deste período em diante.

Atividades:

A) Testes de leitura oral e de leitura silenciosa para verificar o progresso das crianças.

B) Atividades para desenvolver a interpretação da leitura silenciosa. O mesmo tipo de atividades do período anterior.

C) Atividades para desenvolver a rapidez na leitura silenciosa:

a) mandar ler uma história com o tempo marcado;
 b) ler rapidamente, durante cinco minutos, para ver quem lê maior número de palavras;

c) exercícios com cartões-relâmpagos para desenvolver a capacidade de perceber rapidamente grupos de palavras.

D) treino para desenvolver a habilidade da leitura oral.
 1) Leitura oral em pequenos grupos. Um crianças lêem para outras e marcam numa ficha os resultados.

2) Leitura para a classe e discussão para desenvolver a capacidade de interpretação na leitura oral.

3) Leitura oral para a classe, precedida de um estudo silencioso.

a) dissentir o valor do trecho lido;
 b) analisar as passagens mais bonitas;
 c) analisar as imagens e expressões adequadas e bonitas;
 d) colher expressões para o "Caderno de expressões", etc.
 4) Leitura de um trecho, lido antes pelo professor, para as crianças adquirirem bons hábitos, através da imitação.

5) Clube de Leitura.

E) Leitura independente, diária, durante um período.

F) Atividades para enriquecer o vocabulário através do estudo de sinônimos, antônimos e parônimos.

G) Atividades para eliminar os maus hábitos, como dificuldade de interpretação; dificuldade de reconhecimento de palavras; pequeno número de palavras percebido em cada ato de leitura; e para corrigir a falta de expressão e a falta de interesse pela leitura, conforme indicações para os anos anteriores.

Nesse período cada criança deve ler, no mínimo, 4 livros.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Atividades:

As mesmas dos períodos anteriores.

RESULTADOS: — No fim do terceiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- a) mostram grande interesse pela leitura;
- b) lêem silenciosamente com mais rapidez do que oralmente;
- c) têm o hábito da leitura independente;
- d) interpretam material ligado às várias matérias do programa;

e) lêem oralmente à primeira vista, em unidades de pensamento, e não palavra por palavra;

f) respondem as perguntas e fazem resumos do que leram;

g) usam o dicionário e outras fontes de informação;

h) têm grande facilidade de indicar os sinônimos, antônimos e parônimos das palavras encontradas no texto.

Nesse período cada criança deve ler, no mínimo, 4 livros. SUGESTÕES de livros para serem lidos durante o ano, nas várias atividades de leitura recreativa:

"Contos de Fada", de Perrault, adaptação de Monteiro Lobato; "Contos de Grimm e Novos Contos de Grimm", adaptação de Monteiro Lobato; "Contos de Andersen"; "Novos Contos de Andersen", trad. de Monteiro Lobato; "Aventuras de Tibicuera", de Erico Verissimo; "Aventuras de Juca e Cico", de Bush, trad. de Olavo Bilac; "Reinações de Narizinho"; "Novas Reinações de Narizinho"; "Histórias de Tia Anastácia"; "Jeca Tatuzinho", de Monteiro Lobato; "D. Ursão", "Blandina", "A princesa Rozita" e o "Comodongo Cinzento", da Condessa de Segur. Coleção de Arnaldo Barreto, principalmente os seguintes livros: "A rabequinha maravilhosa"; "O pequeno Polegar"; "Celeste e sua madrinha"; "Pétalas de rosa"; "O Cágado e o Teiú"; "A Borboleta amarela"; "História do Jacinto"; "O mercador e o gênio"; "A veadinha cor de neve"; "Os três cavalos encantados", "Flor encarnada"; "Gigante dos cabelos de ouro"; "O filho do Pescador"; "Os três príncipes coroados"; "Rosa mágica"; "O velozinho de ouro"; "O isqueiro encantado"; "Os cisnes selvagens"; "As três cabeças de ouro"; "A festa das lanternas"; "O ano amarelo".

QUARTO ANO

No quarto ano a atenção da professora deve dirigir-se principalmente para dois pontos que são considerados extremamente necessários à vida. Um deles é o hábito de estudo. É preciso treinar a criança para ler e estudar eficientemente a matéria ligada a todas as disciplinas do programa. Deve estabelecer-se o hábito e habilidades que se prendem a um grande número de situações de estudo, como resumir o conteúdo de um livro, achar a idéia principal de um trecho e os argumentos que reforçam, encontrar respostas para determinadas perguntas, etc.

Outro problema é a leitura de bons livros de literatura infantil, que dificilmente a criança virá a apreciar e compreender sem que se ofereçam oportunidades para ler e discutir em classe. Por outro lado, o quarto ano deve manter o desenvolvimento do interesse pela leitura e estabelecer os "motivos imperiosos de leitura" que vão obrigar a criança a ler, depois do curso primário, ainda que não siga outros estudos. Com as poucas oportunidades educativas que se apresentam para as crianças do nosso povo, além do curso primário, a escola deve chamar a si a responsabilidade de dar a cada aluno esse instrumento de auto-aprendizagem, que é a leitura.

As oportunidades de leitura no quarto ano devem ser amplas, de modo que enriqueçam a experiência e dilatem o interesse dos alunos, pondo-os em contacto freqüente e variado com obras infantis, dentro dos vários ramos do pensamento humano, como história, geografia, ciências, viagens, biografias, etc.

FEVEREIRO E MARÇO

Atividades:

Atividades para verificar o desenvolvimento das crianças:

A) Testes, na maneira indicada para o terceiro ano.

B) Leitura fácil de material na biblioteca da escola, da classe, ou em casa, controlada pelas fichas, como já foi indicado.

C) Exercícios com cartões-relâmpagos, com palavras e grupo de palavras que apresentarem alguma dificuldade de reconhecimento.

D) Exercícios para desenvolver a rapidez da leitura silenciosa. Os mesmos dos períodos anteriores.

E) Eliminação dos hábitos deficientes. Exercícios intensos individuais ou em grupos, no livro adotado.

F) Leitura motivada para desenvolver as qualidades da leitura oral:

a) clube de leitura;

b) leitura oral motivada para a classe ou para pequenos grupos.

G) Leitura silenciosa para desenvolver a capacidade de interpretação:

a) ler para responder à perguntas feitas previamente;

b) ler para reproduzir, oralmente, para a classe ou para um grupo;

c) ler e dividir o trecho em suas idéias principais;

d) ler e extrair a idéia principal do trecho e as idéias que as explicam.

Nestes primeiros dois meses cada criança deve ler, no mínimo, quatro livros. A leitura e a apreciação devem ser registradas em fichas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

A) Treino nos hábitos de estudo comuns às várias matérias do programa:

- a) realizar um trabalho sob instruções e direções escritas no quadro, ou mimeografadas;
- b) fazer esquemas da matéria lida;
- c) interpretar gráficos e mapas;
- d) interpretar quaisquer gravuras que ilustrem o texto;
- e) extrair a idéia principal de um livro ou de um trecho e as idéias que a explicam;

f) reter o sentido para expô-lo oralmente, primeiro de um trecho pequeno, de uma página, e, finalmente, de um capítulo:

B) Leitura em grupos, motivada, para desenvolver as boas qualidades de leitura oral:

- 1) discutir a forma e o conteúdo do trecho, assinalando imagens e expressões mais bonitas;
- 2) ler para sobressair certos elementos da forma, como o ritmo do trecho;

- 3) fazer leitura oral dramatizada, etc;
- 4) ler um trecho já lido pela professora, para adquirir bons hábitos de leitura, através da imitação;
- 5) leitura e discussão de uma história para desenvolver a apreciação e o poder de interpretação.

Discutir elementos da forma como:

- a) estrutura das sentenças;
- b) imagens e expressões;
- c) ritmo e harmonia;
- d) linguagem direta, etc.

Discutir elementos do conteúdo, como:

- a) analisar as personagens e seus característicos;
 - b) atividades das personagens;
 - c) desenvolver o enredo das fatos;
 - e) o final da história, etc.
- C) Instrução sistemática nos hábitos de leitura, através do livro adotado. A professora deve reunir pequenos grupos e trabalhar com um grupo e ocupar o resto da classe em leitura independente.

D) Atividades para desenvolver a rapidez da leitura silenciosa, como as indicadas para o 3.º ano. Neste período as crianças devem ter lido, no mínimo, 4 livros.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- A) Testes para verificação dos hábitos deficientes.
 - B) Correção sistemática dos hábitos deficientes.
 - C) Treino nos hábitos de estudo, associando a leitura às matérias do programa.
 - D) Leitura oral para desenvolver o poder de interpretação e de apreciação, conforme se indica para os períodos anteriores.
 - E) Leitura independente dirigida, na escola e em casa.
 - F) Treino para desenvolver a rapidez da leitura silenciosa.
- Neste trimestre as crianças devem ler, no mínimo, 6 livros.

OUTUBRO E NOVEMBRO

As mesmas atividades dos períodos anteriores.

RESULTADOS: — No fim do quarto ano, as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

- a) motivos reais para ler obras de vários gêneros;
- b) grande familiaridade com as melhores obras da literatura infantil;
- c) um considerável enriquecimento de experiência, através da leitura realizada dentro de cada ramo do pensamento humano;
- d) hábitos de estudo inteligente;
- e) um visível interesse pela leitura de vários tipos para informação e prazer;
- f) hábito e habilidade de usar o dicionário;
- g) uso inteligente de quaisquer fontes de informações para solução de determinados problemas;
- h) capacidade de procurar, por si mesmas, as fontes de informações, para solução de problemas e dificuldades.

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS PARA A LEITURA

"Contos Pátrios", de Olavo Bilac e Coelho Neto; "Minha Infância", de Jorge Jobim; "Rosa de Tannenburg", Cônego Schmidt; Stoltz — "A casa do saltimbanco"; "Pinocchio", adaptação de Monteiro Lobato — "Emílio e os detetives", de Kastner, tradução de Virgínia de Castro e Almeida; "Caçada de Pedrinho" — "O Garimpeiro do Rio das Garças" — "O Saci", Monteiro Lobato; "O que a velha painceira nos contou" e "A lenda da Casa Branca", de Leiliã Leonardo; "Robinson Crusoe" e "D. Queixote", adaptação de Monteiro Lobato; "Os desastres de Sofia" — "As meninas exemplares" — "O General Dourakine" — "Anjo da Guarda" e "Memórias de um burro", da Condessa de Segur; "As quatro raparigas", "Colégio de Almeixeira", "Alguns anos depois", "Os raparigas".

pazes de Maria João" — de Maria de Paula de Azevedo; "Caçador se mudo", biografia de Guilherme Tell; "Cavaleiro sem igual", adaptação de "Cid, o campeador", da Biblioteca Infantil de Arnaldo Barreto; "Asas de Coragem; George Sand, tradução de Virgínia de Castro e Almeida; "O tapete mágico de Tia Lúcia", 1.º e 2.º volumes — de Ilka Labarte; "Viagens Pitorescas" — Bélgica, Inglaterra, China e Japão; História do Brasil para crianças" e "O meu Torrão", de Viriato Corrêa; "História da Terra Mineira", Carlos Gois; "Brasil, Minha Terra" — de Júlia Lopes de Almeida.

COMPOSIÇÃO

A composição aprende-se através do exercício, e daí dizer-se que a criança aprende a escrever, escrevendo. De fato, essa é a primeira condição, como também é o grande obstáculo da realização de um programa de composição. Em classes numerosas, com cinquenta ou mais composições para serem corrigidas diariamente, tal realização é quase impossível.

Mas é preciso que elas sejam diárias. Como, então, resolver o problema? É a lei do exercício que vai resolvê-lo. Em primeiro lugar, o que é essencial na composição é o desenvolvimento geral da idéia, a sua riqueza em colorido e a sua variedade. E o treino mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino na mais difícil na composição não é, de maneira alguma, o treino na correção das formas gramaticais, mas, sim, o treino no desenvolvimento e na organização das idéias, na clareza da exposição, etc. Esse treino depende do enriquecimento das experiências, das leituras feitas, do tema e da maneira de o professor apresentá-las, das outras matérias e, muito também, da personalidade do professor e do ambiente geral da escola.

É justamente esse treino que exige que a composição seja diária.

A correção gramatical vai-se conseguindo aos poucos, fruto da maturidade da criança e da persistência do professor.

O problema das composições traz consigo, principalmente, o problema da correção das mesmas. Como, então, corrigi-las?

Em primeiro lugar, as correções devem ser sempre coletivas. O professor lê uma a uma, separa as melhores, marca o aspecto bom de todas, seja uma palavra ou uma expressão. Comenta, na classe, os aspectos gerais das composições e lê as melhores, duas, três, ou mais, e cita uma particularidade interessante de cada uma das outras, para estimular seus autores. A correção da composição diária consiste apenas nesse comentário, em sugestões das crianças na classe, na leitura de vez em quando, de um bom modelo que venha corrigir uma falha em vista, etc.

Os erros gramaticais vão sendo corrigidos aos poucos escolhidos entre os mais graves e os mais frequentes.

Corrige-se um erro de cada vez e não se passa a outro enquanto o primeiro não estiver bem eliminado na classe. Duas a três vezes por semana o professor faz a correção gramatical, em seguida, a correção da organização dos fatos e do desenvolvimento da idéia.

Para a correção dos erros gramaticais, o professor pode adotar o critério seguinte: — sublinha, nas composições, com um leve traço, o erro que está atacando. Tira exemplos das próprias composições, faz com eles exercícios de correção, orais e no quadro, usa o livro adotado para ilustrá-los e, finalmente, manda cada criança que tem o erro sublinhado corrigi-lo oralmente, para que todos verifiquem o seu caso particular. Em seguida mandará corrigi-lo na própria composição. Os erros que são bem atacados, logo se corrigem. Mas, há erros que são devidos mais a uma maneira imprópria de se dar a composição: originam-se frequentemente, dos temas remotos da experiência das crianças.

Elas devem escrever sobre aquilo de que tenham muito que dizer. E não é só isso. É necessário que, antes de elas escreverem, o professor mantenha uma conversa viva, interessante e variada para despertar-lhes associações novas, evocar-lhes experiências passadas, dar-lhes normas e sugestões e interessá-las vivamente pelo que vão escrever.

A imitação é um fator poderoso para a composição. Leituras, comentários sobre leituras, cópias de trechos de boa forma devem ser dados com frequência.

PRIMEIRO ANO

PRIMEIRO SEMESTRE

A composição deve começar, no primeiro ano, antes, talvez, de a criança dominar a escrita e a ortografia.

Os primeiros exercícios serão feitos coletivamente, mas logo se tornarão, também, individuais. Devem ser muito frequentes sem nunca se perder de vista a motivação.

Os primeiros produtos serão simples, infantis e sinceros.

Nenhuma composição deve ser dada com o fim exclusivo do exercício, mas deve ter um motivo real para a criança. Todas as oportunidades para escrever certas devem ser aproveitadas: uma criança da classe que está falhando por doença, aniversários de pais e irmãos dos alunos da classe, aniversários de pessoas amigas da escola, etc. Essa atividade tem um grande significado para a vida da criança e da escola. Dá o hábito da correspondência, ligando a vida escolar com a vida extra-escolar.

As correções devem visar sempre ao aspecto positivo das composições. Comenta-se o lado bom de cada uma e leva-se a classe a imitar.

Atividades:

- A) Exercícios de composições de pequenas histórias, usando as fichas de palavras da lição de leitura;
- mandar cada criança compor a sua;
 - mandar ler;
 - comentar com a classe, fazendo sobressair os bons aspectos de cada uma;
 - escrever no quadro ou na cartolina as mais bonitas;
- B) Exercícios de composição, usando as fichas:
- mandar compor uma pequena história com as fichas de palavras;
 - mandar copiá-las no caderno;
 - mandar ler a composição para a classe;
 - comentar, salientando os lados bons.
- C) Exercício, em cooperação, de composição de uma história:
- tornar o motivo bem claro para as crianças;
 - pedir colaboração da classe;
 - comentar cada contribuição, escrevendo a melhor no quadro;
 - mandar copiar nos cadernos;
 - mandar ilustrá-las;
 - comentar a escrita e a ilustração.
- D) Exercícios coletivos de composição de uma carta:
- fixar claramente o motivo para a classe;
 - pedir colaboração;
 - comentar as contribuições;
 - mandar copiar nas folhas de papel;
 - mandar ilustrar;**
 - comentar a escrita e a ilustração;
 - escolher as mais bonitas quanto à escrita e à ilustração para enviar pelo correio ou pelo portador.
- E) Exercícios de composição de história sobre uma gravura de sentido completo:
- ouvir as várias contribuições;
 - comentar e escolher a melhor figura para figurar como interpretação da gravura, etc.
- F) Exercícios coletivos de redação de convites para reuniões e festas na escola.
- Seguir o mesmo critério.

SEGUNDO SEMESTRE

- A) Atividades coletivas e individuais, seguindo o mesmo processo das do primeiro semestre.
- B) Composição independente de cartas, convites, recados, que deve ser assim dirigida:
- fixar claramente o motivo para a classe;
 - mandar a criança pensar para depois escrever;
 - deixar conferir fichas da leitura para facilitar a ortografia de algumas palavras;
- C) Exercícios de composição sobre cada cena de — uma história muda:
- expor a história muda;
 - estimular a interpretação escrita da cena;
 - comentar e escolher as interpretações mais interessantes para figurarem debaixo de cada cena.
- D) Exercícios de composição de história sobre uma gravura de sentido completo:
- mandar escrever uma história;
 - comentar e escolher a melhor para figurar como interpretação da gravura, etc.
- E) Composição de cartas enigmáticas.
- No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:
- têm um vivo interesse pelo trabalho de composição;
 - conhecem os seguintes pontos da técnica de escrever:
 - o ponto final no fim de cada sentença;
 - o ponto de interrogação no fim de uma sentença interrogativa;
 - a letra maiúscula no princípio de cada sentença;
 - a letra maiúscula nos nomes de pessoas, lugares, etc.;
 - têm relativa facilidade em dar contribuições para os exercícios coletivos;
 - compõem com boa seqüência histórias com cinco fatos.

SEGUNDO ANO

O treino da linguagem oral, o enriquecimento da experiência, o contacto com livros ilustrados e a leitura devem ter produzido um grande desenvolvimento na capacidade de a criança pensar e organizar o seu pensamento.

A estrutura da sentença continua simples, mas vai se desenvolvendo, inconscientemente, *part-passu* com o desenvolvimento das formas mais complexas do pensamento.

Através da correção das composições as crianças devem ir ganhando outras noções de gramática. Vão, por si mesmas, fazendo induções e generalizações até estabelecerem algumas regras.

Atividades:

A — Exercícios para desenvolver a organização de idéias e dar formas às crianças:

1 — exercícios de composição de cartas, em colaboração, com o tratamento da 3.ª pessoa;

2 — exercícios individuais de composição de cartas;

3 — exercícios de colaboração e individuais de composição de avisos e ordens;

4 — exercícios de colaboração e individuais de redação de convites e de agradecimentos, etc.

B — Exercícios de composição para desenvolver boa organização na seqüência cronológica dos fatos:

1 — exercícios de composição sobre as cenas de uma história muda;

2 — exercícios de composição de uma história sobre gravuras de sentido completo.

C — Exercícios para desenvolver a organização de idéias, clareza e imaginação:

1 — Composição de história à vista de gravuras de sentido incompleto;

2 — composição de histórias com duas, três, quatro, cinco e seis palavras dadas;

3 — composição de cartas enigmáticas.

D — Exercícios para desenvolver a capacidade de organização de idéias e —clareza de exposição:

1 — exercícios de responder a perguntas ligadas às várias matérias do programa;

2 — mandar ler um trecho;

3 — mandar responder a perguntas feitas sobre o que foi lido.

A princípio as perguntas devem implicar a citação de um fato, depois dois, três, até seis fatos.

E — Exercícios de verificação das noções e formas gramaticais adquiridas através das composições.

F — Atividades para medir o desenvolvimento das composições:

a) dar o objetivo da atividade para a classe;

b) ler uma história curta;

c) mandar escrever a história;

d) registrar os resultados.

NOTA: — Essa atividade deve ser repetida cada três meses. No fim do segundo ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) conhecem a forma de cartas, recados, convites, etc.;

b) redigem convites, recados e cartas;

c) respondem por escrito a perguntas previamente feitas sobre a leitura, implicando organização até 5 fatos distintos;

d) têm um grande interesse pelo trabalho criador;

e) escrevem ou reproduzem uma história com boa seqüência;

f) revelam um bom desenvolvimento na estrutura das sentenças.

TERCEIRO ANO

O terceiro ano oferece ao professor um grande número de novas oportunidades. As crianças já têm a experiência bem enriquecida e, por isso, mais o que dizer. O treino da linguagem escrita e da oral há de lhes ter dado uma grande facilidade de expressão, por isso escrevem mais prontamente.

Como é a fase em que a criança é mais sensível à imitação, trechos em prosa e — em verso devem ser lidos e comentados freqüentemente, fazendo sobressair os elementos principais da forma e do conteúdo, como unidade simplicidade, seqüência lógica dos fatos, expressões e vocabulário, enredo.

Os esquemas devem ser introduzidos para facilitar a organização de um número maior de fatos.

As atividades de composição devem ser mantidas muito interessantes e variadas. O interesse por elas depende quase que exclusivamente do professor. Há ótimas atividades que morrem nas mãos de um professor desinteressado.

O professor vai aproveitar todas as oportunidades para levar as crianças ao conhecimento dos graus do adjetivo e da concordância dos adjetivos com os substantivos.

Atividades:

A) Para desenvolver a organização dos fatos e a clareza na exposição:

1 — resumos de trechos lidos de História do Brasil, Geografia e Ciências Naturais:

a) mandar ler um trecho;

b) mandar resumir-lo com os livros fechados.

3 — Resumos de vários trechos lidos:

a) mandar ler dois a três trechos sobre um mesmo assunto, mas em livros diferentes;

b) mandar resumir as idéias numa só composição.

NOTA: — Todas essas composições devem ser dadas com um motivo, e as crianças devem estar vivamente interessadas nesse motivo.

B) Para desenvolver a imaginação, a clareza e a organização dos fatos:

- 1 — Escrever uma história inspirada numa gravura:
- expor várias gravuras de sentido completo e de sentido incompleto;
 - mandar compor uma história sobre uma delas.
- 2 — Escrever uma história com 3, 6, 8, 10, 12 e 20 palavras dadas.
- 3 — Escrever uma história inspirada por uma sentença sugestiva: Ex.: — "Comecei a ouvir ruídos... Abri. Era um homem feio e exquísito ...".
- 4 — Começar uma história de fadas e deixar que façam o resto.
- Ex.: — "Era uma vez um rei. Tinha três filhas e um filho".
- 5 — Escrever uma história de colaboração com a classe:
- dar as personagens principais;
 - escrever a história no quadro, recebendo contribuições de todos; dividi-la em três partes: — princípio, meio e fim; cada dia fazer uma parte;
 - ilustrá-la fartamente;
 - pôr uma capa sugestiva e deixá-la na biblioteca
- 6 — Escrever uma história em colaboração.
- Dar as personagens principais;
 - dividir a classe em vários grupos, cada um dos quais escreve a sua história, uma parte em cada dia;
 - ler para a classe as várias histórias e escolher a melhor;
 - mandar ilustrá-la, pôr capas sugestivas e deixá-las na biblioteca, etc.
- C) Atividades coletivas para desenvolver a estrutura das sentenças:
- ler uma história para escrevê-la em poucos parágrafos;
 - tomar contribuições para escrevê-la num número certo de parágrafos.
- mandar ler uma história curta;
- 2 — Ler para a classe uma boa história cujo estilo possa servir de modelo para a composição das crianças:
- examinar a estrutura das sentenças;
 - o efeito e a variedade de estruturas;
 - chamar a atenção para certos agrupamentos rítmicos das palavras;
 - chamar atenção para elementos que fazem o ritmo da história.

Ex.: — "História do Chapéuzinho Vermelho", versão de Perault — Tradução de Monteiro Lobato.

- D) Atividades para desenvolver a capacidade de redigir:
- Redação de cartas reais para serem enviadas, aproveitando oportunidades da classe e da Escola.

- Redação de vales de acordo com o uso — Vales de carneiro, armazém, etc.
- Redação de cartões de agradecimentos e de convites.
- Redação de receitas sobre assuntos de interesse para a classe.

E) Outras atividades:

- Diário da classe: deixar diariamente uma criança encarregada de escrever os fatos mais interessantes da aula para o diário da classe.
 - Diário individual:
 - lendo diários, mostrando diários, etc. — estimular cada criança a fazer seu diário;
 - fazer o diário bem artístico com ilustração e gravuras.
 - Relatórios de atividades interessantes, como de excursões, dramatizações, etc.:
 - mandar escrever o desenrolar da atividade em poucas sentenças;
 - ilustrar fartamente, pôr nome, capa sugestiva e deixá-lo na biblioteca.
 - Relatórios de livros: estimular o registro das impressões do livro em poucas palavras e dentro dos seguintes pontos:
 - Nome do livro; autor, casa editora.
 - Impressão; se gostou; porque; o trecho de que gostou mais; porque; trecho de que gostou menos; porque; a quem recomenda o livro.
 - Artigos para o jornal da classe ou da escola.
- F) Exercícios de sentenças, palavras e trechos para a criança completar;
- exercitar a concordância verbal;
 - exercitar a concordância do substantivo com o adjetivo;
 - exercitar os pontos adquiridos no 2.º ano.
- G) Atividades para verificar o crescimento nas composições:
- ler uma história para as crianças;
 - mandar escrever a história. Registrar os resultados. Essa atividade deve ser feita de 3 em 3 meses.

No fim do 3.º ano às crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- têm um grande interesse pelas composições;
- revelam um bom desenvolvimento na unidade e clareza das composições;
- apresentam a sentença com estrutura muito mais complexas;
- revelam influência das leituras feitas, quer quanto à forma (vocabulário e estrutura das sentenças), quer quanto ao conteúdo (qualidade, quantidade e ordem das idéias);

- 5 — compõem uma história à vista de uma gravura completa, com correção, unidade, boa organização e clareza;
- 6 — revelam conhecimento da concordância verbal; da concordância dos adjetivos com os substantivos;
- 7 — revelam facilidade na organização e apresentação de fatos tirados de leituras associadas às várias matérias;
- 8 — usam bem a pontuação: o ponto final, o de exclamação, o de interrogação e a vírgula.

QUARTO ANO

O ponto essencial nas composições do quarto ano é o conteúdo geral, organização, variedade e riqueza das idéias.

A correção gramatical, já muito melhorada, tem pontos bem assentados e, mais um pouco, a linguagem escrita é perfeitamente correta.

É indispensável estabelecer-se, neste ano, o hábito de organização de idéias baseado em esquemas, já iniciado no ano anterior, e o hábito de esquematizar trechos lidos dentro das várias matérias. Além de contribuir para a ordem mental, forma o hábito necessário àqueles que têm uma carreira aberta diante de si, como àqueles que encerram a sua carreira escolar com o curso primário.

A descrição, a enumeração, a argumentação e a dissertação não devem aparecer senão casualmente. Na correlação com as outras matérias há fartos motivos para a criança escrever, enumerar, dissertar ou argumentar.

Atividades:

Através das correções e de oportunidades adequadas, dar conhecimento da crase, do emprego de *the, o, se*; noção de verbos de predicação completa e incompleta; objeto direto e indireto; noção do período composto. Fazer decorar as conjunções subordinativas e coordenativas. Essas noções são muito mais facilmente adquiridas, e de maneira muito mais interessante, através da composição. E condensando ou dissecando os parágrafos de uma composição, para efeito de clareza, que a criança ganha a noção dos períodos compostos.

A) Exercícios de composição para desenvolver a organização mental das idéias:

1) — resumo esquemático:

a) mandar ler um trecho ligado a qualquer matéria de programa;

b) mandar fazer o esquema do que foi lido.

NOTA: — Seguir as outras atividades indicadas para o mesmo fim, no terceiro ano.

B) Atividades coletivas para desenvolver a pontuação:

1 — exercícios de pontuação de histórias:

- a) escrever uma história, sem pontuação, no quadro;
- b) mandar uma criança lê-la tal qual;
- c) pedir sugestões quanto à pontuação;
- d) mandar ler, novamente, depois de pontuada;
- e) fazer a criança sentir a pontuação, através da expressão na leitura.

2 — Exercício individual de pontuação de uma história:

- a) ditar um trecho fácil que não apresente dificuldades ortográficas, para a classe;
- b) mandar as crianças pontuá-lo de acordo com a expressão da leitura;
- c) ler, novamente, o trecho para as crianças conferirem a sua pontuação.

3 — Apresentar casos curiosos de pontuação.

Ex.: — "Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não. Discordo".

Alterado pela pontuação:

"Manuel vai ser enforcado hoje. Se V. Excia. concorda, eu não discordo".

C) Atividades para desenvolver o treino de formas pronominais, verbais e possessivas da 2.ª pessoa do singular, 2.ª pessoa do plural e do tratamento de V. Excia.

1 — Mandar escrever cartas com esses tratamentos.

2 — Mudar o tratamento das cartas.

3 — Estabelecer relação entre a linguagem escrita e a falada, fazendo variar, na classe, o tratamento, ora de 2.ª pessoa do singular, ora de 2.ª pessoa do plural ou de V. Excia.

4 — Dialogar uma história interessante.

D) Usar as demais atividades indicadas para o 3.º ano.

No fim do quarto ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- a) revelam habilidade de escrever cartas apropriadas a várias situações mais comuns;
- b) revelam a capacidade de escrever com clareza e boa organização uma série de parágrafos sobre um determinado assunto de seu conhecimento;
- c) fazem esquemas de trechos lidos;
- d) têm capacidade, com leitura prévia, desenvolver um tema;
- e) compõem histórias com unidade com boa seqüência lógica;
- f) conhecem a técnica de escrever quanto à pontuação;
- g) apresentam mais variada e mais complexa a estrutura das sentenças;
- h) escrevem gramaticalmente.

ORTOGRAFIA

Muito pouco precisa saber a professora sobre o ensino da ortografia para conseguir que seus alunos escrevam com correção. A ortografia não depende do raciocínio, e a repetição é a lei fundamental em que se apoia o seu aprendizado.

As causas principais dos erros de ortografia são devidas à percepção auditiva. Isso, geralmente, e, muitas vezes, mais frequentemente, com crianças que têm pronúncia ou uma articulação defeituosa. As trocas de letras, tão frequentes, são sempre evitadas quando se tem a preocupação de corrigir a articulação e a pronúncia da palavra.

O ensino da ortografia, como o de todas as matérias do programa, deve ter meios de *contrôle*. Enquanto não se dispõe de outros recursos, o livro de leitura adotado na classe pode servir de base para a seleção de palavras. Pode ser completado com listas de palavras fornecidas pelos erros nos exercícios escritos e com as palavras que se tornarem necessárias para a expressão escrita da criança.

O aprendizado da ortografia deve ser quanto possível individual. Pode ser adquirido através do treino isolado de palavras ou através de textos.

Não deve ser feito exclusivamente nem de uma maneira nem de outra. O mais verdadeiro seria fazê-lo dentro de um pensamento, mas torna-se, às vezes, insuficiente.

O treino de palavras só é eficiente quando o professor se mantém rigorosamente dentro das palavras do domínio da criança. Isso porque o fim exclusivo do ensino da ortografia é formar a imagem motora automática das palavras do vocabulário oral da criança.

O melhor método de ensino consiste em evitar a ocasião do erro. Por isso, as palavras devem ser dadas acompanhando o desenvolvimento das crianças, nas várias matérias.

Os critérios de seleção de palavra para cada ano devem ser:

1.º) frequência nos exercícios escritos;

2.º) estrutura difícil das palavras.

Os trechos escolhidos para o ditado devem ter um caráter acentadamente artístico.

PRIMEIRO ANO

O ensino da ortografia no primeiro ano consiste em duas fases, bem distintas. A primeira, a fase do aprendizado baseada na percepção visual da palavra. A segunda, a fase baseada na percepção auditiva e, frequentemente, também, na visual.

1.º Semestre

A) Exercícios baseados na percepção visual da criança. O professor escreve a palavra no quadro, as crianças olham. Em seguida, apaga a palavra e as crianças a escrevem nos seus cadernos.

B) Exercícios para desenvolver a articulação e a pronúncia das palavras: recitar rimas.

C) Exercícios para desenvolver a firmeza de articulação:

a) fazer dizer muitas vezes palavras ou rimas, como papacápio, o ninho de mafaganifos;

b) mandar a criança articular a palavra na frente da classe, mas sem pronunciá-la, e mandar que as outras adivinhem a palavra.

2.º Semestre

O momento de se introduzir a segunda fase, baseada na percepção auditiva, é quando, na leitura, os alunos adquiriram a capacidade de reconhecer palavras por si mesmos.

A) Exercícios com palavras constituídas de letras cujas combinações com as vogais dão sons simples. Ex: — bola, peteca, etc.

B) Exercícios com grupos de palavras que apresentem uma mesma dificuldade ortográfica, como palavras com: er; fl; lh; etc.

a) palavras que não prescindem da apresentação escrita, como *bonem, desidia*, etc;

b) palavras começadas por se e ce;

c) palavras com x: enxada, enxoval, etc;

d) palavras com g e j, etc;

D) Exercícios para desenvolver a firmeza de articulação e pronúncia, citados no período anterior.

E) Ditado em unidades de pensamento de historietas de 4 a 5 sentenças interessantes e bem escritas.

F) Testes semanais ou quinzenais de ortografia para medir o progresso das crianças.

No fim do primeiro ano as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

a) escrevem, sob ditado, historietas dentro de um sentido familiar;

c) conhecem a ortografia das formas verbais usuais de sua linguagem corrente, nos tempos — presente, pretérito perfeito e imperfeito, do modo indicativo; particípio presente e passado; infinitivo;

d) dividem palavras formadas de sílabas simples.

SEGUNDO ANO

No segundo ano, o treino de ortografia é muito semelhante ao do segundo semestre do primeiro ano.

Na seleção de palavras, o professor pode orientar-se pelo livro de leitura adotado na classe, completando-o com as palavras erradas dos exercícios escritos e com outras sugeridas pelas outras matérias como, pela Geografia, História do Brasil, Ciências, etc.

Atividades:

A — Os mesmos exercícios do último semestre do primeiro ano.

B — Exercícios de marcação de sílabas. Marcar mais fortemente a sílaba acentuada.

C — Exercícios de divisão de sílabas.

No fim do segundo ano as crianças devem ter adquirido o seguinte desenvolvimento:

a) conhecem a ortografia gramatical dos verbos nos tempos presente e imperfeito do subjuntivo;

b) conhecem a ortografia de palavras mais comuns do seu vocabulário, aprendidas através da percepção visual, isto é, palavras que aprendem a escrever prestando atenção na forma, como: homem, descida, etc.;

c) conhecem a acentuação das palavras proclíticas;

d) dividem as palavras aprendidas por percepção visual e com letras geminadas;

e) dividem palavras com ditongos e tritongos.

TERCEIRO ANO

O fim principal do ensino de ortografia, neste ano, é dar à criança a independência na solução dos problemas que ocorrerem. Fácil como é, com pequena orientação, por parte da professora, e com um sistema de controle bem regular, a ortografia atinge um nível bem desejável de correção.

Há erros que permanecem em certas palavras apesar do exercício intensivo e, nestes casos, o professor deve escrever essas palavras em pequenas fichas, que ficam com a criança, e permitir que, num ditado ou numa composição, a criança copie a palavra da ficha. Toda vez que essa palavra aparecer.

Copiar muitas vezes a mesma palavra maquinalmente é um exercício que a psicologia educacional tem provado ser de pouca vantagem para o progresso da ortografia, e deve ser evitado. O que constitui um bom processo é atrair e focalizar a atenção da criança para certas palavras fazendo-lhe ver a palavra escrita, ouvir, pronunciar, e, afinal, escrever a palavra.

Atividades:

A) Estudo independente das palavras de ortografia mais difíceis encontradas na lição de leitura:

a) mandar ler a lição silenciosamente para verificar a ortografia das palavras;

b) exercitar-se nas palavras mais difíceis. Copiar a palavra **escrevê-la de cor e, em seguida, verificar no livro.**

B) Exercícios de ortografia com famílias de palavras, mantendo-se sempre dentro do vocabulário da criança.

C) Exercício de marcação e de divisão de palavras, em sílabas.

D) Exercícios de verificação de ortografia no dicionário.

E) Exercícios de ditado de trechos, marcadamente artísticos. Ditado em unidades de pensamento.

F) Testes semanais ou quinzenais para medir o progresso da criança.

G) Concursos de ortografia entre classes e entre escolas, para estimular o exercício.

No fim do terceiro ano o desenvolvimento das crianças deve ser o seguinte:

a) conhecem a ortografia dos verbos *querer, pôr e fazer*, nos seus vários tempos e modos;

b) conhecem a ortografia das formas verbais dos verbos terminados em *ear*;

c) dominam a ortografia das palavras do seu vocabulário corrente;

d) têm recursos para resolver por si as dificuldades que possam aparecer através do dicionário.

QUARTO ANO

O ensino da ortografia, neste ano, tende a tornar-se cada vez mais individual, basando nos erros que cada criança comete. Isso por vários motivos.

Em primeiro lugar porque, no 4.º ano, as oportunidades para a criança escrever são tão numerosas que o exercício da ortografia se faz através delas.

Em segundo lugar porque o recurso do dicionário é o meio seguro e independente para a criança tirar dúvidas sobre a maneira de escrever uma determinada palavra.

Em terceiro lugar porque, dependendo a ortografia de vários fatores, como a idade, o desenvolvimento geral da criança, a linguagem oral e a leitura — que já se acham bem desenvolvidos, — é de supor que ela já tenha atingido um bom grau de maturidade.

Atendendo a que devemos evitar as ocasiões de erro, o professor pode usar o livro adotado, como nos outros anos, como fonte de palavras para a ortografia. A Geografia, as Ciências Naturais, a História do Brasil e a Matemática contribuirão com termos que devem ser ensinados à medida que a experiência deles for sendo adquirida pela criança.

No mais, as atividades correm como no 3.º ano.

No fim do quarto ano as crianças devera ter adquirido uma ótima capacidade de ortografia:

1 — escrevem corretamente palavras do seu vocabulário, corrente, em composições;

2 — escrevem corretamente palavras transmitidas de outros em ditado;

3 — escrevem corretamente palavras desconexas, ditadas de acordo com a família ou com os sufixos e prefixos das palavras;

4 — possuem recursos para escrever corretamente palavras desconhecidas, transmitidas num texto de sua compreensão;

5 — conhecem algumas regras obtidas por indução;

6 — distinguem palavras pelas sílabas e pela acentuação;

7 — sabem dividir palavras em sílabas.

ESCRITA

A escrita não é tão insignificante para o preparo geral de uma pessoa de modo que seja desconsiderada num programa. E tanto assim é que, depois de anos em que tem sido mais ou menos abandonada, volta a ocupar a atenção do professor com o seu processo analisado e os seus objetivos bem definidos.

A escrita é um meio de comunicação e a vida, exige nela, principalmente, duas qualidades: *rapidez e legibilidade.*

Ao professor é indispensável saber os graus de perfeição que essas qualidades podem atingir na escola, as condições que podem afetar sua aquisição e desenvolvimento e o tempo que isso absorve.

Os movimentos na escrita são determinados pela posição da criança na carteira, pela colocação do papel e a maneira de pegar a caneta ou a pena.

O movimento mais importante é o da mão ao longo da linha, enquanto se formam as letras. É feito pela rotação do braço em torno do cotovelo ou em torno do ponto de apoio do braço na mesa. Quando este movimento não é propriamente desenvolvido, a mão fica muito presa e dura, e as letras ficam mal formadas. Se ele não se faz contínua e regularmente, a inclinação e a forma das letras ficam muito defeituosas.

A criança deve sentar-se bem defronte da carteira. A altura do assento deve permitir que os seus pés descansem bem no chão e as suas pernas fiquem paralelas à superfície do banco. Deve sentar-se bem atrás na cadeira e com a cabeça sempre alta. Para evitar que se tenha de curvar para a frente, aproxima-se a cadeira da mesa, de modo que os pés da criança, fiquem debaixo da mesa. A altura da mesa deve ser de molde a permitir que o braço direito descanse naturalmente sobre ela.

O papel deve ser colocado diante da criança, ligeiramente inclinado, de modo a fazer com o bordo inferior da carteira um ângulo de 30.º mais ou menos.

A linha de escrever fica, assim, paralela à diagonal traçada no canto inferior da carteira ao canto superior, nas nossas carteiras normais. A mão deve apoiar-se no 3.º e 4.º dedos e nunca na base ou no lado da mão.

O lápis e a caneta devem ser segurados, naturalmente, e os dedos não se devem amontar para segurá-los. Devem ser mantidos entre o dedo grande e o indicador, sendo que este mais perto da pena ou da ponta do que aqúele.

Devemos encarar não só o movimento, mas o seu ritmo. As ações musculares não alcançam o seu inteiro objetivo quando não se coordenam num ritmo natural. O ritmo facilita não só a rapidez como a legibilidade.

A escrita, como todas as atividades, deve ser controlada sistematicamente pelo professor.

As normas que servem de base para medi-la são, quanto à legibilidade:

- 1 — espaçamento das palavras;
- 2 — espaçamento das linhas;
- 3 — inclinação da escrita;
- 4 — forma, tamanho e espaçamento das letras;
- 5 — regularidade das letras e da inclinação;
- 6 — ausência de floreios.

A qualidade mede-se também, pela *disposição geral*:

- 1 — margem;

- 2 — centragem de títulos;
- 3 — aberturas de parágrafos.

Pela limpeza

- 1 — Rasuras;
- 2 — borrões;
- 3 — cuidado geral.

A rapidez mede-se fazendo a criança escrever durante um certo número de minutos, geralmente, um a dois minutos. Divide-se o total das letras escritas pelo número de minutos. O cociente representa a rapidez.

A escrita aprende-se através de repetições atentas dos movimentos, até que se tornem automáticos. Para assegurar a eficiência das repetições, devem estar estas associadas a algum motivo real para a criança. Uma boa motivação de que o professor pode lançar mão, para melhorar a escrita das crianças, é interessá-las no seu próprio adiantamento, marcando os seus erros, sugerindo meios e exercícios para corrigi-los e registrando os seus progressos.

PRIMEIRO ANO

O fim principal do ensino no primeiro ano consiste em desenvolver a coordenação motora, estabelecer liberdade de movimento e o ritmo desses movimentos.

As aulas devem, por isso, começar com exercícios preparatórios no quadro para facilitar o movimento amplo e assegurar o movimento do braço. Os exercícios no papel devem ser grandes, e as letras, de tipo comum, devem ter a largura de um centímetro e meio e manter esse tamanho através de todo o primeiro ano. A princípio o papel deve ser sem pauta. Dessa maneira a criança adquire o hábito de escrever tanto no papel pautado como no sem pauta, sem treino especial.

Os exercícios de escrita podem ser associados às aulas de leitura. A criança deve, de preferência, começar a copiar as frases e sentenças, mas imitando o movimento da professora. Ao lado desse exercício podem ser feitos outros, visando a formação das letras, sem preocupação de grande perfeição. A medida que vão melhorando, o professor pode ir sugerindo regularidade, quanto ao alinhamento e formação das letras.

Atividades:

- a) exercícios ritmados no quadro ou no papel, contando alto;
- b) exercícios de cópia motivada de sentenças curtas com palavras curtas;
- c) exercícios para a formação das letras minúsculas, maiúsculas;
- d) exercícios de escrita de números em coluna;

- e) exercícios de escrita de palavras de vários tamanhos em coluna;
- f) exercícios seguidos para desenvolver a forma das letras;
- g) exercícios seguidos para desenvolver o alinhamento;
- h) exercícios seguidos para desenvolver a rapidez.

(Depois de seis meses de aprendizado de escrita, alguns exercícios para desenvolver a rapidez podem ser iniciados. Dar uma palavra curta e ver quantas vezes podem escrevê-la durante um minuto. Expor os resultados. Repetir o mesmo exercício com a mesma palavra, e, depois, exercícios com palavras diferentes. Esse exercício deve ser feito cada mês).

i) exercícios de cópia para exposição das melhores em "Nos melhores escritas", uma vez por semana.

No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento :

- 1) têm uma boa atitude para com a escrita;
- 2) escrevem 40 letras num minuto;
- 3) têm uma boa posição habitual;
- 4) formam bem as letras, têm a inclinação e o espaçamento mais regulares;
- 5) revelam um domínio relativo de movimentos e alguma leveza de traços.

SEGUNDO ANO

Neste ano a escrita da criança toma uma feição bem regular.

Os exercícios continuam visando ao desenvolvimento da legibilidade, sobretudo, e, mais para o fim do ano, devem visar à rapidez, igualmente.

As letras devem continuar grandes, para assegurar movimentos amplos e livres, mas, podem ir diminuindo, até atingirem o seu tamanho quase normal, no fim do ano.

Para melhorar a aparência geral da escrita, o professor pode estabelecer as margens laterais direita e esquerda que, para facilitar, podem ser traçadas a régua.

A escrita deve continuar a lápis até o fim do ano, com exceção daquelas que tiverem revelado normas superiores de legibilidade e rapidez ao lado de movimentos bem coordenados e que, por isso, possam iniciar o aprendizado a tinta, sem maiores embaraços.

A criança deve ser levada a analisar a sua própria escrita, sob a orientação do professor, que sugere os elementos de observação, como alinhamento, formação das letras, regularidade de inclinação e espaçamento, regularidade na forma das letras, etc.

Atividades :

- A) As mesmas atividades de período anterior.
- B) Exercícios de cópia de trechos de valor artístico tirado da literatura. Podem ser feitos num caderno que tenha para a criança a finalidade artística, antes que a de exercício de escrita.
- C) Exercícios para corrigir deficiências mais freqüentes na classe. Corrigir uma deficiência de cada vez.
- D) Exercícios para desenvolver a rapidez de movimentos :
- 1) escrever uma palavra durante um a dois minutos cada 15 dias, e marcar a rapidez;
 - 2) contar trechos com palavras curtas durante um a dois minutos, marcar a rapidez; repetir este exercício cada 15 dias.

No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento :

- 1.º) Têm boa atitude para com os trabalhos de escrita;
- 2.º) escrevem 50 letras por minuto;
- 3.º) observam sensível proporção no tamanho das letras e regularidade nos espaçamentos;
- 4.º) têm grande desembaraço de movimento e relativa leveza de traços;
- 5.º) têm a inclinação das letras bem regular;
- 6.º) revelam um grande progresso na aparência geral: usam margens laterais e parágrafos.

TERCEIRO ANO

Além dos pontos observados no segundo ano, a atenção do professor deve dirigir-se no sentido de estabelecer o melhor arranjo da matéria na página quanto a margens, parágrafos, títulos e cabeçalhos.

No princípio do ano, as crianças podem iniciar a escrita a tinta. Essa mudança opera grandes diferenças no controle muscular. Os exercícios a tinta devem ser diários e a criança deve ser estimulada a atingir, no menor tempo, os mesmos níveis de sua escrita a lápis, e a prosseguir na aquisição de níveis superiores.

O professor deve levar as crianças a compararem seus exercícios, chamando a atenção sempre para os bons aspectos. Os melhores exercícios devem ser expostos sob o título "Nossas melhores escritas".

Normas superiores de escrita podem ser colocadas no quadro para servirem de padrão à comparação das crianças.

Atividades:

As mesmas do período anterior.

No fim do terceiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) possuem boa atitude para com a escrita;
- 2) têm letra legível com boa proporção e regularidade, também quanto às letras de haste;
- 3) revelam leveza de traços e movimentos dominados;
- 4) escrevem 60 letras por minuto;
- 5) mantêm boas normas na disposição geral em todos os exercícios escritos;

QUARTO ANO

No quarto ano a boa atitude para com a escrita deve estar formada de maneira que leve a criança a considerar todas as situações em que escreve como situações de aula de escrita. Manter sempre, no mais alto grau, as qualidades de legibilidade e rapidez já adquiridas.

Os treinos especiais são mantidos, apenas, para casos de deficiência que exijam exercícios prolongados e freqüentes. São treinos individuais.

O controle deve ser feito com a mesma regularidade, não só para manter a criança alerta contra maus hábitos que possam vir a formar-se mas ainda para manter-lhes o estímulo em prol da boa escrita.

A rapidez pode ser medida com regularidade, porque tende a desenvolver-se sempre.

No fim do quarto ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) escrevem 70 a 80 letras por minuto;
 - 2) apresentam uma boa disposição geral da matéria na página, quanto à margem, abertura de parágrafos, títulos, cabeçalhos, etc.
 - 3) têm os movimentos desembaraçados e firmes;
 - 4) possuem boas normas e legibilidade quanto à formação de letras, regularidade nas letras e na inclinação; regularidade no espaçamento de sentenças, de palavras, de letras etc.
- Penne Cusack: — Como se ensina a leitura.
 Dottrens et Margairatz: — L'enseignement de la lecture par la méthode globale.
 Huey — Psychology and Pedagogy of Reading.
 Anderson — La lecture silencieuse.
 Labor — El Tesoro del Maestro. (vol. II).
 Charrier — Pédagogie Vécue. (vdl. II).
 Aguayo — A didática da Escola Nova.
 Aguayo — Pedagogia Científica.
 Claparède — Psicologia funcional.

Alberto Pimentel — Súmula Didática.

Faria Vasconcelos — Como se ensina a escrever.

Faria Vasconcelos — Como se ensina a ortografia.

Moore — The Primary School.

Lombardo Radice — Lecciones de didática.

Sara Bryant — Como contar histórias às crianças.

Chubb — The teaching of English.

Istel — Quelles histoires recontez vous à vos enfants?

Zilah Frola, Marieta Leite e Alaide Lisboa — A poesia na Escola Primária.

Anita Fonseca — Livro de LII (Manual da professora).

ARITMÉTICA E GEOMETRIA

Considerações sobre o ensino da Aritmética e da Geometria no curso primário

A Aritmética, se ensinada com o objetivo exclusivo de ensinar Aritmética, sem atender a necessidade reais e sem corresponder a situação que, de fato ou provavelmente, ocorrerão, não alcançará seu objetivo verdadeiro, que é ensinar ou auxiliar o aluno a estimar, medir, comparar, avaliar, calcular, tornando-o eficiente no uso e aplicação dos números.

Se tudo que nos cerca existe em alguma medida, torna-se necessário, para avaliar com exatidão, reconhecê-lo no seu aspecto de relação. Bastaria este fato para justificar o lugar da Aritmética num programa de ensino. Se, entanto, não são poucos os conhecimentos aritméticos adquiridos na infância e que, por falta de aplicação pouco duraram, deles restando a lembrança, muitas vezes amarga, de energia e tempo desperdiçados inutilmente. E costume dar aos alunos; por exemplo, o cálculo de juros, em qualquer prazo, a qualquer taxa, descurendo-se daqueles casos reais e atualmente mais usados. O aluno sabe aplicar muito bem a fórmula "cit100" e, contudo duvidará diante de uma caderneta da Caixa Economica, para calcular os juros de um semestre. Saberá resolver problemas a cuja redação se habituou na escola, com frações 57/123, 17/19, etc., e talvez se visse embaraçado se lhe dissessem: Volte daqui a três quartos de hora". Hábeis em problemas considerados difíceis, na escola, são os alunos, não raras vezes, incapazes de dizer, prontamente o tróco de uma compra ou interpretar uma pequena notícia de jornal, isto é, aplicar a aritmética aprendida na escola aos problemas corriqueiros de todo dia. E que entre a Aritmética da escola e a aritmética da vida levantou-se uma barreira, quando uma e outra deveriam ser a mesma. Tal não teria acontecido se os conhecimentos fornecidos pela Aritmética na escola tivessem sido aquê-

les que a própria vida exige dos indivíduos e nas situações que lhes são mais comuns, isto é, se a escola houvesse introduzido a Aritmética dentro de sua função natural.

As atividades dos próprios alunos, as atividades da classe, da escola, fornecem excelente material para o ensino dos números, especialmente no primeiro ano, quando a criança vai à escola com algumas experiências, bem ou mal definidas. Sabe dizer os nomes dos números — um, dois, três, quatro, cinco vinte e cinco, etc., mas aceitará, satisfeita, a troca de um níquel de Cr\$ 0,40 ou de uma pratinha de Cr\$ 0,50 por alguns níqueis de dez centavos, atraída pelo número de dez centavos, apesar da diferença de valor. Ao professor dos primeiros anos está reservada a parte mais delicada do programa. **Cumpra-lhe** oferecer aos alunos situações *oportunas, atuais*, em que os números entrem necessariamente, auxiliando-os na interpretação das mesmas e levando-os a formar imagens claras e definidas das relações numéricas.

Encontram-se facilmente alunos que sabem a técnica das operações, porque se habituaram a fazê-las. Não tão facilmente se encontram aqueles que sabem “quando” e “como” devem aplicar as operações, porque não lhes foi desenvolvida a capacidade para *compreender e interpretar* as diferentes situações, e nem a habilidade para empregar, selecionando, os seus recursos aritméticos.

Todo trabalho deve ser desenvolvido através de problemas que são situações significativas. Os problemas derivados de projetos ou atividades correspondem a fontes de interesse para a introdução do trabalho formal dos fatos aritméticos e processos Ex. Em uma classe, discutidos os meios para a exposição permanente de trabalhos dos alunos (composições, desenhos, gráficos, etc.) chegam à conclusão de que uma barra de pano satisfaria bem, porque, sem furar muito a parede, comportaria grande número de trabalhos, preso com alfinetes.

Qual seria então, a fazenda? Quantos metros bastariam? São questões que logo surgem. Calculadas as medidas, pelos próprios alunos, viram que 4 metros e 25 centímetros chegariam para uma parede, e 2 metros e meio para a outra. Escolhida a fazenda decidiram por uma de Cr\$ 1,60 o metro.

Quanto gastariam então? Necessariamente, este problema terá de ser resolvido. E, como a classe ainda desconhece a técnica da multiplicação decimal, é bem provável que o problema seja assim solucionado:

4 metros, a Cr\$ 1,60	Cr\$ 6,40
$\frac{1}{4}$ do metro	Cr\$ 0,40
4 metro e $\frac{1}{4}$	Cr\$ 6,80

2 metros	Cr\$ 3,20
$\frac{1}{2}$ metro	Cr\$ 0,80
2 metros e $\frac{1}{2}$	Cr\$ 4,00
	Cr\$ 6,80
	Cr\$ 4,00
	Cr\$10,80

Esta solução é uma contribuição valiosa à regra que elaboramos oportunamente.

Será fácil, depois desses dois problemas e de outros semelhantes, mostrar a multiplicação de 4,25 por Cr\$ 1,60. E de 2,50 por Cr\$ 1,60. Ou de 6,75 por Cr\$ 1,60. Compreenderão mais facilmente o processo da multiplicação de um número inteiro por um decimal. E as razões que a suportam. Aceitarão, racionalmente, o resultado “Cr\$ 6,80” e não o resultado “Cr\$ 680,00”; “Cr\$.. 4,00” e não Cr\$ 400,00.

4,25	4,25
1600	1600
-----	-----
2550	2550
425	425
-----	-----
68000	68000 etc.

Estes problemas e alguns outros semelhantes não serão, todavia, suficientes à resolução precisa da multiplicação de um número inteiro por um decimal. Mas o interesse despertado pelo problema, que foi realmente “um problema da classe” e que fez, por isso mesmo, um apelo à capacidade de pensar dos alunos, permite-lhes aceitar, de *boa-vontade*, os exercícios formais, necessários à fixação e à rapidez do processo.

A princípio, os problemas devem ser orais, com uma operação apenas, *faceis*. Depois, com duas operações e assim sucessivamente, acompanhando o desenvolvimento intelectual dos alunos e contribuindo para o mesmo.

Sómente quando o aluno reconhece no trabalho algum valor é que a ele se entrega interessadamente. Esse valor só poderá ser realizado através de situações que representem experiências suas. Problemas dessa natureza despertam o interesse para possuir os instrumentos necessários à solução. E, como o esforço é uma consequência natural do interesse, o aluno aceitará os exercícios formais, seriados, para ganhar o domínio sobre os mesmos. Depois de *com-*

prender, através de problemas, a formação dos números pela soma, subtração, multiplicação e divisão, isto é, depois de compreender que 5 mais 7 são 12, que 10 menos 8 são 2, que 5 vezes 4 são 20, que 21 dividido por 3 são 7, etc. por que não associar rapidamente esses resultados à indicação das operações chegando, pelo exercício, à automatização dos mesmos?

Toda dificuldade será pois, considerada como um problema. Vencida a dificuldade que o mesmo encerre e feita a verificação por meios objetivos, problemas adicionais serão dados. Em seguida, exercícios para maior precisão e rapidez.

O trabalho será enriquecido com problemas reais e atuais (especialmente nos primeiros anos), que decorram das experiências dos alunos, que os interessem, que os estimulem a raciocinar, que promovam associações úteis.

Os problemas trazem vida ao trabalho, quando bem aproveitados, além de fornecerem motivos para o estudo. Dão finalidade às operações, além de exercitarem as habilidades que desenvolvem nos alunos.

As situações problemáticas do momento, isto é, as atuais, aquelas que a criança vê, sente, vive, são as ricas para seu desenvolvimento. "Por que não levar o aluno a tomar nota de suas próprias despesas na escola ou mesmo fora da escola?" (Aproveitando sempre a oportunidade para desenvolver o julgamento do aluno e educá-lo. Estabelecendo confronto entre despesas feitas nos diversos meses ou semanas. Confronto entre despesas de um e outro aluno. Interessá-los pelas compras da escola. Pelas despesas gerais de classe. Problemas sobre horários. Problemas sobre a merenda. Sobre a alimentação racional. Sobre a frequência (percentagem de alunos frequentes em cada classe, na escola). Problemas sobre os resultados dos testes. Sobre o movimento da biblioteca (aquisição de livros, encadernação, caixas, manutenção da biblioteca). Movimento e vida do jornalzinho escolar, dos diversos clubes, grêmios ou associações, loja de fornecimentos, etc. Problemas derivados de notícias de jornais — comércio importação e exportação, população, anúncios, etc. etc." Em certa escola primária por iniativa de seu jornalzinho, resolveram os alunos fazer doação de uma casinha para os pobres, na Cidade Ozanam. Começaram com pequenas contribuições mensais, durante dois anos e terminaram com um festival que satisfaz plenamente ao móvel da iniciativa, além de permitir fazer outras doações a instituições de caridade. Jamais a Aritmética fôra tão vivida pelos alunos nessa escola. Eram os cálculos para conhecerem as contribuições mensais de cada classe, de todas as classes, quanto faltava para os Cr\$ 3.500,00 desejados. As medidas que sugeriam para levantar o ca-

pital mais rapidamente. Movimento de pequenas cifras de trabalhos. Os preparativos de ordem econômica para o festival, como: montagem de uma peça, fantasia para os alunos, requerimentos, impressão de programa, anúncios no mesmo, impressão de ingresso, etc., etc; levantaram problemas muito interessantes que não apenas revelam aos alunos o auxílio que a matéria lhes prestava nas diversas circunstâncias como contribuíam eficientemente para o seu desenvolvimento, em diversos aspectos — intelectual, social, cívico, religioso, moral. Os mesmos problemas, imaginados, não teriam despertado tanto interesse e nem provocado igual curiosidade intelectual. Contudo, os problemas não atuais não poderão ser exclusivos no trabalho. Outros tipos deverão ser introduzidos, além de outros exercícios para fixação e rapidez, jogos, etc., etc.

O interesse que se consegue através dos problemas, em cada caso particular, deve estender-se, de modo geral, ao conhecimento da disciplina, fazendo-se o aluno sentir a necessidade do auxílio da aritmética na solução dos problemas. E assim, a aprendizagem se tornará mais um trabalho de atrativos e satisfações do que propriamente um esforço obrigatório.

Em resumo: Todas as matérias oferecem farta contribuição para a tarefa importante do professor, que é a de desenvolver no aluno motivos fortes para ação que eleva, para a ação que dignifica. A aritmética aplicada à economia doméstica vem auxiliar a resolução de questões úteis presas à habitação, ao vestir, à alimentação, às distrações, à administração da família (rendas e despesas, gastos superfúos, etc.), etc., etc. Entre os motivos, encontram-se aqueles que se prendem à educação cívica do aluno — o estudo das manifestações da vida econômica: agricultura; mineração; comércio (de importação e exportação); comunicação; administração pública (da região, do município, do Estado, do País; os impostos, sem emprego); previdência social; finanças (a moeda, valorização, etc); etc. etc. Assim as questões presas à economia política e à ciência das finanças que podem ser facilmente interpretadas no curso secundário, onde encontram um lugar mais favorável para serem ventiladas, mas que devem ser iniciadas no curso primário, aproveitando o professor somente aqueles aspectos que possam levar à compreensão de algumas das condições natureza e constituição da Pátria, para formar no aluno o sentimento de responsabilidade e a mais perfeita consciência do dever.

O ensino da Geometria, como o da aritmética, deve ser vivo, prender-se às formas que se encontram no ambiente. Através de observações do meio, educar a vista do aluno para uma apreciação justa das formas. Partir da definição de corpo linhas, ângulos, etc., corresponderia partir das letras para se ensinar a leitura (processo que, dificilmente, garantiria o interesse dos alunos).

Partir, pois, dos objetos que cercam os alunos, compará-los, chegar, pela observação, ao conhecimento das diversas formas, parece o processo mais aconselhado. O fundamento do ensino da Geometria repousa em observações que permitem uma aplicação segura dos conhecimentos sobre formas dos corpos e sobre outras verdades que a matéria encerra. Assim iniciados os alunos poderão compreender, mais tarde, as relações causais entre as coisas e suas formas; e compreender como as formas das coisas estão adaptadas a um fim.

Os problemas da Geometria devem decorrer de circunstâncias reais; levar os alunos a atividades várias; levantar novos problemas; aumentar o círculo de experiências dos alunos.

O estudo da Geometria deve ser relacionado ao trabalho manual. Também ao trabalho agrícola, desenvolvendo-o sob a forma de "medida de terreno" (para o estudo das áreas).

No desenvolvimento do programa deve haver seqüência. As diversas partes que o formam devem suceder-se dentro de um encadeamento lógico e psicológico ao mesmo tempo, etapa por etapa, não permitindo lacunas e interrupções entre os diversos conhecimentos e nem mesmo longos intervalos sem aplicação da matéria já aprendida. Ainda que na seriação do programa certa matéria tenha sido desenvolvida, no princípio de um trimestre, não convém abandoná-la inteiramente, mas usá-la, fazendo aplicações diversas, seja o trabalho oral ou escrito. Não só os conhecimentos se tornarão mais precisos, como também a sua aplicação se fará mais fácil e inteligentemente.

Concluindo:

- 1 — Manter o interesse dos alunos durante todo o trabalho:
 - a) considerando as experiências como base;
 - b) escolhendo o material educativo dentro de necessidades reais.
- 2 — Atender às diferenças na classe:
 - a) questões mais difíceis para os mais desenvolvidos;
 - b) trabalho qualitativa e quantitativamente dosado.
- 3 — Exigir sempre exatidão nos cálculos (uma questão está certa ou errada).
- 4 — Garantir um contróle automático nos fatos fundamentais das quatro operações.
- 5 — Habituar o aluno a verificar seu próprio trabalho.
- 6 — Levar o aluno a colaborar na elaboração de regras e princípios.
- 7 — Verificar, periódicamente, o progresso dos alunos, tornando-os interessados pelos resultados.
- 8 — Desenvolver o cálculo mental.

- 9 — Desenvolver a capacidade para aplicar os conhecimentos.
- 10 — Desenvolver a capacidade para raciocinar e o hábito de raciocinar.

PRIMEIRO ANO

FEVEREIRO E MARÇO

Desenvolvimento da *noção* do número, *limitando* à dezena as primeiras experiências fazendo sentir o número em relações diversas, dentro de situações reais e atuais.

Aproveitar todas as ocasiões para fazer o aluno contar e sentir o número dentro de seu uso real. Durante o período destinado à Aritmética e em outros períodos, incluindo atividades fora da sala de aula, o professor encontrará oportunidades para resolver, com os alunos, pequenas situações que exigirão a contagem. Também pequenas somas e subtrações, dentro da primeira dezena (Contar meninos e meninas em pequenos grupos. Material para Aritmética e outras disciplinas. Livros da biblioteca. Os melhores trabalhos. Meninos para jogos, brinquedos. Atividades diversas. Frequência — alunos presentes e alunos ausentes. Dias que faltam para determinado fim, etc., etc., em problemas presos às atividades infantis). Os números, aprendidos pelo uso dos números e não pela memorização de símbolos numéricos, serão conhecidos como "núcleos de fatos". Assim: o número seis será igual a [|||||]; a [|||||]; a [|||||]; a [|||||]; a [|||||]; a [|||||]; etc., etc.

Tamanho, distância, disposição, forma. Tamanho: largo, estreito; grande, pequeno, comprido, curto, grosso, fino, etc. Distância: longe, perto, etc. Disposição: frente, atrás, em cima, em baixo; direita, esquerda, entre, etc. Forma: círculo, quadrado.

Série de números até 20 ou mais (de acordo com as experiências da classe).

ABRIL, MAIO E JUNHO

Contar em série — até 50 ou mais.

Compreender que as quantidades são avaliadas diferentemente: os ovos são contados; o leite é medido (litro); a fazenda é medida (metro); o açúcar é pesado (quilo).

Introduzir a dúzia.

Intensificar os exercícios (orais), dentro da primeira dezena em situações concretas, para melhor significação do número, resolvendo pequenas somas, subtrações, multiplicações e divisões decorrentes de problemas da própria vida escolar ou mesmo de fora da escola.

Uso e aplicação do número ordinal, até quinto. (Muitas atividades da classe exigem o número ordinal. Nos brinquedos: o primeiro o segundo, etc. Na leitura de fichas: ler a segunda fi-

cha, a quarta, etc. Nos resultados dos trabalhos: o primeiro lugar, o segundo, etc. Na interpretação das canções: o primeiro verso, o segundo, etc.)

Aumentar, gradativamente, a contagem, valendo-se do conhecimento da dezena e de situações sempre concretas. Usar o número até dez, ou pouco além, nos problemas orais, sempre de acordo com o desenvolvimento dos alunos.

Fatos fundamentais de soma, cujos resultados não passam além de dez. (Fatos fundamentais da soma são as somas de dois números simples: Ex: 3+2, 7+3, 4+4, 9+9, etc.)

Dar duas formas simultaneamente: 3 + 2 e 2 + 3, 5 + 1 e 1 + 5, 4 + 2 e 2 + 4 etc.

3	2	5	1	4	2	2
2	3	1	5	2	4	2
—	—	—	—	—	—	—

Subtrações correspondentes. Dos exemplos acima, são subtrações correspondentes, isto é, fatos fundamentais da subtração:

5	5	6	6	6	6	4
3	2	5	1	4	2	2
—	—	—	—	—	—	—

Para o aprendizado dos fatos fundamentais, são aconselhadas fichas de cartolina, de forma retangular, que têm, de um lado, o fato fundamental e, do outro lado, o mesmo fato fundamental com seu resultado.

3	3
2	2
—	—
—	5

Conhecer a moeda até cinquenta centavos, fazendo trocos.
Conhecer "metade" da quantidade e do número.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Contar até cem.

Contar até cem, de dez em dez.

Uso e significação do número ordinal, até décimo.

Soma de três números simples, limitando o resultado da soma a dez (revisão dos fatos fundamentais aprendidos).

Ex.:

3	5	8	2	4	1
1	2	1	3	2	3
2	1	1	2	1	4
—	—	—	—	—	—

Fatos fundamentais da soma (resultados além de dez).
Dar as duas formas simultaneamente.

Ex.:

3	8	6	9	3	7	9
8	3	6	3	9	8	9
—	—	—	—	—	—	—

Subtrações correspondentes (fatos fundamentais da subtração).
Ex.:

11	11	12	12	12	15	15	18
8	3	6	9	3	8	7	9
—	—	—	—	—	—	—	—

Problemas e outros exercícios com as medidas aprendidas. (Aproveitar, sempre que possível, situações atuais. Também situações não atuais, familiares, porém, aos alunos).

Problemas e exercícios com a moeda, até um cruzeiro. Conhecer a moeda até Cr\$ 1,00, fazendo trocos.

Problemas e outros exercícios, empregando "metade" e "dóbro". Aprender a reconhecer no relógio: hora de início dos trabalhos; do recreio; e da terminação dos trabalhos.

Montagem da "Loja Escolar".

A loja escolar é uma das instituições mais interessantes, neste período, porque conduz a atividades que trazem o número em uso *uso real*.

A loja deve funcionar na própria sala do primeiro ano para servir aos alunos mais facilmente e satisfazer, com o seu sortimento, às necessidades da classe; lápis, papel, cadernos, blocos, borracha, caixas de lápis de côr, etc.

Dois ou mais alunos serão incumbidos, por uma semana ou por dois ou três dias — conforme a orientação do professor — de efetuar as vendas. É aconselhado recir a escolha sobre um aluno adiantado e outro atrasado a fim de que o primeiro possa auxiliar o segundo. No fim do dia, deverão apresentar ao professor o movimento da loja.

Ex.:

1 bloco	Cr\$ 0,60
1 lápis	Cr\$ 0,30
1 caderno	Cr\$ 0,40
1 borracha	Cr\$ 0,10 etc.

Situações que podem surgir:

«Dar o trôco correspondente à venda de uma borracha (Cr\$ 0,10), pela entrega de uma pratinha de Cr\$ 0,50, ou de um níquel de Cr\$ 0,40, etc.

Por uma caixa de lápis de côr (Cr\$ 0,80), dar o trôco sobre Cr\$ 1,00.

Quanto cobrar por dois cadernos de Cr\$ 0,40 cada um?

Quanto cobrar pela venda de uma borracha de (Cr\$ 0,10) um bloco de Cr\$ 0,40 e um caderno de Cr\$ 0,20 ? E quanto dar o trôco recebendo Cr\$ 1,00.

O professor pede aos alunos meia fôlha de cartolina, 4 alunos querem comprá-la na loja da classe. Quando a loja precisa mandar buscar para vender?, etc., etc.

O professor deverá chamar a atenção para os problemas mais interessantes, os quais serão resolvidos pela classe ou então por grupos de alunos, conforme as circunstâncias do trabalho.

Há classes cujos alunos dificilmente poderiam adquirir seu material escolar. Neste caso, haveria a «loja de brinquedos», com material fictício, mas com moeda real (emprestada naturalmente), para efeito de aprendizagem.

Aprender a olhar a folhinha. Dia da semana, mês e dia do mês.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Continuar o trabalho com os números — em série e em grupos, ligado às atividades da classe.

Exercícios de contagem: de 10 em 10, até 100; 10, 20, 30, etc. De 5 em 5, até 50; 5, 10, 15 etc. De 2 em 2, até 20, 2, 4, 6, e 8 etc.

Aprender a olhar o relógio: horas e meias horas.

100 fatos fundamentais da soma e da subtração (tôdas as somas de dois números simples — desde 1 mais 1, até 9 mais 9, incluindo zeros e as subtrações correspondentes a essas somas.

Ex. : $7+9 = 16$; $9+7=16$; $16-7=9$; $16-9=7$. etc.

Conhecer a moeda até dois cruzeiros, fazendo trocos.

Ex.:

5	4	3	8
4	3	3	1
1	5	5	9
—	—	—	—

Pequenas somas de números compostos de dois algarismos (número simples na soma de cada coluna, separadamente).

Ex.:

22	32
13	14
11	13
—	—

Aplicação, em problemas, das medidas aprendidas.

Idem de «metade» e «dôbro».

No fim do primeiro ano, os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1 — Resolvem pequenos problemas relativos à «loja escolar» no primeiro ano.

2 — Resolvem pequenos problemas de uma operação sobre assuntos vários, presos às suas experiências.

3 — Lêem qualquer número de um e dois algarismos.

4 — Escrevem qualquer número de um e dois algarismos.

5 — Conhecem os cem fatos fundamentais da soma e da subtração.

6 — Fazem qualquer trôco sobre importâncias até dois cru-

7 — Reconhecem o círculo e o quadrado fazendo aplicações.

7 — Fazem qualquer trôco sobre importâncias até dois cruzeiros.

8 — Reconhecem o círculo e o quadrado fazendo aplicações.

SEGUNDO ANO

FEVEREIRO E MARÇO

Revisão: — Aplicar, em problemas e outros exercícios, a matéria estudada no primeiro ano.

Contar até 100 por 1, 5 e 10 (substituir a contagem objetiva do primeiro ano pela contagem simbólica).

Contar em série, indo além de 100.

Aplicação da numeração ordinal até décimo.

Exercícios orais e escritos com os fatos fundamentais da soma e da subtração, sob a forma de problemas.

Exercícios de cálculo mental, limitando o resultado a 18.

Somas de três números simples (revisão dos fatos fundamentais).

Somas de números compostos de dois algarismos.

Subtração de números compostos de dois algarismos.

Exercício de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitadamente, os alunos terão mais facilidade para aplicá-la, ligados no ensino das frações. No primeiro passo — compreensão

Exercícios, em problemas orais, com a moeda, até dois cruzeiros ou um pouco mais, se a classe permitir.

Problemas usando: — metro, meio metro; litro, meio litro, quilo, meio quilo; dúzia, meia dúzia; metade, dôbro.

Montar a «loja escolar».

(A loja não tem uma finalidade financeira. Como entre outros valores sociais está o uso mais fácil da moeda, é aconselhado manter a loja durante todo o segundo ano. Para aumentar o seu movimento e dar mais oportunidades à resolução de problemas, a «loja» poderá atender outras classes, havendo, neste caso, um horário especial para efetuar as vendas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Contar até 300 ou mais.

Introduzir a expressão «um quarto» nos problemas.

(No primeiro ano, tornaram-se os alunos familiarizados com a expressão «metades», resultante da divisão do objetivo ou grupo de objetos em duas partes iguais. É o passo inicial para compreender a fração.

A representação simbólica « $\frac{1}{2}$ » não será necessária nem ao primeiro ano e nem ao segundo. Assim também a representação « $\frac{1}{4}$ ». Mas, no terceiro ano, quando a forma gráfica será então associada à experiência que representa.

«Compreensão — notação — aplicação» — são três passos definidos no ensino das frações. No primeiro passo — compreensão — a fração será apresentada em situações reais, isto é, em situações em que ela é comumente usada. Ganna assim a idéia de fração, objetivamente, os alunos terão mais facilidade para aplicá-la.

Exercício de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 18.

Números romanos até XII.

Aplicação da numeração ordinal até vigésimo.

Somas de dois números (um composto de dois algarismos e outros simples).

Ex.: 13+5; 24+3; 12+4; etc

Limitar os exercícios àqueles casos em que o total não ultrapassa a década em que está o adendo maior. Não entrando, assim, casos como estes: 17+8; 19+4; 27+3; etc.).

Somas de números compostos. Introduzir a reserva (Limitar os resultados parciais a 18).

Subtração de números compostos (todos os algarismos do minuendo devem ser maiores que os seus correspondentes no subtraendo).

Formar, nos alunos, o hábito da verificação. Verificar a soma pela própria soma, feita em sentido inverso. A subtração, pela soma.

Introduzir a multiplicação (como um novo vocábulo para a soma de parcelas iguais). Continuar o trabalho iniciado no primeiro ano, contando de 2 em 2, de 5 em 5, de 10 em 10.

Multiplicação de dois números simples, sendo um deles, 2, 5, ou 3.

Dar os fatos fundamentais da multiplicação (multiplicação de dois números simples) e as inversões. Ex.:

8	2	5	3	7	2	
2	8	3	5	2	7	etc.
—	—	—	—	—	—	

São aconselhadas fichas de cartolina (ou outro material, de forma retangular), que tragam de um lado o fato fundamental, e do outro lado, o fato fundamental seguido de seu resultado.

8	4	32
—	—	—

Divisões correspondentes às multiplicações de dois números simples (fatos fundamentais da divisão).

Dos exemplos acima, são correspondentes:

16÷2; 16÷8; 15÷3; 15÷5; 14÷2; 14÷7 ou

16 2	16 8	etc.
———	———	

(A princípio, dar, ao mesmo tempo, a multiplicação e a divisão correspondente, para que as crianças verifiquem que o quociente é sempre um dos fatores).

Conhecer a moeda até dez cruzeiros.

Exercícios, em problemas, com as medidas aprendidas.

Triângulos e quadriláteros. (Reconhecimento e aplicação das formas geométricas: círculo, triângulo, quadrilátero).

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Ler e escrever números até 500 ou mais.

Contar de 2 em 2, começando de qualquer número (31, 33, 35, etc.; 28, 30, 32, etc.; 39, 41, 43, etc.).

Números pares e ímpares.

Subtração de números de dois ou três algarismos (casos em

que um algarismo no minuendo seja menor que o seu correspondente no subtraendo).

Ex.:

392	427
169	283
223	144

Exercícios com os cem fatos fundamentais da soma e da subtração para rapidez. Outros exercícios de cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 18.

Colunas de soma, com três números simples. (Usar todos os fatos fundamentais. E, de modo especial, os menos fáceis, como $8 + 9$, $6 + 7$, $5 + 9$, $8 + 7$, $7 + 9$, etc.).

Ex.:

7	2	4	5
2	3	4	3
7	9	9	7
9	11	13	12

Revisão dos fatos fundamentais da multiplicação, já estudados. Introduzir outros fatos fundamentais em que um dos fatores seja 4, 6, 8, 9. (Dar as duas formas simultaneamente).

Ex.:

6	4	8	6	9	7	
4	6	6	8	7	9	etc.
24	24	72	48	63	63	

Divisões correspondentes (fatos fundamentais da divisão).

Ex.: $24 \div 6$ e $24 \div 4$ são fatos fundamentais da divisão que correspondem aos seguintes fatos fundamentais da multiplicação: 6×6 e 4×6 . $48 \div 6$ e $48 \div 8$ e correspondem às multiplicações 6×8 e 8×6 .

(São aconselhadas fichas para o estudo dos fatos fundamentais da divisão).

24/6	24/6
—	—
4	4

Conhecer a moeda até Cr\$ 50,00. Dar, sem escrever a operação o tróco de qualquer importância sobre cinco cruzeiros.

Multiplicação de um número composto de dois ou três algaris-

mos por um número simples. A princípio, com produtos parciais simples. Depois, composto.

Ex.:

324	121
2	4
516	721
3	8
1548	729

Conhecer, no relógio, as horas e minutos.

Exercícios de cálculo mental, aplicando: metade, dobro, um quarto.

Aplicação, em problemas, das medidas aprendidas.

Aprender a ler o calendário: — dia, semana, mês, ano.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Ler e escrever números até 1.000 ou mais.

Contar de 2 em 2, de 10 em 10, começando de qualquer número (13, 23, 33, etc., 7, 17, 27, 37, etc.).

Algarismos romanos até XX.

Soma de dois, três e quatro números (de dois ou três algarismos), levando uma, duas ou três reservas (resultados parciais das colunas, separadamente, até 18).

Exercícios e problemas em que entre a subtração de números de dois e três algarismos. (Não incluir zeros no minuendo quando o correspondente, no subtraendo, não for zero).

Somas de números simples, para exercícios de rapidez.

Fatos fundamentais da divisão, inexas.

Ex.: $14 \div 3$, $17 \div 5$, etc..

Multiplicação de um número composto por um simples, incluindo zero no multiplicando.

Ex.:

205	308	607
3	5	4
615	1540	2428

Exercícios, em problemas, com metade, um quarto e dobro.

Conhecer a moeda até cinquenta cruzeiros.

Conhecer, no relógio, as horas e os minutos.

* * *

No fim do 2.º ano os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

1 — resolver pequenos problemas de uma ou mais operações e aplicam a matéria estudada;

- 2 — fazem qualquer trôco (sem escrever) até cinco cruzeiros;
- 3 — sabem olhar as horas no relógio;
- 4 — reconhecem a moeda até cinquenta cruzeiros;
- 5 — respondem aos fatos fundamentais da soma e da subtração, rapidamente;
- 6 — contam de 2 em 2, de 5 em 5 e de 10 em 10, começando de qualquer número;
- 7 — lêem e escrevem até mil;
- 8 — conhecem os fatos fundamentais da multiplicação e da divisão;
- 9 — têm ampliado o vocabulário aritmético e sabem usá-lo;
- 10 — reconhecem o círculo e o quadrilátero. Aplicam estas formas em seus trabalhos.

TERCEIRO ANO

FEVEREIRO E MARÇO

Revisão, em problemas, da matéria estudado no segundo ano. Outros exercícios para cálculo mental, usando a soma e a subtração e limitando o resultado a 20.

Contar, rapidamente, de 2 em 2 e de 10 em 10, partindo de qualquer número.

Contar rapidamente de 3 em 3.

Contar por centenas até mil ou mais.

Leitura e escrita de números até mil ou mais.

Números romanos até XX.

Uso da numeração ordinal até vigésimo.

Colunas de somas, de 3, 4 ou 5 algarismos. Resultados até vinte.

Exemplo :

3	6
4	7
8	6
5	—
—	—

Somas de números compostos (de dois ou três algarismos). Resultados até 20 nas colunas, separadamente.

Exemplo :

648	876
279	198
553	235
—	—

Subtração de números compostos (de dois ou três algarismos), incluindo casos como os exemplos abaixo :

250	275	147	127
120	173	85	59
—	—	—	—

Multiplicação de um número composto por um simples, incluindo todos os casos já estudados.

Divisão de um número composto (de dois ou três algarismos) por um simples (divisões parciais exatas e inexatas). Prova pela multiplicação.

$$128 \div 6 \qquad 261 \div 3 \qquad 145 + 5$$

Apresentação da forma simbólica da fração. (Se a fração não for apresentada dentro de uma situação real, isto é, em problemas expressivos para os alunos, será difícil que a compreendam. Vendo-a em sua *função verdadeira*, natural aprenderão a empregá-la).

3 1 1 (Aplicação em problemas trabalhando com

os meios, quartos e equivalentes *mais comuns*).

Prática com a moeda até cinquenta cruzeiros ou mais.

Aplicação das formas geométricas estudadas.

ABRIL MAIO E JUNHO

Aumentar, gradativamente, a leitura e escrita de números inteiros (de quatro e cinco algarismos).

Ler e escrever números, servindo-se de estatísticas, jornais, revistas e outras publicações.

Aumentar o estudo da numeração ordinal, gradativamente. (Alcançando um certo limite, os próprios alunos prosseguirão por si. Mostrar a aplicação do número ordinal nas classificações. Também substituído nestas, correntemente, pelo cardinal. Ex.: lugar "75" em vez de 75.º lugar. Lugar "82.º" em vez de 82.º lugar, etc.).

Continuação dos exercícios de contagem por unidades de 2, 3, 4, 5 e 10.

De 4: 4, 8, 12 40.

Cálculo mental em pequenas somas, subtrações, multiplicações e divisões, para revisão dos fatos fundamentais. (Interessar o aluno pela rapidez no trabalho, sem prejudicar a exatidão).

Números romanos até cinquenta.

Conhecer a moeda até cem cruzeiros ou mais. (Sempre de acordo com as possibilidades da classe).

Somas :

1) de números simples, não excedendo o resultado de 25.

Ex. :

8	9	6	8
7	8	9	7
9	6	8	5
—	—	—	5

2) de três ou quatros números compostos.

Ex. :

39,80	123	209	10,80
18,50	249	57	57,50
29,90	17	80	8,90
18,70	—	90	4,70
—	—	9	0,80

Subtrações de números compostos :

Ex. :

435	421	230	3007
287	385	128	2352
—	—	—	—
4029	5007		
1873	3089		
—	—		

Multiplicação de um número composto por um simples, introduzindo no multiplicando zeros intermediários.

Multiplicação abreviada por 10, 100, 1.000.

Divisão de um número composto por um simples (zero ou zeros no quociente).

Ex. : $2711 \div 3$ $3534 \div 5$ $1202 \div 3$

Ampliar o conhecimento das funções aprendidas, em problemas que exijam somas, subtrações, multiplicações e divisões. Cálculo mental.

Frações : $\frac{1}{2}$ $\frac{1}{4}$ $\frac{3}{4}$ e suas equivalentes mais comuns.

Exercícios e problemas com as medidas aprendidas, incluindo o decímetro e o centímetro.

(Não basta que os alunos saibam os nomes das medidas e seu valor. É preciso que formem idéias claras sobre as mesmas, o que será conseguido pela *prática do uso das medidas*, isto é, medindo, avaliando quantidades e verificando os resultados. Conhecer que o metro tem 100 centímetros é pouco. Ter uma idéia do comprimento de cem centímetros e saber “quando” e “como” utilizá-lo é o que se procura desenvolver).

Conhecer as horas, rapidamente, no relógio.

Introduzir a grossa.

Reconhecimento do retângulo, paralelogramo, losango.

Aplicação das formas geométricas, em desenhos, mapas, etc..

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Ler e escrever números até milhão. (Uso de estatísticas, jornais, gráficos, etc., relacionando as diferentes disciplinas).

Continuação dos exercícios de contagem. Contar de 5 em 5, partindo de qualquer número.

Ex. :

1, 6, 11, 16
3, 8, 13, 18
4, 9, 14, 29
7, 12, 17, 22, etc., etc..

Números romanos até cem.

Conhecer a moeda até Cr\$ 500,00 ou mais.

Problemas orais e escritos, com os fatos fundamentais das quatro operações, para maior rapidez.

Exercícios de cálculo mental, usando os fatos fundamentais das quatro operações.

Continuar o trabalho de somas e subtrações de números compostos, sem introduzir novas dificuldades. (Para rapidez na resolução dos casos em que se encontrem zeros e lugares vagos nas colunas). Limitar a trinta os resultados parciais nas colunas da soma.

Multiplicação de dois números compostos.

Introduzir novas etapas, como :

a) multiplicando terminado em zeros;

b) multiplicador terminado em zeros;

c) multiplicando e multiplicador terminados em zeros.

Divisão por um número composto de dois algarismos. (Dividendo e divisões que permitam encontrar o quociente, facilmente, pela aplicação dos fatos fundamentais da divisão).

Ex. :

$$2253 \div 50 \qquad 21045 \div 6 \qquad 276 \div 23$$

Frações ordinárias. Estender a aplicação e estudo das frações a terços e a quintos. Frações equivalentes *mais comuns*.

Frações decimais (utilizar-se das divisões do metro para facilitar a compreensão da vírgula decimal).

Equivalência entre 50 centímetros e meio metro. Equivalência entre 25 centímetros e um quarto do metro. Cálculo mental para resolver situações fáceis em que são usadas as frações. Reconhecer o valor de uma fração relativamente a outra. Reconhecer o valor da fração relativamente à unidade. Emprego da divisão do metro em problemas orais e escritos.

Ângulos (partir dos ângulos do retângulo e do quadrado. Passar aos ângulos dos outros quadriláteros e dos triângulos, para reconhecimento dos ângulos quanto à sua grandeza). Aplicação.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Aplicação, em problemas orais e escritos, da matéria estudada. Exercícios de soma, subtração, multiplicação e divisão de números inteiros, em problemas e isoladamente:

- atos fundamentais de todas as operações;
- somas em colunas de um algarismo (resultados até trinta);
- somas de números compostos;
- subtrações de números compostos;
- multiplicação e divisão dentro dos casos previstos no programa.

Conhecer a moeda até um conto de réis ou mais.

Conhecer a moeda até Cr\$ 1.000,00 ou mais.

Continuação dos exercícios de contagem, por unidades grandes (previstas no programa).

Prática, em problemas, com as medidas: metro, decímetro, centímetro, litro, meio litro, quilo, meio quilo, arroba, grama. Dúzia, meia dúzia; grossa.

Frações ordinárias. Continuar os exercícios orais e escritos com as frações mais usadas, em problemas, comparando-as, para que os alunos percebam não só sua significação, como o seu uso.

$\frac{1}{2}$	$\frac{1}{4}$	$\frac{3}{4}$	$\frac{3}{3}$	$\frac{2}{3}$	$\frac{1}{5}$	$\frac{2}{5}$	$\frac{3}{5}$	$\frac{4}{5}$, etc.
---------------	---------------	---------------	---------------	---------------	---------------	---------------	---------------	---------------	--------

Soma, subtração, multiplicação e divisão dessas frações, em problemas práticos, resolvidos intuitivamente, sem a preocupação de regras.

Exemplo :

Tenho $\frac{4}{5}$ de um boi. Vou reparti-lo entre 4 meninos. Que

parte darei a cada um ?

E se fôsse $\frac{3}{4}$ para 3 meninos ?

E — para 2 meninos ?

E — para 3 meninos ?

O professor pede, a cada aluno, $\frac{1}{3}$ de folha de papel, para desenhado. Dois irmãos quanto devem trazer ? etc., etc..

(São problemas cujos processos independem de regras para sua solução e que vêm alargar o conhecimento básico e necessário ao estudo das frações ordinárias. Aproveitar, de preferência, situações da própria classe, situações problemáticas *atuais*).

Decimais. Valer-se das experiências da classe com as medidas estudadas. (Tomar a altura dos alunos, peso, comparar distâncias, etc., etc., para melhor compreensão das frações decimais).

Linhas. Das figuras estudadas, passar às linhas reta e curva, fazendo aplicação. (Fazer observar como o jardineiro traça as linhas retas. O marceneiro, em uma construção. O pintor, etc.).

Diferentes posições das linhas retas, consideradas umas em relação às outras.

* * *

No fim do 3.º ano os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento :

1 — respondem aos fatos fundamentais de todas as operações, rapidamente;

2 — revelam interesse pela precisão no cálculo;

3 — fazem, no mínimo, duas leituras dos problemas com finalidades diferentes :

a) para compreender o problema;

b) para tomar os dados necessários à solução;

4 — sabem destacar, no problema, os fatos principais;

5 — resolvem problemas escritos, envolvendo os processos e noções estudadas;

6 — têm formado o hábito da verificação;

7 — revelam um cálculo mental mais desenvolvido;

8 — usam, em situações concretas, as medidas: metro, decímetro, centímetro, litro, meio litro; quilo, meio quilo. Dúzia, Arroba;

9 — sabem fazer qualquer trôco (sem escrever as operações) até dez mil réis;

10 — escrevem e lêem qualquer quantia até mil cruzeiros;

11 — escrevem e lêem números inteiros até milhões;

12 — escrevem e lêem números romanos até cem.

13 — interpretam e usam, nas diferentes situações, as frações: meios, quartos, léros, quintos e suas equivalentes *mais comuns*;

14 — compreendem o uso das frações decimais e sabem interpretá-las até centésimos. Reconhecem o valor de uma fração relativamente a outra. Reconhecem cinquenta centímetros e meio metro, assim como vinte e cinco centímetros e um quarto do metro como frações equivalentes e sabem aplicá-las;

15 — sabem somar números compostos;

16 — sabem subtrair números compostos (dentro dos casos previstos no programa);

17 — sabem multiplicar números compostos, mesmo quando há zeros finais no multiplicando ou multiplicador ou em ambos;

18 — sabem dividir um número composto por outro de dois algarismos (quando o dividendo e o divisor permitem encontrar o quociente pela aplicação dos fatos fundamentais da divisão);

19 — reconhecem os ângulos quanto a sua grandeza. Os triângulos. O quadrado, o retângulo, o paralelogramo e o losango. As linhas;

20 — sabem aplicar as formas geométricas estudadas.

QUARTO ANO

FEVEREIRO E MARÇO

Revisão, em problemas, da matéria estudada, incluindo números inteiros e fracionários.

Leitura e escrita de números inteiros, especialmente daqueles que trazem dois ou mais zeros (50, 010; 6.000.000.007; 507.035, etc.).

Leitura e escrita de números romanos até quinhentos.

Exercícios de cálculos mental, com números inteiros, até cem.

Multiplicação de números compostos, trazendo o multiplicador zeros intermediários.

Divisões mais difíceis.

$30456 \div 47$; $54431 \div 69$.

Divisão abreviada por 10, 100, 1.000.

Frações ordinárias. Ampliar o conhecimento das frações, em problemas que exijam aplicação da equivalência. Comparação das frações entre si e relativamente à unidade.

(Dar terminologia — numerador, denominador, frações próprias, frações impróprias, etc.).

Tratando-se de frações, procurar somente aquelas cujos denominadores são mais usados na prática. Compreendendo bem os meios, léros, quartos, quintos, décimos, etc., e as equivalentes *mais comuns*, os alunos serão capazes de resolver os casos de denominadores maiores que, por ventura, venham a sugerir-lhes.

Como no estudo dos números inteiros, a soma e a subtração de frações devem ser dadas simultaneamente.

Comparação entre meios, quartos, léros, sextos, etc., (cortando e medindo material), para compreensão da equivalência entre as frações.

Frações decimais. Emprêgo do metro e de sua divisão, em problemas orais e escritos. Equivalência entre as frações ordinárias e decimais :

$$\begin{array}{r} 1 \text{ e } 0,5; \quad 1 \text{ e } 0,25; \quad 3 \text{ e } 0,75 \\ \hline 2 \qquad 4 \qquad 4 \end{array}$$

Iniciar a construção de gráficos (aproveitar resultados dos trabalhos dos alunos e da classe, assim como material informativo para estudos).

Intensificar os problemas relativos à divisão do tempo (uma hora e 60 minutos; meia hora e 30 minutos; um dia e 24 horas; uma semana e 7 dias; um ano e 12 meses; trimestre, semestre, biênio, etc.).

Aplicação das formas geométricas estudadas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Leitura e escrita de quaisquer números e quantias.

Leitura e escrita de números romanos até mil ou mais.

Soma, subtração, multiplicação e divisão de números inteiros, em problemas orais e escritos. Outros exercícios para cálculo mental, usando números inteiros até cem.

Divisão por um número composto (introduzir novas etapas, como zeros no quociente — **intermediários e finais**).

$$180288 \div 36; \quad 2.410,00 \div 78; \quad 2312317 \div 38.$$

Frações ordinárias e números mistos. Problemas que podem ser encontrados, na prática, resolvidos pelo conhecimento das frações equivalentes. Divisibilidade por 2, 3, 4, 5, 9, 10.

Soma e subtrações, frações ordinárias.

Frações decimais. Atividade diversas em que os alunos possam ver a aplicação das frações decimais. Usar as medidas de comprimento: metro, decímetro, centímetro, milímetro. Introduzir o quilômetro. Comparação das frações entre si e relativamente à unidade.

Soma e subtração de frações decimais.

Gráficos — Interpretação e construção.

Aplicação das formas geométricas estudadas.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Leitura e escrita de quaisquer números e quantias.

Números romanos. Usar quando necessários. (Reconhecendo que a posição das letras afeta o valor do número como CD = 400 e DC = 600, os alunos poderão usá-los facilmente, lendo datas ou outro material).

Continuar a aplicação da matéria estudada referente aos números fracionários.

Multiplicação e divisão das frações ordinárias e decimais. (Escolher sempre as frações mais facilmente encontradas na prática e nas situações mais frequentes).

Multiplicação e divisão das frações decimais por 10, 100, 1.000.

Problemas abrangendo números inteiros, fracionários. Outros exercícios para cálculo mental, com os números inteiros, até cem. Com a moeda, até vinte cruzeiros.

Sistema-métrico. Continuar o estudo das medidas, iniciado no primeiro ano.

(Tomar dimensões. Registrar temperatura. Compra de material. Usar fichas individuais para registro de peso — por meio de gráficos — diferentes meses, — aumentos e baixas, etc., etc.).

Medidas de comprimento: metro, decímetro, centímetro, milímetro. O quilômetro, sua aplicação. (Aproveitar, por exemplo, os mapas rodoviários e o material usado nas estradas de ferro, em que as tabelas apresentam as distâncias quilométricas entre as cidades, etc., etc.).

O decametro e o hectômetro, mais conhecidos como 10 e 100 metros.

Medidas de peso: o quilo, o grama e suas divisões mais usadas.

Medidas de capacidade: o litro, múltiplos mais usados.

O metro quadrado e o metro cúbico. Sua aplicação.

O are, sua aplicação.

Problemas que a prática exige, sobre as diversas medidas. Áreas e volumes.

Conhecimento das medidas antigas ainda usadas entre nós, como o alqueire, a légua, a polegada.

Problemas sobre áreas (do quadrado, do retângulo e do triângulo).

Problemas sobre perímetro, especialmente do quadrado e do retângulo.

Reconhecimento do círculo, circunferência, raio, diâmetro. Aplicação das formas geométricas estudadas.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Aplicação de toda a matéria estudada. Visar, de modo especial, o cálculo mental (em operações correntes — com os números inteiros até cem. Com a moeda, até vinte cruzeiros).

Estudo da porcentagem e sua aplicação, (comissões, reduções, lucros e perdas, juros simples).

No fim do 4.º ano, os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1 — reconhecem o valor da aritmética nas relações particulares e comerciais;
- 2 — reconhecem o valor da "economia";
- 3 — sabem aplicar a aritmética na solução dos problemas que surgem em suas atividades;
- 4 — resolvem, com facilidade, os problemas mais comuns sobre compras, usando meios rápidos e econômicos os processos mentais;
- 5 — sabem dizer, rapidamente (sem escrever as operações), o trôco sobre qualquer importância até vinte cruzeiros; sabem calcular (sem escrever as operações) com os números inteiros, até cem;
- 6 — resolvem problemas escritos, envolvendo os processos e noções estudadas;
- 7 — não aceitam resultados absurdos, dos problemas que resolvem, porque são capazes de reconhecê-los através da interpretação das relações estabelecidas;
- 8 — têm bem formado o hábito da verificação e são capazes de usá-lo em todas as operações;
- 9 — possuem um controle automático de todos os fatos fundamentais;
- 10 — lêem e escrevem quaisquer números e quantias;
- 11 — sabem interpretar gráficos simples;
- 12 — fazem as operações de números inteiros, rapidamente;
- 13 — fazem problemas práticos sobre frações ordinárias;
- 14 — resolvem problemas práticos sobre frações decimais;

15 — resolvem problemas *práticos*, aplicando seus conhecimentos sobre: divisões do tempo; metro, decímetro, centímetro, milímetro; quilómetros; quilo, grama e suas divisões mais usadas; litro; metro quadrado e metro cúbico; are;

16 — sabem encontrar a área de salas, terrenos, etc., de forma quadrada, retangular e triangular;

17 — sabem encontrar o perímetro dos quadrados e dos retângulos;

18 — resolvem problemas *práticos* para encontrar a percentagem de um número, isto é, para conhecer comissões, abatimentos, lucros, perdas ou juros simples de certa quantia;

19 — sabem aplicar, em desenhos, mapas, etc., as formas geométricas estudadas.

BIBLIOGRAFIA PARA O PROFESSOR

Faria de Vasconcelos — Como se ensina a raciocinar em aritmética.

Faria de Vasconcelos — Como se ensina aritmética.

Alberto Pimentel — Súmula Didática.

Thornidk — A nova metodologia da aritmética. (Tradução de Anadyr Coelho).

Backhuse — A aritmética na escola nova.

Comas — Metodologia de la aritmética y la Geometria.

Adolfo Rude — El Tesoro del Maestro (volume IV — La enseñanza de las ciencias exactas y naturales). Tradução de Domingo Tirado y Ricardo Crespo.

Martel — Procédés du calcul rapide.

Grosurin — Méthodologie — enseignement de l'arithmétique.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

CAPITULO I

Pontos a considerar no ensino da Geografia

O ensino da Geografia na Escola Primária não tem como objetivo dar à criança o conhecimento de toda a matéria, o que não convém por dois motivos:

a) a matéria é vastíssima;

b) é mutável em seus fatos e localizações.

Assim sendo, o objetivo da Escola Primária ao ensinar Geografia à criança é torná-la um indivíduo capaz, de permanentemente,

compreender os fatos e relações geográficas, acompanhando-os em suas mutações e importância para a vida do homem. Em resumo, tornar cada aluno capaz de aprender inteligentemente os fatores geográficos, compreendendo-os em relação com a vida humana.

Este objetivo não foi e nunca será alcançado se nós nos preocuparmos apenas em *transmitir* conhecimentos geográficos.

Poderemos alcançá-lo, no entanto, se visarmos o desenvolvimento do espírito da criança, dotando-o de qualidades necessárias à compreensão geográfica.

Tais são:

A — Atitude geográfica.

B — Pensamento.

C — Capacidade de utilizar os instrumentos de estudo da matéria.

A) — *Atitude geográfica*: — O estudo dos fatos e localizações geográficas não é simplesmente especulativo. Tais fatos e localizações devem ser estudados pela relação que têm com a vida do homem, favorecendo ou dificultando sua atividade e, em qualquer caso, obrigando-o a pensar para melhor adaptação. Todos os grupos de homens constituídos em sociedade experimentam, em sua vida econômica, política, social e espiritual, efeitos do ambiente em que vivem. Os *fatos geográficos*, quando isolados da vida humana, carecem de importância vital. Ao passo que, estudados em relação a determinado grupo de homens, em ação favorável ou desfavorável, controladora de atividades, estimuladora do pensamento, os fatos geográficos assumem máxima valia para compreensão do homem em seu caráter, seus problemas e dificuldades, desenvolvimento e ação.

Ex.: — *Chuva* — A chuva é da experiência infantil.

Em geografia, a criança vai aprender a ver a chuva, não como um fato em si mesmo, mas sim, nos diversos aspectos de suas conseqüências para a vida: abundância, escassez, falta absoluta, fertilização do solo, necessidade para vegetais e animais, culturas, trabalho do homem para remediar sua falta, conseqüências financeiras, conseqüências na conduta social, enchentes, higiene, etc.

Assim, pode e deve ser estudada a chuva desde as primeiras aulas de Geografia, com observação no ambiente local. O estudo analítico do fenômeno, muito mais elevado e difícil, compete ao campo científico-natural, nos anos posteriores.

Ver os fatores geográficos sob esse prisma de *relação* com a vida humana é o que chamamos de *atitude geográfica*, atitude que a Escola Primária deve formar na criança.

B) — *Pensamento geográfico* — Este está diretamente ligado a atitude. Em sua educação e desenvolvimento visamos tornar a criança capaz de *descobrir, localizar e interpretar* relações geográficas. É o pensamento que a levará a meditar sobre a vida dos homens nas diferentes regiões do globo:

Onde vivem?

Como vivem?

Por que vivem assim?

Não se vai pedir à criança a interpretação de todas as relações geográficas; há muitas dificilmente perceptíveis. Outras, no entanto, pela sua influência em situações concretas da vida da criança e da comunidade, podem ser facilmente fixadas para interpretação e julgamento.

Por exemplo: — Diferença de preços entre produtos alimentícios próprios ou não da região: o peixe do mar, a banana brasileira e a maçã estrangeira.

Por ela preparamos o pensamento da criança para interpretação de relações mais complexas e menos concretas.

E por isso a formação do pensamento geográfico é básica, deve constituir nossa preocupação desde a primeira aula de Geografia, pois vai influir sobre todo o curso.

C) — *Utilização dos instrumentos de estudo*: — As realidades geográficas não podem ser diretamente observadas pela criança, exceto em casos de Geografia local. Uma professora não pode viajar, com sua classe, por toda as regiões que deve estudar.

Essas regiões chegam até nós através de documentos de pessoas que as viram.

Esses documentos constituirão, pois, instrumentos para o estudo da Geografia. São eles, principalmente:

- 1 — Textos.
- 2 — Mapas e plantas.
- 3 — Gráficos.
- 4 — Fotografias, gravuras, etc.

Quanto maior habilidade tiver o indivíduo em utilizar-se desses instrumentos mais apto está para colher dados de raciocínio e julgamento sobre regiões geográficas distantes.

• • •

Vemos, pelo que ficou exposto, que a Geografia não é, absolutamente, matéria de decoração pura; é, antes, de raciocínio e aquisição de hábitos, habilidades e atitude.

Exemplos: — O hábito de consultar o mapa; habilidade em interpretar uma legenda; utilização do raciocínio em julgar da im-

portância de uma estrada de ferro para a vida de uma região, atitude de justa compreensão para com as possibilidades brasileiras.

O desenvolvimento da criança na matéria deve, pois, ser medido, não só pelos conhecimentos que possui, mas também pelo desenvolvimento do raciocínio, hábitos e habilidades que adquiriu.

Seqüência

Assim, considerada, a matéria deve ser levada ao conhecimento da criança, coordenada de tal modo que conhecimentos, habilidades e hábitos anteriores preparem o espírito para a etapa seguinte. A falta de uma etapa vem, muitas vezes, prejudicar o resultado, como aconteceria se, em matemática, fôssemos ensinar a divisão a uma criança que não estivesse a par das operações de subtração.

Por isso, um programa completo de Geografia deve conter os seguintes aspectos: (*)

A — Geografia local.

B — Visão geográfica.

C — Geografia universal.

Inicia-se pela Geografia local, mais inteligível para o aluno considerando-se que:

1.º — A atitude de sentir os fatores geográficos em relação à vida humana só pode ser formada pela observação de fatos da vida da criança, da família e da comunidade onde ela vive.

2.º — O pensamento geográfico em sua base tem que jogar com dados concretos, observados pela criança, visto que ela ainda não é capaz de abstrações.

3.º — Os instrumentos de estudo de Geografia são símbolos dos quais é necessário que a criança aprenda a significação. Esta significação só será aprendida quando, de início, a própria criança faz ou acompanha a transposição da realidade para o simbolismo. (Quando, por exemplo, ela própria representa uma rua muito conhecida por duas linhas traçadas no papel).

Geografia local

É o estudo do ambiente natural em relação à vida da criança e da comunidade. Visa, não apenas a dar conhecimentos, mas principalmente ao início da formação do pensamento, atitude, hábitos e habilidades.

É maravilhoso notar que, onde quer que esteja situada a escola, encontram-se no ambiente os mesmos elementos que condicionam a vida do homem nas mais diversas regiões do globo.

(*) Branon — *The Teaching of Geography*.

Água — Solo — Clima — Vegetação — Rios — Vias de Comunicação — Animais — Povos vizinhos, etc.)

O estudo desses elementos em relação ao comércio, agricultura, indústria e outros aspectos da vida local — vem habilitar o aluno a compreender, mais tarde, a vida em todos os pontos do universo.

Essas relações, às vezes, são tão simples, que não nos lembramos de levar a criança a salientá-las, esquecidas de que cousas assim concretas, são indispensáveis para as primeiras generalizações e interpretações infantis.

Exemplo: — A Cidade X no Estado, não sendo, absolutamente, uma cidade industrial, mantém uma pequena fábrica de vinhos. Por que? Nesse porque é que está a essência do ensinamento geográfico.

A relação entre o cultivo da uva e a altitude elevada, qualidade especial do terreno, etc., da cidade X orientará o pensamento infantil, tanto mais se se fizer uma comparação com cidades vizinhas, onde não exista a indústria do vinho, a menos que a matéria-prima seja importada, o que já constitui nova relação geográfica digna de interpretação.

O maior valor da Geografia local está justamente na formação dessa base necessária ao bom desenvolvimento do espírito da criança.

Toda cidade, por pequena que seja, tem assim pontos de sua vida social e comercial unidos ao meio em relação facilmente observável pela criança. Numa, é o plantio do arroz ou do feijão; noutra, uma indústria de laticínios; noutra, ainda, a abundância de determinadas frutas, etc.

Visão geográfica

Traduzimos por "Visão geográfica" um trabalho interessante aconselhado por Branom e que vem favorecer o desenvolvimento gradual do espírito infantil no espaço, tomando elementos que estejam dentro de seu interesse e compreensão.

Por ela alimentamos a curiosidade infantil dando mais interesse à matéria; introduzimos o hábito e elementos de comparação; fixamos a idéia de relação entre o homem e o meio.

Um exemplo: a criança do sul do Estado, ao estudar sua localidade, fica sabendo donde lhe vêm as frutas, os legumes, o leite, etc., que servem à sua alimentação. Mas... o chocolate? Eis aí uma oportunidade. Contando à criança alguma coisa da cultura do cacau e das regiões em que ele vive, sem preocupações com sua localização exata, dar-lhe-emos idéia da existência de outros homens, com vida um pouco diferente da nossa, vida condicionada a um ambiente também diferente do nosso.

Muitos trabalhos de visão geográfica podem ser feitos durante o estudo da Geografia regional. A maçã pode constituir outro tema interessante para esse trabalho.

Donde vem? Por que é tão mais cara do que a nossa laranja e a nossa banana?

Por que não a plantamos também? (referência à cidade de Maria da Fé) poderíamos produzi-la em larga escala? Por que?

Esse trabalho não pressupõe o conhecimento detalhado de nenhuma região, mas visa apenas a dar à criança a idéia da vastidão do mundo com a diversidade de seus ambientes naturais e da vida de seus habitantes.

A pecuária, tão desenvolvida a Oeste, será assunto de *visão geográfica* em muitas escolas do Estado, ao passo que a cultura da mamona interessará, do mesmo modo, a outras escolas.

Não só em questão de alimentação, mas também em objetos familiares à criança, encontramos assuntos interessantes: vestimenta, brinquedos, objetos escolares, etc.

Assuntos de visão geográfica não constarão de nosso programa. Devem vir incidentalmente, de acordo com interesse e oportunidades diversas reveladas em classe.

Geografia regional

O trabalho anterior prepara a criança para a Geografia regional que é o estudo detalhado e aprofundado de uma região geográfica. Deve começar, naturalmente, pelo Estado de Minas e, dentro deste, pela região onde está situada a escola. Os aspectos mais importantes da vida social, econômica e política do Estado devem ser compreendidos pela criança em sua relação com a localização, clima, solo, vegetação, etc.

A Geografia regional continua no 4.º ano, com o estudo do Brasil em seus Estados e regiões mais importantes e interessantes, e influência que exercem na vida do País.

O Brasil como unidade geográfica e política é compreendido em suas possibilidades, problemas e dificuldades — intercâmbios e ligações estreitas entre os Estados.

Geografia universal

Finalmente estudar-se-á o mundo como um todo. Estudando-se os países mais interessantes pela importância, relações amigáveis, políticas e comerciais que mantêm com o Brasil. Deve ser firmada na criança a atitude simpática para com os povos estrangeiros, pela compreensão de seus problemas e dificuldades.

Definir o papel do Brasil no mundo e do indivíduo no Brasil.

A seqüência das regiões a serem estudadas, quer no Estado, no País ou mundo, faz-se de acordo com a sua importância e interesse da classe. Faz-se ainda aproximando-se as regiões semelhantes ou contrastantes.

Assim, compreendido o grande desenvolvimento de uma região fertilíssima, mais de pronto sentirá a criança os problemas e dificuldades de outra em que faltem elementos naturais, que fazem o valor da primeira.

É assim que, a cada estudo terminado, mais apto se acha o aluno a dominar a matéria.

CAPITULO II

Métodos e processos

Desde que o ensino vise ao desenvolvimento do espírito infantil deve abolir completamente a decoraçào de pontos feitos pela professora ou extraídos de compêndios. Esses serão substituídos por diversas fontes de informações, organizadas pela professora em colaboração com a própria classe e acompanhando o desenrolar do estudo.

Ex.: livros, revistas, jornais, fotografias e gravuras, mapas e plantas, (depois de feito o trabalho inicial de interpretação) informações de pessoas, relatórios de excursões, prospectos de propaganda, gráficos, palestras da professora e de alunos, pequenos museus, etc.

A fixação na memória da criança de dados básicos para raciocínio e — julgamento, será auxiliada com notas tomadas por ela própria. Cada aluno lerá, portanto, o seu caderno de notas de Geografia, onde serão escritos resumos de aulas e consultas diversas, relações numéricas, listas de nomes, soluções de problemas e dificuldades, etc., etc.

A apresentação da matéria pode ser feita por meio de projetos, problemas, centro de interesse e outros processos comumente utilizados em nossas escolas.

Convém notar, no entanto, a excelência da aplicação do problema no desenvolvimento do raciocínio geográfico. O *porque* explícito ou implícito em todo problema mostra sempre, no problema, geográfico, a relação entre o homem e o meio, o que constitui a própria essência da Geografia.

O problema pode existir por si só ou aparecer dentro de um projeto, centro de interesse ou qualquer aspecto do trabalho.

Exemplos de problemas geográficos:

1.º — por que nossa cidade (B. Horizonte), tão mais nova do que Sabará tem maior desenvolvimento? (G. local);

2.º — por que o E. de Minas, tanto ou mais rico que o E. de S. Paulo, tem menos comércio que este (G. regional);

3.º — por que os E. U. da A. do N. tornaram-se um país de grande desenvolvimento agrícola? (G. universal).

Convém atentar que o problema é problema em relação ao indivíduo, isto é, é problema quando estabelece no espírito um estado de dúvida que leva o indivíduo o pesquisador, raciocinar e chegar a conclusões. É por isso que o problema deve ser estabelecido no início e não no fim de qualquer estudo. Estabelecido no final do trabalho, ele pode tornar-se em simples pergunta cuja resposta a criança encontrará elaborada, bastando consultar sua memória ou seu caderno de notas.

O problema pode partir da criança ou ser sugerido pela professora. Num e noutro caso, porém, compete à professora, se necessário, formulá-lo em termos claros e precisos, bem defini-los em seu objetivo e assim mantê-lo à frente da classe até que sua solução seja encontrada.

Há problemas que ficam resolvidos em uma aula; outros em uma semana; outros, em 15 dias; outros há, ainda, que ocupam a classe durante mais tempo: são problemas grandes, inclusivos e que muitas vezes devem ser subdivididos em pequenos problemas, tentantes, todos eles, a armarem o aluno de soluções parciais que o habilitarão a resolver o *grande problema*.

Esses, sem dúvida, exigirão treino da classe, treino que só pode ser adquirido na resolução de problemas anteriores, mais fáceis e menos amplos.

O ponto capital na aplicação de problemas e que valoriza todo o método é a atividade mental da criança.

— Podemos focalizar no seguinte ponto a sua maior dificuldade: — orientação do raciocínio pela professora.

Para o adulto, é mais fácil estudar, pensar sozinho, tirar conclusões e, depois, transmiti-las a 30 ou 40 cabeças simplesmente receptoras, do que despertar neles interesse e atividade, colocar ao seu alcance material informativo acessível a valioso e, ainda, guiar, pouco a pouco, o raciocínio mal treinado dos 8 ou 10 anos até uma conclusão satisfatória dentro do gosto da criança e satisfatória dentro da verdade.

Mas que diferença de resultado. Num caso os alunos ganharam (?) conhecimentos mortos, prontos a lhes varrerem da memória. No outro, os fatos foram aprendidos como indispensáveis à resolução do problema vivo e interessante. Adquiriram hábitos de raciocínio, de estudo, interpretação, observação, familiarizaram-se com livros, mapas e gráficos, gravuras e retratos.

Fixemos, portanto, um ponto, a *solução do problema deve ser encontrada pela criança e não recebida diretamente da professora.*

O trabalho desta será mais sutil e, sem dúvida, mais valioso: velar pela seleção e complemento das fontes de informação que a criança consultará; dar um ao outro conhecimento necessário e que não possa ser encontrado diretamente pelo aluno; por meio da palestras e ilustrações corrigir erros de raciocínio, zelando para que o pensamento da criança não se desvie; estar alerta para que o interesse se mantenha; fixar os problemas e sua solução, uma vez que esta seja encontrada pela classe.

A aplicação do método problema em Geografia é fácil. Não há dúvida que a professora pode melhorar, com sua prática e estudo, sua técnica de aplicação: selecionando melhor os problemas, formulando-os de modo mais claro e interessante, orientado o raciocínio da criança, colocando-lhe em mãos fontes de imaginações suficientes e inteligíveis, etc.

No entanto, o método de problema em Geografia dará sempre resultados mais apreciáveis do que métodos tradicionais e passivos desde que seja orientado por professora criteriosa, embora não muito conhecedora de sua teoria...

Queremos dizer, com isso, que todas as professoras podem e devem iniciar a aplicação de alguns problemas geográficos, sem esperar que tenhamos larga literatura sobre o assunto.

Alguns problemas bem escolhidos e orientados concorrem para estimular o interesse, unificar a matéria, estabelecer relações com outras matérias do programa, dar significação a hábitos e habilidades, treinar o raciocínio, fixar fatos e fatos geográficos, etc.

Basta a atitude de reunir ao trabalho, que era inteiramente da professora, a atividade mental e manual da criança para alcançarmos resultados mais satisfatório e perdurável.

CAPÍTULO III

Iniciação na interpretação do mapa

Como vimos, a interpretação de mapas e plantas bem como o hábito de sua utilização constituem objeto imediato no ensino da Geografia.

Esse trabalho deve começar a ser feito no 2.º ano primário pelos seguintes motivos:

- a) o estudo da Geografia local oferece grandes oportunidades para a transposição imediata da realidade para o símbolo;
- b) o trabalho do 3.º e do 4.º já vai exigir, desde o início, o manuseio constante e inteligente de mapas;

c) a criança de 2.º ano primário já tem capacidade de observação e experiências suficientes para realização do trabalho com orientação da classe e não da professora de trabalhos manuais.

Nunca devemos permitir que a atenção se desvie da *representação de realidades geográficas*, para desenhos, coloração, etc. Apresentar, de início, uma planta da cidade, completa e muito bem feita, pela professora, é desviar a significação do trabalho.

A iniciação da criança à interpretação de mapas é, sem dúvida, trabalho delicado, pois pode desviar-se para a exigência da decoração deste Programa. O trabalho de fazer a criança guardar de memória toda a planta local seria não só difícil mas também inútil.

Mapas e plantas não constituem fins em si mesmo, mas sim instrumentos para o estudo da Geografia, e, como instrumentos da criança que deve ficar inteirada de sua significação como representação de coisas reais, de seu valor e do modo de melhor utilizá-los.

Como não é nosso objetivo que a criança traça de memória nenhuma planta, *não devemos* exigir dela:

- a) traçado sem observação anterior imediata e sem orientação da professora;
 - b) localização de fatos e coisas em plantas mudas;
 - c) interpretação de plantas sem legenda;
 - d) localização de minúcias com exigências de precisão;
 - e) traçado, de memória, de pontos distantes da escola;
 - f) representação perfeita de realidades difíceis para a criança.
- Devemos orientar o trabalho de modo a que possamos pedir a criança:

- a) que reconheça a sua escola, sua casa e as de alguns colegas, alguns edifícios dos arredores, desde que tenham sido localizados por ela própria, em classe;
- b) que, na planta feita pela sua classe e acompanhada da respectiva legenda e denominação de ruas e praças seja ela capaz de indicar trajetos conhecidos;
- c) que, utilizando-se da legenda, seja capaz de ler mapas simples, embora desconhecidos.

São esses os principais pontos a serem alcançados.

A iniciação da criança na interpretação de plantas pode seguir, mais ou menos, as seguintes etapas, com a colaboração dos alunos (as etapas aqui discriminadas não se referem a aulas; cada etapa poderá tomar uma ou mais aulas conforme a necessidade da classe):

- 1 — Excursão ao redor da escola. Em papel colocado no chão da sala, traçam-se em correspondência com a realidade, os trechos das ruas entre as quais está situada a escola. Frente, costas, direita, esquerda.

2 — A professora, em casa ou na escola, cobrirá a lápis forte esses primeiros traços, tornando-os bem nítidos. Assim nítido, mas sem modificações, voltará à classe para ser continuado o trabalho.

3 — Localização de residências de alunos que fiquem no trecho já traçado. Escolha de sinais diferentes para representação de casas de residências e de outros edifícios.

4 — Excursão aos arredores. Traçado dos trechos das outras ruas que rodeiam a escola. Localização de alguns edifícios e residências de alunos aí compreendidos. Existindo, nesse trecho, alguma praça, jardim, etc., o seu traçado será feito depois de muito bem observada a realidade, o que se torna fácil pela proximidade da escola. Não se exigem da criança minúcias de perfeição.

5 — Como da primeira vez, a professora fortalecerá os traços sem desmerecer ou modificar o trabalho. Qualquer modificação corretiva deverá ser feita pela classe, apelando a professora para a observação da criança.

6 — Excursão aos arredores. Traçados de mais alguns trechos de ruas ao redor da escola. Determinação de pontos de referência: jardins, edifícios, praças, monumentos, etc. Casas de alunos e edifícios públicos. Discussão de trajetos da escola à residência de alunos e a edifícios públicos.

7 — A planta cresce para localização de mais alguns edifícios e casas dos arredores. Pode ser passada para um papel maior ou, então, ajudada pela classe, a professora colocará folhas de papel ao traçado já feito para a criança sentir a necessidade de "crescimento" da planta.

Nota — No decorrer do trabalho precedente, a professora deve ter levado a criança a ler a parte traçada com a significação dos sinais empregados. (Ex.: as crianças representarão suas casas por rodinhas, os edifícios públicos por quadrados, a praça por um triângulo, etc. É preciso que as pessoas que não fizeram o trabalho possam compreendê-lo. Dai a necessidade de uma explicação na própria planta. E as crianças escrevem:

- O — residências de alunos.
- edifícios públicos.
- + — igrejas, etc.

Depois de feito o trabalho, dará a professora o nome técnico: legenda.

8 — Discussão e indicação de vários trajetos: caminhos a pé, do bonde, em automóvel, etc.

9 — Crescimento da planta com mais trechos de ruas vizinhas, com localização de casas, edifícios públicos, igrejas, etc.

10 — Os pontos de referências serão substituídos por nascente, poente, norte, sul, orientada para a realidade a observação da criança.

11 — Faz-se a passagem do plano horizonte (chão) para o vertical (parede ou quadro negro). Notar a localização do norte na parte superior do mapa.

12 — A planta poderá crescer, assim, tendo a escola como centro e traçada pela classe, a critério da professora, sendo como limite os seguintes pontos:

a) não devem ser tomados para serem traçados pela criança trechos demasiadamente difíceis nem tão distantes da escola que não permitam observações diretas.

b) a criança já deve ter-se identificado como a significação da planta, tomando-a como representação de uma realidade e pronta a acompanhar o seu desenvolvimento, embora já não feito por ela mesma.

Atingindo esse ponto, o trabalho poderá ser continuado da seguinte maneira:

13 — Tomando como base o trabalho já feito, a professora continua o traçado, auxiliada pela classe e fazendo a criança compreender o seu crescimento, em primeiro lugar, para a localização de pontos interessantes:

- a) para a escola: residências de alunos, de professora, de pessoas conhecidas da classe, papelarias, livrarias, etc.;
- b) para o bairro em geral: edifícios importantes, igrejas, linhas de bonde, praças, canais, etc.

Para essa segunda parte, a professora se orientará pela planta oficial da localidade.

Nota — Já não se exige mais que o traçado seja feito pelo aluno.

14 — Assim traçados os arredores da escola, o bairro pode ser colorado sobre a planta oficial da localidade. Deve ser mostrada a localização da escola em relação ao centro da cidade.

15 — Excursão a um ou mais pontos altos para uma vista geral da cidade. Determinação de nascente, poente, norte, sul.

16 — Estudo na planta oficial, com legenda, para reconhecimento de pontos importantes para a cidade em geral: mercado, igreja-matriz, correio, telegrafo, etc. (Para utilização da planta com esse fim, a professora copiará a planta oficial, em decalque e ponto grande, desprezando minúcias, isto é, tudo o que não tenha interesse nem para a escola em particular, nem para a cidade em geral).

Os arredores da cidade podem ser tratados com seus pontos pitorescos e conhecidos: montes, chácaras, bosques, caixas d'água, matadouro, campo de futebol, bairros, etc.

17 — Uma vez bem conhecida e bem interpretada a planta da cidade esta pode ser localizada no mapa do Município. Para isso, a planta da cidade já conhecida pela criança é, em miniatura (tamanho proporcional) feita pela professora, colocada em um mapa do Município. A professora fará a criança tomar parte na sua localização, valendo-se de pontos de referência conhecidos e orientação: norte, sul, leste, oeste.

18 — Localizam-se, então, os pontos interessantes para o Município em geral, a saber:

- a) Municípios vizinhos;
- b) vias de transporte para Municípios vizinhos;
- c) fonte de água;
- d) campos de cultura;
- e) fábricas;
- f) acidentes geográficos: rios, lagos, montanhas;
- g) fazendas de cultura e criação;
- h) fonte de energia elétrica, etc.

Finalizando esse trabalho, o mapa já deve ser um instrumento inteligível e familiar à criança.

Nos lugares pequenos, procura-se para localização tudo aquilo que possa interessar à classe e que seja conhecido de todos: um pequeno trilho, uma casa de comércio, a residência da professora, etc.

Uma vez feito esse trabalho inicial, o mapa deve constituir objeto de manuseio constante do aluno (Município, Estado, Brasil, mundo).

Ele esclarece situações, põe em evidência relações geográficas, fixa fatos e fatos.

Devemos ter cuidado ao exigir da criança mapas traçados de memória. A princípio, é preferível que o contorno seja decalcado para servir à localização e estudos diversos. Não exigiremos, também, mapas muito minuciosos nem muito enfeitados, mais demonstrativos de habilidades em desenhos do que compreensão geográfica. Aos muitos bonitos, preferiremos sempre os mais reais. Não é objetivo da escola primária fazer cartógrafos.

No fim do curso primário, é preciso apurar que a criança tenha relativa facilidade para representar, em linhas gerais, o contorno do Estado de Minas e do Brasil com suas divisões, localizações e aspectos geográficos mais interessantes.

Ela deve, no entanto, ter adquirido a habilidade de interpretar qualquer mapa de regiões distantes e mesmo desconhecidas, utilizando-se da legenda.

CAPÍTULO IV

História

O ensino da história tem como objetivo focalizar a relação entre o passado e o presente, mostrando como este é uma consequência daquele e contém em si traços deixados pelas gerações precedentes.

O aprendizado inteligente da história requer raciocínio e requer, ainda, uma capacidade de aprecepção que a criança não tem, quando entra para a escola.

Essa capacidade de aprecepção vai formar-se nos primeiros anos da escola primária e da sua formação dependerá a compreensão o sentimento a serem adquiridos para com os homens e fatos do passado.

É por isso que o ensino da história não começa com o passado, que pela sua própria natureza escapa à observação infantil, mas começa com o presente num movimento para o passado mais próximo à criação no tempo e no espaço.

Esse método, chamado método regressivo, deve ser usado até que a criança tenha formada a sua concepção de tempo e possa seguir inteligentemente a ordem cronológica indispensável para a boa compreensão dos fatos históricos.

Assim, o 2.º ano pode dedicar-se à história da localidade, iniciando-se, mesmo, pelo passado da própria escola. É esse o passado mais próximo e, por isso, mais inteligível para a criança.

O 3.º ano estudará a história de Minas, ainda num movimento regressivo do presente para o passado e mesmo sem aprofundar muitos fatos como Tiradentes e Bandeirantes e que só poderão ser perfeitamente compreendidos no 4.º ano onde devem ser respeitados, focalizando-se sua importância na história pátria.

O 4.º ano deve já ter formado sua capacidade de aprecepção e pode, portanto, seguir o desenrolar dos principais fatos da história pátria dentro de sua ordem cronológica para o devido relevo das relações de causa e efeito.

A relação entre o que foi e o que é deve ser localizada a todo momento, pois o movimento do passado para o presente, e vice-versa, constitui o próprio método de estudo de história, um tornando o outro mais compreensível e apreciável.

Não podemos compreender bem o presente sem conhecimento do espírito e ação dos homens que nos precederam. As suas atividades concorreram para que fôssemos o que somos e devem ser assim interpretadas, não apenas no setor político, mas também no campo das ciências, literatura, artes e tudo o que tenha concorrido para o progresso da humanidade.

A par da história política, o conhecimento das descobertas científicas, dos progressos industriais, da vida dos grandes homens da Ciência e da Arte vem dar à criança maior compreensão do mundo atual, apreciação favorável às passadas gerações e maior senso de responsabilidade para com a sociedade e a Pátria.

CAPÍTULO V

Cronologia

O estudo da história no 4.º ano visa dar à criança idéia dos fatos históricos mais importantes, seus antecedentes e conseqüências. Para isso, é necessário que seja salientada a ordem cronológica.

Isto não quer dizer que devamos exigir do aluno decoraçãõ profusa de datas, mas sim que õe saiba colocar cada fato em seu período próprio dentro da história pátria para compreensão real de suas causas e efeitos.

Aconselha-se a feitura de um quadro sinótico que fixe as principais datas e períodos históricos.

Iniciado com a data do descobrimento, pode ir-se completando de acõrdo com o progresso da classe no domínio da matéria.

Esse quadro, mantido na sala de aulas, servirã ao aluno para constantes consultas, auxiliando seu raciocínio e fixaçãõ, evitando os deploráveis anacronismos tão comuns em nossas escolas.

Os grandes dias da Pátria, com seus grandes vultos e grandes feitos, podem ser levados ao conhecimento da criança pequena desde que lhe sejam relatados aspectos de acõrdo com seu interesse, gõsto e compreensão.

A criança do 1.º ano ouvirã com prazer, no dia ou na véspera da data comemorativa, o relato do descobrimento do Brasil, desde que lhe seja feito em seus aspectos de maior emoçãõ, de mais graça e sentimento patriótico.

Através de poesias, lendas, narrações simples, a criança se prepara para participar das comemorações cívicas, educando-se no sentimento de respeito e admiração para com homens e fatos dignos e no sentimento de dever para com o presente e o passado da Pátria.

Jã no 3.º e 4.º anos, muitas dessas comemorações podem servir de ponto central para estudo aprofundado e devidamente localizado no tempo e no espaço, da Geografia e História Pátria.

Estabelecido e justificado, como ficou que não devemos iniciar o ensino da Geografia no 1.º ano, õeste programa inicia o trabalho no 2.º ano com uma recapitulaçãõ e fixaçãõ de experiências colhidas no ano anterior.

Além da elaboraçãõ de tãdas as disciplinas e atividades para o enriquecimento de experiências da criança, o programa de Ciências Naturais, no 1.º ano, contribui especialmente para õsse enriquecimento.

No desenrolar do trabalho a professora terá despertado e atendido à curiosidade da criança pelo meio ambiente, pelos fenômenos naturais, pelos fatos e cousas da vida social.

A maioria dõesses conhecimentos interessa diretamente à Geografia.

Mezmo que não tenha sido salientado o seu aspecto geográfico, a experiência foi adquirida e será fácil à professora do 2.º ano retomã-la e desenvolvê-la.

Isto significa que, embora não tenhamos programa de Geografia prõpriamente dita no 1.º, a criança traz para o 2.º ano experiências que servirãõ de base para todo o trabalho prõ-geográfico e iniciaçãõ geográfica.

Beiz aproveitadas essas experiências, õeste programa será facilmente vencido.

SEGUNDO ANO

Experiências gerais

1 — Trabalho prõ-geográfico.

O trabalho prõ-geográfico tem por fim estabelecer certas noções que se relacionam diretamente com a geografia. A criança tem sempre noções sãobre os elementos que a cercam na natureza, e sãobre a relaçaõ das coisas no seu ambiente. Essas podem ser correlatas, mas geralmente, não sãõ; pelo que se torna necessãrio à professora conhecê-las para fixar as verdadeiras, corrigir as falsas e formar as indispensãveis ao trabalho que vãõ empreender.

Atividades:

a) conhecimento das experiências de cunho geográfico adquiridas pelas crianças em sua vida de família, brinquedos, leituras e atividades no ano anterior. Fazer a criança contar o que sabe ou pensa sãobre: calor do sol — luz — frio — chuva — rios — plantações — vida animal;

b) correçãõ dessas experiências. Por meio de palestras observações e material ilustrativo, corrigir as experiências, destruindo concepções errõneas e firmando as exatas;

c) coordenaçãõ e fixaçãõ de experiências geográficas comuns a tãda a classe e levando a conclusões simples sãobre relações entre o homem e o meio ambiente:

1 — Plantações:

- a) influência da água, da luz, do ar. Conseqüência da falta desses elementos. Prejuízos que adviriam para os plantadores;
- b) solo — bom para as plantações, mau. Necessidade de trato;
- c) diferença entre plantas nativas e de fácil cultivo e outras de cultivo mais difícil. (Visão geográfica);
- d) algumas plantações mais comuns na localidade;
- e) valor de determinadas plantas. Sua existência na alimentação da criança ou dos animais;
- f) observações no jardim e horta da escola; terreno, adubação, trato, água.

2 — Verificar a noção que as crianças têm da origem dos produtos de alimentação: legumes, frutas; as diversas farinhas; e leite e seus derivados; carnes, banha, etc.

3 — A mesma coisa da origem da matéria-prima usada na feitura do vestuário, como lã — algodão — seda; calçados; chapéus, etc. Ideias sobre os processos por que passam para tomarem o aspecto que apresentam.

4 — Conhecimento da origem da matéria-prima usada no fabrico de brinquedos como bolas de borracha, bonecos de celulósido, de massa, de louça; brinquedos de metal, como carrinhos, aparelhinhos, etc.

5 — Outras experiências cujo contacto com a criança desperte alguma relação de cunho geográfico interessante para a criança.

Planta:

1 — Iniciação à interpretação do mapa. Localização da escola (Ver Capítulo III).

História: — A escola; nome; fundador; citação de fatos interessantes de sua vida presente e passada; valor; eficiência da escola. Exemplo. Alunos residentes na localidade.

SEGUNDO PERIODO

ABRIL, MAIO E JUNHO

A cidade:

- 1 — Orientar as observações dos alunos nas idas e vindas para a escola. Terrenos incultos. Praças, jardins, hortas, etc.
- 2 — Lavoura local. Trabalho do homem; processo da adaptação para aproveitamento do meio. Valor econômico e social.
- 3 — Animais úteis existentes na localidade: Criação. Trabalho do homem.
- 4 — Indústria principal da localidade. O porquê de sua existência. Notícia de outras indústrias.

5 — Comércio local. Sua dependência da indústria e agricultura locais. Comparação de preços de cousas comuns. Baixas e altas de preços em épocas diferentes do ano. O porquê. Comparação com produtos não naturais à localidade. (Visão geográfica).

6 — Interdependência das diversas atividades humanas. Comércio, agricultura, indústria, profissões liberais, etc., com observações na vida local.

7 — Progresso da localidade. Dificuldades e possibilidades.

8 — O que determina a atividade predominante da vida da cidade: se industrial, agrícola, oficial, intelectual (ex.: Juiz de Fora, Ponte Nova, Belo Horizonte, Ouro Preto, etc.).

Plana:

1 — Localização de pontos importantes para a cidade.

História

1 — O Governo da cidade. Autoridades locais Prefeitura, impostos e benefícios. Diferença entre ambiente natural e o ambiente aproveitado modificado pelo trabalho do homem.

2 — O nome da cidade. Origem. Fundadores. Beneméritos. Pessoas das cidades ligadas aos primeiros habitantes. Lendas e fatos interessantes. Estudo mais pormenorizado de uma data local e sua comemoração. Traços deixados por homens ilustres: casa de saúde, escolas, indústrias, embelezamento, etc.

TERCEIRO PERIODO

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

O Município

1 — A cidade como um todo e seu município. Lugares em que a cidade se abastece de viveres: carne, leite, legumes, cereais, ovos, frutas, etc.

2 — Abastecimento de água. Energia elétrica. Esgoto, etc.

3 — Causas de insalubridade fatores de salubridade.

4 — Necessidades não satisfeitas diretamente pelo próprio Município. (Visão geográfica).

5 — Conhecimento, localização e valor dos principais acidentes geográficos dos Municípios: rios, elevação de terrenos, planícies, baixadas, etc.

6 — Síntese do ambiente natural: clima, solo, estradas, rios montanhas, etc.

7 — Melhoramentos e aproveitamento do ambiente natural pelo homem. Progresso. Possibilidades. Dificuldades. Problemas locais,

8 — Indústria — Motivos de sua localização. Relações entre o solo e sua produção.

9 — Comércio — Suas relações com o solo, indústrias e lavouras.

10 — Intercâmbios e ligações no Município e com Municípios vizinhos. Vias de comunicações, Meios de transporte. Correio, Telégrafo, Telefone, etc.

11 — Vida social e cultural: escolas, associações, museus, bibliotecas, diversões. Os jornais do Município, etc.

Planta:

1 — Continuação — Localização de pontos importantes para o Município em geral — Municípios vizinhos.

História:

1 — O Município e sua história. Os filhos mais notáveis da terra. Antepassados. Sentimento de família. Idéia da terra natal. Idéia e sentimento de pátria. Bandeira Nacional.

QUARTO PERÍODO

OUTUBRO E NOVEMBRO

Região do Município:

1 — Cidades vizinhas da sede escolar. Informações sobre elas, meios de comunicação, produção, mineração, lavoura, vida dos habitantes, casas de ensino, etc.

2 — A região onde está situada a sede escolar. Características principais: clima, produções, comércio, etc.

3 — Cidades principais da região.

4 — Rio principal — Outros acidentes geográficos dignos de nota.

5 — Ligações entre as cidades da mesma região.

6 — Vida de seus habitantes.

7 — Progresso. O trabalho do homem no aproveitamento do ambiente natural: lavoura, criação, mineração, indústrias, comércio, etc.

8 — Situar e localizar a região no mapa de Minas.

9 — O progresso da região — fruto do trabalho e da inteligência.

NOTA — Utilização freqüente e orientada do mapa de Minas.

História:

1 — Conhecimento da vida e obra de homens ilustres ligados à região.

2 — Pequenas histórias e biografias relativas às grandes invenções influenciadoras do progresso humano. Transporte — a estrada de ferro, o automóvel, a navegação, etc.

A luz elétrica — Edson — Histórico da iluminação.

Descobertas influenciando na saúde e felicidade do homem. O telefone, o rádio, etc.

Histórico dos meios de transporte.

Atividades:

Entre as atividades indicadas para o 2.º ano algumas são indispensáveis como o próprio objetivo da matéria demonstra. Outras podem ser escolhidas pela professora de acôrdo com os interesses e possibilidades da classe. Todas elas concorrem para aquisição de conhecimentos, hábitos e habilidades necessários. Devem ser *levados a efeito ligados* ao desenrolar do assunto.

1 — palestras das crianças relatando aos colegas experiências próprias;

2 — experiências com grãos (feijão, milho) para demonstração da influência dos elementos: a luz, a água, o calor;

3 — excursões com objetivos bem definidos e relação imediata com o estudo. Ex.: para confecção da planta; para conhecimento da lavoura local; para reconhecimento de acidentes geográficos, etc.;

4 — álbum, contendo gravuras, composições, notícias, desenhos, fotografias, sobre:

a) a vida da escola;

b) fatos, cousas e homens da localidade e do Município;

c) cousas e fatos sobre as relações entre o Município e o Estado;

5 — planta da localidade (Ver Capítulo III);

6 — testes de interpretação de trechos simples de plantas e mapas desconhecidos com utilização da legenda;

7 — confecção de gráficos sobre diversos aspectos da vida local;

8 — dramatizações;

9 — organização de notas sobre os principais animais se plantas locais; animais e plantas existentes na localidade, já como resultado da atividade humana;

10 — organização de pequeno museu local (Geografia, História);

11 — auditório sobre os estudos da localidade;

- 12 — cadernos individuais para apontamentos;
13 — jogos;
14 — canto, poesias, etc.

TERCEIRO ANO
HISTÓRIA DO BRASIL
PRIMEIRO PERÍODO
FEVEREIRO E MARÇO

1 — Governo de Minas, como é organizado. Governador e Secretário da Educação atual.

2 — Fatos mais importantes da vida de Minas e governos em que ocorreram, ex.: mudança da Capital, reforma do ensino por João Pinheiro, a Revolução de 1930.

3 — Mineiros que tenham elevado o nome do Estado:

- a) na administração;
b) na ciência;
c) nas letras e artes;
d) na indústria.

SEGUNDO PERÍODO
ABRIL, MAIO E JUNHO

1 — A Capital — Localização — Notícia sobre o seu progresso.

2 — Como, quando e porque foi mudada a Capital.

3 — Ouro Preto, antiga Capital. Suas riquezas.

4 — Situação do Brasil no tempo de esplendor de Ouro Preto. Brasil Colônia — Descobrimento. Tiradentes. (Ligeiras notícias sobre estes fatos). — Comemoração em 21 de abril.

TERCEIRO PERÍODO
JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

1 — Extração do ouro. Pedras preciosas em Minas.

2 — A razão de ser do nome de Minas Gerais.

3 — Os bandeirantes.

4 — Cidades contemporâneas de Ouro Preto: Mariana, Sabará, Caeté, Santa Luzia, São João del-Rei: Pitangui, Barbacena e Diamantina.

QUARTO PERÍODO
OUTUBRO E NOVEMBRO

1 — Conjunção Mineira. Seus vultos principais.

2 — Ouro Preto com antigo centro de cultura. Obras de arte. O Aleijadinho.

3 — Ouro Preto de hoje. Monumento nacional. Turismo.

TERCEIRO ANO
GEOGRAFIA
PRIMEIRO PERÍODO
FEVEREIRO E MARÇO

O estudo das zonas:

- a) aspectos interessantes da vida nas diversas zonas mineiras;
b) causas básicas de progresso; relação com o ambiente natural;
c) comunicação entre elas;
d) o meio físico e a delimitação, situação e denominação das zonas;
e) contribuição de cada zona para a vida social e econômica do Estado.

SEGUNDO PERÍODO
ABRIL, MAIO E JUNHO

1 — Principais acidentes geográficos:

a) o rio São Francisco: navegação — influência na região e no Estado.

Aspectos interessantes da vida dos habitantes da região. A pesca;

- b) o rio Doce;
c) o rio Grande;

2 — outros acidentes geográficos — relação com a vida no Estado;

3 — estâncias hidrominerais — influência na economia e desenvolvimento geral do Estado. Referências a estâncias nacionais e estrangeiras (visão geográfica).

TERCEIRO PERÍODO
JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

1 — A lavoura:

a) cultura do café e do algodão em Minas; vantagens; trabalho que oferece ao homem no plantio, na colheita e nas fábricas;

- b) a cultura do milho, da mamona e do arroz;
 c) a cultura das frutas: banana, laranja, abacaxi, pera, etc.;
 2 — a pecuária;
 3 — outras produções do reino vegetal, mineral, animal;
 4 — principais indústrias; centros industriais e sua vida;
 a) o ferro; a siderurgia em Minas; Sabará, Monlevade, etc.;
 b) o ouro. Morro Velho, Passagem, etc.;
 5 — o Estado como um todo: síntese do seu clima e produções principais; possibilidades que oferece ao trabalho do homem; climas extremos;
 6 — comércio interno e externo; comunicação e transporte.

QUARTO PERIODO

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1 — Minas no Brasil. Localização. Estados limítrofes. Minas como Estado Central.
 2 — Zona brasileira em que está situado o Estado:
 a) maiores produções. Possibilidades que oferecem aos seus habitantes;
 c) Estados que a compõem.
 3 — Estudo desses Estados em suas produções, comércio, indústria, clima, etc., estabelecendo-se comparação entre eles.
 4 — Comunicação e relação com o resto do país (visão geográfica).

QUARTO ANO

GEOGRAFIA

PRIMEIRO PERIODO

FEVEREIRO E MARÇO

- 1) As outras zonas brasileiras. Estados que as compõem. Desenvolvimento. Possibilidades de contribuição para a riqueza nacional.
 2) O Brasil como um todo;
 a) localização — Países limítrofes;
 b) as grandes bacias fluviais;
 c) as principais serras do sistema orográfico brasileiro: Influência na vida do país;
 d) clima. Recursos naturais — Fontes de reserva: minério, águas, matas, etc.

SEGUNDO PERIODO

ABRIL, MAIO E JUNHO

- 1) As grandes produções brasileiras:
 a) o café, a cana de açúcar, o algodão, os cereais, o fumo, as frutas, a borracha, o cacau, a mamona, plantas diversas, madeira, etc.;
 b) o ouro, o ferro, o manganês, o petróleo, o sal;
 c) o gado — outras produções animais;
 2) Possibilidades econômicas do País e do brasileiro.
 3) Os grandes problemas do Brasil: combustíveis, siderurgia, meios de transporte, desenvolvimento da produção e saúde, etc.
 4) Formação de atitude de patriotismo pela compreensão desses problemas, das dificuldades, possibilidades e objetivos do Brasil. Colaboração com os dirigentes do país.
 5) Localizar o Brasil na América e a América no mundo. Continentes e oceanos. O globo terrestre. (Visão geográfica).

TERCEIRO PERIODO

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

- 1) O Brasil — Intercâmbio e relações com o resto do mundo. Países com que mantém maior comércio e relações de amizade.
 2) Portos brasileiros.
 3) Litoral, seus habitantes. Característicos e modos de vida.
 4) Países que formam a América do Sul. (Referências especiais à Argentina e ao Uruguai).
 5) Países que formam a América do Norte (Referências especiais aos Estados Unidos).

QUARTO PERIODO

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1) Europa. Países que a compõem. (Referências especiais à Itália, Alemanha, Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Holanda).
 2) A Ásia (Referências especiais ao Japão e Síria).
 3) Formação de atitude compreensiva para com os povos estrangeiros pelo conhecimento de seus problemas e dificuldades.
 4) Notícia da vida em pontos da terra e de característicos especiais — nos desertos, dos lapões, dos esquimãos, etc.
 NOTA — Os países estrangeiros devem ser estudados em seus característicos principais, localização, relações com o Brasil (itinerário de comunicação e transporte: mar, terra, ar) — A seqüência

será feita de acôrdo com as outras matérias do programa, coordenação do trabalho e interêsse da classe.

QUARTO ANO

HISTÓRIA DO BRASIL

PRIMEIRO PERÍODO

FEVEREIRO E MARÇO

- 1) Notícia das grandes navegações realizadas sobre o patrocínio dos países europeus.
- 2) Descobrimto do Brasil. Os primeiros habitantes.
- 3) Formação do povo brasileiro. Influência indígena, européia e africana.
- 4) Brasil colônia. Notícia das formas de governos experimentadas.
- 5) A catequese e os jesuítas.

SEGUNDO PERÍODO

ABRIL, MAIO E JUNHO

- 1) A obra de Nassau.
- 2) Bandeirantes. Movimentos nativistas.
- 3) Felipe dos Santos — Tiradentes — A Inconfidência.
- 4) D. João VI no Brasil.
- 5) A Independência. Pedro I. A regência.
- 6) Pedro II.

TERCEIRO PERÍODO

JULHO, AGÓSTO E SETEMBRO

- 1) Caxias e a unidade nacional. Os grandes vultos militares da Guerra do Paraguai.
- 2) Abolição.
- 3) Proclamação da República.
- 4) Fatos; presidentes e outros vultos nacionais do Brasil republicano:
 - a) Saneamento da Capital Federal. Osvaldo Cruz.
 - b) Integração do território nacional. Rio Branco.
 - c) Conferência de Haia. Rui Barbosa.

5) Os poderes constituídos. Respeito às leis. Unidade nacional. Bandeira e Hino Nacionais. Armas da República.

QUARTO PERÍODO

OUTUBRO E NOVEMBRO

- 1) A revolução do Outubro.
- 2) O atual Presidente da República.
- 3) Constituição de 10 de novembro de 1937. Estado Novo.
- 4) Vultos contemporâneos.
- 5) Grandes homens da humanidade e seus grandes feitos. Influência na vida contemporânea.

NOTA: — 1) No 4.º ano, a História do Brasil deve ser estudada em seus fatos principais, em ordem cronológica, desde o descobrimento até os dias atuais, salientando-se as relações de causa e efeito — Aconselha-se a confecção de um quadro sinótico.

2) Durante o desenrolar do programa devem ser estudadas a vida e obra de grandes homens, salientando-se a influência que tiveram em sua época e a repercussão de seu valor na vida nacional e universal.

Eis porque essas biografias não devem limitar-se a resumos, mas sim devem abranger o homem e seu tempo, em seus aspectos mais interessantes e significativos.

Não importa que sejam longas, pois não se destinam a serem memorizadas, mas sim a serem sentidas, interpretadas e comentadas.

Através delas, muitos fatos históricos serão conhecidos e beneficiado o caráter infantil.

SUGESTÕES

Colombo — Vasco da Gama — Caramuru — Nóbrega — Anchieta — Nassau — Fernão Dias Pais Leme — Felipe dos Santos — Tiradentes — Pedro II — José Bonifácio — Feijó — Mauá — Caxias — Princesa Isabel — Patrocínio — Carlos Gomes — Deodoro — Benjamin Constant — Floriano Peixoto — Bilac — Campos Sales — Joaquim Nabuco — Saturnino de Brito — Santos Dumont — João Pinheiro — D. Silvério — Pasteur — Edson — Marconi — Curie — Graham Bell — Stevesson — Gutemberg, etc.

Atividades para o 3.º ano e o 4.º:

- 1 — Excursões.

- 2 — Confecção de álbuns sobre fatos históricos e geográficos em estudo: desenhos, fotografias, recortes, gravuras, mapas, gráficos, notícias, literatura. (liendas, poesias, descrições, etc.).
- 3 — Interpretação de mapas, gráficos e gravuras sobre regiões em estudo.
- 4 — Organização e uso de museus.
- 5 — Confecção (com o auxílio da professora de trabalhos manuais) de trajos, paisagens, modelos representativos de realidades geográficas e históricas.
- 6 — Dramatizações (fatos históricos e geográficos).
- 7 — Confecção de pequenas biografias.
- 8 — Traçado simples de mapas — (Estado — País).
— Preparo de programas para auditórios e comemorações.
- 10 — Organização de fichas como fontes de informações: recortes de jornais e revistas, trechos de livros, resumos de aulas e leituras, etc.
- 11 — Plantações — Cultivo de algumas plantas básicas na alimentação humana — Horta.
- 12 — Confecção de gráficos.
- 13 — Contos — poesias.
- 14 — Jogos.
- 15 — Clubes.
- 16 — Viagens simuladas.

BIBLIOGRAFIA

- Proença — Como se ensina Geografia.
- Dantin Cereceda — Como se ensina a Geografia.
- Delgado de Carvalho — Metodologia do ensino geográfico.
- Gibbs — La enseñanza de la Geografía.
- Estêvão Pinto — O ensino da Geografia em seu aspecto metodológico — Boletim de Educação (Pernambuco — março de 1933).
- Contribuição ao ensino da Geografia — Revista Brasileira de Pedagogia — março de 1938.
- Alpera — Geografia.
- Pedro Chico — Metodologia de la Geografía.
- Parker — Como se debe estudiar la Geografía.
- Dantin Cereceda — Evolution y concepto actual de la Geografía.
- Aguaya — Didática da Escola Nova.
- Chasteau — Lições de Pedagogia.
- Richard — Seyber — Práticas escolares.
- Fernando Sainz — El método de proyectos em las escuelas rurales.
- San Juan — Como se ensina a história.
- San Juan — Como se ensina a história.

- Lavisce — La enseñanza de la historia.
- Jónatas Serrano — Como se ensina a história.
- Jónatas Serrano — Método da história nas aulas primárias.
- Alpera — História.
- J. Fuster Garcia — Didática de la historia.
- Silvio Rabelo — A representação do tempo na criança.
- Delgado de Carvalho — Geografia humana: Política e Economia.
- Aroldo de Azevedo — Geografia humana.
- Erico Veríssimo e Acuarone — Geografia humana.
- Herbertson — Geografia humana.
- H. Van Loon — O mundo em que vivemos.
- H. Van Loon — América.
- Anibal Amorin — Viagens pelo Brasil.
- Alfredo Ellis (Júnior) — Geografia Superior e Estatística.
- Jean Brunhes — Géographie humaine.
- Wahin — Usos e trajos de todos os povos do mundo.
- Orlando de Carvalho — O Rio da Unidade Nacional (S. Francisco).
- Jónatas Serrano — História do Brasil.
- Dr. Diogo Vasconcelos — História da Civilização Mineira.
- Lúcio José dos Santos — História de Minas Gerais.
- Schass e Rude — El Tesoro del maestro — Tomo III — Labor, S.A.
- Branon — The teaching of Geography.
- Fairbanks — The real Geography and its place in the school.
- Autores para consultas — Oliveira Lima — Rocha Pombo — Veiga Cabral — Gilberto Freire — Alberto Tórres.

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

INTRODUÇÃO

A Educação Cívica visa a formação da consciência patriótica e reclama, cada dia, mais, a atenção da escola.

Na formação dessa consciência compreendemos o conhecimento do Brasil e a prática dos atos necessários ao seu engrandecimento.

A Educação Cívica é um aspecto particular da educação em geral no sentido em que procura harmonizar os indivíduos com os ideais nacionais.

Assim como a Educação Moral forma o homem, a Educação Cívica — para o cidadão — diz-se que a educação Cívica não prescinde da Educação Moral visto que esta e a base em que aquela prescinde da Educação Moral e Educação Cívica processam-se, pois, juntamente.

A Educação Cívica compreende uma parte informativa — instrução — e outra formativa — desenvolvimento e prática das virtudes morais e cívicas.

Parte formativa

A parte formativa compreende a formação de carácter e o cultivo das qualidades de um bom cidadão. Far-se-á em qualquer momento, através de todas as actividades escolares. O seu programa não está contido apenas na parte formal da Educação Cívica, mas também difundido nos programas das demais disciplinas do curso.

A Educação Moral atua sobre a conduta para modelar o carácter. É necessário deixar manifestar-se a natureza infantil para que, conhecendo-a, o professor possa conduzi-la, desenvolvendo o que nela há de bom e reprimindo o que há de mau: dar à criança ocasiões várias de agir para que ela sinta a satisfação do bem ou o desconforto do mal; oportunidades para discernir entre o que é ser corajoso ou fraco, leal ou desleal, honesto ou não.

A escola deve ter em vista formar hábitos e atitudes, incutir ideais e cultivar qualidades e virtudes cívicas, bem como mostrar ao educando o valor da organização, cooperação e solidariedade para o progresso do País e solução dos seus problemas. Bom cidadão não é aquele que apenas sabe o que é bom e direito, mas o que age bem e conscientemente.

O civismo deve ser tomado em sentido duplo; no do conjunto das qualidades necessárias ao bom cidadão e no de amor à Pátria. São as pequenas responsabilidades da vida escolar que levarão o aluno a assumir mais tarde as responsabilidades ou os encargos da vida cívica; é pela colaboração constante na escola que irá realmente colaborar como membro da sociedade.

Dêsse modo, cabe ao professor ajudar o aluno em aula, no recreio, no auditório, e em outras oportunidades, a desenvolver idéias e qualidades pessoais de retidão, honestidade, veracidade, obediência, perseverança, coragem, responsabilidade, ordem, trabalho, controle próprio, etc., e sociais de cooperação, justiça, lealdade, comando, respeito à outrem, etc.

As comemorações de carácter cívico, solenes ou não, os instantes consagrados ao culto da Pátria, as homenagens aos vultos nacionais, o estudo dos principais fatos históricos, as formaturas, as demonstrações, as excursões, as viagens, as festas nacionais, o culto à Bandeira, as de lendas, os hinos e canções patrióticas, as narrações e outros meios escolares são ótimos ensaios para o desenvolvimento do civismo.

Um dos meios mais eficientes de que a Escola dispõe para promover a educação moral e cívica é a

SOCIALIZAÇÃO

- A formação do carácter e o desenvolvimento do civismo fazem-
- a) Auditórios.
 - b) Comemorações de datas nacionais e locais.
 - c) Festivais.
 - d) Hora cívica.
 - e) Clubes e grêmios diversos ou organizações congêneres (de Leitura, Ciências, Geografia e História, de Música, de Horticultura, etc.
 - f) Escotismo.
 - g) Jornal.
 - h) Conselho (forma simples, adaptada à escola primária).
 - i) Jogos esportivos.
 - j) excursões.
 - k) Biblioteca.
 - l) Museu.

Parte informativa

O educando vai adquirir a parte informativa através do estudo do programa de instrução cívica. Esta é útil porque esclarece a ação. O conhecimento dos direitos e deveres auxilia o indivíduo a cumprir esses deveres e a usar esses direitos. Por si só, porém, não garante ação eficiente e própria. Esta requer prática, exercício em ocasião específica para formação de hábitos. O ensino formal falha, quando os hábitos correspondentes não forem adquiridos.

O programa de Educação Cívica indica o conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir, quanto à organização política do País, suas leis (Constituição e outras), poderes constituídos, etc. conhecimentos esses que o levarão a melhor compreender os seus direitos e deveres relativos à Pátria, e a agir de conformidade com eles. Serão matéria do 3.º ano e do 4.º.

É evidente que no curso primário o professor não pode nem deve aprofundar os assuntos do programa de Educação Cívica, nem exigir que os alunos façam um estudo completo de todas as questões, mas sim, que adquiram noções elementares, ao alcance de sua compreensão, sobre os diversos pontos apresentados.

PRIMEIRO ANO E SEGUNDO

De acôrdo com o Capítulo anterior, no 1.º ano e no 2.º o trabalho de Educação Moral e Cívica é de natureza prático-formativa.

Compreende a iniciação e o cultivo dos hábitos, atitudes e ideais necessários ao aluno, em suas relações com a família, a escola e a sociedade.

Essas práticas e virtudes morais e cívicas serão desenvolvidas no decorrer do curso primário, e constituirão a base para o aperfeiçoamento das qualidades morais e cívicas do cidadão.

O 1.º ano e o 2.º formam ainda o período preparatório, em que o aluno vai adquirir praticamente, entre outras, noções de autoridade, discriminação de atribuições, conhecimento de regulamentos e leis; que lhe permitirão compreender melhor a matéria nos programas de 3.º ano e de 4.º.

O ponto de partida é o que a criança vê e ouve discutindo em casa serviços públicos prestados no seu meio mais próximo — a família e a administração local, para depois compreender o que é de atribuição do Estado.

São as questões de alimento, vestuário, habitação, plano de cidade, limpeza pública, diversões, saúde pública, policiamento, escolas, transportes, comunicações, etc., que formam base para o estudo do mecanismo da administração (governo, instituição, lei, etc.).

O programa faz, assim, a criança crescer com um conhecimento inteligente de alguns problemas vitais que defrontam as nossas cidades, vilas ou municípios, percebendo ao mesmo tempo as relações de causa e efeito.

No primeiro ano, essas noções serão adquiridas tendo por base iniciado no 1.º ano e referentes à família e à escola, será continuada e ampliada à vida na localidade, baseando-se em conhecimentos contidos no programa de Geografia e História. (Ver programa de Geografia e História — 2.º ano).

Para o trabalho de natureza prática-formativa no 1.º ano e no 2.º, o professor se guiará, de um modo geral, como nos seguintes tópicos:

PRIMEIRO ANO

1.º — A Família.

- a) os membros da família — atividades, deveres, colaboração.
- b) cultivar sentimentos de amor, obediência, respeito, cooperação, etc..
- c) deveres pessoais no lar.

2.º — A escola:

- a) Cultivar sentimentos de estima e gratidão para com a escola.

b) deveres pessoais na escola:

- Frequência, pontualidade, aplicação, etc.
 Obediência e respeito às autoridades escolares: diretor, auxiliar, professores, pessoal administrativo, etc.
 Obediência aos regulamentos escolares — em classe, no recreio, nos auditórios, etc.

3.º — Deveres sociais:

Cultivar:

- a) Cooperação, aprendendo a trabalhar em conjunto para o bem comum;
- b) respeito à propriedade de outrem;
- c) polidez, lealdade e bondade para com todos;
- d) economia de tempo, material, dinheiro, etc.;
- e) espírito de servir e de bem coletivo — (Caixa Escolar, Cantina Escolar, etc.).
- f) ordem e trabalho, etc.

4.º — Qualidades pessoais:

Cultivar:

Iniciativa, responsabilidade, perseverança, retidão, sinceridade, domínio próprio, abnegação, coragem, etc.

Comemorações cívicas.

Os principais fatos da História do Brasil serão apresentados de maneira simples e relatados em linguagem acessível, como preparação às comemorações cívicas realizadas no estabelecimento e das quais os alunos participarão na medida do possível.

Símbolos da Pátria

Serão reconhecidos pelos alunos, como símbolos da Pátria, o Hino Nacional e a Bandeira Brasileira. Seu estudo pormenorizado será feito a partir do 3.º ano. Entretanto, desde o 1.º ano o professor cuidará de despertar em seus alunos o culto e o respeito por esses símbolos.

As crianças adquirirão uma atitude respeitosa ao ouvir ou cantar o Hino Brasileiro, bem como diante do Pavilhão Nacional. Campanhas de carácter cívico.

Iniciar a participação dos alunos em campanhas de saneamento, de economia, de proteção às aves e aos animais, de combate a insetos nocivos, a moléstia contagiosa, etc.

SEGUNDO ANO

Ampliar a formação de hábitos, atitudes e idéias morais e civis iniciados no 1.º ano.

Municípios e seus distritos.

- a) idéia de terra natal;
- b) principais aspectos da localidade que concorrem para o seu progresso;
- c) serviços públicos municipais: — saneamento, limpeza pública, escolas, iluminação, água, esgoto, etc.
- d) a Prefeitura e o Prefeito — Observar as principais leis do Município, relativas a trânsito, conservação de ruas, praças, jardins, estradas, prédios, etc.
- e) o imposto municipal e sua aplicação;
- f) a ordem na localidade: o delegado — a polícia;
- g) página literária: — prosa, poesia, canção ou hino sobre a escola e a terra natal.

(A inclusão deste último tópico no programa não significa somente sugestão de uma atividade; procura formar nos alunos uma atitude de interesse para com a música e a literatura brasileira como expressão do sentimento pátrio).

Comemorações Cívicas e símbolos da Pátria:

A mesma orientação que para o 1.º ano.

Campanhas de carácter cívico.

Ampliar a participação dos alunos em campanhas de carácter cívico indicadas no programa do 1.º ano.

TERCEIRO ANO

NOTA: — O estudo da organização administrativa do Estado foi iniciado no 2.º ano, sem carácter formal, mas apenas através de experiências concretas e próximas.

O aluno adquiriu as primeiras noções sobre o mecanismo da Participação das experiências administrativas do seu Município. administração — leis, autoridades, instituições, etc., praticando ou conhecendo.

Participou das experiências administrativas do seu Município. Irá agora, no 3.º ano, firmar essas noções, e mediante a abstracção e a generalização, transferir suas experiências concretas e prin-

cípios gerais — irá aplicar a todos os Municípios do Estado de Minas a mesma ordem administrativa que conheceu em seu Município.

Compreenderá depois que a união de todos os Municípios que, por sua vez se constituem de distritos, formará o Estado.

Entenderá também a subordinação dos Municípios ao Estado e a influência das leis e benefícios deste sobre aqueles, bem como a razão dos impostos estaduais, etc.

Muitos destes tópicos estão considerados nos programas de Geografia e História

1.º — Ampliar a formação de hábitos, atitudes e idéias morais e cívicas iniciados no 1.º ano.

2.º — Organização administrativa do Estado — Subordinação dos distritos às leis municipais; o progresso do distrito e o organismo municipal — Subordinação dos Municípios às leis estaduais — Influência do Estado no progresso do Município.

O Governador — principais atribuições.

Grandes serviços estaduais:

- a) Educação e Saúde Pública;
- b) Agricultura e Pecuária;
- c) Viação e Obras Públicas;
- d) Segurança Pública;

e Arrecadação de despesas do Estado.

Necessidade desses serviços e benefícios que prestam ao Estado. O imposto estadual como meio de manter esses serviços.

O que significa o orçamento estadual.

Os auxiliares de governo (Secretários):

3.º — Registro Civil — Casamento Civil — Cartório — Juiz de Paz.

4.º — Voto — eleição direta e indireta.

— Heróis nacionais mineiros. Ouro Preto (monumento nacional). Outras tradições mineiras que conservem o sentimento de Pátria e firmem o papel de Minas na unidade Nacional.

6.º — Trabalhos sobre 21 de abril, 1, 3, e 13 de maio, 25 de agosto, 7 e 21 de setembro, 12 de outubro, 2, 10, 15 e 19 de novembro.

7.º — Página literária: — prosa, poesia, hino ou canção de mineiros ou referentes à Minas e às datas cívicas com o mesmo propósito explicado no programa do 2º ano.

8.º — Comemorações cívicas.

Participação nas comemorações cívicas.

9.º — Símbolo da Pátria.

Ampliar o conhecimento da significação da Bandeira Brasileira e o Hino Nacional.

Firmar atitudes de respeito diante da Bandeira Nacional ao ouvir ou ao cantar o Hino Nacional.

10 — Campanhas de caráter cívico.

Participar com mais amplitude em campanhas de caráter cívico indicadas nos programas dos dois primeiros anos do curso

QUARTO ANO

1.º — Ampliar a formação de hábitos, atitudes e ideais morais e cívicos iniciados no 1.º ano.

— O Juri — Juiz de Direito — Promotor — Jurados — Advogados.

3.º — Idéia de País — República — Bandeira — Federação Governo da República — O Presidente da República e seus ministros.

Distinção entre República e Monarquia.

... 4.º — Grandes serviços federais (noções elementares sobre: Educação e Saúde Pública; correios e telégrafos, radiofusão, vias de comunicação; agricultura e pecuária, riquezas do solo e sub-solo; relações exteriores; indústria e comércio; recenseamento e estatística, etc.

Necessidade e benefício desses serviços. O imposto e taxas federais como meio de mantê-los. O que significa o Orçamento Federal

5.º — Defesa Nacional: forças de terra, ar e mar.

6.º — Bancos e Caixas Econômicas: Aplicação útil do dinheiro;

a) alimentação, preservação da saúde;

b) melhoria das condições de produção e de trabalho;

c) higiene individual, da habitação, etc. conforto.

d) a influência dos Bancos e das Caixas Econômicas no desenvolvimento econômico-financeiro do indivíduo, do Estado e do País;

e) Previdência;

7.º) Dignificação do trabalho: — valor das diversas profissões; utilidade do trabalho para o bem coletivo.

8.º) A Constituição da República — comentar, entre outros, os artigos seguintes:

Art. 2.º — (Unidade do Hino, Bandeira, escudo e arma).

Art. 130 — (Obrigatoriedade escolar e taxa escolar).

Art. 164 — (Serviço Militar obrigatório).

9.º — Unidade Nacional: — território nacional, povo, língua; comunhão de raças, tradições, religião, idéias, problemas, possibilidades, etc.

10 — Trabalhos sobre 21 de abril, 1.º, 3 e 13 de maio, 7 e 21 de setembro, 12 de outubro, 2, 10, 15 e 19 de novembro. — Página literária: — prosa, poesia, hinos ou canções referentes à Pátria e aos assuntos das comemorações, com a mesma finalidade indicada nos programas de 2.º e 3.º anos.

11 — Comemorações cívicas — Participação nos auditórios.
12 — Símbolos da Pátria.

Desenvolver hábitos e firmar atitudes referentes à Bandeira e ao Hino.

13 — Campanhas de caráter cívico: — Participar com mais amplitude em campanhas de caráter cívico indicadas nos programas de 1.º, 2.º e 3.º anos.

14 — Pan-americanismo. Interdependência dos povos. Relação de amizade e comerciais.

A EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA EM RELAÇÃO COM AS DEMAIS DISCIPLINAS

1 — *História e Geografia* — O programa de História é também programa de civismo, tão intimamente se acha correlacionado ao de Educação Moral e Cívica. A História é matéria especificamente cívica pelas virtudes que pode estimular, pelos exemplos edificantes que apresenta e pelos ideais que suscita.

As relações entre a História e a Educação Moral e Cívica irão sendo percebidas pela criança com o desenvolvimento do estudo de ambas: inicialmente, ao ver e ouvir falar sobre a família, escola, serviços públicos, administração local, etc. (seu meio mais próximo); em seguida, ao estudar o que é da atribuição do Estado. (Governo, constituição, lei, etc.).

A colonização, os governos, as guerras, os estadistas, os homens ilustres, etc., são motivos que despertam, naturalmente, sentimentos cívicos.

Dêsse modo, não se pomenorizam no programa de Educação Moral e Cívica, pontos que já constam do programa de História, como: possibilidades dos estados de contribuírem para a riqueza nacional; atitude de patriotismo pela compreensão dos problemas brasileiros; colaboração com os dirigentes do País; atitude de compreensão para com os problemas e dificuldades dos povos estrangeiros, etc.

Assim como a História, a Geografia é matéria que tem grande relação com a Educação Cívica, concorrendo para desenvolver no educando a apreciação, o interesse e o amor pela terra.

Os conhecimentos geográficos farão a criança crescer em conhecimento dos problemas vitais de nossas vilas ou cidades, dos Municípios, do Estado, do País, etc.

O meio físico, os recursos naturais, dificuldades e possibilidades, as indústrias, o progresso, o comércio, as relações com os países estrangeiros, os planos das cidades, as escolas, os transportes, as

comunicações, etc., são tópicos geográficos que ensejam o desenvolvimento do civismo.

Dêsse modo, êsses e outros pontos deixam de figurar no programa de civismo, cabendo ao professor desenvolvê-los de modo a formar na criança a atitude de compreensão e de civismo que êsses tópicos favorecem, levando o aluno a uma visão equilibrada da realidade brasileira: — nem patriotismo que se exalta em enumerar e descrever riquezas naturais do Brasil, nem atitude de pessimismo em face dos problemas brasileiros, mas um sadio equilíbrio baseado num sentimento generoso de serviço à Pátria, na formação de energia capaz de enfrentar problemas e de solucioná-los, bem como na discriminação e na valorização de nossas riquezas naturais e humanas.

II — *Lingua Pátria* — Para facilitar o correlacionamento entre a linguagem e a Educação Cívica, são apresentadas como sugestões as seguintes atividades:

1 — Leitura, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias patrióticas ou que descrevem fatos de nossa história e se refiram à nossa gente.

2 — Leitura, comentário, interpretação e recitação de trechos literários e de poesias dos grandes escritores do País.

3 — Leitura, interpretação e comentário de alguns artigos da Constituição, de trechos de certos Decretos-leis relacionados com o ensino primário, assistência à infância, etc., bem como de trechos fáceis que esplanem assuntos do programa de instrução cívica.

4 — Apresentação de trechos e poesias acima indicados, bem como de biografias dos grandes homens da Pátria e da humanidade, nas horas cívicas e sessões dos auditórios e clubes de leitura.

5 — Palestras sôbre fatos históricos e geográficos, focalizando problemas da localidade, da região ou do País.

6 — Palestras ilustradas, focalizando os aspectos mais originais e interessantes da natureza brasileira, indole, costumes e tradição dos seus habitantes.

7 — Interpretação de gravuras e fatos históricos e geográficos, bem como de quadros dos grandes pintores brasileiros.

8 — Leitura e interpretação de fatos ou contos em que sejam acentuados os sentimentos de honradez, lealdade, amor à Pátria e à humanidade, cumprimento do dever, abnegação, altruísmo, bondade, exemplo de dignidade e outras virtudes cívicas e sociais.

9 — Leitura e interpretação de trechos de autores salientando traços nobres das personalidades que souberam vencer dificuldades antepostas à realização de ideais a serviço da humanidade.

10 — Leitura, interpretação e narração de lendas do País, histórias e poesias do "folclore" nacional.

11 — Composições sôbre fatos históricos e geográficos, episódios edificantes da vida dos grandes homens da Pátria e da humanidade.

12 — Dramatização.

III *Aritmética e Geografia* — Correlacionando com a educação cívica o programa de aritmética e geometria, poderá o professor valer-se do seguinte:

1) Conhecer cifras (quantidade e valor relativas às primeiras produções do Município, do Estado e do País, comparando-as com a dos anos anteriores).

2) Elaborar problemas sôbre as despesas do Estado e do País, relativos aos serviços de proteção à agricultura, pecuária e outros.

3) Interpretar e mesmo levantar pequenas estatísticas que focalizem aspectos interessantes da vida do Município, do Estado, do País.

4) Aproveitar cifras relativas a impostos, arrecadação municipal, estadual e federal, dados referentes às taxas cobradas, para elaboração de problemas sôbre percentagem. Como o País, o Estado e o Município empregam as somas arrecadadas: — Os serviços municipais, estaduais e federais da localidade. Despesas com a educação e saúde pública, justiça, policiamento, iluminação e limpeza pública, meios de comunicação, construção de edifícios públicos, etc., etc..

Relativamente à educação, por exemplo, elaborar problemas em vista:

a) construção e conservação de prédios escolares;

b) fornecimento de material escolar;

c) vencimentos do pessoal administrativo e docente;

d) custo de cada aluno ao Estado, por ano, e o prejuízo da repetência, etc. etc.

5) Conhecer o movimento das instituições de beneficência da localidade — Santa Casa, Conferência São Vicente de Paula, etc., da escola — Caixa Escolar, Cantina, etc.

6) Organizar problemas com dados referentes à produção e comércio, estradas de ferro e de rodagem, etc., etc..

7) Interpretar gráficos informativos do movimento econômico, social e cultural do País, do Estado e do Município.

8) Comparar o custo da vida em diferentes épocas. Por exemplo: o preço do gado, dos gêneros alimentícios, dos tecidos, o valor de propriedades, vencimentos de professores, etc., etc., há vinte, trinta e cinquenta anos passados, comparados com os atuais.

IV — Ciências Naturais e Higiene.

Poderão ser correlacionados ao Programa de Educação Moral e Cívica os seguintes pontos do programa de Ciências Naturais e Higiene:

- a) Atividades indicadas no 1.º período do 1.º ano.
- b) Os pássaros, sua utilidade. Proteção aos pássaros úteis e aos seus abrigos naturais.
- c) Os animais. Serviços que prestam ao homem. Propaganda em favor de um melhor trato aos animais. Comemorar o dia 4 de outubro, dedicado aos animais, contando ou lendo histórias do folclore nacional referente aos mesmos ou por outros meios.
- d) A árvore, seus benefícios, trato e conservação. O reflorestamento. O 21 de setembro.
- e) Fazer com que cada aluno se interesse pela própria saúde, a fim de que, no futuro, seja parcela de valor na comunidade brasileira.
- f) Campanha contra o impudismo, a tuberculose, a febre amarela, a lepra, a varíola, etc.
- g) O efeito do álcool no sistema nervoso e as virtudes da temperança (saúde, economia, moral, etc.).
- h) Clube rural e pelotão de saúde.

V — Educação Física:

O programa de Educação Cívica está correlacionado ao de Educação Física principalmente na parte referente a jogos em grupo. (Ver programa de Educação Física).

A criança se submete naturalmente ao regulamento dos jogos em grupo, adquirindo ou desenvolvendo:

- a) Espírito de justiça, que se revela principalmente na aceitação da vitória do adversário e desenvolve sentimentos de tolerância, lealdade e solidariedade;
- b) Espírito de renúncia e de cooperação;
- c) Iniciativa, responsabilidade, confiança em si, capacidade para aceitar sugestões, coragem, etc..
- d) Respeito às leis, na prática das regras dos jogos, na obediência ao juiz e no acatamento a suas decisões. A criança aprende a se dominar, aceitando uma censura que tenha merecido, bem como penas combinadas nas regras dos jogos e que lhe são justamente aplicadas. O aluno aprende ainda a suportar o frio, o calor, a fadiga, e a ser corajoso, enfrentando o adversário nas competições.

3.º — As formaturas nas solenidades das grandes datas nacionais e as demonstrações de cultura física e ensinam a criação da disciplina, do entusiasmo e da resistência.

VI — Canto

Acha-se o programa de Canto intimamente correlacionado ao de Educação Cívica na parte relativa a canções, hinos patrióticos, músicas folclóricas, etc.

Precedendo cada comemoração, devem ser estudadas músicas e letra do canto referente ao episódio a ser comemorado.

Alguns fatos geográficos e históricos constantes do programa de Educação Cívica podem, igualmente, ser focalizados ou resumidos numa canção: Exemplo: A "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias (musicada) presta-se a completar o estudo e desenvolver o sentimento da terra natal ou de Pátria.

Deixam de ser mencionadas, por estarem incluídas no programa de Canto, as canções que são especificamente de caráter cívico. Cumpre, ao professor consultar os dois programas (Canto e Educação Cívica) e fazer a correlação necessária.

VII — Desenho, Modelagem, e Trabalhos Manuais:

Em sua relação com a Educação Cívica, serão aproveitados os motivos das diversas disciplinas do curso que apresentam pontos de referência com o assunto focalizado. Dentre outras são lembradas as seguintes:

- 1 — estudo cuidadoso e sistematizado da Bandeira Nacional, iniciado no 1.º ano por meio de desenhos e modelagem, etc., e terminado no 4.º ano com sua confecção em pano próprio;
- 2 — O Escudo Nacional, igualmente no 4.º ano, poderá ser desenhado para figurar em cartazes e outros trabalhos;
- 3 — fichas ressaltando normas e legendas cívicas ou assinando fatos e datas nacionais;
- 4 — álbuns de trabalhos selecionados;
- 5 — quadros, livros, cartazes, retratos, etc., referentes a assuntos cívicos.

CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE

Uma boa compreensão do mundo real ajuda o homem a melhor adaptar-se às coisas, fenômenos e pessoas.

Esta compreensão restará dos cuidados com que a escola dirigir o espírito da criança para a realidade e na formação do hábito de considerar esta mesma realidade objetivamente.

Longe de tolher a curiosidade natural da criança para o mundo externo, cabe à escola aproveitar essa inclinação instintiva para organizar o ensino das Ciências Naturais. Cabe-lhe criar oportunidades múltiplas e variadas a fim de que "que é que é", os "porque", os "para que" dos alunos se multipliquem cada vez mais.

À medida que amadurece o seu espírito, o interesse pelos aspectos superficiais e imediatos das coisas se deslocará para os mais profundos e, principalmente, para as suas relações.

Alimentando a curiosidade da criança e aprofundando a sua ânsia de saber, a escola lhe dará meios de se desenvolver, cada vez mais, pelo seu próprio esforço.

Libertar o espírito infantil das formas verbais, livrescas e, ao mesmo tempo, tornar mais ativo o pensamento, é próprio do método experimental. E, no ensino das ciências naturais, deve empregar-se este método de preferência aos outros.

Enriquecendo a observação espontânea da criança pela sua orientação em condições variadas previamente determinadas, a escola conduzirá as novas gerações a uma visão mais penetrante e exata do mundo.

Mesmo na escola primária, é possível levar a efeito modestas experiências de Ciências Naturais, como o propósito de estimular o espírito de pesquisas.

O treino de observações, a discriminação das diferenças e semelhanças, a percepção das relações entre coisas ou fenômenos, a discussão sobre fatos observados e a exposição de julgamento próprio serão auxiliados por uma linguagem clara, pelo emprego de termos cada vez mais apropriados e precisos, pela apresentação de desenhos, esquemas e gráficos, pela modelagem e construção, pela organização do material de experiência ("o cientista pensa com as mãos"), pelo emprego usual de operações numéricas, etc.

Até hoje o ensino das Ciências Naturais, na escola primária, esteve bastante descuidado. Limitava-se, geralmente, a algumas noções elementares que, de modo rígido, abstrato e puramente verbal, transmitia o mestre aos alunos.

Não é esse o objetivo desta disciplina na escola. Para fazer o seu ensino de maneira mais eficiente, deveria o professor possuir uma boa cultura científica, adquirida através do método experimental. Mas com isto talvez não se possa contar ainda. Entretanto, não seria razoável suprimir as Ciências Naturais do ensino primário. Para resolver atualmente esta dificuldade, é preciso que o professor se instrua, à medida que ensina a matéria. Procurando conhecimentos em fontes diversas, observando, com os seus alunos, os fenômenos em estudo, e, em uma palavra, pesquizando ativamente, o professor empregará de fato o método preconizado nas ciências naturais. E, assim ensinando, aprenderá ele mesmo.

O mestre nada perderá de sua autoridade, quando a esta ou àquela pergunta ou questão do aluno, responder com um "não sei mais, vamos procurar saber". O seu prestígio, ao contrário, crescerá sobremaneira, se levar o aluno a elaborar ativamente a solução do problema. A escola primária de hoje precisa menos de mestres eruditos e de sua autoridade incondicional, do que de

pessoas de espírito aberto e vivo, diligente, amigas das crianças e do progresso. No ensino de todas as matérias exigem-se do mestre estas virtudes, e o das Ciências Naturais não constitui uma exceção, certamente.

Cumprir ao ensino das Ciências Naturais e da Geografia, nas nossas escolas primárias, abrir os olhos da criança para a natureza que a cerca, sobretudo a natureza brasileira, fazendo com que ela ame o solo pátrio e conheça cada vez mais a sua terra e seus recursos. Cumprir à escola voltar as vistas do futuro cidadão brasileiro para a vida e o trabalho no campo, mostrar-lhe que a vida rural poderá ser realizada com grande proveito para o indivíduo e para o País, quando o homem trabalhar em condições higiênicas melhores, conhecendo melhor os fenômenos naturais e servindo-se de meios técnicos mais aperfeiçoados.

A Escola Pública deve cedo aproveitar os motivos que a vida rural lhe oferece para desenvolver seus alunos. Isto porque todo brasileiro, pela imensa extensão do país, pode possuir um lote de terreno para cultura, ter sua pequena horta, pomar ou criação. Esta cultura, além de lhe permitir eventualmente lucro material, virá beneficiar a sua saúde, introduzindo, na alimentação, elementos que concorrem para torná-la mais racional, como sejam: as verduras, as frutas, os ovos, etc.

Mais ainda: a agricultura, por mais reduzido que seja o seu campo, sempre dá ao homem, em contacto com a terra, sentimentos nobres, encantamento pelas coisas da natureza, alegria de ver o desenvolvimento da planta e, finalmente, o prêmio dos seus esforços, recompensados por uma boa colheita, desde que entre outros fatores, este esforço seja racional.

Por mais paradoxal que pareça, o indivíduo nas cidades aproveita relativamente pouco das oportunidades que a vida lhe oferece para o uso da inteligência. A volta à terra sempre obriga o homem a pensar melhor, a usar mais a sua observação, raciocínio e esforço em torno de interesses mais estáveis, ocupações mais sérias e proveitosas. Assim, torna-se compreensível porque a escola pública deve inculcar nos seus alunos, o mais cedo possível, este amor à natureza e à terra, e porque também lhes deve dar alguma orientação prática em torno dessa cultura.

O ensino das Ciências Naturais na escola primária, com suas aplicações práticas à vida, poderá ainda concorrer para impedir que os alunos deixem a escola, antes de alcançar as classes mais adiantadas ou de chegar ao termo do curso. E, revela acrescentar que, neste sentido, são indispensáveis esforços múltiplos em torno de todo o trabalho escolar, pois as estatísticas nos mostram quanto são pouco freqüentados o terceiro ano e o quarto, em comparação com o primeiro e o segundo.

Uma vez que a criança aprendeu a ler e a escrever, muitos pais consideram a sua instrução suficiente e retiram-na da escola para entregá-la aos afazeres da casa ou do emprego.

Para segurar o aluno até o fim do curso primário, é mister fornecer-lhe conhecimentos práticos, úteis à vida, e que a família também os reconheça como tais.

Assim, a ligeira orientação no que diz respeito à jardinagem e à horta, de um lado, tratamento higiênico da criança, alguma iniciação à arte culinária e costura doméstica, de outro, que a menina também receberá desde o 3.º ano, servem precisamente a este fim.

Nem sempre os pais compreenderão esta utilidade. Convém dar-lhes a necessária explicação sobre as vantagens dos trabalhos que se realizam nos últimos anos do curso, no sentido de conseguir que mantenham seus filhos na escola até a conclusão do mesmo.

Deverá, portanto, esta parte do ensino primário ser particularmente cuidada, a fim de que, contribuindo para a permanência dos alunos na escola, os beneficie com um preparo mais racional para a vida.

Higiene e alimentação

A saúde do povo é fator decisivo na prosperidade do País. Dela depende grandemente o caráter equilibrado e otimista do indivíduo e o rendimento do seu trabalho.

A escola pública cabe vigiar pela saúde da infância e esforçar-se por tornar os seus alunos mais resistentes e robustos. A Higiene e a Educação Física figuram no curso primário com esta finalidade. De um lado, elas têm por escopo a formação de hábitos hígidos nos alunos e, de outro, abrir-lhes os olhos para as fontes reais da saúde e da doença. Cabe também à escola "clarear" o espírito do povo, libertando-o dos inúmeros preconceitos, superstições e práticas nocivas, em matéria sanitária.

Sendo a criança bastante sensível à beleza, a motivação estética pode ser empregada com grande proveito no ensino da Higiene e Educação Física. Convém orientar este ensino de tal maneira que a criança, empolgada por este ideal de beleza pessoal e da força da raça brasileira, seja um colaborador ativo na formação dos hábitos hígidos, na escola como no seu próprio lar.

O medo, que tão facilmente domina o psíquico da criança, deve ser usado com muito critério. Não lhe mostrar a miséria e as doenças em suas cores negras e horrorosas, pois que isto seria francamente prejudicial à saúde e ao caráter do aluno nervoso e aprensivo em relação a doenças.

Inculca-se na criança a idéia clara de que é preciso prevenir o mal pela prática de hábitos rigorosos de higiene, antes que tratar da doença com drogas exageradas e despendiosas.

PRIMEIRO ANO

O ensino das Ciências Naturais no primeiro ano deve por o aluno em contacto direto com a natureza. A coisa estudada deve ser do ambiente íntimo da criança ou a seu alcance, para que ela possa conhecê-la, desenvolvendo seus processos próprios de investigação e pesquisa, isto é, pegar, cheirar, experimentar, etc. O fenômeno deve ser testemunhado por ela no momento em que se realiza, para que ela possa julgá-lo clara e concretamente.

No estudo dos animais, como, por exemplo, a rã, o que importa é que a criança saiba que se trata de um ser especialmente adaptado à vida em certas condições, e que procure descobrir sua organização especial, e como age no meio.

A mesma coisa com a planta. Não importa que a criança conheça todas as plantas, mas que saiba que elas vivem em determinadas condições de meio e que estão sujeitas a mudar quando essas condições variam.

Não se deve, por isso, estudar, uma coisa e abandoná-la. Devem ser dadas simultaneamente todas as formas de vida dos animais e plantas, permitindo-se à criança familiarizar-se com elas durante todo o ano. Dessa maneira o seu espírito se vai abrindo à observação mais profunda e, aos poucos, concluindo e generalizando.

Os termos próprios à experiência que vão adquirindo devem ser dados, desde que o difícil não é o termo, mas a experiência.

O programa de Ciências do primeiro ano contém noções para se transmitirem às crianças, mas pontos para observação.

Serão, principalmente:

Quanto aos animais

— Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem. Animais domésticos e selvagens; úteis e nocivos.

— Hábitos dos animais no ambiente em que vivem. Meios de defesa contra as intempéries. Insetos, seus característicos gerais. Metamorfose de insetos e outros animais.

Quanto às plantas

— Plantas como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem. Influência da estação sobre as plantas. Árvores mais comuns, seus característicos, sua vida. As três partes da planta; raiz, caule e folhas. Diferença entre árvore e arbustos. Fenômeno da germinação.

Quanto ao céu

Observações simples sobre o céu.

Relação entre aspectos do céu e o tempo.

Higiene

A boa higiene como condição de vida para as crianças: asseio dos dentes, cabelos, orelhas, mãos e unhas; vestuário.

Combater hábitos de roer unhas, de por dedo no bôca e no nariz, morder lápis, etc.

FEVEREIRO E MARÇO

Objetivo especial

Levar a criança a observar como tóda a vida se modifica para adaptar-se às modificações do tempo.

Tópico de que faz parte este estudo: O animal e as plantas, como seres vivos, adaptados às condições do meio em que vivem.

Quanto aos animais

- 1 — Meios de defesa dos animais contra as intempéries;
- 2 — Diferença entre animais domésticos e selvagens;
- 3 — Hábitos dos animais domésticos.

Quanto as plantas

- 1 — Influência das chuvas no desenvolvimento das plantas em geral, sementes: nas árvores frutíferas; nos jardins e hortas.

Atividades:

- 1 — Num dia chuvoso, observar os característicos do tempo:
 - Côr do céu;
 - nuvens;
 - vento;
 - a chuva;
 - como cai a chuva;
 - de onde vem;
 - como forma a enxurrada;
 - direção da enxurrada;
 - bueiros (onde houver).
- como e onde a enxurrada se lança no rio ou como a água dos bueiros vai ter ao rio.
- 2 — Observar como a chuva muda os hábitos de cada uma das pessoas da casa: do pai, da mãe, de outros parentes, etc., e das pessoas da escola:

— observar as coisas que fazem habitualmente e que a chuva impede de fazer.

3 — Como a chuva muda os hábitos de vida do lugar;

— observar o movimento nas ruas para notar a diferença;

— observar pessoas, animais, veículos;

— quais os trabalhos que se paralisam com as chuvas;

4 — Como nos defendemos da chuva:

— observar nas casas o que é especial para defesa contra

a chuva:

— os telhados inclinados;

— a goteira das telhas;

— os escoadouros d'água; as platibandas, etc.

5 — Como os veículos protegem seus passageiros da chuva; automóveis, bondes, caminhões, carroças, charretes, etc.

6 — Observar o que há nas ruas, especialmente com relação às chuvas;

— bueiros e sargetas (dar os nomes);

— onde não há calçamento, observar o efeito da água sobre as ruas.

7 — Como os animais se defendem da chuva: Observar o meio de defesa dos animais domésticos;

— onde moram: baias, chiqueiros, etc. (dar os nomes);

— como o homem os ajuda a se defenderem das chuvas;

— como os passarinhos e como os animais selvagens se defendem da chuva;

Ler para as crianças a história: "Uma noite com uma onça", do livro "Histórias de Meninos em Casa e na Rua", de João Kopke e outras relacionadas com o assunto.

8 — Observar as tempestades:

— nuvens;

— vento;

— raios, trovões, relâmpagos;

— gótas.

Conhecer a noção das crianças sobre êsses elementos e desfazer crendices.

9 — Como nos defendemos das tempestades:

— para-raios: para que servem; os círculos que abrangem;

— para-raios próximo à escola, no caminho de casa, próximo à casa de cada um, etc. Mostrar o perigo de abrigar-se debaixo de árvores no campo ou de permanecerem montados em animais nas horas de tempestade.

10 — Comparar os efeitos da tempestade, pròpriamente dita, com os de uma chuva moderada:

— enchentes;

- desmoraamentos;
 - prejuízos que acarretam para as plantas e para os animais,
- 11 — Levar a criança a observar todos os efeitos das chuvas sobre as plantas, de uma maneira geral;
- côr dos montes, folhagem das árvores em conjunto;
 - desenvolvimento das plantas;
 - desenvolvimento do limo e do musgo nas cascas das arvores, nos rios, nas pedras, nos muros, etc.
 - crescimento das ervas nas ruas, jardins e hortas, etc.;

Observar nas árvores frutíferas: — as fôlhas — os brotos e os ramos novos; flores — frutos e sementes.

Observar nos jardins: — todos os elementos que possam revelar a relação com as chuvas.

Observar nas hortas: — o que predomina, se frutos ou fôlhas.

NOTA: — Como as condições de tempo variam de lugar para lugar e por isso não podem ser previstas, o professor deve ler todo o progama do primeiro ano e fazer as adaptações que lhe figurarem necessárias. Não há mal em que os planos indicados para um período venham a desenvolver-se em outro. É preciso apenas acautelar-se relativamente à seriação da matéria.

Higiene: — Formação dos hábitos de asseo do dentes, dos cabelos, das orelhas, mãos e unhas. Combater o hábito de roer unhas, de pôr o dedo na bôca, no nariz, etc.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Objetivo especial: — Levar a criança a observar as mudanças que operam no tempo e como também se modifica a vida dos animais e das plantas.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais e as plantas como séres vivos adaptados às condições do meio e sofrendo-lhe a influência.

Quanto aos animais

- 1 — Conhecer os pássaros mais comuns do lugar e seus hábitos;
- 2 — insetos e seus característicos gerais;
- 3 — conhecer outros animais que vivem em condições diferentes do meio;
- 4 — observar a metamorfose de alguns insetos.
- 5 — observar a vida de animais, num determinado ambiente.

Quanto às plantas

- 1 — conhecer as três partes da planta;
- 2 — diferença entre árvores e arbustos;
- 3 — observação do fenômeno da germinação;
- 4 — observação de plantas num determinado ambiente.

Quanto ao tempo

— Característicos do tempo através de observação diária.
Atividades:

1) Fazer o registro diário do tempo para observar:

- Mudança na temperatura;
- frequência das chuvas;
- aspecto do céu.

2) Estudar a vida do bosque ou de um canto do jardim e observar as suas modificações durante o ano, de acôrdo com o tempo, para familiarizar a criança com a vida das plantas e dos animais:

- observar as qualidades de árvores e familiarizar-se com as suas fôlhas, frutos e sementes;
- diferenciar arbustos e árvores; conhecer os principais arbustos do bosque;
- distinguir as três partes da planta; raiz, caule e fôlhas;
- notar diferença entre os caules, raízes das árvores e dos arbustos;
- observar os pássaros que freqüentam o bosque;
- conhecê-los pelo nome; pelo canto e pela plumagem;
- procurar descobrir os motivos por que freqüentam esse bosque;

- procurar seus ninhos;
- observar como e de que são feitos;
- observar se têm ovos ou filhotes;
- ver como se alimentam êsses passarinhos e ajudá-los na alimentação;

- observar quando mudam de penas e porque;
- quando fazem os ninhos.

3) Observar os insetos do bosque:

- apanhá-los vivos e levá-los para a classe separados uns dos outros;
- apanhar crisálidas, larvas e casulos e levá-los para a classe nos ramos ou fôlhas onde foram encontrados. Observar a metamorfose das crisálidas;
- procurar observar a época em que há maior número de insetos no bosque.

4) Observar de perto os insetos colecionados.

Distinguir as partes e característicos:

- a pele dura externa (quitina);
- os três pares de pernas;
- três partes do corpo — cabeça, tórax, abdome.

5) Observar de que se alimentam, como se locomovem, e como as partes do corpo são diferentes em cada inseto (sem outras sugestões).

NOTA: — É indispensável que a criança estude os animais e plantas no seu próprio ambiente e, para isso, sugere-se o bosque. Se a escola não possui um bosque substitua-se o estudo do bosque pelo estudo da vida de uma árvore.

Outras atividades:

1 — Observações na horta e no jardim para comparar com as do período anterior.

2 — Observação das fases da germinação:

— Colocar grãos de ervilha e de feijão para germinar sobre o algodão. Comentários diários sobre todas as fases da germinação usando os termos próprios.

3 — Plantio de flores de ciclo rápido em latas ou caixotes para familiarizar a classe com a vida das plantas: papoulas, espinhas, flocus, etc.

4 — Plantio de bulbos e batatas de flores para familiarizar a classe com diferentes aspectos da germinação.

Peixes

Objetivo especial: — Observar os peixes vivos para saber como vivem;

- a) a forma de peixe;
 - b) meios de defesa;
 - c) a boca;
 - d) meios de locomoção;
 - e) em que direções se movem;
 - f) para que servem as escamas;
 - g) como dormem;
 - h) como respiram;
 - i) observar o movimento dos peixes e procurar explicá-lo.
- Contar fatos interessantes sobre a vida do peixe.

Higiene: — Prosseguir na formação dos hábitos indicados no período anterior.

Sugerir atividades para as férias:

1) — Observar como os animais domésticos se defendem do frio;

2 — organizar um album de "Novos Animais" — usando gravuras ou desenhos;

3 — observar os hábitos dos animais domésticos:

- como se alimentam;
- onde dormem e como dormem;
- o que fazem;
- como se defendem do frio;
- como os ajudamos a se defenderem do frio;

4 — Colecionar fôlhas e sementes mais interessantes;

5 — Apanhar casulos, crisálidas, larvas e insetos para serem observados na aula.

6 — Colecionar gravuras de flores e de animais.

7 — Fazer histórias desenhadas sobre animais.

8 — Fazer um album de animais selvagens.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

Objetivo especial: — Como os animais se defendem do frio. Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais e plantas como seres vivos, adaptados às condições do meio em que vivem.

Quanto aos animais

1) — Meios de defesa dos animais contra as intempéries.

Quanto às plantas

- 1) — plantas que dão sementes, vatatas ou bulbos nessa ocasião
- 2) — efeitos de geada sobre as plantas.

Atividades:

1 — Verificação do trabalho de férias com relação a esse assunto.

2) — Registro diário do tempo para o comentário da mudança que se operou desde o primeiro trimestre.

3 — Como os animais se defendem do frio:

— Desenvolvimento de acórdio com o plano sobre a defesa das chuvas do período — fevereiro e março.

4 — Observar como a atividade dos insetos e dos pássaros diminui no tempo de frio.

5 — Como os animais selvagens se defendem do frio.

6 — Os peixes e a defesa contra o frio, observação e informações.

Outras atividades:

— Comparar as observações neste período, no bosque da escola, com as do período anterior.

Observar alguns aspectos particulares das plantas com relação ao frio:

- queda das folhas;
- número de brótos;
- quantidade de frutos, sementes, flores, etc.

2 — Continuar a observação e o trato das plantas de classe.

3 — Plantio de árvores no "Dia da Árvore".

4 — Concurso de vasos e jardineiros das classes.

Estudos dos animais

Objetivo especial: — Observação da metamorfose dos ovos do sapo para familiarizar a classe com animais de constituição e de hábitos diferentes.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

1 — Observar a metamorfose dos ovos do sapo:

a) apanhar ovos de sapo com a massa gelatinosa que os envolve (os ovos estão bem no fundo).

b) colocá-los num aquário ou numa vasilha grande com plantas aquáticas (na falta desta muda-se a água diariamente):

c) observar o desenvolvimento do ovo;

d) contar os dias necessários para que a massa comece a mover-se;

e) observar a mudança de forma;

f) como o gerino sai da massa gelatinosa;

g) aguardar o aparecimento das pernas;

h) observar a cauda (vai sendo absorvida aos poucos);

i) observar a diferença entre as pernas de trás e as da frente;

j) alimentá-los com plantas aquáticas ou carne bem passada na máquina.

2 — Colocar dentro do aquário uma pedra que alcance a superfície da água, a fim de que possam ter vida aérea.

3 — Depois de desenvolvidos, mantê-los no jardim da escola e continuar a observá-los.

4 — Observar como mudam de pele e porque.

5 — Desenhar uma história com todas as fases dessa atividade, desde a aparição dos ovos até a completa evolução.

Bibliografia — Floricultura Brasileira n.º 215 — Pequenos Lagos e Aquários.

6 — Observar a metamorfose de larvas e crisálidas — Espalhar, freqüentemente, um pouco de água sobre as crisálidas e delatá-las em lugar arejado.

7 — Observar uma galinha a chocar:

a) observar a maneira como ajeita os ovos com os pés e o bico — a posição dos ovos;

c) marcar os dias do choco;

d) cuidados com a galinha — flitá-la freqüentemente para evitar parasitas;

e) a melhor maneira de fazer ninhos, etc.;

f) observar os ovos bicados e depois os pintinhos;

g) observar uma saliência no bico do pinto para auxiliá-lo a bicar o ovo para sair da casca;

h) proque não alimentá-lo antes de 24 horas;

i) observar a diferença do pinto em horas;

j) observar como a galinha protege e defende seus pintinhos;

k) comparar as penas da galinha com a dos pintos;

l) procurar o ouvido e o nariz da galinha;

m) porque vira a cabeça de um lado para outro;

n) como bebe água;

o) observá-la diariamente durante alguns dias.

Levar a criança a desenhar a história inteira de "A galinha que chocou".

OUTUBRO E NOVEMBRO

Estudos dos animais

Objetivo especial: — Conhecer a vida de um passarinho útil, comum no lugar.

Tópico de que faz parte este estudo: — Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Pontos a serem dados:

a) conhecer o macho e a fêmea;

b) sua alimentação e seus ninhos;

c) relação entre os pés, bicos e asas com seus hábitos de vida;

e) inimigos e como combatê-los.

Bibliografia para o professor:

— "Pássaros do Brasil" e "Da Ema ao Beija-flor" — de Eurico Santos.

2) Apanhar berboletas noturnas e diurnas e observá-las (sem outras sugestões).

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observar a beleza dos jardins, campos, praças e montes — Guardar sementes para serem plantadas noutra ocasião.

Conhecer as flores mais comuns pelo perfume, pétalas, etc.. No fim do primeiro ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

- 1) são sensíveis aos fenômenos e às coisas da natureza;
- 2) têm uma experiência rica com animais e plantas do seu meio;
- 3) conhecem as partes essenciais da planta;
- 4) identificam árvores, flores e frutos mais comuns ao seu meio;
- 5) usam e compreendem os termos relacionados com a experiência, adquirida, como germinação, desenvolvimento, atividade, etc.;
- 6) melhoram a maneira de alimentar-se;
- 7) compreendem a necessidade de uma horta em casa;
- 8) conhecem alguns insetos e pássaros mais comuns no lugar e algumas condições de sua vida.

SEGUNDO ANO

No segundo ano continua-se o mesmo método do primeiro, que é, afinal, o verdadeiro método das Ciências Naturais. Um mesmo fato será oferecido à observação da criança sob diversos aspectos e várias influências, para permitir que o espírito infantil elabore por si as conclusões. Neste ano, entretanto, a observação pode ser mais orientada e um pouco menos espontânea.

O fato estudado ou apresentado à criança através de preleções custa a ser compreendido e ainda mais a ser conservado pela memória. Não acontece o mesmo com o fato adquirido através da observação quotidiana. A criança não o esquece nunca, porque ele se incorporou, dia a dia, às suas próprias experiências. Por outro lado a observação custa menos tempo. Tem-se verificado que, aquilo que se expõe à observação da criança, ela o adquire às vezes sem sabermos como, sem nenhum esforço da professora ou de qualquer pessoa.

Neste ano, os fatos são também oferecidos à observação da criança.

O programa do segundo ano pode resumir-se nos seguintes pontos:

Quanto aos animais:

Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Envolve a observação e conhecimento dos hábitos e característicos dos animais, no meio em que vivem, como reagem e como se adaptam às modificações do meio. Metamorfose de certos ani-

mais. Animais domésticos e selvagens, nocivos e úteis. Observações demoradas de rãs, insetos, pássaros, vermes e outros animais.

Quanto às plantas:

Plantas como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem.

Envolve o estudo das partes de planta e suas funções. Principais condições de vida. Frutos, sementes e meios de disseminação.

Quanto ao céu:

— Posição do sol — Formas da lua.

Higiene: — Os mesmos hábitos do primeiro ano.

Influência de uma alimentação sadia sobre a saúde.

Respiração: respirar bem; ar puro.

Combate ao álcool e ao fumo.

Variola — Sínais — Vacinação.

FEVEREIRO E MARÇO

Estudos dos animais

Objetivo especial: — Observação de insetos para conhecimento de seus hábitos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

1 — Apanhar insetos e levá-los vivos para serem observados em classe. Colocar cada um num vidro como alimento próprio.

— de armários, malas e gavetas de roupa;

— de dispensa: do feijão, do arroz, do milho, da batata e das farinhas;

Observar os seguintes insetos:

— De livros e papéis;

— Do quarto de dormir;

— Parasitas do homem e animais domésticos.

2 — Observar mais detidamente a barata ou outro inseto caseiro:

a) observar-lhes as partes do corpo, cabeça, tórax, abdômen;

b) examinar-lhe a cabeça: par de antenas e suas funções;

c) olhos e "óculos";

d) dois pares de asas;

e) tamanho das pernas umas em relação às outras; número de pernas;

f) observá-las em sua atividade para descobrir o seguinte:

— Porque tem a forma achatada;

— pelo tamanho das pernas, descobrir como se locomove:

se salta — corre ou anda;

— pelas asas, descobrir como é o seu vôo;

— pela sua atividade — descobrir qual o sentido mais desenvolvido;

g) quais são os seus meios de defesa contra os inimigos ou quando em perigo;

h) quando se torna mais fácil pegá-las. Como combatê-las;

i) observar a evolução de um ovo de barata.

Bibliografia para o professor: Insetos do Brasil, de Ernesto Roma.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Organizar e ampliar as observações do primeiro ano sobre a germinação.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres adaptados à vida em certas condições.

Pontos a serem dados: — Fases da germinação;

— Condições de vida da planta — água, luz e calor.

Atividades:

1 — Pôr num mesmo dia sementes de ervilha, de serralha e de laranja, um bulbo e uma batata para germinarem. Tratá-los com zelo, observar-lhes as fases da germinação, comparando o desenvolvimento de um com os outros.

Depois de germinados submetê-los a experiências simples para levar a classe a concluir a influência da água, da luz e do calor na vida da planta.

2 — Plantar as flores de ciclo rápido em vasos ou latinhas.

Estudo do céu

Objetivo especial: — Observar o céu:

a) mostrar a posição do sol várias vezes ao dia;

b) procurar a lua e observar sua forma.

Observar o céu à noite para:

Procurar a forma da lua e as suas modificações.

Higiene — Manter os hábitos formados no primeiro ano.

Formar a hábito de alimentar e respirar bem.

— Combater o uso de bebidas alcoólicas.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Estudo dos animais

1 — Objetivo especial: — Observar como os animais se defendem de seus inimigos: todo animal se defende quando é atacado.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Investigar sobre a defesa dos animais domésticos e selvagens mais comuns:

a) os que defendem com garras;

b) com coices e patadas;

c) com cabeça e com os chifres;

d) os que se agregam para se defenderem;

e) os que mordem, veiculando veneno;

f) os que mudam de cor para se confundirem com o ambiente;

g) os que lançam fluidos fétidos;

h) os que saem a procura de alimento quando os inimigos dormem;

i) os que picam e ferem.

2 — Objetivo especial: — Continuar a observar os insetos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Observar de perto as joaninhas e os pulgões:

a) apanhar joaninhas em vários lugares;

b) procurar lavras;

c) observar-lhes o tamanho e a cor;

d) comparar a larva ao inseto adulto;

e) colocar uma joaninha junto a vários pulgões e observar o que acontece;

f) levar a observar os pulgões na laranjeira;

g) procurar joaninhas — notar que estas procuram os caules.

3 — Manter o interesse pelos animais estudados e comentar novas observações das crianças.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observação das plantas para saber como vivem.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres vivos adaptados às condições de vida do meio.

Pontos a serem dados: Funções das partes da planta — raiz e folhas.

Atividades:

1 — Imergir apenas as raízes de uma planta numa água vermelha. Depois de algum tempo, levar a classe a observar a água coloridas nas folhas.

Explicar a função da raiz que pode ser comparada com a bôca da planta.

2 — Fazer uma experiência simples para mostrar que a folha elabora o alimento com a luz do sol, principalmente:

Pôr uma latinha plantada com feijão ao sol e outra, nas mesmas condições, mas no escuro. Regá-las convenientemente — Observar que a última amarelece e depois morre. Explicar.

Estudo do céu

1 — Levar a classe a observar o tamanho dos dias.

2 — Marcar a sombra das árvores três vezes ao dia e relacionar com a hora.

3 — Prosseguir na observação do período anterior.

Higiene — *Variola*: sinais mais visíveis da doença. *Vaccinação*.

Combater o uso do álcool e do fumo.

Sugerir trabalho para as férias:

1 — Apanhar insetos e mantê-los vivos para levar para a classe;

2 — Procurar acompanhar o trabalho de um passarinho que faz seu ninho.

3 — Apanhar ninhos abandonados e identificá-los.

4 — Apanhar casulas e crisálidas, identificá-los e trazê-los para a classe para estudo da metamorfose das crisálidas.

5 — Tratar de hortas e jardins.

6 — Pôr uma galinha a chocar.

7 — Procurar descobrir alguma coisa interessante sobre a vida das plantas, insetos, pássaros e animais domésticos.

8 — Ler histórias e poesias sobre animais e plantas.

9 — Escrever histórias interessantes sobre plantas.

Tratar diariamente da horta, do jardim e dos animais: manter um "Diário" sobre o desenvolvimento dessa atividade.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

1 — Verificar o trabalho de férias;

2 — Objetivo especial: — Como os animais se defendem do frio; às condições do meio em que vivem.

Atividades:

a) aproveitar as experiências adquiridas no primeiro ano e desenvolvê-las no estudo do frio;

b) o frio em outros lugares: apresentar gravuras sobre a neve; paisagens, brinquedos típicos na neve; vestuários próprios. Fazer tanto quanto possível nítida a descrição da neve — rio gelados — estradas obstruídas;

c) histórias sobre a neve;

d) explicar a defesa dos animais contra a neve:

— Alguns enchem-se de pêlos — esquilos.

— outros imigram — pássaros, borboletas, etc.

— outros cavam buracos debaixo da terra e dormem até dias mais quentes (hibernação).

— outros cavam geleiras debaixo da terra onde se demoram e armazenam alimentos.

3 — Como os homens se protegem:

a) aquecem as casas com aquecedores especiais: fogões próprios de sala — canos — água quente debaixo das janelas;

b) alimentam-se de substâncias gordurosas;

c) fazem conserva dos principais produtos de alimentação;

d) cultivam verduras e legumes em estufas, etc.;

e) vestuário de lã e de peles de animais;

f) defesa dos veículos: caminhões, automóveis, charretes, carroças.

Como os homens ajudam os animais a se defenderem da neve.

4 — Contar à criança a vida em regiões eternamente frias.

Dar indicações gerais sobre os animais e sobre a vida dos homens nesses lugares.

(Ilustrar fartamente).

5 — Levar a criança a observar que entre nós a atividade dos pássaros e insetos diminui no tempo do frio.

6 — Como as plantas se defendem do frio onde há neve:

— deixam cair as folhas, etc.

Estudo dos animais

1 — Observar de perto um pássaro útil comum no lugar: Exemplo: pica-pau, conforme esquemas anteriores.

2 — Observar o coelho:

a) observar as atitudes do coelho parado — observar o movimento das orelhas;

b) observar a distensão do corpo e a direção das orelhas;

c) observar-lhe as patas; comparar as dianteiras com as traseiras;

d) observar os olhos do coelho;

e) observar-lhe a maneira de comer e a alimentação;

f) comparar a maneira de comer com a de outros animais;

g) procurar 5 outros animais que comem da mesma maneira. Como se chamam os animais que têm essa maneira de comer.

Outros característicos iguais entre esses animais.

h) como é a voz do coelho.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres vivos adaptados às condições do meio.

Objetivo especial: — Como as sementes são protegidas pelos frutos.

Atividades:

- a) Levar a criança a observar os frutos.
- b) Frutos que amadurecem, desprendem-se, caem ao solo, para espalhar a semente: laranja.
- c) Frutos que amadurecem, secam-se e abrem-se para deixar cair a semente: feijão, ervilha, etc.
- d) Mostrar em que consiste a defesa das sementes nos frutos carnosos e nos secos.
- e) Pesquisar com as crianças os frutos das plantas conhecidas e a maneira como protegem a semente.

Objetivo especial: — As sementes estão dotadas de recurso para se espalharem o mais possível.

Tópico geral: as plantas com seres vivos adaptados às condições de vida do meio.

Observação das várias sementes colecionadas em classe, para se descobrir o meio de disseminação de cada uma:

— as redondas — rolam: ervilha, couve, etc.;

— as de pára-queda — voam a grande distância: serralha, paina, etc.;

— as de velas navegam — às vezes fruto e semente;

— as de espinhos — prendem-se às roupas das pessoas, ao pêlo dos animais e às penas dos pássaros: carrapicho.

Outros meios de disseminação: o cheiro e o gosto dos frutos atraem os animais que os comem e lançam a semente noutro lugar.

Outras atividades:

Plantar árvores no bosque da escola.

Fazer concurso de jardineiras e de vasos.

OCTUBRO E NOVEMBRO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observar os vários insetos colecionados em classe para apreciar a maneira peculiar de cada um.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres vivos adaptados às condições do meio.

Atividades:

Observar os insetos para descobrir os que lambem, os que chupam, os que picam, roem, etc.

2 — Observar de perto a rã para conhecer seus hábitos:

a) forma do corpo, cor da pele;

b) comprimento das pernas;

c) comparar as patas traseiras com as dianteiras;

d) boca e dentes;

e) de que se alimenta e como caça o alimento;

f) observar o mimetismo da rã — envolver o vidro ou o aquário de tempos em tempos como papel de cor e acompanhar o fenômeno.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — As sementes têm recursos para lutar contra o meio e vencê-lo.

Tópico de que faz parte este estudo: — As plantas como seres vivos adaptados às condições do meio.

1 — Por grãos de ervilha ou feijão para germinar na terra úmida. Logo que o embrião romper a casca, atravessar um grão com um alfinete de modo que ele fique a um centímetro da terra;

a) verificar que a raiz se prolonga até encostar a terra;

b) depois de 3 a 4 dias, comparar as raízes desta com as outras que foram germinadas sobre a terra;

2 — Como a raiz luta para encontrar a umidade, necessária a seu desenvolvimento. Colocar uma raiz germinada sobre um algodão molhado apenas do lado contrário à direção da raiz do embrião. Observar que a raiz vira e toma a direção do lado úmido.

Tempo: — Prosseguir na observação, conforme esquemas anteriores.

Fenômenos gerais: evaporação.

Objetivo especial: Familiarizar a criança com o fenômeno da evaporação.

Atividades:

1 — Indagar sobre o destino das águas da chuva.

2 — Ferver água numa vasilha diante da classe para levar a observar três pontos essenciais:

a) o vapor saindo da vasilha;

b) a vasilha seca, depois de algum tempo;

c) o vapor que se perde no espaço.

3 — Molhar um lenço e pô-lo a secar na janela;

— Explicar o fenômeno.

No fim do 2.º ano as crianças devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) desenvolveram seu poder de observação e melhoraram seus processos de pesquisa.

b) Interessam-se vivamente pelas cousas da natureza.

- e) Conhecem os principais animais e plantas da localidade e as suas condições de vida num determinado meio.
 d) Enriquecem sua experiência sobre a vida dos animais e plantas.
 e) adquiriram bons hábitos de higiene.
 f) Familiarizaram-se com vários aspectos da germinação.
 g) Plantaram ao menos uma árvore frutífera.

TERCEIRO ANO

A criança observa a natureza que se vem abrindo a seus olhos desde o primeiro ano numa série interminável de coisas novas. Ela compreende a sua vida conduzida paralelamente a mil vidas que se desenvolvem a seu lado, sob seus pés, acima de sua cabeça, dentro e fora d'água.

Compreende esse processo incessante de adaptações e ajustamentos de vida às condições do meio. É agora, no terceiro ano, especialmente, que a cada momento a natureza vem desafiar a sua inteligência, com os "comos" e os "porquês". É a criança que vê, observa, indaga e conclui. O ambiente das aulas, mais do que antes, é a natureza que se oferece à sua inteligência penetrante e absorvente. Não é possível substituir o campo dessas investigações. E não há outro método a seguir senão o que se vem seguindo desde o primeiro ano, porque este é o próprio método das Ciências Naturais.

O programa do terceiro ano pode resumir-se nos seguintes pontos:

Quanto aos animais:

Animais como seres vivos adaptados às condições do meio em que vivem — Envolve a observação dos instintos de defesa, contra as intempéries, contra os inimigos, e de proteção às crias. — Animais que vivem em sociedade.

Quanto às plantas:

As plantas como seres adaptados ao meio em que vivem. Envolve o estudo dos seguintes pontos: Constituição especial das plantas conforme o meio em que vivem — Observação das plantas de vários meios — Plantas sem folhas e sem raiz; plantas sem flores. Germinação de bulbos, de batatas e de sementes.

Quanto ao céu.

Observação do céu: fases da lua e a hora de seu aparecimento. Astros e planetas — Sol fonte de luz e calor.

Fenômenos gerais: — Evaporação — nuvens. Como o sol aquece a terra; nuvens e sua formação; chuva.

Higiene — Combate à verminose, ao alcoolismo e ao tabagismo.

FEVEREIRO E MARÇO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observação da aranha para saber como vive.

Tópico geral: — Os animais como seres vivos adaptados para viverem no seu ambiente.

1 — Observar as aranhas:

- a) procurar várias qualidades de aranha; onde vivem;
 b) compará-las aos insetos quanto às partes do corpo para levar a criança a observar que não se trata de um inseto.
 c) qual deve ser o sentido mais desenvolvido e porque (tato e vista);
 d) comparar várias aranhas de espécies diferentes, para notar: forma, cor e tamanho do corpo, comprimento das pernas; olhos — conformação e posição; mandíbulas;
 e) observar as aranhas, que fazem teia;
 f) observar se possível, como a aranha faz sua teia (desmanchar uma teia para que a criança observe a aranha fazendo outra);

- g) experimentar o fio como é forte em relação à grossura;
 h) observar de onde sai o fio;
 i) qual a forma da teia;
 j) porque é difícil destruí-la; experimentar;
 k) onde fica a aranha;
 l) o que a teia representa para a aranha;
 m) procurar o ninho e os ovos da aranha;
 n) observar aranhas que fazem para-queadas;
 o) observar-lhes os hábitos;
 p) o que representa o para-queadas;
 q) procurar estabelecer uma relação entre o para-queadas e o elemento de defesa e de conquista de alimento;
 r) observar uma aranha a apanhar a sua presa, por uma mosca viva na extremidade da teia e ver o que sucede;
 s) aranhas que vivem debaixo das pedras (aranhas venenosas);

— Como vivem;

— Observar-lhes o buraco no chão;

— Onde fica o veneno dessas aranhas;

— Procurar os sacos de ovos das aranhas e observar a sua evolução;

1) conhecer inimigos da aranha.

2 — Observar o cão para conhecer nele o animal de qualidades excepcionais, de inteligência e de sentimento.

- a) contar histórias de cães; fazer ver a grande vantagem que oferece o olfato para a vida dos cães;
- b) a que atividade o predispõe sua conformação física;
- c) quais os meios de defesa que emprega;
- d) quando ladra, gane ou late;
- e) como protege suas crias;
- f) como nos compreende: — contar histórias que provam a inteligência do cão;
- g) conhecer várias espécies de cães e suas características;
- os cães de S. Bernardo, cães policiais, perdigueiros, etc.
- h) histórias sobre a dedicação do cão ao homem;
- i) animais com características semelhantes ao do cão;
- j) hidrofobia — Vida de Pasteur;
- k) fazer um livro sobre cães: gravuras de cães em várias atividades interessantes; as mais belas histórias e poesias sobre os cães; histórias originais da classe;
- l) ler as poesias — "Plutão", de Olavo Bilac e "O cão", de Afonso Lopes Vieira, do livro "Poesia na Escola Primária", de Zilah Frota, Marieta Leite e Alaide Lisboa.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observar as plantas do morro para compará-las com as do jardim.

Tópico de que faz parte este estudo: — Observar as plantas para conhecer a sua constituição, de acordo com o meio em que vivem.

- 1 — Observar as plantas do morro ou de lugares secos;
- a) procurar a planta característica do lugar;
- b) apanhá-la e colocá-la em jarras — observar;
- c) examinar arrancar as plantas sem auxílio de instrumentos;
- d) cavar ao redor da planta para arrancá-la com todas as suas raízes.
- 2 — Observar as flores do campo: corolas, côres, perfume.
- a) apanhá-las e colocá-las em jarras — Observar a sua resistência;
- b) comparar as plantas do morro com as de jardim; raízes, caules, flores, frutos e sementes.
- Objetivo especial: — Conhecer plantas que não têm raízes nem folhas, para saber como vivem.
- Observar o cipó chumbo;
- a) como se apegá à planta;
- b) acompanhar o desenvolvimento do cipó chumbo na árvore;
- c) observar os efeitos na planta parasitada;
- d) conhecer outra planta parasita.

Outras atividades:

Plantar sementes, bulbos e batatas de flores e observá-lhes a evolução.

Fazer o "Diário" das plantas e dos animais da escola. Encarregar cada dia uma criança de escrever alguma observação interessante sobre as flores, plantas comestíveis, insetos, pássaros e vermes e alguma cousa sobre os animais, crias da escola.

Estudo do céu

Objetivo especial: — Completar as observações do 2.º ano, quanto às fases da lua;

Observar a forma da lua — hora em que aparece — quando não é vista durante o dia.

Fenômenos gerais

Objetivo especial: — Observar diariamente a evaporação e verificar como ela depende de outros elementos: vento, calor, umidade do ar.

Na falta de melhor aparelhamento, encher um copo de água até certa altura. Marcar o nível da água com um gancho de arame que se dependura do lado de dentro do copo. A ponta do arame deve roçar ligeiramente a superfície da água. Marcar no dia seguinte à mesma hora, o nível da água e registrar. Repetir essa experiência durante vários dias para levar a criança a observar que a evaporação da água varia de acordo com o tempo.

Observar o vento: Colocar um papavento na janela da escola e observar seu movimento de acordo com a direção do vento.

Higiene: manter os hábitos adquiridos nos anos anteriores: combater o álcool e o fumo mostrando os perigos, para a saúde, para a família e para a sociedade.

Outras atividades:

Ler para a classe o livro "Saudade" de Thales de Andrade. Bibliografia para o aluno:

Teodoro de Moraes — Sei ler — Quem poupa às árvores conserva tesouros — Velhas árvores. João Kopke; Histórias de crianças e animais — A coruja — 52 Histórias de elefantes — 64. O vagalume — 77. Como os meninos pescaram o jacaré — 124. João Kopke — Histórias de meninos em casa, na rua e na escola. Onde estão os passarinhos. Mauro e o passarinho. Os beija-flores. O amigo dos pássaros.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Observar as cobras para saber como vive.

Tópico de que faz parte este estudo: Animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Atividades:

Observar a cobra, viva de preferência, ou empalhada ou conservada:

- a) observar-lhe a flexibilidade do corpo que lhe permite viver na água e na terra;
- b) observar-lhe a cabeça, a bôca e os dentes;
- c) cobras venenosas e não venenosas;
- d) de que se alimentam; mastigam o alimento?
- e) como caçam o alimento;
- f) quanto tempo passa a cobra sem comer;
- g) onde vivem as cobras;
- h) quando atacam, e como;
- i) as cobras mais comuns no lugar e nos arredores;
- j) o perigo que constituem para os homens e para os animais.

Plantas e animais

Objetivo especial: — O homem depende das plantas e dos animais.

Tópico de que faz parte este estudo: — A dependência entre os seres da natureza.

1 — Observar de que maneira as plantas concorrem para melhorar as condições da vida do homem;

- a) vestuário;
- b) alimentação;
- c) casa.

2 — Fazer uma lista de todas as plantas que usamos na alimentação, no meio, distinguindo: folhas, raízes e flores: — levar a criança a conhecê-las sob vários aspectos.

3 — Plantas de ornamentação.

4 — Plantas medicinais.

5 — Quais as plantas que fornecem material para o vestuário;

- a) fazer a criança observar as várias qualidades de tecido;
- b) fazer distinguir pelo tato a sêda, o algodão, a lã.

6 — Estudar o algodão:

- a) visitar um campo de cultura do algodão, onde fôr possível;
- b) conhecer as folhas, flores e sementes;

c) estudar os insetos que atacam o algodoeiro. Como combatê-los:

- d) colheita do algodão, maneira de transportá-lo às fábricas;
- e) acompanhar o preparo da fibra do algodão, em todas as suas fases, nas fábricas, onde fôr possível;
- f) verificar os vários tecidos;
- g) procurar informar-se de todo o movimento de uma fábrica, como maquinismos, empregados, saída do produto etc.
- h) subprodutos da fábrica e o aproveitamento de restos de matéria-prima;

7 — Estudar o linho:

- a) de onde vem;
 - b) relação entre o linho e o algodão.
- 8 — Estudar a sêda vegetal:
- a) procurar informar-se sobre essa indústria;
 - b) conhecer as fibras e o seu preparo (bananeira);
 - c) observar, tanto quanto possível todas as fases dessa indústria;

9 — Quais as plantas que fornecem material para a construção das casas:

- a) madeira de construção;
- b) visitar os depósitos de madeiras, serrarias, carpintarias;
- c) procurar informar-se sobre todo o trabalho com a madeira, desde as matas até sua aplicação;
- d) onde houver possibilidade, acompanhar a derrubada de árvores e suas condições;
- e) conhecer os insetos que atacam a madeira;
- f) visitar uma casa em construção;
- g) dilatar a experiência e mostrar outras aplicações das plantas na vida do homem, lembrando a borracha e o papel.
- h) informar a criança sobre a natureza dessas plantas, conforme as explicações que demos sobre o algodão.

10 — Fazer a mesma coisa quanto à contribuição dos animais para:

- a) vestuário;
 - b) alimentação;
 - c) casa.
- 11 — Estudar a lã:
- Estudar o carneiro, de acordo com os esquemas anteriores:
- a) assistir ao tosquiamento de um carneiro, sempre que possível;
 - b) o trabalho com a lã que puder ser observado de perto;
 - c) dar às crianças informações sobre a indústria de lã, relacionando-a com a do algodão;
 - d) porque o algodão é mais barato do que a lã, etc.

12 — Estudar o bicho da sêda:

a) levar para a aula lagarta ou casulo, ou ambos, observar a metamorfose da lagarta;

b) observar todos os aspectos do desenvolvimento da indústria do bicho da sêda, aproveitando tôdas as oportunidades que o lugar puder oferecer para a observação direta.

13 — Animais que contribuem para a nossa alimentação, como o boi, a vaca, o pato, a galinha, o cabrito, o carneiro, os peixes e caças, o porco:

a) fazer um estudo dêsses animais, conforme esquemas anteriores;

b) procurar conhecer todo o aproveitamento que se faz do animal;

c) excursões de uma fazenda, um açougue, uma banca de peixes, uma fábrica de laticínios, etc.

14 — Desenvolver o mesmo plano mostrando como o homem depende também dos minerais:

a) alimentação;

b) casa;

c) vestuário.

15 — Visitar um forno de calcinação e observar tôdas as fases do seu funcionamento.

Bibliografia para o aluno: — Erasmo Braga, *Leitura intermediária*; Borboleta, p. 32; Vespas, 74.

Teodoro de Moraes — *Sei ler* — História de um arbusto — 142-3; *A Árvore* — p. 281-2.

Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves: 1.º Livro — *Na aula de jardinagem* — 34-5; Violetas — 86-7; Flores e frutas — 82-3.

Ambrosina Rodrigues Pereira — *Leituras fáceis* — O horte-lão — 14-5; Quero ter uma chácara — 37-8; Na Roça — 69-70.

João Kopke — *Histórias de crianças e de animais*. Histórias do Vôvô — 55; — O tico-tico machucado — p. 79; Um amigo esquisito — p. 100; O periquito — p. 20; — Os dois passarinhos p. 32.

Plantas

Como as plantas dependem dos animais e dos minerais.
Desenvolver o estudo de acôrdo com o plano anterior.
Outras atividades:
Observar as plantas da classe e tratá-las com zelo.

Estudo do céu

Sugerir a observação do céu à noite.

Fazer distinguir astros de luz fixa — Planetas — das que cintilam — estrélas.

Higiene — Manter os hábitos já formados;

— Combater o uso do álcool e do fumo.

Sugerir atividades interessantes para as férias:

1 — ler histórias e poesias sobre a vida dos animais e plantas;

2 — procurar borboletas e identificá-las;

3 — observar como agem os animais domésticos: na sua defesa e na de suas crias, etc.;

4 — ir ao circo para ver as atividades de animais amestrados;

5 — visitar parques, jardins zoológicos, feiras de pássaros, etc.;

6 — quando viajar, conhecer coisas interessantes da natureza para contar em classe.

JULHO, AGÓSTO E SETEMBRO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Estudar as abelhas para conhecer animais que vivem em sociedade.

Tópico de que faz êste estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio.

Atividades:

— examinar uma colmeia;

a) os zangões;

b) as operárias;

c) examinar larvas e ninhos de abelhas;

d) conhecer o processo de distribuição na colmeia;

e) observar, ler e procurar outras fontes de informação para

saber:

f) como se alimentam;

g) onde procuram seu alimento. Examinar uma abelha segundo o néctar das flores. Apanhá-la para examinar como conduz o pólen à colheita. Soltá-la logo depois;

h) como as operárias alimentam as larvas;

i) como regulam a temperatura e a ventilação na colmeia;

j) como cuidam da rainha;

k) como guardam e defendem a colmeia;

l) como levam a água; como limpam e como removem as abelhas mortas;

m) como fazem o mel e para que fim;

n) porque o mel não se azeda no favo;

o) os inimigos da colmeia;

p) compreender as leis rígidas da colmeia e a disciplina das abelhas;

q) procurar apanhar um enchame de abelhas (em setembro);

- r) lêr histórias, poesias sôbre a vida das abelhas;
- s) discutir o valor do mel virgem na alimentação;
- t) conhecer os processos de pasteurização;
- u) outras aplicações do mel.

Bibliografia para o aluno — Chiquinha Rodrigues: As Ban-deiras.

Objetivo especial — conhecer a vida das aves e dos passarinhos para ajudá-los. Levar a criança a concluir que os homens e as plantas precisam das aves.

Tópico de que faz parte: — Resumir as experiências das crianças sôbre a vida dos pássaros:

- a) como se alimentam.

Fornecer dados impressionantes sôbre o número de insetos que

um pássaro devora por dia para a criança avaliar-lhe a utilidade;

- b) como fazem seus ninhos;
- c) quais as aves mais engenhosas na construção de ninhos.

Ex.: João de barro, João tenenê;

- d) quais os ninhos mais lindos; tico-tico, do tiri-verão, etc.;
- e) de que fazem seus ninhos; como aproveitam a matéria existente no lugar;

f) quais as aves que têm os ninhos mais bem feitos, porque:

- g) as aves que não fazem ninhos e porque;
- h) como os ninhos, revelam a valentia de seus donos;

i) como revelam os inimigos de seus donos; procurar particularidades na confecção de ninhos e descobrir o motivo;

j) quem deu nome aos passarinhos e as outras aves; — alguns nomes interessantes dos nossos passarinhos: marido — é dia ou maria — é dia; martim-pescador; viuvinha; bentivi; malho de João Gomes; mangueira; maria judia; novinha; pai-agostinho; quem te vestiu; triste-pia; tropeiro; trovoada; velhinha; veludinho;

- k) pássaros gritadores e cantores;
- l) os mais lindos pássaros;
- m) pássaros e aves nocivos; pássaro que propagam a herva de passarinhos;

n) que nos revela o bico das aves sôbre a alimentação;

- bico de estilete (pica-pau);
- bico recurvado (aves de rapina);
- bico comprido (beija-flor);
- bico fino e duro, etc.;

o) o que revelam os pés das aves:

- p) que revelam as áas dos pássaros;
- áas longas;
- áas curtas e redondas;
- áas recortadas e grandes, etc.;

q) como os homens têm prejudicado as aves com o comércio.

A época em que se poderia tirar as penas das aves sem sacrificá-las;

r) as mais belas lendas sôbre: a côr, o canto e conformação dos pássaros; ver — "Pássaros do Brasil" de Eurico Santos; lenda da araponga ou ferreiro — p. 123; lenda do rapaçu (pica-pau); lenda do "verão", p. 36 — cambexirra ou carriça — 145; cauda das andorinhas; lenda da viuvinha, p. 68; lenda da côr do chopim, p. 278; ninho do japim — 260; lenda do uruparu, protetor dos pássaros — p. 58.

s) Ler para as crianças o "Sermão de S. Francisco de Assis às aves" e "Jesus e os Passarinhos" d'O livro das Aves" de Presciliana Duarte de Almeida;

— ler a poesia "Os passarinhos" de Afonso Lopes Vieira.

t) Fazer um bebedouro para os passarinhos, no parque da Escola.

Objetivo especial: — Observar o gato, o grande inimigo dos passarinhos:

a) observar-lhe a cabeça; a posição das orelhas e o movimento; os olhos; dilatação da pupila; côr dos olhos durante o dia e à noite; como são as mandíbulas; o que indicam; quais os sentidos mais desenvolvidos; como se alimentam; o que fazem para apanhar ratos, como são as patas e as garras; comparar a pata do gato com a do cão; porque a diferença; a cauda do gato, para que serve:

b) observar o gato subindo a uma árvore;

c) meios de defesa contra os inimigos;

d) como protege suas crias;

e) associar o estudo do gato ao da onça; do tigre; etc.

Bibliografia para o aluno: João Kopke — Histórias de crianças e de animais — Quem morre para defender o Brasil — 26; Pior do que quadrilha de Ladroes — 148.

João Kopke — Histórias de meninos na rua e na Escola; Os beija-flores.

João Kopke — Leituras práticas: O ninho, 15-16; O galinheiro — 39-40; As aves — 23-24; Os ovos — 98-99.

Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves: — 2.º Livro — Não se perdem dos passarinhos 13-14; O ninho de João de barro — 84-5; Os ninhos — 96-97; O patinho feliz — 123-4.

Estudo das plantas

Objetivo especial: — Observar as plantas aquáticas para compará-las com as do jardim e com as do morro ou de lugares secos.

Tópico geral: — As plantas como seres adaptados às condições do meio.

Atividades:

- a) observar as folhas, os caules e as raízes;
- b) mostrar em que consiste a defesa da raiz.

Pôr um grão de feijão para germinar na terra e outro na água. Verificar depois de algum tempo que a raiz deste tem menos pelos absorventes — ceifa mais longa.

Outras atividades:

- 1) Escolher uma árvore para ser plantada no bosque da escola.
- 2) Fazer concurso de jardineiros e de vasos entre as várias classes.

O sol

a) sol — fonte de luz e calor.

Como o sol aquece a terra?

Higiene: — Combater a verminose:

- a) levar a criança a observar uma lombriga e uma solitária;
- b) mostrar a forma, cor, comprimento;
- c) explicar a existência de muitos outros parasitas existentes nas fezes e que causam grandes danos à saúde;
- d) explicar meios de transmissão e de cura;
- e) ler para a classe o livro de Jeca Tatuzinho, de Monteiro Lobato;

f) explicar a função das sanitárias ou privadas.

Combater o uso do álcool e do fumo.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Objetivo especial: — Como os animais cuidam de suas crias.

Tópico de que faz parte este estudo: — Os animais como seres adaptados às condições do meio em que vivem.

Atividades:

Conhecer as experiências da criança com relação aos cuidados dos pais para com as crianças, entre os animais domésticos.

1 — Animais de poucas crias: gato, cachorro, aves — cuidam das crias até que estas sejam capazes de viver por si:

- a) observar o meio especial de proteção contra as intempéries: o coelho — arranca seus pelos para aquecê-los; as aves — agasalham-na com as suas penas;
- b) observar a maneira como alimentam os filhotes: — o pombo lhes lança no bico uma espécie de creme; os mamíferos — mamam nas mães.
- c) Como os animais defendem as crias dos inimigos: — alguns animais perdem seu cheiro característico e passam despercebidos dos seus inimigos (aves comumente);

- outros mudam de cor e se confundem com o ambiente;
- frequentemente, se tornam agressivos;
- fazem ninhos e tocas em lugares muito escondidos;
- trazem os filhotes em bôlso no ventre;
- carregam as crias nas costas, etc.

2 — Animais de muitas crias: peixes, sapos, insetos — não cuidam das crias, mas põem os ovos em lugares onde a sua subsistência possa ser assegurada.

3 — Ler histórias para as crianças sobre esses assuntos.

4 — Conhecer outros animais que vivem em sociedade e que obedecem a certas regras — as formigas;

- a) procurar assistir as atividades das formigas, para notar alguma distribuição do trabalho entre elas;
- b) observar diferentes tamanhos de formigas;
- c) observar um formigueiro por alguns dias;
- d) procurar seguir as formigas; observar o caminho que fazem diariamente e a sua atividade;
- e) descobrir jeitosamente um formigueiro para ver as suas galerias;

f) levar as crianças a ler ou informar-se sobre os seguintes pontos da vida das formigas.

- as principais divisões de um formigueiro;
- as qualidades de formiga em cada formigueiro;
- a divisão do trabalho;
- g) como começam um novo formigueiro: acompanhar o trabalho de uma içã por algum tempo;
- h) como as formigas se defendem de seus inimigos;
- i) apanhar larvas e ninfas de formiga e acompanhar-lhes a metamorfose;
- j) como umas formigas combatem outras e como fazem escravas;
- k) as formigas como inimigas do homem;
- m) conhecer várias qualidades de formigas — especialmente as saúvas.

Bibliografias para o aluno — Chiquinha Rodrigues: — As Bandeiras.

Plantas

Objetivo especial: — Observar a natureza em todos os seus aspectos para admirar as grandes belezas que ela revela nessa época:

- 1 — visitar os jardins e campos floridos;
- procurar flores conhecidas;
- conhecer novas flores;

2 — Observar as plantas que não dão flores:

— observar as folhas das samambaias para verificar as sementes.

3 — Estudar algumas plantas curiosas:

a) plantas carnívoras (drósera);

b) vitória régia — e outras;

c) plantas urticantes — urtiga — aroeira, etc.

4 — Examinar as mais belas árvores:

a) examinar a forma das copas;

b) a distribuição dos ramos;

c) conhecer as flores e os frutos dessas árvores.

5 — Aguardar as sementes das flores.

Outras atividades:

Observar o céu de acordo com esquemas anteriores.

Evaporação

Objetivo especial — Resumir as observações sobre a evaporação.

Tópico geral: — Fenômenos da natureza. Fatos que devem ser dados:

1 — A evaporação dependendo do calor; do vento, da umidade etc..

2 — Os mares e rios deixam evaporar água continuamente;

3 — As plantas deixam evaporar água pelas folhas.

— A água evaporada forma as nuvens e retorna à terra sob a forma de chuva.

No terceiro ano os alunos devem revelar o seguinte desenvolvimento:

a) revelam um interesse crescente pelas coisas da natureza;

b) conhecem a vida de muitos pássaros do Brasil, seus caracteres principais e seus hábitos;

c) reconhecem a relação de dependências entre os homens, animais e plantas;

d) conhecem os processos de adaptação das plantas e dos animais a seu meio e condições de vida;

e) conhecem a natureza diferente de outros lugares e casos interessantes de adaptação da vida;

f) explicam algumas causas dos principais fenômenos do seu meio e se interessam em descobrir a causa de outros;

g) continuam a interessar-se pelas árvores e outras plantas da escola;

h) continuam a tratar da horta e do jardim de suas casas;

i) continuam a plantar ao menos uma árvore frutífera durante o ano.

QUARTO ANO

Há muito que já se vem organizando esse mundo maravilhoso do espírito da criança, e esta sente, agora, depois de um demorado contacto com a natureza, a segurança que lhe inspiram as suas leis sempre infalíveis e certas. Não é a classificação dos quadros clássicos de Ciências que lhe vem ordenar e agrupar os fatos adquiridos, mas a proximidade das causas e dos efeitos dos fenômenos a que ela assistiu e das leis que ela provou e experimentou. A criança se sente mais à vontade agora. Vamos, pois, levá-la a verificar o aproveitamento que o homem tem feito das energias da natureza. Ela vai trocar o campo biológico pelo utilitário.

E é preciso pensar nas leis que regem a vida do homem.

Dar à criança conhecer as suas funções principais, e os rudimentos de alimentação racional, para que ela saiba que a sua vida, como as das plantas e dos animais que observou, está sujeita a certas condições a que é previsto ajustar-lhe para tornar-se forte e útil.

Para que tão bela e tão grandiosa natureza, se o homem que deve aproveitá-la é doente ou fraco?

Não é bastante dar o ideal, mas é preciso dar o hábito à criança de alimentar-se bem e de cuidar da sua saúde. E' preciso também levá-la a cultivar a terra para produzir o que é tão indispensável à saúde — legumes e verduras. Tótlas as escolas do Estado podem ter sua horta. Se não é dentro da sua própria área, é na frente ou do lado, se não é de nenhuma dessas maneiras, é em caixotes e em latas. Ter um palmo de terra e plantá-lo é uma obra de civismo a que nenhuma professora deve fugir.

O programa de quarto ano pode resumir-se no seguinte:

Estudo da vida de um determinado meio para levar a criança a compreender o equilíbrio da natureza: plantas e animais cooperando uns para o estabelecimento das condições de vida dos outros.

Estudo da vida dos insetos, para formar a atitude com relação a eles.

A água como o mais útil de todos os minerais — Suas aplicações nos seus três estados.

Estudo do organismo humano. Envolve um estudo sumário dos aparelhos motor, nervoso, circulatório, respiratório e digestivo e suas respectivas funções.

Estudo de uma floresta e o que ela representa para a humanidade.

Movimento da terra — os dias e as noites — Estações.

Higiene: — Combate à tuberculose — sífilis — lepra — bebidas alcoólicas e fumo.

Alimentação e saúde.

FEVEBREIRO E MARÇO

Objetivo especial: Estudar a vida em um meio líquido: rio ou pôço.

Tópico de que faz parte este estudo: — Estudo da vida de um determinado meio para levar a criança a compreender o equilíbrio da natureza: plantas e animais de constituição adaptada ao meio, colaborando uns nas condições de vida dos outros.

Atividades:

1 — proveniência das águas — acompanhar o curso até onde for possível. Conhecer todos os aspectos físicos do rio, dentro da localidade:

- a) estudar as plantas aquáticas do poço;
- b) aspecto que apresentam durante as estações;
- c) suas características;
- d) levar a classe a observá-las bem para conhecer as funções das folhas, raízes e caules com relação ao meio;
- e) comparar essas plantas com as da terra, principalmente as de lugares secos;

2 — Estudar os animais que vivem no pôço:

- a) procurar seus característicos determinados pela vida que levam;
- b) examinar os peixes;
- c) observar-lhes a côr. a forma;
- d) como se alimentam; se à superfície, se no meio ou no fundo;

e) observar o efeito que cada uma dessas maneiras pode determinar na bóca do peixe;

3 — Examinar as rãs:

- a) procurar ovos e conhecer a época em que são encontrados;
- b) observar-lhes a metamorfose;
- c) procurar saber como o sapo se adapta à vida aérea;

4 — Conhecer a influência dos peixes e sapos na vida do pôço e a deste nos arredores.

5 — Influência das plantas aquáticas como defesa da vida dos animais;

- a) como as folhas contribuem para a respiração dos animais;
- b) explicar a respiração animal;
- c) explicar a respiração vegetal contrária à do animal;

6 — Por que motivo nos rios há vida animal sem plantas aquáticas;

7 — Procurar os insetos do poço:

— apanhar larvas e levá-las para a classe para observar sua metamorfose;

8 — Procurar os pássaros que freqüentam as imediações:

- a) identificá-los;
- b) procurar os motivos por que freqüentam esses lugares;
- c) procurar observar-lhes os característicos físicos e determinados pela vida que levam;

9 — Procurar pedras e seixos do poço:

- a) observar-lhes a forma;
 - b) a variedade e qualidade; explicar a diferença;
 - c) observar o limo e o lódo das pedras e das beiras;
 - d) procurar a função dessas plantas;
- de alimento para os animais;
- de oxigenação da água;
- de destruição de matérias indesejáveis na água, evitando que se infiltrem na terra;

10 — Procurar descobrir toda a influência da vida do poço ou do rio no lugar, estabelecendo a seguinte questão: "como seria esse lugar se não houvesse o poço?"

11 — Levar as crianças a fazerem na escola um aquário, aplicando os conhecimentos adquiridos.

Estudo da horta

Objetivo especial: — Fazer a horta da escola.

Tópico de que faz parte este estudo: — Estudo das condições essenciais de um terreno e de seu preparo para uma boa horta.

Atividades:

a) estudar o terreno:

- procurar saber quais as plantas que devem ser cultivadas;
- qual o preparo que deve merecer;
- possibilidades de irrigação fácil;
- b) condições essenciais de um bom terreno para horta;
- c) os meios de tratá-la convenientemente nos pontos em que os casos exigem, como: drenagem, çalagem, adubação;
- d) preparo de sementeiras:
 - seleção e desinfecção de sementes;
 - condições do terreno para facilitar a germinação,
 - sementeira e suas condições;
 - repicagem;
 - transplantação, etc.;
- e) sementeira definitiva;

- f) escolha das plantas — tratamento;
 h) animais que podem ajudar no combate aos animais nocivos;

vos;

- i) outros meios de defesa contra os insetos nocivos;
 j) cultura e trato para obtenção de bons produtos.

Bibliografia para o professor: Horticultura prática, 1.ª Vel. Professor Humberto Bruno.

ABRIL, MAIO E JUNHO

Estudo dos animais

Objetivo especial: — Conhecer a vida dos insetos.

Tópico de que faz parte este estudo: — Insetos úteis e nocivos. A vida de uns em relação à de outros.

Atividades:

Resumir todas as experiências das crianças com relação aos estudos de insetos dos anos anteriores.

1 — Levantar a classe a formar uma noção da quantidade de insetos do mundo:

- na água;
- no ar;
- na terra;
- a) debaixo da terra;
- b) insetos nocivos;
- c) insetos úteis;
- d) insetos que não nos afetam;
- e) insetos que ignoramos se são ou não úteis;
- f) insetos que são inimigos dos homens e plantas; — os que atacam diretamente;
- g) insetos que são vitimas de outros insetos;
- h) insetos — grandes inimigos do homem — mosquitos — transmissores de febre amarela, etc.;

2 — Conhecer os meios de multiplicação e desenvolvimento desses insetos para combatê-los;

- drenagem de águas paradas;
- asfixiamento das larvas com óleo, nos porcos, etc.;

3 — Estudar as mósicas; perigosos transmissores de doenças:

- a) apanhar mósicas e examinar-lhes os pés e a boca e levar a observar como facilitam a transmissão de micróbios e ovos;
- b) botar ovos em lugares imundos, onde a larva se desenvolve;

- c) como combatê-las: matando suas larvas com substâncias próprias nos lugares onde habitualmente se desenvolvem;
- d) estudar a vida de Osvaldo Cruz;
- e) a Secretaria de Saúde e Assistência e o trabalho na extinção de mosquitos e focos — Serviço de Profilaxia da Febre Amarela;

f) insetos inimigos das plantas:

Departamento de Agricultura, a sua função e a sua utilidade no combate aos insetos nocivos às plantas.

4 — Como a natureza determina o equilíbrio:

- a) insetos que combatem outros;
- b) insetos que põem ovos sobre a larva de outros; como a larva é devorada;
- c) insetos que põem ovos no ninho de outros.

4 — Explicar que quase todos os insetos nocivos são insetos que estão fora do seu ambiente e se desenvolvem porque se livram de seus inimigos naturais — como pássaros, outros insetos e outros animais;

a) mostrar o cuidado que o homem precisa ter em não combater pássaros e outros animais que eliminam os insetos nocivos.

A água

Objetivo especial: Conhecer a utilização da água nos seus três estados.

Tópico geral: — A água como o mineral mais útil e indispensável às plantas, aos animais e ao homem.

Os três estados da água.

1 — Estado líquido: Como da água neste estado se utilizam o homem, os animais e as plantas.

Atividades:

- a) conhecer a caixa d'água que serve à localidade ou ao Grupo;
- b) levar a conhecer a origem e o trajeto da água até a caixa;
 - c) sistema de tratamento da água usado no lugar;
 - d) distribuição da água: Porque as caixas são sempre no alto;

(Fazer demonstrações sobre os vasos comunicantes. Na falta de melhor aparelhamento demonstrar com o auxílio de um bule. Levantar a criança a observar que a água se eleva igualmente dentro do bule e no bico);

e) fazer demonstrações sobre a água não filtrada e o perigo que pode acarretar para a saúde;

- f) observar uma vela de filtro e as impurezas deixadas nela depois de alguns dias de filtragem, etc.;
- g) observar uma cisterna: de onde vem a água e porque;
- h) relações entre a água da cisterna e a da torneira;
- i) aproveitamento da água nas máquinas simples;
— rodízio de moinho;
— monjolo;
— água e força elétrica;
- j) o sentido da unidade de força: cavalo-vapor;
- k) excursão a represa de usina elétrica — maneira como a força d'água pode gerar energia elétrica.

2 — Água no estado gasoso:

- a) vapor d'água; sua existência na natureza: nuvens;
- b) vapor d'água como força;
- c) levar a criança a assistir ao funcionamento de uma locomotiva e de outras máquinas a vapor;
- d) relação entre a força elétrica e a do vapor;
- e) a vida de Watt e de Stephenson. "Tesouro da Juventude".
- ## 3 — Água no estado sólido:
- como existe naturalmente; geleira — geada e neve.
O gelo fabricado na indústria e sua utilização.

JULHO, AGOSTO E SETEMBRO

O homem — órgãos e funções

Objetivo especial: — Estudar os aparelhos: digestivo, circulatório, respiratório, aparelho motor e nervoso e respectivas funções.

1 — Aparelho motor:

- a) fazer a criança observar-se a si mesma para verificar:
— os ossos;
— os músculos;
- b) Procurar conhecer o que a criança pensa sobre a função dos ossos:
— facilitar o movimento;
— proteção aos órgãos mais delicados;
— comparar os movimentos dos vários animais com seus hábitos de vida e necessidade de movimento;
- c) Mostrar praticamente a relação entre os músculos e os movimentos;
- d) Diante de um esqueleto ou de gravuras bem nítidas: mostrar as três partes do corpo;

- e) Levar a criança a observar a maneira como os ossos formam caixas e canais para protegerem os órgãos delicados:
— a cabeça — a caixa craniana guardando o cérebro;
— o tronco — para guardar pulmão, coração;
— uma bacia para guardar outros órgãos;
— um canal — mostrar a coluna vertebral e mostrar os orifícios das vértebras — que formam, unidos uns aos outros, um canal onde está uma parte importante — a medula;
— levar a criança a fazer vários movimentos para verificar a influência da coluna vertebral na flexibilidade do corpo;
— fazer dejeções uma vez por dia à hora certa;
— saber que para manter a regularidade do intestino deve comer frutas e vegetais e fazer exercícios físicos;
— saber que as dejeções irregulares ou deficientes podem produzir dores de cabeça, falta de apetite, cansaço.

3 — Estudar a respiração:

- a) fazer a criança acompanhar seus movimentos respiratórios;
- b) fazer observar movimentos de inspiração acompanhando a dilatação do tórax;
- c) explicar porque o ar dilata o tórax;
- d) mostrar um pulmão de galinha para que possam avaliar a sua consistência;
- e) que acontece ao ar que entra pelo pulmões?
— explicar o fenômeno da respiração;
- f) estudar a tuberculose — como doença dos pulmões;
- a) as crianças devem ter conhecimentos gerais sobre a transmissão da doença;
- b) como se transmite — ensinar hábitos de higiene necessários para evitá-la;
- c) levar as crianças a examinar os índices de tuberculose no lugar onde moram, nas grandes cidades, no Estado de Minas e no Brasil;
- d) fazer a criança sentir que a tuberculose é curável;
— explicar os primeiros sintomas; e como combatê-la;
- g) mostrar como cada criança deve desde a escola combater a tuberculose:
— através da alimentação;
— exercício ao ar livre;
— higiene em geral, etc.
- h) levar a criança a fazer diariamente na classe — antes da ou na hora do recreio, independentemente da aula de Educação Física, — exercícios de respiração;
- i) estudar o arejamento das casas e condições de higiene.
- #### 4 — Estudar a circulação.
- A grande e a pequena circulação o mais praticamente possível.

Mostrar o coração da galinha — algumas artérias, veias. O sangue:

- procurar conhecer a noção que as crianças têm da pulsação;
- fazer a criança sentir o batimento do coração e do pulso.

Higiene: — Mostrar a relação entre a mortalidade causada pela tuberculose e pela sífilis. Formar a mentalidade da criança no sentido de combater a mortalidade.

Alimentação

Objetivo especial: — Por que nos alimentamos?

Tópico de que faz parte este estudo: — Ensinar a criança a alimentar-se bem para crescer forte e sadia.

Atividades:

a) fazer a criança conhecer os alimentos essencialmente formadores dos músculos e de outros tecidos — os protéicos — leite, ovos, carne, queijo, feijão, etc.;

b) alimentos ricos em minerais — formadores dos ossos e dentes: os que contêm cálcio — o leite, a carne, o feijão, as frutas, etc.;

c) alimentos ricos em ferro — para o sangue — encontrado principalmente na gema do ovo, no espinafre, nas vagens, etc.;

d) os alimentos que contêm vitaminas que protegem o corpo contra as moléstias, ajudando-o a desenvolver-se melhor: leite, manteiga, frutas frescas — laranja, tomate, etc.; fôlhas — espinafre, alface, repolho, etc.;

e) chamar a atenção para a mortalidade infantil ocasionada pela alimentação imprópria;

f) comentar a alimentação das crianças, dando-lhes orientação prática sobre a maneira de cozer os vegetais de modo a preservá-los da perda de suas propriedades nutritivas, como a torná-los mais agradáveis ao paladar.

Outras atividades:

a) fazer o caderno de receitas culinárias;

b) visitar um lactário ou uma "creche";

c) comentar alimentação do homem em relação ao meio natural em que se acha;

d) como se alimenta o povo brasileiro em várias regiões do país (beira-mar, sertão);

e) como se alimentam alguns povos (italiano, espanhol, francês, japonês, português).

Outros hábitos de higiene:

1 — Manter os hábitos já formados.

2 — Combater a lepra. Dar os característicos da doença e meios de evitá-la.

3 — Combater o uso das bebidas alcoólicas e do fumo.

OUTUBRO E NOVEMBRO

Estudo da floresta

Objetivo especial: — Estudar a floresta.

Tópico de que faz parte este estudo: — Estudo da floresta para formar a compreensão de que devemos protegê-la, e como.

Pontos que devem ser dados:

Nossas florestas:

a) necessidade de conservá-las;

b) as florestas defendem-nos contra as grandes tempestades;

c) as florestas são indispensáveis à conservação da unidade;

d) desmoronamento dos terrenos — lembrar as plantas margeando estradas;

e) valor das árvores para o homem;

f) enumerar várias aplicações.

Os guarda-florestas e sua atividade.

Ler para as crianças a descrição de uma floresta: "Saci" de Monteiro Lobato — "Guarani" de José de Alencar.

A floresta como *habitat* de muito pássaros e insetos: Alguns hábitos característicos dos animais (insetos, pássaros e outros) da floresta.

Aspectos da vida nas florestas. Vantagens dos decretos sobre "Caça e Pesca":

a) os animais mamíferos comuns nas nossas matas. Seus característicos, seus hábitos;

b) répteis e batráquios mais interessantes e seus característicos, seus hábitos;

c) plantas — as comuns — as mais interessantes;

d) situação das nossas principais matas. Conhecimento, aproveitamento e defesa.

Bibliografia para a professora: "Sertões" de Euclides da Cunha; "Retirada da Laguna" de Taunay.

Dias e noites — Estações

Objetivo especial: — Explicar a formação dos dias e das noites. Fazer demonstrações práticas com o telúrico, e na falta deste,

com um pão e uma vela acesa. Explicar a formação das estações.

No fim do 4.º anos os alunos devem apresentar o seguinte desenvolvimento:

1 — Revelam um grande amor pela natureza.

2 — Conhecem a influência do meio sobre os seres e os recursos de que estes dispõem para adaptarem-se.

- 3 — Têm a noção da luta pela vida entre os animais, na qual vence o mais adaptado e desenvolvido.
- 4 — Conhecem várias maneiras como certos animais e plantas se agrupam para se assegurarem as condições de subsistência.
- 5 — Conhecem os fenômenos principais da vida do homem, como digestão, circulação e respiração.
- 6 — Têm a noção do poder maravilhoso da natureza e das forças a pesquisar e a aproveitar.
- 7 — Sabem os fundamentos de uma boa alimentação e têm a atitude formada de alimentar-se bem.
- 8 — Conhecem os elementos essenciais para o cultivo de uma boa horta e já assumiram, consigo mesmos, o compromisso de tê-la em sua casa.

Alguma bibliografia sobre assuntos do programa, para uso de professores

Instrução e programa do ensino primário do Estado de Minas Gerais, Decreto n.º 8.094, de 22 de dezembro de 1937. — Páginas 69-146; 183-201 e 253-264.

Programas de ciências — Departamento de Educação do Distrito Federal.

Série C — Programas e guias de ensino n.º VI-A, 1.º e 2.º volumes. — Companhia Editora Nacional — 1935.

Francisco Vendício Filho e Edgard Sussekind Mendonça — Ciências físicas e naturais. Introdução geral às ciências experimentais — Companhia Editora Nacional São Paulo — 1932 — 1.º volume — O Ar e a Água; 1934 — 2.º vol. — Terra, Energia, Vida, Civilização.

Mesmos autores — Leituras de ciências físicas e naturais.

Potsch (Waldemiro) — História Natural.

Prof. Melo Leitão — Curso elementar de História Natural.

Goué et Goué — Comment faire observer nos élèves.

Claude Bernard — Introduction à l'étude de la Médecine Expérimentale. Paris — 1900.

Faria de Vasconcelos — Didática das ciências naturais.

C. Was Bruce — Commun Science. World Book Company.

Edmundo Lozano — La enseñanza de las ciencias físico-químicas e naturales.

Editiones de la lectura.

Feliz Marti Apera — Nociones de ciencias físicas, químicas e naturales.

Publicaciones de la Revista de Pedagogia, etc.

Mme. Chantclair — Comment réaliser 250 expériences de physique et de chimie à peu de frais.

Paris Nathan.

Ren Leblanc — Les sciences physiques à l'école primaire (Libr. André Fils).

G. Scott — Nature study and child. Nova York. Appleton.

Vals, Vicente — Metodologia de las Ciencias Naturales.

Almeida, Júlia Lopes — Jardim Florido. Jardinagem.

Brito, Souza — Manual de Botânica Geral e Aplicada.

Martins Dias — A. B. C. da Natureza.

Comstok, Anna Rotsford — Hand-book of nature Study

Sales P. — O Jardineiro Brasileiro.

Humberto Bruno — Olericultura — Horticultura Prática.

Schemel Otto — Curso de Zoologia.

Cia. de Melhoramentos de São Paulo — Coleção de Desenhos para Trabalho (Invertebrados).

Quadros para o ensino intuitivo.

Fabre J. H.

Savassi — A sericultura no Brasil. Publicação do Ministério da Agricultura.

Publicação do Ministério da Agricultura — Monografia sobre diversas plantas brasileiras.

Saint Clair, Miranda Carvalho — A horta e a Pequena Lavoura. 1932.

Dalau Valera — Estudio Experimental de alunos de los animales que se encuentran en la casa, en el jardín e en el campo y en la granja.

Cairo Nilo — Guia prático do Pequeno Lavrador — São Paulo.

Teschauer C. — A fauna e Flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas — 1925.

Rodolpho V. Ihering — Fauna do Brasil.

Irajá, Hernani — Feitiços e Crenças.

Miranda Ribeiro — Zoologia Brasileira.

Piza Júnior — As cobras venenosas.

Vital Brasil — A defesa contra o Ofidismo.

Lima e Silva, W. Potsch — Elementos de Mineralogia e Geologia.

Tom-Tit — La ciencia amusante.

Milano Miguel — O mestre de física.

Costa, J. Wilson — Os pequenos amigos da Agricultura.

Bondar Gregório — Insetos Daninhos da Agricultura.

Schenk Emílio — O apicultor Brasileiro.

Brehn — Les merveilles de la nature.

Afrânio Peixoto — Noções de Higiene.

Dr. Almeida Júnior — Higiene.

Belisário Pena — Obra diversas.

Erico Verissimo — Aventuras no mundo de Higiene (Edição Globo).

Zischka Anton — A ciência quebra monopólios. (Globo).

Tesouro da Juventude.

Enciclopédias.

Revistas:

Journal des instituturs et institutrices (Paris, Nathan).

"La science et la Vie" — Paris.

"Magazin scientifique des instituteurs" — France.

"Chácaras e quintais".

Publicações do Ministério da Agricultura — Publicação da Secretaria da Agricultura do Estado de Minas, e outros Estados.

Fichier scolaire Coopératif (Editiones de 1 Impimerie à l'Escole, Vence Alpes maritimes, France).

Boletim da Associação de Assistência aos tuberculosos proletários (Secção educacional pelo Professor Henrique Marques Lisboa).
Saraiva — *Escola-granja* — ensino rural).

TRABALHOS MANUAIS

Introdução

Os Trabalhos Manuais, Modelagem e Desenho têm uma importância pedagógica que nunca é demais encarecer, em virtude da grande soma de valores que apresentam.

São eles, incontestavelmente, instrumentos indispensáveis para a fixação de fatos já compreendidos: meios valiosos para a concretização de idéias abstratas; motivos para novos estudos, novas indagações.

Como efeito, a simples construção de uma casinha de madeira ou de papelão permite à criança aprender, verificar, fixar uma série de noções estudadas em classe, enquanto desenham, mede, compara e constrói, observa planos inclinados, verticais, linhas, formas geométricas, ou resolve situações imprevistas, para o que se faz necessária a aquisição de novos conhecimentos.

Se uma noção, ao invés de ser dada ao aluno por informações, exigir que ele a concretize, realizando algo por suas próprias mãos, esta noção deixará um traço sensível no seu espírito. Incorporar-se-á à sua bagagem de experiências e contribuirá para o desenvolvimento de suas capacidades.

Uma vez que são meios tão poderosos de educação, os Trabalhos Manuais e o Desenho não podem ser considerados sobrecarga dos programas. Tão pouco podem ser considerados matéria indepen-

dente. Como processo de expressão e material intuitivo, a sua grande finalidade é justamente estar ao lado das matérias, auxiliando-as, tornando-as mais interessantes e acessíveis à compreensão infantil, concretizando e completando conhecimentos.

Ressaltam daí as questões seguintes:

1 — Os Trabalhos Manuais, o Desenho e a Modelagem não constituem uma disciplina a mais no curso primário. Atividades auxiliares da aprendizagem, devem ser correlacionadas às realizações da classe.

2 — É mister que haja perfeito entendimento entre a professora de classe e a professora de trabalhos manuais. Os planos desta se basearão, por força, nos planos daqueles projetos, excursões, dramatizações, etc.. Por exemplo, na confecção de mapas, álbuns, quadros, nos trabalhos de marcenaria e nas atividades, dos clubes rurais (jardinagem, hora escolar, ensaios de avicultura, apicultura, etc.), cabe à professora de trabalhos manuais atuar junto da professora da classe, colaborando com ela, acompanhando o desenvolvimento de seus planos de aula, aproveitando-se destes para esta representação gráfica ou aquela confecção manual, ou concorrendo com uma e outra para ilustração dos estudos que as crianças fazem.

3 — Na realização dos trabalhos manuais, como na de quaisquer outros trabalhos deve aproveitar-se ou estimular-se a iniciativa do aluno, inclusive a de compor o motivo para o bordado, a ilustração, o recorte, a idealização da peça, etc.. E mais, o trabalho deve ser tanto quanto possível o produto do esforço infantil — trabalho da inteligência imaginando o que fazer e das mãos realizando o que a inteligência imaginou.

As atividades sugeridas neste programa são baseadas nas prováveis necessidades, e possibilidades da escola: jardinagem, horticultura, costura, trabalhos em madeira, fibra, taquara, tábua, arame; argila, etc., tudo isto do grande alcance econômico e, ao mesmo tempo, incentivo ao desenvolvimento das artes populares.

Será de grande vantagem que se organize uma exposição permanente, dos melhores trabalhos manuais, não só para estimular o interesse por estas atividades, como também para tornar sugestivo o ambiente escolar, renovando os mostruários, à medida que outros trabalhos vão sendo concluídos.

O estudo sistematizado da Bandeira Nacional, previsto neste programa, pelos alunos de todos os anos do curso, e a sua confecção no 4.º ano é assunto merecedor de especial carinho das professoras. Pois é necessário que a criança conheça desde cedo o símbolo da Pátria para melhor amá-la.

PRIMEIRO ANO

TRABALHOS MANUAIS COM LÍNGUA PÁTRIA

- 1 — Desenhar :
 - a) livre e espontaneamente, de modo a dar oportunidade à criança para revelar suas experiências, interesses e aptidões;
 - b) cenas principais de histórias inventadas pelas crianças ou contadas pela professora;
 - c) idem, idem, de uma dramatização, etc..
- 2 — Colorir :
 - a) gravuras relacionadas com a leitura;
 - b) esboço de cenas referentes a histórias conhecidas da classe;
 - c) histórias mudas desenhadas por outras classes, etc..
- 3 — Ilustrar composições. Comentar as ilustrações e submetê-las à crítica construtiva da classe.
- 4 — Selecionar, recortar e agrupar gravuras, por assunto, em cartazes e envelopes.
- 5 — Dobrar e recortar as fichas de leitura.
- 6 — Fazer :
 - a) envelopes individuais para colecionar o material de leitura;
 - b) outros trabalhos que sejam reclamados por uma necessidade do aluno ou da classe, tais como: capas em cadernos, copos de emergência, etc.;
 - c) programas dos auditórios ou festas da classe, etc..

TRABALHOS MANUAIS COM ARITMÉTICA E GEOGRAFIA

- 1 — Desenhar, recortar e modelar objetos para concretizar as noções sobre grandeza, quantidade, forma, etc..
- 2 — Fazer :
 - a) relógios para conhecimento das horas (material: cartolina, papelão, madeira, algarismos recortados de folhinhas, de jornais ou desenhados pelos alunos);
 - b) envelopes individuais para colecionar as fichas sobre os fatos aritméticos em estudos, etc.
- 3 — Organizar o material da loja escolar:
 - a) cobrir caixões com papel ou chita;
 - b) arranjar prateleiras;
 - c) dispor os artigos de venda;
 - d) fazer etiqueta com os preços, etc.
- 4 — Colorir a bandeira nacional desenhada por outras classes.

TRABALHOS MANUAIS COM CIÊNCIAS NATURAIS E HIGIENE

- 1 — Desenhar:
 - a) os fatos ou objetos observados em visita às diversas dependências do prédio escolar e ao jardim do mesmo ou em excursões;

- b) árvores frutíferas, destacando e colorindo suas partes;
- c) os frutos de árvores desenhadas em outras classes — 3.º ano e 4.º.

(Os alunos das classes mais adiantadas fazem os desenhos da árvore).

A professora distribui os desenhos com as crianças e estas, pelos característicos de cada uma, desenharão os frutos, penca de laranjas na laranjeira, cacho de bananas na bananeira, galho de café no caféiro, etc., revelando que reconhecem a árvore e, ao mesmo tempo, sabem representar seus frutos.

(Exercícios semelhantes que favorecem o desenvolvimento da observação, podem ser feitos com hortaliças, flores, etc.);

- d) animais domésticos, à escolha do aluno;
- e) pássaros, ninhos e ovos;
- f) a rua da escola, localizando as casas mais próximas;
- g) frisos ou gregas e cartazes, tendo por motivo pássaros, ninhos e árvores, etc.

2 — Recortar os melhores desenhos para serem colados no álbum da classe.

3 — Colorir árvores, frutos, animais, paisagens, etc., esboçados pelos alunos de outras classes (2.º ano, 3.º e 4.º) ou esboçados e mimeografados pelo professor.

4 — Representar certos aspectos da natureza (dias de sol, de vento, de chuva, etc.) por meio de desenhos ou gravuras.

5 — Fazer:

- a) álbum individuais ou coletivos com os melhores trabalhos da classe;
 - b) sacolas para merenda, guardanapos, lenços, etc.;
 - c) pequenas casas para abrigo de pássaros, aproveitando caixotes de giz, etc. (Estas casas serão colocadas ao ar livre, a fim de que as aves façam aí seus ninhos).
- 6 — Preparar caixotes para o plantio de flores, hortaliças, etc.

SEGUNDO ANO

Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Arranjar e ornamentar a sala de aula de acordo com as possibilidades existentes. Por exemplo: organizar em um canto a biblioteca, aproveitando caixotes, cabos de vassouras, sacos de aniagem, de sal, de farinha de trigo, retalhos, argila, gravuras, cartolina, papelão, etc., para fazer estantes, banquinhos, guardanapos, vasos, porta-vasos, quadros, etc.

2 — Desenhar:

- a) cenas que ilustrem as histórias inventadas ou ouvidas;

- b) cenas do princípio, de meio e do fim de histórias lidas ou ouvidas;
- c) cenas principais de uma dramatização e fatos observados durante as excursões;
- d) histórias mudas.
- 3 — Colorir:
- a) cenas referentes a histórias conhecidas da classe e esboçadas pelos alunos do 3.º ano e do 4.º;
- b) histórias mudas, esboçadas e mimeografadas pelos alunos da classe ou de outras turmas.
- 4 — Fazer:
- a) envelopes para guardar as gravuras não expostas;
- b) álbuns com gravuras já utilizadas em classe;
- c) idem, com as cenas de histórias recortadas de revistas ou de jornais infantis;
- d) pequeno livro com as histórias inventadas e ilustradas pelos alunos;
- e) programas dos auditórios ou festas da classe.
- 5 — Organizar o material para dramatizações.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria

- 1 — Desenhar a Bandeira Nacional.
- 2 — Fazer:
- a) relógios com horas e minutos (empregar o material indicado para o 1.º ano);
- b) fichas para fixação dos mesmos fatos, o que permite fazer dobramentos de papel para concretizar a idéia de meio, quarto (vide programa de Aritmética);
- c) envelopes individuais para colecionar as fichas sobre os fatos aritméticos em estudo;
- d) frisos ou gregas em recortes ou desenhos, aplicando o círculo, o triângulo, o quadrilátero.
- 3 — Organizar o calendário da classe:
- a) cartaz da semana — nomes dos dias da semana e, à frente de cada dia, o registro das atividades ou acontecimentos mais importantes, em ficha que possa ser substituída na semana seguinte;
- b) cartaz do mês — nome do mês escrito em ficha que se coloca ao alto do cartaz; ao lado esquerdo, em coluna, os dias do mês; à frente de cada dia, o registro das atividades ou acontecimentos mais importantes, em ficha que possa ser substituída no mês seguinte;
- c) cartaz do ano — número do ano escrito ao alto do cartaz; ao lado esquerdo, em coluna, os nomes dos meses, à frente de cada mês, fichas com o registro dos acontecimentos e datas mais impor-

tantes do ano. (Estes mesmos cartazes, podem ser empregados para o registro da frequência).

- 4 — Ampliar as atividades da loja escolar, organizada no 1.º ano.

Trabalhos Manuais com Geografia e História

- 1 — Traçar a planta dos arredores da escola (vide programa de geografia).
- 2 — Desenhar:
- a) a Bandeira Nacional;
- b) os edifícios públicos ou casas comerciais que ficam mais próximos da escola;
- c) ampliar o traçado da planta (vide programa de geografia).
- 3 — Recortar o desenho da Bandeira Nacional e reconstituí-la com as mesmas partes.
- 4 — Fazer:
- a) quadros com retratos do patrono, do fundador, dos benfeitores da escola;
- b) idem, idem, dos homens ilustres da cidade e do Município;
- c) idem, com fotografias ou desenhos dos edifícios públicos;
- d) álbuns ou cartazes sobre as produções do Município;
- e) álbuns ou cartazes focalizando aspectos interessantes do Município e da zona estudados;
- f) cartazes com meios de transporte.

Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene

- 1 — Desenhar:
- a) do natural: plantas — no todo e em suas partes (raiz, caule, fôlha, flor e fruto);
- b) os frutos ou legumes de plantas já mimeografadas ou desenhadas em outras classes (ver o programa do 1.º ano);
- c) plantas regionais: algodão, café, mamona, etc. (Alguns destes desenhos poderão ser apenas esboçados pelos alunos do 2.º ano e coloridos pelos do 1.º ano).
- d) animais domésticos;
- e) pássaros, insetos e peixes.
- 2 — Fazer:
- a) sacolas, guardanapos, lenços;
- b) frisos ou gregas, em recortes ou desenhos de animais ou plantas;
- c) cartazes com gravuras ou desenhos de várias raças de gado bovino;

- d) idem, idem, dos produtos derivados do leite;
 e) idem, idem, de várias raças de galinha;
 f) idem, idem, sobre a sericultura ou apicultura;
 g) idem, sobre preceitos de higiene.
 3 — Preparar caixotes para sementeira.
 4 — Organizar, em taboleiro, uma fazenda, com animais domésticos, suas instalações diversas, estábulo, curral, galinheiro, manga, etc., horta, pomar, cafezal, etc. Material: argila, areia, madeira, carretel, capim, palha, rôlha, etc.

TERCEIRO ANO

Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Arranjar e ornamentar a sala de aula. Organizar a biblioteca da classe e um canto destinado ao clube de leitura (estantes, banquetas, quadros com gravuras, vasos com plantas, etc.).

2 — Desenhar:

- a) cenas que ilustrem as histórias inventadas ou ouvidas;
 b) idem, idem, os diários individuais;
 c) cenas principais de uma dramatização;
 d) histórias mudas (algumas destas histórias poderão ser apenas esboçadas pelos alunos do 3.º ano e coloridas pelos do 2.º ano);
 e) fatos observados durante as excursões.

3 — Fazer:

- a) quadros com gravuras para decoração da sala;
 b) álbuns ou cartazes com retratos e gravuras de vultos da história e das letras;
 c) capas sugestivas para relatórios de excursões;
 d) cadernetas ou cadernos escolares.

4 — Organizar o material necessário às dramatizações.

5 — Encadernar, com capas sugestivas:

- a) histórias tiradas de revistas e jornais;
 b) poesias aprendidas na classe;
 c) composições;
 d) programas para os auditórios ou festas escolares.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria

1 — Desenhar:

- a) frutas inteiras e divididas ao meio e em quartos;
 b) a bandeira nacional, atendendo às exigências quanto à largura, comprimento, raio da esfera, tamanho do losango, altura e largura da faixa;

c) frisos ou gregas, fazendo a aplicação das linhas retas e curvas;

d) idem, idem, aplicando o círculo, o triângulo e o quadrilátero.

2 — Fazer:

- a) vasos, porta-vasos, caixinhas, em cartolinas, madeira, argila, com aplicação das formas geométricas;
 b) guardanapos ou toalhas, aplicando as composições feitas com figuras geométricas (recorte ou ponto simples).

Trabalhos Manuais com Geografia e História

1 — Desenhar:

a) o mapa de Minas com a divisão de zonas, as vias de comunicação, etc.; Idem, do Brasil com a divisão em Estados e localização das capitais;

b) idem, idem, com os roteiros de diversas bandeiras;

c) cenas relativas aos bandeirantes;

d) idem, relativas a outros acontecimentos históricos.

(Estes mesmos trabalhos podem ser executados em argila ou massa de papel, em recortes, etc.).

2 — Ilustrar o mapa, desenhando em cada zona o seu principal produto.

3 — Fazer:

a) cartazes ou álbuns com gravuras representando aspectos interessantes da vida nas diversas zonas de Minas (exemplo; pesca e navegação no rio São Francisco);

b) idem, idem, com vistas das estâncias hidrominerais do Estado;

c) idem, idem, com gravuras ou desenhos sobre os diversos produtos estudados;

d) idem, idem, com vistas de cidades industriais e das principais indústrias;

e) idem, idem, com vistas e aspectos de Belo Horizonte, Ouro Preto e cidades fundadas na mesma época em que Ouro Preto;

f) idem, idem, com gravuras e desenhos alusivos a acontecimentos históricos e aos costumes da época;

g) molduras para quadros e porta-quadros;

h) álbuns ou quadros com retratos dos homens que constituem o governo do Estado, e de mineiros ilustres.

Trabalhos Manuais com Ciências e Higiene

1 — Desenhar:

- a) os meios de aproveitamento d'água (monjolos, moinhos, rodas d'água, etc.);

- b) aspectos da natureza observados em excursões;
- c) animais domésticos, peixes, pássaros, insetos;
- d) frisos ou gregas tendo por motivo os desenhos de pássaros, peixes, insetos, para ornamentações da sala. Estes motivos servirão também para bordados em sacola de merenda, toalhas de rosto, guardanapos, panos de cozinha, copa, etc.;
- e) plantas — o todo e suas partes (raiz, caule, folha, flor, fruto) — cópia do natural.

2 — Fazer:

- a) jardineiras para ornamentações da sala;
- b) manjedouros e bebedouros de pássaros e aquários;
- c) gráficos sobre a oscilação da temperatura;
- d) cartazes com coleção de madeiras;
- e) idem, representando aspectos das diversas culturas em estudo.

3 — Organizar o museu da classe.

4 — Cuidar da horta, do jardim ou de plantas em caixotes.

QUARTO ANO

Trabalhos Manuais com Língua Pátria

1 — Arranjar e ornamentar a sala de aula (ver programa do 3.º ano).

2 — Desenhar:

- a) cenas que ilustrem histórias, poesias, jornais da classe, etc.;
- b) histórias mudas;
- c) enigmas figurados;
- d) cartas enigmáticas;
- e) fatos observados em excursões, etc.

2 — Fazer:

- a) álbuns ou livrinhos para cópia de histórias, poesias, livros, etc.;
- b) fantoches e cenários para as representações de fantoches;
- c) álbuns de gravuras ou envelopes para guardar estas mesmas gravuras;
- d) programas para os auditórios ou festas escolares, etc.

3 — Organizar material para as dramatizações e auxiliar às classes do 1.º ano e do 2.º, na organização do mesmo material.

4 — Auxiliar a confecção de jogos de leitura para o 1.º ano.

Trabalhos Manuais com Aritmética e Geometria

- a) partes da unidade para concretizar o estudo sobre frações;
- b) a Bandeira Nacional, atendendo às exigências quanto à

largura, comprimento, raio de esfera, tamanho do losango, altura e largura da faixa;

c) frisos ou gregas, fazendo aplicação das figuras geométricas em estudo, etc.

2 — Fazer:

a) estantes (tomar as medidas exatas: comprimento, largura e altura; calcular a quantidade de madeira necessária, etc.);

b) guardanapos, molduras para quadros, vasos e porta-vasos, aplicando desenhos que tenham por motivo as figuras geométricas já estudadas;

c) gráficos, aproveitando diferentes dados estatísticos (matrícula escolar, frequência, notas de aproveitamento, peso e altura dos alunos, variações atmosféricas, produções, etc.).

3 — Auxiliar na confecção de fichas dos fatos aritméticos em estudo pelos alunos do 1.º ano e do 2.º.

Trabalhos Manuais com Geografia e História

1 — Desenhar:

a) mapa do Brasil, representando os fatos geográficos estudados;

b) o mapa da América do Sul para localização do Brasil;

c) cenas que ilustrem acontecimentos da história pátria.

2 — Ilustrar o mapa do Brasil, desenhando as principais produções de cada zona.

3 — Fazer:

a) a Bandeira Nacional, trabalho que poderá ser iniciado nos primeiros dias de aula, para que, no dia 19 de novembro, a bandeira possa ser oferecida a uma escola distrital ou (municipal) ou a uma repartição pública ou instituição patriótica;

b) álbuns de fotografias, gravuras, desenhos de homens e fatos da História do Brasil, desde o seu descobrimento;

c) cartazes contendo normas cívicas;

d) idem, sobre combustíveis e meios de transportes no Brasil, etc.;

4 — Coleccionar gravuras que representem aspectos característicos dos países do mundo com os quais o Brasil mantém relações.

5 — Recortar bonecas em papelão e vesti-las de acordo com certas épocas ou países.

6 — Preparar uma ambientação sugestiva para a solene festa da Bandeira.

Para este dia poder-se-á organizar uma exposição dos trabalhos alusivos ao Pavilhão Nacional, feitos por todas as classes, tais como: desenhos, recortes, cartazes, álbuns, etc.

Trabalhos Manuais com Ciências Naturais e Higiene

1 — Desenhar :

- a) aspectos da natureza, observados em excursões;
- b) animais domésticos. peixes, pássaros, insetos;
- c) frisos ou gregas, tendo por motivo os desenhos de pássaros, peixes, insetos, para ornamentação da sala. Estes motivos servirão, também, para bordado em sacola de merenda. toalhas de rosto, guardanapos, panos de cozinha, de copa, etc.;
- d) plantas — o todo e suas partes (raiz, caule, folha, flor, fruto, etc.).

2 — Desenhar e modelar as partes do corpo humano.

3 — Fazer :

- a) cartazes sobre preceitos de higiene (alimentação, vestuário, etc., ilustrados com gravuras ou desenhos;
- b) cadernos ou cadernetas para as composições ou cópia de (hinos, poesias, receitas úteis, etc.);
- c) peças do vestuário (uniforme, combinações, calcinhas, camisololas), utilizando-se máquina de costura, sempre que for necessário;
- d) roupinhas para as crianças pobres, aproveitando retalhos doados pelas casa comerciais para serem distribuídas por ocasião do Natal;
- e) cestas para costura, papel e pão; descanso para pratos; peixeiras, samburás, sacolas, aproveitando o material existente na localidade;
- f) empalhamento de cadeiras;
- g) pequenos consertos de emergência, no prédio ou no bilbiário; por exemplo conserto de torneiras, de fechaduras, de cadeiras, etc.; ou preparar argamassa e cal para reparar estragos na parede;
- h) aparelhos simples para pequenas experiências sobre fenômenos naturais.

CANTO

Considerações

O Canto é uma disciplina rica em valores educativos pela influência que a música exerce no espírito infantil.

Desde a mais tenra idade, sente a criança em seu estado físico ou psíquico os efeitos desta arte maravilhosa, quando uma canção consegue acalmar-lhe os nervos ou trazer-lhe o sono.

A criança não experimenta satisfação apenas em ouvir canções. Gosta, ela própria, de cantá-las, pois que isso lhe proporciona ale-

gría e lhe causa bom humor. Cantar é uma necessidade de seu organismo, assim como falar, rir e brincar. A escola aproveita essa influência da música como agente educativo de incontestável valor.

Finalidades e valores

Os valores educativos do Canto são de natureza cívica, social e estética.

Precioso fator da disciplina e da Educação Moral, pelos sentimentos nobres que desperta e realça, o Canto incentiva o amor à Pátria, unificando tôdas as almas em torno do mesmo ideal cívico, bem como imortaliza os heróis e os grandes feitos dos nossos antepassados.

Exalta nos corações os sentimentos de fraternidade humana e nivela os indivíduos, não considerando as desigualdades de condições, mas integrando todos nos mesmos sentimentos e ideais.

Fortalece a vontade, favorece a memória, descansa o espírito fatigado, traz alegria à vida e entusiasmo à escola.

Considerando em sua finalidade específica, o Canto educa o senso musical e a voz, beneficiando o aparelho respiratório, além de desenvolver o gosto artístico dos escolares.

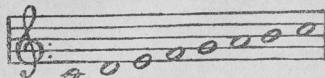
A finalidade do canto na escola é conseguir a realização dos seus valores, para os quais deve atentar a professora, que mais facilmente executará o seu trabalho se o fizer com entusiasmo, alegria e devotamento, bem como procurando, cada vez mais, aprimorar as qualidades essenciais seguintes: o ritmo firme, senso auditivo, afinação segura, gosto artístico, indispensável cultura musical e pedagógica, além de uma técnica regular de piano para o concurso às comemorações, festividades, marchas, auditórios, etc. A última observação não se estende às que não possuam piano, sendo o canto, pezializada de canto ou às que não possuam piano, sendo o canto, neste caso, lecionado por uma professora do estabelecimento que, segundo seus conhecimentos, melhor possa ministrar o ensino.

Condições do aluno

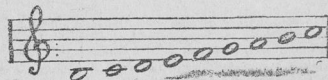
Ao despertar e desenvolver as qualidades do aluno, deve a professora lembrar-se de que o *ritmo*, além de ser o elemento básico da música, é disciplinador por excelência, e de que a *voz*, embora seja um dom natural, pode ser favorecida pela educação. Entretanto, para que o aparelho de fonação da criança, tão sensível e delicado, não seja prejudicado, é preciso que o educando cante sempre dentro da tessitura das vozes infantis, evite qualquer esforço e não adquira o mau hábito de *cantar gritando* tão desagradável aos ouvintes e prejudicial aos órgãos vocais.

A extensão da voz da criança é bem curta e pouco varia com a idade.

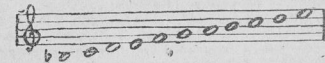
Aos sete anos não passa de uma oitava, como se vê:



Em geral, é este o melhor limite para as classes escolares:



Em câoro, as crianças maiores de 9 ou 10 anos de idade e de vozes mais exercitadas podem atingir esta extensão:



Para bem ajustar as vozes à tonalidade e à extensão, é indispensável um instrumento como o piano, o harmônio ou o diapasão.

Em determinada época do crescimento verificar-se uma alteração na voz, geralmente dos 12 aos 14 anos para as meninas e dos 14 aos 16 para os meninos. Devem os educandos, nesse caso, ser afastados da prática do canto, porém, não privados da assistência às aulas, voltando ao exercício da disciplina assim que desapareça a impedimento.

O ouvido merece também grande atenção. O aluno mal dotado de senso auditivo não deve ser excluído das aulas, mas sim colocado ao lado do câoro, como ouvinte, até que possa fazer parte do mesmo.

As crianças afônicas, portadoras de amígdalite ou vegetações adenóides, serão primeiramente tratadas, iniciando depois o aprendizado do canto.

A constante vigilância à *calífasia* (perfeita articulação e pronúncia das palavras) evitará as deturpações freqüentes nas letras dos hinos e câões escolares.

A educação do ritmo e do ouvido pode ser auxiliada por meio de marchas, exercícios fáceis de vocalização, jogos musicais em

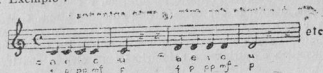
que a criança alia o gesto ao canto ou aos sons onomatopáicos, etc. Os movimentos ritmados concorrem para promover a ordem mental.

Estes processos dão, às vezes, resultados surpreendentes com as crianças que, a princípio, talvez por deficiência mental ou orgânica, bem como por falta de hábito, se apresentavam destituídas dessas qualidades, impossibilitadas de entoar ou acompanhar sequer qualquer música.

Respiração

Não é necessário encarecer a importância da respiração no Canto. Deve ser feita sem a menor preocupação do aluno e ser guiada pelo próprio trecho musical. Um pequeno exercício respiratório precederá sempre à aula, bem como será dado um pouco de vocalização para as classes mais adiantadas. Dos exercícios seguintes, indicados por Vila Lobos, poderão ser dados alguns:

- 1 — Respiração imperceptível em atitude correta e natural.
- 2 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
- 3 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, em ritmo binário, emitindo brandamente a vogal *a*: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º.
- 4 — O mesmo exercício, mais prolongado, em ritmo ternário.
- 5 — Repetir o mesmo exercício com interrupção repentina da voz.
- 6 — Inspiração pelo nariz e expiração pela boca, ao emitir o *á*, como um suspiro profundo que recebe um *glissando*, em ritmo ternário: inspiração no 1.º tempo e expiração no 2.º e no 3.º.
- 7 — Vocalização da mesma nota (com o auxílio do diapasão). Este exercício denuncia imediatamente os desafinados.
- 8 — O mesmo exercício em conjunto com tôdas as vogais, em ritmo quarternário, seguindo-se a escala e dentro da tessitura das vozes. Exemplo:



NOTA — Este exercício não precisa ir além do sol na 2.ª linha.

Ambiente

O Canto deve ser ministrado dentro da ordem e da disciplina, mas num ambiente de cordialidade e bem-estar. Embora nem sempre disponham os estabelecimentos de local, apropriado, este deve ser alegre, claro, ventilado e iluminado, tanto quanto possível, para

corresponder às exigências pedagógicas e higiênicas, ambiente esse que dê prazer às crianças.

Em algum lugar da casa (sala de música ou biblioteca, por exemplo) podem ser colocados quadros de cartolina com os rudimentos de teoria e manossolfa do curso primário, trabalhos biográficos de compositores brasileiros (Carlos Gomes, Francisco Manuel da Silva, Vila Lobos, etc.) feitos pelos alunos, das classes mais adiantadas e expostos juntamente com os respectivos retratos, gráficos, discos coloridos, fotografias de compositores célebres, etc., constituindo um "ambiente musical" e sendo uma pequena fonte de cultura e de venação das crianças pelos grandes músicos.

Horário

Para maior proveito do ensino, as aulas devem ser bissemanais, no mínimo, de 15 a 20 minutos, atendendo assim ao interesse e necessidade de cada classe. Em um dos dias da semana o canto deve ser feito em conjunto para as classes do 1.º ano e do 2.º e para as do 3.º e do 4.º. Se a sala não comportar muitos alunos pode ser feito separadamente para as classes de um mesmo ano do curso, contando que, ao menos uma vez por semana, seja feito um canto coletivo.

No horário desse dia, a professora de Canto pode destinar parte do tempo ao trabalho que deve realizar com a professora de Educação Física, no preparo de marchas, bailados, calistenia, etc., prestando o seu concurso em outros dias que se fizer necessário, sem, contudo, prejudicar o ensino da sua disciplina.

Quando as crianças se mostrarem fatigadas por maior esforço mental, deve ser feito em classe, fora do horário, um pouco de canto, bastando cantar baixinho, sem perturbar as outras classes, durante alguns minutos, uma canção já aprendida.

Se as condições do prédio o permitirem, o canto pode ser feito diariamente, à entrada das aulas, sendo entoados hinos, canções patrióticas e outras, acompanhadas ao piano, quando possível. Esta prática, além de habituar as crianças à execução do Canto em conjunto, incentiva o patriotismo e imprime mais alegria aos trabalhos escolares.

Seleção do repertório

O repertório a ser ensinado nos 4 anos do curso exige especial cuidado, não somente na parte relativa à música, mas também à letra, que tanta influência exerce na educação moral e cívica.

A seleção dos hinos e canções deve subordinar-se ao interesse e ao desenvolvimento mental dos alunos, sendo necessário evitar-se

a escolha de trechos difíceis para as crianças do 1.º ano ou canções demasiadamente infantis para as mais adiantadas.

O canto do principiante deve ser curto, simples, agradável e sensível, de maneira a bem impressionar-lhe o espírito. Todo a repertório musical visa a educação do sentimento e do gosto artístico. Compete à escola formar uma mentalidade musical que eleve o espírito e eduque o sentimento, e somente a boa música, pura, bela e rica de expressões, pode despertar emoções sadias e exaltar o valor artístico de um povo. Cumpre, portanto, excluir os textos de canções que, desituidas de valor educativo, não se adaptem ao ambiente sadio que a escola deve constituir.

O canto popular, as canções folclóricas, que exprimem com tanta singeleza o sentir de cada região, sensibilizando a alma da criança, concorrem igualmente para a formação do sentimento pátrio. Os hinos e canções patrióticas, despertando os mais elevados sentimentos de amor à Pátria, exercem prodigiosa influência na educação moral e cívica, principalmente quando relacionadas aos acontecimentos históricos.

As canções de ofício, dignificando o trabalho, concorrem para desenvolver o espírito de cooperação e excluir da escola os complexos e os preconceitos de classe e profissão.

E' também considerável o valor do canto religioso na escola, quer como fator de educação religiosa e moral, quer como propulsor de desenvolvimento artístico, visto constituir gênero de música, bem diferente e especial.

Tendo de ensinar alguma música extra-programa, não deve a professora de Canto esquecer-se de colocá-la dentro da tessitura das vozes infantis, por meio da transposição, sempre que necessário.

Letras dos hinos e canções

Os alunos do 1.º ano, principalmente no 1.º semestre, podem aprender a letra dos hinos e canções por audição, isto é, repetindo a exclamação rítmica das mesmas, feita pela professora. Do 2.º ano em diante podem ser escritas no quadro negro para serem copiadas em cadernos, pelos alunos, e decoradas, a fim de que durante a execução do canto as crianças não desviem a atenção da regência.

Canto por audição

A predisposição do espírito infantil é uma condição indispensável à aprendizagem. Deve, portanto, a professora, motivar a aula, apresentado gravuras, conversando com os alunos em linguagem simples e expressiva. Depois de ler a poesia em voz clara, deve dar

a significação dos termos desconhecidos, para que os alunos lhe aprendam o sentido. Em seguida, deve fazer o seguinte:

- 1.º — Interpretar a poesia com a classe.
- 2.º — Fazer com os alunos a declamação rítmica, que consiste em recitar os versos segundo o ritmo da música, dando a cada sílaba a duração da figura musical correspondente. Exemplo: Sal (3.º tempo) — vê (4.º) — lin (1.º) — do pen (2.º) — dão (3.º) — da es-pe (4.º) — ran (1.º) — ça (2.º) — Sal (3.º) — vê (4.º), etc.
- 3.º — Tocar a melodia, bem baixinho ao piano, para ser apenas ouvida.
- 4.º — Cantar a melodia algumas vezes para os alunos, sôzinha e sem piano.

NOTA — Não sendo possível, por falta de piano, pode ser substituída a etapa acima, sem prejuízo para o ensino.

- 4.º — Cantar a melodia algumas vezes para os alunos, sôzinha e sem piano.
- 5.º — Cantar com os alunos, sem piano, até conseguir bom resultado.

6.º — Fazer com que as crianças cantem sôzinhas e sem piano, desenvolvendo a educação do ouvido e da atenção, adquirindo hábito de responsabilidade e ganhando confiança em si, requisitos necessários a todos os componentes de um côro.

7.º — Fazer, ao piano o acompanhamento do canto dos alunos, que já devem saber a melodia perfeitamente bem.

Para facilitar a compreensão de certos trechos em que haja dificuldades ou vícios, o uso dos gráficos dá excelentes resultados. Exemplo de um gráfico:



Durante as aulas, a professora deve exigir uma articulação perfeita das palavras, uniformidade e atitude correta, a qual tanto auxilia a boa respiração e a melhor emissão de voz, bem como ensinar cuidadosamente a emitida as vogais *a* e *e*, que não devem soar abertamente. É indispensável estimular sempre os alunos desatentos ou inativos, para que não deixem de tomar parte na execução. O canto pode ser feito em uníssono ou duas e mais vezes.

TERCEIRO ANO

MARÇO

Conhecimento da pauta, clave de sol e utilidade de cada uma, vendo os alunos fazer o traçado das mesmas.

ABRIL

Colocação, na pauta, das notas apreendidas pelo manossolfa, em ordem ascendente e descendente, podendo o exercício ser feito já no papel pautado.

MAIO

Conhecimento da semibreve, mínima, e respectivas pausas, bem como do valor de uma com relação à outra.

JUNHO

O mesmo ensino, com relação à semínima e colcheia.

JULHO

Escrita das notas na pauta, com a clave de sol.

AGOSTO

Exercícios orais, sobre a aula anterior, utilizando-se também o manossolfa.

SETEMBRO

Exercícios escritos sobre a mesma aula, utilizando-se ainda o manossolfa.

OUTUBRO

Noção de susenido, bemol e bequadro, mostrando que o 1.º eleva a nota, o 2.º abaixa-a e o 3.º faz a nota voltar ao natural.

NOVEMBRO

Uma nova prova curta e fácil sobre a matéria dada durante o ano.

Correlação de matérias.

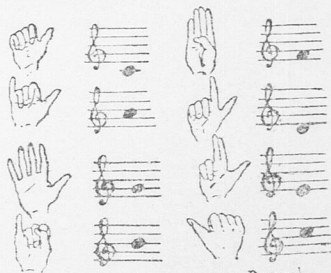
As aulas de Canto podem ser correlacionadas ao ensino das demais matérias do programa, quando necessário e oportuno, concorrendo também para atividades como dramatizações, projetos, comemorações, auditórios, clubes etc. O estudo dos episódios marcantes da história do Brasil, principalmente, dá ao ensino do canto excelentes motivos e ensejos.

Teoria musical e manossolfa

No 3.º ano e no 4.º podem ser dados alguns rudimentos de teoria manossolfa. Uma vez por mês, uma das aulas de canto pode ser substituída por esta parte, que deve ser dada na própria sala de aula podendo o ensino obedecer ao seguinte:

FEVEREIRO

Notas musicais e entoação das mesmas pelo manossolfa (clave de sol, começando pelo dó da 1.ª linha suplementar inferior e terminando no dó do 3.º espaço da pauta, constituindo uma oitava). O solfêjo, indicado pelo movimento da mão, segundo o quadro de manossolfa abaixo, é de grande utilidade para a atenção e a afinação, podendo ser variado à vontade: enunciado o nome das notas com a boca fechada, pronunciando *nã, nã, nã ...* ou *lã, lã, etc.*

Quadro de manossolfa

Decroly

QUARTO ANO

FEVEREIRO

Recapitulação da matéria dada no 3.º ano.

MARÇO

Cópia, no caderno pautado, de uma canção em compasso binário, fazendo-se, em seguida a sua correção.

ABRIL

Estudo da canção acima, em escala de dó maior, com referência a cada um dos compassos em que haja elementos conhecidos.

MAIO

Verificação da aula anterior.

JUNHO

Prova escrita contendo umas cinco questões fáceis sobre a canção em estudo.

JULHO

Cópia, no caderno pautado, de uma canção em compasso ternário, fazendo-se também a correção do exercício.

AGOSTO

Estudo da canção acima, mencionando-se a escala em dó maior, as notas e valores conhecidos em cada compasso.

SETEMBRO

Cópia de uma canção em compasso quaternário, procedendo-se a correção com as lições anteriores.

OUTUBRO

Estudo da canção acima em compasso quaternário e dos valores e notas conhecidos em cada compasso.

NOVEMBRO

Prova escrita sôbre a matéria dada. Esses elementares conhecimentos de música possibilitarão ainda aos alunos solucionar certas cartas enigmáticas, charadas, etc. que exigem tais conhecimentos, satisfazendo o interesse das crianças pelo assunto.

ORFÃO

O canto orfeônico muito contribui para o desenvolvimento da afinação e do sentimento musical, firmando qualidades como espírito de ordem, disciplina e cooperação. Sendo um elemento de caráter tão educativo, pode ser introduzido no curso primário, a partir do 2.º ano, no 2.º semestre.

Classificação das vozes — O primeiro trabalho da professora consiste em classificar as vozes dos alunos. Este trabalho, pelo qual são excluídos os desafinados e as vozes em transição pode ser feito por vários processos, sendo os mais comuns; pedir a entoação das notas de uma escala, em clave de sol, indo do *dó* grave ao *dó* agudo, ou, então utilizando a diapasão, o piano ou simplesmente fazendo o aluno acompanhar a voz da professora. 2.º — Pedir ao aluno que cante, à vontade, um trecho musical qualquer. Guiada pela professora, a criança repetirá a música em tom mais agudo ou mais grave, obtendo-se, assim, a extensão de sua voz.

À medida que for classificando as vozes, deve a professora fazer as anotações respectivas, em caderno especial, usando o "Quadro de classificação de vozes", de Vila Lobos.

O contrôle geral do conjunto de que dispuser pode também ser feito mediante a "ficha" de Vila Lobos, que lhe servirá de orientação no agrupamento de vozes, principalmente por ocasião das demonstrações coletivas.

Mediante a utilização desses recursos, a professora tomará as seguintes providências:

- 1 — Anotar na coluna Orfeão as vozes classificadas: sopraninos, tenorinos, contraltinos, femininos e masculinos, barítonos infantis.
- 2 — Registrar na 2.ª coluna o número de alunos "afinados".
- 3 — Para a 3.ª coluna os ouvintes: os alunos cujas vozes estão em transição, os que não estão integrados na disciplina orfeônica e os desafinados.
- 4 — Nas colunas que se referem ao aproveitamento registram-se as notas de conjunto referentes ao "manossolfax" ao "ritmo" e à "disciplina".

5 — Na coluna de observações inscrevem-se as notas relacionadas com os trabalhos das demais atividades do programa: dramatizações, projetos, etc.

Na organização do Orfeão deve ser seguida a técnica própria desses conjuntos, colocando-se nas primeiras filas as vozes mais volumosas, firmes e de melhor afinação. Da esquerda para a direita do regente, á começar pelas vozes mais graves, isto é, na posição direita do acorde perfeito (afinação orfeônica) devem ficar as crianças. Ensina-se em seguida o uso da diapasão e faz-se, separadamente, a afinação orfeônica várias vezes, com piano, com a boca fechada. Feito isso, pode o conjunto dar a nota inicial de cada vez.

A disciplina deve ser perfeita, sem o que o Orfeão não dará resultado. Para conseguí-la a professora deverá pela energia, amizade e confiança de seus alunos, monopolizar-lhes a atenção, de modo a conseguir que, opôs alguns segundos de absoluto silêncio, iniciem o canto em atitude correta, com precisão e entusiasmo.

COMEMORAÇÕES CÍVICAS

Para as principais comemorações cívicas previstas desde o início do ano letivo, não há necessidade de ensaios dentro do horário das outras disciplinas. As músicas adequadas a cada acontecimento a festejar-se devem ser preparadas com antecedência, durante as aulas de canto, com prévia e perfeita motivação relacionada com as aulas de História e de Educação Cívica.

Para dar às crianças exemplo de civismo, é indispensável que todo o professorado entoe com elas o Hino Nacional, ao ensejo da comemoração das grandes datas nacionais, sendo desejável que o façam, igualmente, todos os demais brasileiros presentes. O Hino Nacional exige um cuidado especial, a fim de ser conseguida uma perfeita execução do mesmo. Sendo um canto patriótico deve ser entoado com entusiasmo e vibração.

Todos os hinos serão cantados em uníssono.

PROGRAMAS

PRIMEIRO ANO

FEVEREIRO

Marchas de finalidade recreativa e educativa, sem canto

MARÇO

Marcha — C. I — Pág. 6.

Canção da borboleta — C. I — Pág. 17.

ABRIL

- A bola irrequieta — C. I — Pág. 26.
A linha reta — C. I — Pág. 25.

MAIO

- Reloginho, reloginho — C. I — Págs. 104.
Mamãe — C. II — Pág. 128.

JUNHO

- A florzinha da serra — C. I — Pág. 47.
Vamos, maninha (Arranjo de Vila Lobos) — Avulsa.

JULHO

- A banda de música — C. I — Pág. 113.

AGOSTO

- Estrêla pequenina (H. Tavares) — Avulsa.
Marcha soldado — C. I — Pág. 10.

SETEMBRO

- O cravo brigou com a rosa (Vila Lobos) — Avulsa.
A serpentina — C. II — Pág. 43.

OUTUBRO

- Os dedos — C. I — Pág. 27.
Canto de manhã — C. I — Pág. 4.

NOVEMBRO

- Saudação Infantil — C. I — Pág. 50.
A Bandeira (H. Tavares) — Avulsa.

NOTA — Por ser período de organização de classes, não é necessário que o Canto seja iniciado em fevereiro.

Podem ser dados, juntamente com o programa, jogos musicais, rondas, outros brinquedos com música, pequenas canções com gestos interpretativos, cantos com sons onomatopáicos, etc.

SEGUNDO ANO

FEVEREIRO

Recapitulação de algumas canções do ano anterior.

MARÇO

- A Escola — C. I — Pág. 98.
Hino à Bandeira Nacional — H. I. — Pág. 15.

ABRIL

- Tamberzinho — C. I — Pág. 16.
A mão — C. I — Pág. 155.

MAIO

- Hino Infantil — H. I — Pág. 132.
Marcha Escolar — C. II — Pág. 16.

JUNHO

- Vai, canoinha — C. II — Pág. 107.
O pequeno solfista — C. I — Pág. 20.

JULHO

- Canção do berço — C. II — Pág. 220
Bão-ba-la-lão (as duas vezes, Vilas Lobos) — Avulsa.

AGOSTO

- Marcha, soldado — C. I — Pág. 115.
Nozani-ná (indígena, a uma vez, Vilas Lobos) — Avulsa.

SETEMBRO

- Canção da laranjeira — C. II — Pág. 47.
Primavera (1.ª, 2.ª, 4.ª e 6.ª estrofes — C. II — Pág. 197.

OUTUBRO

- Brasil — C. I — Pág. 100.
O papagaio — C. II — Pág. 150.

NOVEMBRO

A nossa Bandeira — C. II — Pág. 14.

Férias — (a duas vozes, Vila Lobos) — Avulsa.

NOTA: — O 2.º ano pode cantar, sempre que possível, em conjunto, com o 1.º ano, por terem sido estudadas no ano anterior, as músicas a este destinadas.

TERCEIRO ANO

FEVEREIRO

Recapitulação de algumas canções do ano anterior.

MARÇO

Hino Nacional — H. I — Pág. 1.

Hino à Criança (Hostílio Soares) — Avulsa.

Descobrimto do Brasil — H. I — Pág. 113.

ABRIL

Hino da Inconfidência — H. I. — Pág. 50.

Hino ao Trabalho — (Vilas Lobos) — Avulsa.

Trabalhadores — C. II — Pág. 32.

MAIO

Trze de maio — H. I — Pág. 9.

Cantar para viver — (Vilas Lobos) — Avulsa.

Em pleno azul — C. II — Pág. 54.

JUNHO

Desfile dos heróis do Brasil — Avulsa.

Pescador Brsaileiro — H. II — Pág. 186.

JULHO

Hino a Carlos Gomes (Duque Bicalho) — Avulsa.

O anel (a duas vozes) — (Vila Lobos) — Avulsa.

Louvor à Escola — C. II — Pág. 5.

AGOSTO

O Canto do Bravo — H. I — Pág. 116.

Brasil (Gumercindo Jaulino) — Avulsa.

Hino à Caxias — (F. Gomes) — Avulsa.

SETEMBRO

Hino da Independência — H. I — Pág. 6.

Cântico das árvores — C. II — Pág. 180.

Dia de alegria (a duas vozes) — Vila Lobos — Avulsa.

OUTUBRO

A infância (Vila Lobos) — Avulsa.

Noite de verão (Lourenço Fernandes) — Avulsa.

Hino à Bandeira — H. II — Pág. 211.

NOVEMBRO

Brasil Novo (Asdrubal Lima) — Avulsa.

Hino da Proclamação da República — H. I — Pág. 12.

Hino à Bandeira — H. II — Pág. 211.

NOTA: — O 3.º ano pode cantar conjuntamente com 1.º e 2.º as músicas aprendidas nos anos anteriores.

A música "O canto do bravo" deve ser cantada com a letra em homenagem a Caxias (adaptação).

Sugesões de outras músicas: Canção do marceneiro (avulsa); Minha terra (avulsa); Brincadeira de pegar (avulsa); A agulha (avulsa); Bandeira de minha terra (H. I pág 35); Canção do Lavrador (avulsa); Marcha do atirador (H. I Pág. 177); As árvores (C. I Pág. 164); Primavera do Brasil (Barroso Neto); Engenho novo (Ernani Braga); Hino do estudante brasileiro (Paulo Barbosa); Terra Brasileira (G. Rodrigues); Acalentando (Silvio Balena); Desafio (Hernani Braga); Hino da Escola Tiradentes (H. I 85), etc. etc.

QUARTO ANO

FEVEREIRO

Recapitulação de algumas músicas do ano anterior.

MARÇO

A maré encheu (a duas vozes, Vila Lobos) — Avulsa.

Na Bahia tem (a duas vozes Vila Lobos) — Avulsa.

Meu Brasil (em unissono, Vila Lobos) — Avulsa.

ABRIL

O Guarani (a duas vozes, arranjo de J. G. Júnior — Avulsa.

Canto do Pagé (a 3 vozes, Vila Lobos) — Avulsa.

Hino da cultura de afeto às nações — H. II — Pág. 218.

MAIO

Mêe — H. II — Pág. 156.
 Pobre Cega (a duas vezes Vila Lobos) — Avulsa.
 Hino à Princesa Isabel (H. Tavares) — Avulsa.

JUNHO

Você diz que sabe tudo (a duas vezes, Vila Lobos) — Avulsa.
 Sinos (Armando Lessa) — Avulsa.

JULHO

Barcarela (J. Otaviano) — Avulsa.
 Canção Patriótica (P. A. Guimãni) — Avulsa.
 Vespéral (Lourenço Fernandez) — Avulsa.

AGOSTO

Alverçada na roça (a duas vezes, Vila Lobos) — Avulsa.
 Terra Natal (Vilas Lobos) — Avulsa.
 Canção da mocidade — C. II — Pág. 184.

SETEMBRO

A praia (a duas vezes Vila Lobos) — Avulsa.
 Sete de Setembro — H. I — Pág. 41.
 Hino às árvores — H. II — Pág. 172.

OUTUBRO

Herança de nossa raça (Vila Lobos) — Avulsa.
 Madrugada (H. Tavares) — Avulsa.
 Canção do ferreiro (Vila Lobos) — Avulsa.

NOVEMBRO

Oração à Bandeira (Pedro de Melo) — Avulsa.
 Nota — O 4.º ano deve cantar com os demais anos do curso
 primário as músicas já aprendidas, principalmente os hinos e
 canções patrióticas.

Convenção — C. cancionero; H. hinário; I ou II, 1.º ou
 2.º volume.

Sugestões de outras músicas: Luar do sertão (Hernani
 Braga); Hino à noite (Conceição Barreto); Canção do operário

brasileiro (Vilalba Filho); Hino à Paz (H. I, 120); Hino à República (H. I, 46); Terra de Santa Cruz (C., II, 240); Tiradentes (Vilalba Filho); etc. etc.

Observação — a mínima dos compassos 13 e 25 da música "Sete de Setembro" deve ser substituída por duas semínimas.

Sugestões de músicas sacras

Ave Maria — Harpa de São, pág. 208.
 Salve ó Virgem — Harpa de São, pág. 250.
 Salutaris — Harpa de São, pág. 58.
 Senhor, eu não sou digno — Harpa de São — Pág. 118.
 Hóstia santa, imaculada — Harpa de São, pág. 121.
 Eu vos adoro — Harpa de São, pág. 121.
 Que doce maná — Harpa de São, pág. 116.
 Coração santo, tu reinarás — Harpa de São, pág. 147.
 Hino dos adoradores — Harpa de São, pág. 44.
 Súplica — Harpa de São, pág. 40.
 Canto de entrada — Cancioneiro, 2.º volume.
 Hino à Santa Cecília — Hinário, 2.º volume.
 Indicação de música para diversos anos do curso.
 Coleção de seis canções infantis — João Gomes Júnior.
 Canções brasileiras — Hebel Tavares.
 Nossa música — João Gomes Júnior.

Observações

Foram aproveitadas as músicas do Hinário e do Cancioneiro Escolar, para a maioria das indicações, por ser esse material encontrado em quasetodos os estabelecimentos de ensino.

BIBLIOGRAFIA

Para orientação da professora de canto é aconselhada a seguinte bibliografia:

- 1 — Notas de uma professora de música escolra — Maria Amorim Ferrara.
- 2 — Os fundamentos de canto orfeônico — F. Albuquerque Costa.
- 3 — Aulas de monossolfeio — João Gomes Júnior.
- 4 — O meu piano — Angélica Rezende Garcia.
- 5 — O canto nas escolas — Branca de Carvalho Vasconcelos (Revista do Ensino de 1926 e 1933).
- 6 — Cantos escolares — Levindo Lambert (Revista do Ensino de 1933).

- 7 — Como se ensina el canto y la música — Rafael Benedito.
 8 — Ensino popular de música no Brasil — Vila Lobos.

EDUCAÇÃO FÍSICA

A vida atual exige a educação intelectual, moral e cívica do homem, porém, o seu desenvolvimento requer alicerces: — a educação do corpo, a Educação Física.

A Educação Física disciplina os músculos e a vontade, dá ritmo ao esforço e a constância nas lutas.

Sendo sua abrigação primordial cooperar na formação da raça brasileira, contribuindo para fixar e exaltar os bons predicados de uma personalidade, pela aquisição de hábitos, habilidades e atitudes recomendáveis ao aumento de resistência orgânica e moral, a Educação Física desempenha o único papel que lhe pode ser atribuído. E é na sua execução que vamos encontrar benéfica influência no âmbito da formação da mentalidade cívica de nosso povo.

Partindo deste princípio, o professor de Educação Física deverá orientar suas lições, os exercícios e as práticas de modo a despertar em seus alunos o sentimento de civismo.

Na ordem de um simples movimento, de marcha ou cadência, ou uma ginástica lúdica podemos descobrir elementos preciosos de disciplina, de domínio de vontade, fatores indispensáveis na conquista de qualidades de real valor cívico.

Aperfeiçoando o corpo e robustecendo-o, a juventude crescerá sã e forte, beneficiando não apenas a si mesma, mas sobretudo a Pátria.

É lutando contra a nércia, o sentimentalismo e o servilismo que a criança poderá livrar-se dos obstáculos que se opõem à formação de seu caráter, à sua elevação até o cidadão útil, até o triúfa entusiástico. E essa luta só poderá ser iniciada se a criança possui força de vontade, destreza, saúde, vitalidade, qualidades que lhe serão aumentadas e que a criança pela Educação Física consente, isto é, *continuada, alternada, graduada, sistematizada e atraente*.

O ritmo é aconselhável a qualquer método. Ao compasso e ao tom da música, os exercícios físicos despertam maior interesse, porque a música atua, forte e profundamente, em todo o nosso ser, em a nossa alma, em o nosso cérebro.

"O Corpo e o espírito devem ser objeto da mesma solicitude, e o ser humano precisa ser desenvolvido integralmente".

Devemos reagir energeticamente e combater as causas do enfraquecimento físico, que provocam o enfraquecimento moral e mental.

A Educação Física bem compreendida não é um meio de se conseguirem massas musculares fortes, vigorosas. É a conservação da saúde, o desenvolvimento harmonioso do corpo, a formação de hábitos e aptidões mentais, que resultem em bem da educação moral e intelectual.

A Educação Física forma o homem de ação, física e moralmente sadio, alegre e resoluto, cômico do seu valor e das suas responsabilidades, pois torna-o mais corajoso, mais intrépido, mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais capaz, mais hábil, mais vezo, mais dextro, mais ágil e predisposto a resistir às intempéries, às variações dos climas, a suportar os revezes da vida, a vencer dificuldades, a triunfar nos perigos e obstáculos.

Um exame característico das atividades físicas mostrará quão ricas e valiosas elas são e quão importantes se tornam para a moral, na escola, treinando caracteres.

A Educação Física será corretiva, porque visa assegurar uma boa postura do corpo; porque combate a sedentariedade; porque corrige as constituições franzinas e defeituosas, pela respiração abundante, pelos movimentos coordenados; porque corrige os defeitos físicos adquiridos e minora os que são congênitos; porque corrige, regularizando, as funções fisiológicas, fortalecendo e ampliando o tórax, ativando uniformemente a circulação, facilitando a eliminação residual.

Os exercícios devem ser conduzidos de tal forma que produzam os efeitos que deles se esperam: saudável atividade dos sistemas circulatório, excretório, muscular e nervoso.

A Educação Física será recreativa, porque recreia o espírito, dando o prazer e a alegria, tão necessários à vida como o pão. Para se auferirem dela todos esses benefícios é mister que seja articulada com o ensino das demais disciplinas, com as quais deve formar um conjunto harmônico.

A prática, porém, deve ser orientada de tal modo que não sejam escolhidas atividades inadequadas à constituição dos educandos, evitando abusar-se das possibilidades de cada um, o que acarretará a esgotamento, a fadga, em prejuízo do desenvolvimento normal do esqueleto, e concorrerá para o desequilíbrio das funções orgânicas. A diminuição da capacidade de estudo, a perda do peso e do apetite, a astenia geral são as conseqüências de abusos, que se devem evitar na escolha e na graduação metódica dos exercícios.

Tudo fará o professor para que se evite submeter ao mesmo exercício crianças que nunca foram examinadas, de coração deficiente, de órgãos cujo funcionamento se ignora e portadoras de defeitos físicos. A fadga não é a mesma para todos: os resultados não são idênticos.

Conhecer, pois, a marcha do desenvolvimento físico e o estado de saúde de seus alunos é indispensável ao professor. Constitui a base em que se poderá afirmar e orientar o ensino, para que seja feito racionalmente.

Com esses conhecimentos é que poderá o professor obter o agrupamento homogêneo das crianças para a prática da Educação Física, obedecendo não apenas à idade cronológica e escolar, mas, essencialmente, a tipos morfo-fisiológicos, diagnosticados previamente pelo exame médico e antropométrico.

O agrupamento homogêneo é executado pela comparação dos dados biométricos de cada aluno como os das escalas avaliadas para esse fim obtidas por meio de dados estatísticos. Não existindo, entretanto, até agora, entre nós, as referidas escalas, as medições serão feitas, inicialmente, com o objetivo de colher os dados que futuramente servirão para a organização das escolas.

A classificação por grupos obedecerá à seguinte ordem:

1.º grupo — crianças cujas qualidades morfo-fisiológicas se grupam em torno do mínimo normal e do máximo.

2.º grupo — crianças cujas qualidades morfo-fisiológicas se encontram no mínimo da escala. Entre estas se incluem as crianças cuja desproporção entre o peso e a altura é excessiva, demonstrando desnutrição acentuada ou que são portadoras de esboço de doente passageiro, não incompatível com a Educação Física.

3.º grupo — crianças que apresentam insuficiências notáveis, susceptíveis de correção, mediante exercícios especiais. Este grupo será decomposto em tantos sub-grupos quantas forem as necessidades especiais.

Esses três grupos podem ser reunidos em duas turmas básicas:

- 1.ª — Normais — constituídas pelas crianças do 1.º grupo.
- 2.ª — Deficientes — constituídas pelas crianças do 2.º grupo e do 3.º.

Será maneira mais racional de se adaptarem os trabalhos às necessidades atuais da escola.

Assistência médica — Ao médico, como colaborador que é do professor de Educação Física, sempre se reserva um papel saliente na Escola.

O exame dos alunos, separando-os em grupos normais e débeis orgânicos, fornecerá os meios ao professor de selecionar as crianças de modo que se possa "pedir e dar a elas o que é adequado ao seu desenvolvimento".

O médico indicará os alunos que devam ser excluídos das atividades físicas ordinárias, mostrando deficiências e prescreverá exercícios especiais apropriados às condições físicas desses alunos.

O médico escolar iniciará suas atividades após o começo do ano letivo.

Exame antropométrico — O exame antropométrico, determinando o valor físico do examinando, de modo a satisfazer, embora sumariamente, as necessidades da divisão em turmas homogêneas, fornece dados para a verificação dos resultados da Educação Física.

O exame antropométrico será feito pelo professor, com auxílio da enfermaria escolar, onde houver, limitando-se a um número indispensáveis de medidas necessárias à classificação do estado físico das crianças, suas deficiências e excessos.

As medidas efetuar-se-ão pelo menos uma vez por ano e no princípio do ano letivo e o confronto entre elas deverá ser feito para que o professor assinala as diferenças do desenvolvimento, no lapso de tempo decorrido, e tenha base segura para avaliar os resultados dos exercícios.

A apuração das medidas será feita com o maior critério, a fim de que não haja prejuízo nos objetivos visados.

Os resultados dos exames serão consignados em ficha iniciada quando a criança começa a sua educação física e a acompanhará, quando se transfira para outro estabelecimento.

As medidas indispensáveis são:

Estatura

Pêso

Perímetro torácico

Envergadura (para alunos do 4.º ano)

O material necessário à tomada dessas medidas resumem-se no seguinte:

Uma balança

Uma loesa

Uma fita métrica, metálica, sempre que possível.

O exame biométrico será feito, em igualdade de condições, quando as crianças estejam em repouso.

Pêso — Com o mínimo de vestuário possível. O aluno ficará imóvel no centro do estrado da balança, que deve ter sido cuidadosamente aferida. Registrar-se-á o pêso com precisão até 100 grs., evitando-se tomá-lo depois das refeições principais.

Estatura — Deve ser tomada com o aluno em posição ereta, descansado, de costas para a toesa, tocando a parede com os calcanhares unidos (pontas de pés abertas), com as nádegas e o dorso, a cabeça orientada segundo o plano horizontal. A medida da altura ou estatura pode ser feita por qualquer processo, inclusive por meio de uma fita métrica, em boas condições, esticada e colocada convenientemente a uma parede vertical. O antropômetro

ou uma boa toesa constituem os processos de manêjo mais aproveitáveis.

Perímetro torácico — Meninos: na altura da base do apêndice xifóide; meninas sob as axilas. Registrar-se-ão os dados em centímetros. Ter-se-á cuidado para que a fita não fique torcida e esteja em perfeita horizontalidade. Tomar-se-ão três medidas: da criança em repouso, inspirando e expirando. Essas medidas devem ser tomadas diretamente sobre a pele.

Elasticidade torácica — Será obtida pela diferença entre as medidas tomadas em inspiração e expiração.

Envergadura — Em pé, de costas para o quadro moral, tocando a parede com as nádegas e o dorso; abrir os dois braços horizontalmente, as mãos espalmadas com o dorso voltado para a parede. Medir a distância entre as extremidades dos dedos médios. Registrar em centímetros.

Observações do professor — Na ficha de Educação Física há espaço para as observações do professor, no qual será anotado o que no organismo do aluno houver de extraordinário, não previsto pelo exame biométrico ou clínico.

Por essas observações se orientará a correção de hábitos prejudiciais e serão prescritos hábitos de higiene que o aluno deve adquirir.

As seguintes regras e preceitos de higiene devem ser observadas pelo professor em relação ao aluno:

Local — As aulas de educação física devem ser, de preferência, dadas ao ar livre.

Em caso de mau tempo, chuva ou sol excessivos, utilizar-se-á o professor de galpões ou pátios cobertos.

Os exercícios, partindo das posições de sentado ou deitado, nunca devem ser praticados em pátios úmidos, empoirados ou cheios de gorgulhos. Devem ser preferidas as áreas gramadas, cimentadas, ladrilhadas ou assoalhadas, rigorosamente limpas. No caso de se dispôr de áreas cimentadas ou ladrilhadas, deve-se evitar que as crianças permaneçam longo tempo deitadas.

Não se deve colocar a classe frente para o sol ou para paredes.

Horas de trabalho — As horas de trabalho devem ser fixadas de maneira a não perturbar a digestão dos alunos.

Os exercícios físicos, não podendo ser feitos às primeiras horas da manhã ou às últimas da tarde, deverão começar duas horas pelo menos depois das principais refeições e terminar cerca de uma hora antes das mesmas.

Uniforme — Para a prática da Educação Física é necessário que as roupas sejam amplas, não comprimam o tórax, o abdômen,

o pescoço, as pernas ou os braços. O uso de um uniforme apropriado, de acordo com a estação é recomendável.

Temperatura e condições climáticas — Levar-se-á na maior consideração a temperatura, ao se organizarem e ao se conduzirem os exercícios.

Terminada a aula, tomar-se-ão os cuidados necessários do aseo.

Fadiga — O trabalho físico nunca deve ser levado até o esgotamento. Uma fadiga ligeira que desaparece depois de alguns minutos de repouso não deixa traços prejudiciais no organismo; não acontece o mesmo com a estafa, que é acompanhada de inapetência e de insônia lassitude geral e mesmo de febre.

O professor deverá conhecer os sinais gerais e particulares da fadiga, a fim de moderar o ardor dos alunos cuja resistência geral pareça um pouco forçada. Evitará adicionar uma fadiga física excessiva ao cansaço intelectual, casos possíveis nos últimos anos do curso primário.

Fará que executem exercícios fáceis, de caráter recreativo, que requeiram um mínimo de despesas nervosas.

A EDUCAÇÃO FÍSICA ELEMENTAR OU PRÉ-PUBERTARIA INTERESSA AS CRIANÇAS DE 4 A 13 ANOS, MAIS OU MENOS

Neste período, a criança, em pleno crescimento, tem antes de tudo, necessidade de uma saúde vigorosa. A E. F. que ela deve praticar será higiênica e corretiva, com tendência ao desenvolvimento das grandes funções respiratórias e circulatória, bem como a articular, e educação do sistema nervoso, sem, contudo, visar desenvolver sistematicamente os músculos.

O ciclo elementar subdivide-se em 4 graus:

- 1.º grau — 4 a 6 anos;
- 2.º grau — 6 a 9 anos;
- 3.º grau — 9 a 11 anos;
- 4.º grau — 11 a 13 anos, sempre, porém, impondo-se a homogeneidade de seus componentes. A E. F. deverá ser objeto de vigilância constante do médico, sempre que se possa obter a colaboração deste. Para a classificação inicial nenhuma prova será exigida, além do exame médico.

JOGOS

O uso dos jogos tem profunda significação no concerne ao indivíduo e à coletividade, através dos seus efeitos de conservação da vitalidade física, moral e social. Os valores educacionais

dos jogos só podem ser apreciados por quem tenha reparado de perto os seus efeitos. As crianças que são desanimadas, retardadas, indolentes, que observam pouco o que se cerca; que reagem vagarosamente a um estímulo externo: que são numa palavra, lentas para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências, por meio de jogos inteligentemente ministrados. Os interesses naturais de uma criança normal levam-na a preferir jogos diferentes em diferentes períodos do seu desenvolvimento. Suas próprias forças na sua evolução natural procuram instintivamente elementos do jogo que contribuam para a satisfação das tendências próprias das fases do seu desenvolvimento. Os jogos constituem a forma de ginástica mais apropriada às indicações da vida escolar. *Adaptam-se às aptidões físicas das crianças, como às suas necessidades morais.* São, ao mesmo tempo, higiénicos e recreativos. Os jogos, entretanto, não podem constituir, por si sós, método completo de Educação Física. É necessário que sua ação seja continuada e completada por exercícios cuja técnica, sob o ponto de vista fisiológico e mecânico, influa com efeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funções e as faculdades motoras. Os jogos devem ser praticados com liberdade, com entusiasmo e com a máxima alegria. Devem ser classificados pelos seus característicos com relação aos interesses da criança nas suas diversas fases de desenvolvimento. Na classificação baseada no interesse, observamos que a ordem dos grupos é a seguinte:

a) *Jogos de personificação* — São aqueles em que a criança se encarna numa personalidade humana, ou num animal, ou coisa, vivendo o papel que representa, apelando para o próprio senso dramático e imaginativo, como por exemplo: — imitar um rato, um gato, um galo que canta, um gigante, um médico, etc. Está ela em um período de egocentrismo acentuado, em que, jogando sózinha, e, ao mesmo tempo, causa e efeito, isto é, realiza e sente a satisfação do jogo, isolada do próprio ambiente, o qual não se acha relacionado com o cenário por ela idealizado.

b) *Jogos de ataque e defesa, de objetivação direta e concreta* — São jogos que conservam os mesmos característicos da personificação dos precedentes, aumentados com a introdução de um companheiro, e em que o atacante experimenta a noção de domínio; e o atacado, a de defesa. Exemplos: «O gato e o rato», «O caçador e o veado», etc.

Tanto os primeiros como estes são jogos de pouca duração e que atingem o objetivo rapidamente, envolvendo pouco poder de atenção e resistência física; requerem pouca agilidade e as suas regras são rudimentares. São jogos que enfraquecem, na criança,

a predominância da consciência do eu e estimulam, pouco a pouco, a aquisição do interesse pelo contacto com os companheiros.

c) *Jogos em grupo* — São jogos constituídos de leis rudimentares (regras) às quais a criança se submete com extraordinária espontaneidade, contribuindo com a sua justiça intuitiva para a boa prática dos mesmos (acórdos momentâneos).

A criança continua exercitando-se nas tendências descritas nos jogos anteriores, aparecendo agora novos elementos, capazes de desenvolver as qualidades de associação. *Ela atua e sente com a alma do grupo, ensaiando, de tal maneira, o próprio espírito de co-opeção, sacrifício inicialiva própria e superida, e de coragem própria ou refletida do grupo.* Tais jogos aparecem no período de transição entre o sentimento egocêntrico e o gregário. Exemplos: — («Corra seu urso», «Nunca três»).

d) *Jogos de grupo contra grupo, com participação individual por ordem* — São jogos em que dois lados se opõem, em que cada membro de cada grupo atua um contra o outro, de cada vez. Este grupo é uma progressão do anterior, com os seguintes característicos específicos: *a criança tem atuação própria, porém, controlada pela responsabilidade que assume para com o grupo de que faz parte; desenvolve a acuidade visual; acentua a própria destreza de movimentos; a própria inicialiva; a confiança em si; inicia o espírito de lática para resolver, com rapidez e eficiência, as situações do momento.* Exemplo: Apanhar o lenço.

e) *Jogos de grupo contra grupo, com participação coletiva* — São jogos em que todos os jogadores participam ao mesmo tempo de atividades coordenadas. Cada um trabalha de per si, concorrendo para a satisfação das suas emoções, e é, ao mesmo tempo, impedido pela responsabilidade na conquista do ideal coletivo do grupo de que faz parte. Na atuação, o jogador tem que atender não só aos ditames da sua consciência, dirigida pelos estímulos ambientes, como também a influência direta emanada dos companheiros.

As regras já são em si definidas e oferecem aos jogadores situações em que cada um, ora as aplica, ora se submete a elas.

Há um treinamento da mútua subordinação entre o sistema nervoso e muscular, manifestada na rapidez quase instantânea entre a formação das imagens nos centros dos sentidos e a sua transformação em ação motora; rapidez essa imposta pelas circunstâncias em que se apresentam os estímulos indicando a ação. Exemplo: — Branco e preto.

f) *Jogos de "team"* — Entraremos agora a tratar dos jogos de "team", que encerram em si todas as leis sociais, na sua mais alta expressão. Segue-se, até essa fase, passo a passo, a evolução

do jogo associado ao desenvolvimento da criança e com os jogos de "team" entra-se em esfera de vasta extensão.

Em vista dos objetivos tão complexos dos jogos de "team", necessário é um preparo prévio do educando, por meio de outros que abram todas as válvulas de descongestionamento das tendências predominantes em cada fase da sua evolução.

Chegando a esse ponto, nota-se que alguns característicos declinam e outros, igualmente pronunciados, tomam seus lugares. Todos trabalham juntos para um fim comum, imediato — a vitória.

O principal característico dos jogos de "team" é a cooperação de todos.

Os traços de caráter requeridos e cultivados por um trabalho em "team" são altamente valiosos na vida prática e social.

Essa classe de jogos requer o máximo de força de percepção, habilidade para agir rápida e acertadamente, em uma situação de mudanças bruscas; requer raciocínio e julgamento rápido.

PRIMEIRO ANO

A criança, ao entrar na escola, necessita de atividade que sejam uma "compensação" às atividades do lar. É preciso dar-lhe uma ginástica racional, aplicável à idade. Assim, o exercício ser-lhe-á conscientemente adaptado. A criança tem fertilidade de imaginação e capacidade de aproveitar o espírito criador na reprodução de cenas reais, que observa a cada passo. O bom educador deve transportar essa situação da vida para a escola, procurando meios de proporcionar à criança situações reais e espontâneas. Deve colocar-se ao nível dos alunos, sempre que possível executando com eles movimentos que a sua imaginação fértil e ingénua sugerem: cantar, correr, saltar, imitar o movimento da locomotiva, o vôo dos pássaros, etc. O método de ensino estará na observação. Assim, a participação ativa do professor será um estimulante e excitará a atividade infantil. A terminologia empregada será ao alcance da criança! — Venham até aqui: Formemos uma roda! Vamos correr! A sopa está quente; vamos esfriá-la! Fiquem à minha frente! Façam como eu! etc.

Observados esses princípios, será organizada a lição, com atividades dentro do plano geral.

As histórias dramatizadas são recursos de que pode usar o professor.

A passagem da ginástica para o 3.º grau se fará em solução de continuidade, pouco a pouco, desde que a do 2.º grau já não seja suficiente para satisfazer às necessidades crescentes do organismo, aumentando-se para o 4.º grau as dificuldades dos exercícios educativos. Começam aí as aplicações de fraca intensidade.

Ligação de Educação Física

Turma do 3.º grau, ciclo elementar

Duração — 25'

Hora —

Local —

Uniforme —

Material —

S. P. — 2/10 da lição (5').

Ev. — Marcha lenta, batendo com os pés.

Flexionamentos:

Br. — Elevação horizontal dos braços (diferentes planos);

Pr. — Mãos nos quadris — Flexão e extensão das pernas, joelhos afastados.

T. — Afastamento lateral, mãos nos quadris — Inclinação lateral do tronco.

Comb. Elevação vertical dos braços, elevação da perna esquerda (só um plano).

Ass. — Tocar o sino com um braço e girar a manivela com outro.

Cit. — Afastamento lateral, com elevação dos braços estendidos.

L. P. D. — 7/10 da lição (175).

M — Marcha alongada com grande balanceamento dos braços.

T — O tirador d'água (mímico).

S — Saltitar com afastamento lateral das pernas (educativo).

L. T. — O Cântaro ou o pote de manteiga (educativo).

C. — Elevação alternada dos joelhos (educativo).

L. — O moinho de vento (mímico).

A. D. — O boxeador (mímico).

Jogos — O poste humano (T).

Cara e coroa (C).

V. C. — 1/10 da lição (2,5).

Marcha lenta com ex. respiratório.

Marcha com canto.

Ex. simples de ordem.

PRIMEIRO ANO

Sessão preparatória

1 — Formações:

Em linha, em uma fileira;

Em coluna por um;

Em círculo.

2 — Elevações e rodas:

Marcha sem cadência;
Marcha normal em diferentes cadências.

Rodas:

Ciranda, cirandinha;
Na fonte do Teroró;
Na ponte do Venâncio;
Carneirinho, carneirão.

Passa-passa gavião e muitas outras, de acôrdo com o interesse da criança, as tradições locais e sôbre motivos brasileiros.

3 — Flexionamentos :

a) Posições de partida:

Posição fundamental;

Mãos nos quadris;

Afastamento lateral.

b) Flexionamento dos braços:

Elevação horizontal dos braços (um plano);

Elevação vertila dos braços (um plano);

Flexão dos antebraços com extensão dos braços para frente, vertical e lateral;

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna.

c) Flexionamento das pernas:

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (para a frente);

Mãos nos quadris: elevação do joelho (para a frente);

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados).

d) Flexionamentos do tronco:

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco;

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco.

e) Jogos respiratórios (alguns exemplos):

Cheirar a flor;

Apagar a vela;

A sopa esta quente;

O fogueite;

A sirene;

O espirro.

Lição própria dita.

1 — Marchar :

a) Movimentos mimicos:

Marcha do pega ladrão;

O papão e o pequeno polegar;

O anão e o gigante;

O pato;

A centopéia.

2 — Preparar :

a) Movimentos mimicos:

O tirador d'água;

O limpador de chaminé;

João Grande;

O caranguejo;

O carrinho de mão;

3) Saltar

3 — Movimentos mímicos:

O polichinelo;

O sapo;

O liziu;

Atravessar o córrego;

Um pé machucado.

4 — Levantar e transportar :

O carregador d'água;

Os cavadores;

O serrador;

O tocador de sino;

Os remadores.

5 — Correr:

A pêndula;

O aeroplano;

A revoada de pássaros;

O ciclista;

O cavalo de circo.

3 — Lançar:

O malabarista;

O moinho de vento;

O ceifador;

O laçador de boi.

7 — Ataque e defesa:

Mãos queimadas;

O carpinteiro;

O boxeador;

Rodopio;

O pneumático está vazio.

Jogos — Dentro do espirito e da organização dos seguintes ex.:

O gato no poleiro;

A perseguição aos pernetas;

As formiguinhas e sua presa;

O lóbo e os carneiros;

A bola ao pote;

O maneta é senhor em sua casa.

c) Volta à calma:

- 1 — Marcha lenta com exercícios respiratórios.
- 2 — Marcha com canto ou assobio.
- 3 — Exercícios simples de ordem, curtos e variados.

SEGUNDO ANO

Sessão preparatória

- 1 — Formações e exercícios de ordem:
 - em linha, em uma fileira
 - em círculo
 - em coluna por um alinhamento
 - em linha, em duas fileiras
 - passar de coluna por um a coluna por dois fora de forma reunir maneiras simples de tomar e verificar distâncias.
- 2 — Evoluções e rodas:
 - marchas normais em diferentes cadências
 - marcha batendo com os pés

marcha em círculo
marcha em serpentina
marcha em espiral
rodas.

- 3 — Flexionamentos:
 - a) posição de partida:
 - posição fundamental
 - mãos nos quadris
 - afastamento lateral
 - afastamento para a frente
 - sentado, pernas afastadas
 - deitado.

- b) Flexionamento dos braços:
 - Elevação horizontal dos braços (diferentes planos)
 - Elevação vertical dos braços (diferentes planos)
 - Flexão dos antebraços (diferentes planos)
 - Flexão dos antebraços com extensão dos braços para frente, vertical e lateral

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano horizontal

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços no plano vertical.

- c) Flexionamento das pernas:
 - Mãos nos quadris: elevação do joelho (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão das pernas (diferentes planos)

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados)

Deitado: elevação alternada das pernas

Deitado: elevação dos joelhos, extensão das pernas.

d) Flexionamento do tronco:

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco

Mãos nos quadris: afastamento para a frente com rotação do tronco.

e) Flexionamentos combinados:

(Daremos apenas alguns exercícios a título de exemplo).

Elevação horizontal dos braços com elevação da perna estendida, (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços com elevação do joelho (diferentes planos)

Afastamento lateral: elevação lateral dos braços, flexão dos antebraços com inclinação lateral do tronco

Afastamento para a frente com elevação lateral dos braços, seguida de rotação do tronco com flexão dos antebraços no plano horizontal.

- f) Flexionamentos da caixa torácica:
 - a) Jogos respiratórios
 - b) Leyar alternadamente as espáduas para a frente e para trás com circundação das espáduas.

B) Lição propriamente dita:

1 — Marchar:

- a) Movimentos mímicos
- b) Exercícios educativos:
 - Marchar na ponta dos pés
 - Marchar com elevação dos joelhos

2 — Trepar:

- a) Movimentos mímicos
- b) Exercícios educativos — suspensões:
 - Suspensão inclinada.

C) Volta à calma

- 1 — Marcha lenta com exercícios respiratórios
- 2 — Marcha com canto ou assobio
- 3 — Exercícios simples de ordem, curtos e variados.

TERCEIRO ANO

Sessão preparatória

1 — Formações e exercícios de ordem:

Em linha, em uma fileira

Em coluna por um

Alinhamentos

Em linha, em duas fileiras

Em linha, em três fileiras

Passar de coluna por um a coluna por dois

Passar de coluna por dois a coluna por quatro

Fora de forma e reunir

Maneiras de tomar e verificar distâncias

Direita (esquerda) — volver!

Um passo à frente (retaguarda)

Um passo à esquerda (direita)

Meia volta (a pé firme) — volver!

Marcha normal em diferentes cadências

2 — Evoluções:

Marcha batendo com os pés

Marcha com canto

Marcha em círculo

Marcha em serpentina

Marcha em espiral

Formar o oito

Marcha dos ginastas.

3 — Flexionamentos:

a) Posições de partida:

Posição fundamental

Mãos nos quadris

Afastamento lateral

Grande afastamento lateral

Afastamento para a frente

Sentado: pernas afastadas

Deitado

b) Flexionamentos dos braços:

Levar as espáduas para a frente e para trás

Circulação das espáduas da frente para trás (de trás para a frente)

Flexão dos antebraços (diferentes planos)

Elevação horizontal dos braços com flexão e extensão das mãos (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços com flexão e extensão das mãos (diferentes planos)

Elevação dos braços à frente e afastamento para trás

Flexão dos antebraços com extensão dos braços para a frente, vertical e lateral

Deitado: elevação dos joelhos, extensão das pernas

Elevação lateral dos braços com flexão dos antebraços no plano horizontal

Elevação lateral dos braços com flexão dos antebraços no plano vertical

c) Flexionamentos das pernas:

Mãos nos quadris: elevação dos joelhos (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho e afastamento lateral

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (dif. planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna (diferentes planos)

Mãos nos quadris: flexão e extensão das pernas (joelhos afastados)

Mãos nos quadris, circundação da perna da frente para trás (de trás para a frente)

Deitado: elevação alternada das pernas

Deitado: elevação das pernas estendidas

d) Flexionamentos do tronco:

Mãos nos quadris: abrir para a frente, oblíquo e lateral

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco

Mãos nos quadris: afastamento para a frente com rotação do tronco

Sentado, pernas afastadas, mãos nos quadris: rotação do tronco

Afastamento lateral: flexão e extensão do tronco

e) Flexionamentos combinados:

Elevação do joelho com elevação dos braços à frente, seguida de afastamento lateral de braços e pernas

Afastamento para a frente com elevação lateral dos braços, seguido de flexão dos antebraços no plano horizontal, com circundação da perna da frente para trás

Abrir para a frente com elevação lateral dos braços seguido de rotação do tronco com elevação vertical dos braços

Mãos nos quadris: flexão do tronco com elevação da perna para trás e muitos outros exercícios.

f) Flexionamentos assimétricos:

Deslocamento vertical de um antebraço e horizontal de outro (o salchiheiro)

Toçar o sino com um braço e girar a manivela com o outro
Círculo das mãos em sentidos opostos

g) Flexionamentos da caixa torácica:

Levar alternadamente as espáduas para a frente e para trás
Com circundação das espáduas

Com elevação dos braços flexionados

Com elevação dos braços estendidos

Com circundação dos braços flexionados

Lição própria dita:

1 — Marchar

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos — suspensões:

Marchar na ponta dos pés

Marchar com elevação dos joelhos

Marcha nos calcanhares

Marcha em extensão

Marcha alongada com grande balanceamento dos braços

2 — Trepas:

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos — Suspensões:

Suspensão inclinada

Suspensão inclinada: braços flexionados

Suspensão inclinada: elevação do joelho

Suspensão inclinada: elevação da perna estendida

Suspensão inclinada: elevação do joelho, seguida de extensão da perna

c) Exercícios educativos: apoios

Apoio de frente com uma parede, numa barra ou no solo

Apoio de frente em uma barra ou sobre o solo; passar de apoio sobre um braço

Apoio de frente em uma parede, numa barra ou no solo: flexão dos braços

3 — Saltar

Marchar sobre a trave para a frente, para trás e do lado

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Balanceamento dos braços com flexão coordenada das pernas

Saltar: pernas estendidas

Saltar: com afastamento lateral dos braços

Saltar: com afastamento das pernas para a frente e para trás

Saltar: cruzando as pernas

Saltar: cruzando as pernas

Saltos no mesmo lugar: com elevação dos joelhos

Saltos no mesmo lugar: com extensão do tronco e elevação vertical dos braços

Saltos no mesmo lugar: lançando uma perna para frente e outra para trás

Saltos no mesmo lugar: com elevação simultânea das pernas estendidas

Saltos no mesmo lugar: com elevação alternada das pernas estendidas

Saltar em distância (altura), com um, dois, três ou quatro passes de impulso

Pular na corda

Saltar em distância (altura), com impulso, determinando-se o pé que deve dar o impulso

Saltos sucessivos em distância

Saltos sucessivos em altura

4 — Levantar — Transportar

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Transportar um objeto sobre a cabeça

Passar de lado objetos diversos

Passar entre as pernas objetos diversos

Passar por cima da cabeça objetos diversos

Passar em uma escada objetos diversos

Cantero ou pote de manteiga

5 — Correr

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Estudo da passada no mesmo lugar

Elevação alternada dos joelhos

Estudo da passada correndo

Passadas intercaladas de dois ou três saltos

6 — Lançar

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios educativos:

Projetar uma espádua, fazendo a rotação do tronco e extensão das pernas

Lançar uma bola por extensão do braço (dois a dois, de frente)

Lançar para a frente a bola por extensão horizontal dos braços (dois a dois, de frente)

Lançar para o alto a bola por extensão vertical dos braços

Lançar para a frente a bola por extensão horizontal de um braço (2 a 2, de frente)

Lançar para a frente a bola por balanceamento horizontal do braço estendido e rotação do tronco (dois a dois de frente)

Lançar alternadamente a bola por balanceamento dos braços estendidos na frente do corpo e rotação do tronco

Lançar para o alto a bola, por extensão do tronco flexionado lateralmente e balanceamento dos braços estendidos de baixo para cima

Lançar para a frente a bola por extensão do tronco flexionado e balanceamento dos braços estendidos de baixo para cima (2 a 2, de frente)

Lançar para o alto a bola por extensão do tronco flexionado e balanceamento dos braços estendidos, de baixo para cima

Lançar para trás, por cima da cabeça, a bola, por extensão do tronco flexionado e balanceamento dos braços estendidos, de baixo para cima (2 a 2, um atrás do outro ou em filas, com várias bolas)

Lançar para trás, por entre as pernas a bola por flexão do tronco e balanceamento dos braços estendidos de cima para baixo (2 a 2, um atrás do outro ou em filas, com várias bolas)

Lançar para a frente a bola por abaixamento dos braços estendidos e flexão do tronco (2 a 2, de frente)

Jogar a bola para o alto por inclinação lateral do tronco e extensão do braço flexionado

Jogar o péso pela frente do corpo por uma rotação do tronco e balanceamento horizontal do braço estendido

Jogar o péso para o alto por balanceamento de baixo para cima do braço estendido com inclinação lateral e rotação do tronco

7 — Aíçar e defender-se

a) Movimentos mímicos

b) Exercícios de oposição:

Resistência à flexão e extensão das mãos

Resistência à abdução do punho e do antebraço

Resistência ao afastamento lateral do braço

Resistência à extensão do antebraço

Resistência à extensão dos braços para frente.

Utilizando um bastão, resistir à extensão dos braços

Resistir à extensão das pernas (2 a 2, sentado, de frente)

8 — Jogos, dentro do espírito e da organização dos seguintes exemplos:

Corrida da centopéia

Bola aérea

Apanhar o lenço

Bola no círculo

Apanhar a cauda

Corrida em círculo

Corridas de batatas

c) Volta à calma

1 — Marcha lenta com exercícios respiratórios

2 — Marcha com canto ou assobio

3 — Exercícios de ordem, curtos e variados

QUARTO ANO

Sessão preparatória

1 — Formações e exercícios de ordem

Em linha, em uma fileira

Em coluna por um

Alinhamentos

Em linha, em duas fileiras

Em linha, em três fileiras

Passar de coluna por um a coluna por dois

Passar de coluna por dois a coluna por quatro

Fora de forma e reunir

Maneiras de tomar e verificar distâncias

Direita (esquerda) — volver!

Um passo à frente (retaguarda)

Um passo à esquerda (direita)

Oitava à direita (esquerda) — volver!

Meia volta (a pé firme) — volver!

Meia volta (em salto) — volver!

Meia volta (com passo cruzado) — volver!

2 — Evoluções:

Marcha normal em diferentes cadências

Marcha batendo com os pés

Marcha com canto

Marcha em círculo

Marcha em serpentina

Marcha em espiral

Formar em oito

Marcha dos ginastas

Formar os pequenos círculos interiores e exteriores

Formar as asas do moinho

Marcha em estrêla

Marcha para frente, para trás, para o lado

Marcha trocando o passo

Meia volta em marcha

Meia volta — volver! Alto!

Mudança de direção à esquerda (à direita) — volver!

3 — Flexionamentos

a) Posições de partida:

Posição fundamental

Mãos nos quadris

Afastamento lateral

Grande afastamento lateral

Grande afastamento para a frente

Sentado: pernas afastadas

Deitado

b) Flexionamento dos braços

Levar as espáduas para a frente e para trás

Flexão dos antebraços (diferentes planos)

Elevação horizontal dos braços (diferentes planos)

Elevação horizontal dos braços com flexão e extensão das mãos (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços (diferentes planos)

Elevação vertical dos braços com flexão e extensão das mãos (diferentes planos)

Elevação dos braços à frente e afastamento para trás

Elevação dos braços à frente, seguida de afastamento para trás com flexão e extensão das mãos

Flexão dos antebraços com extensão dos braços para a frente, vertical e lateral

Elevação lateral dos braços, com flexão dos antebraços ao plano vertical

c) Flexionamentos das pernas:

Mãos nos quadris: elevação do joelho (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho (diferentes planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho à frente e afastamento lateral

Mãos nos quadris: elevação da perna estendida (dif. planos)

Mãos nos quadris: elevação do joelho, extensão da perna (diferentes planos)

Grande afastamento lateral, mãos nos quadris: fix. alt. das pernas

Mãos nos quadris: flexão e ext. das pernas (joelhos afastados)

Mãos nos quadris: flexão e ext. das pernas (joelho e pés unidos)

Mãos nos quadris: circundação da perna da frente para trás (de trás para a frente)

Mãos nos quadris: meia flexão das pernas, ext. lateral de uma perna

Deitado: elevação alternada das pernas

Deitado: elevação dos joelhos, ext. das pernas

Deitado: elevação das pernas estendidas

d) Flexionamentos do tronco:

Mãos nos quadris: abrir para a frente, oblíquo e lateral

Afastamento lateral, mãos nos quadris: inclinação lateral do tronco

Mãos nos quadris: afastamento para a frente com rotação do tronco

Sentado, pernas afastadas, mãos nos quadris: rotação do tronco

Afastamento lateral: flexão e ext. do tronco

Afastamento lateral: mãos nos quadris: circulação do tronco

Afastamento lateral, mãos nos quadris: rotação e flexão do tronco

Sentado, pernas afastadas, mãos nos quadris: rotação e flexão do tronco

Deitado: flexão do tronco

e) Flexionamentos combinados:

Afastamento para a frente com elevação vertical dos braços, seguida de elevação do joelho à frente e flexão dos antebraços no

Abrir para a frente, oblíquo e lateral com elevação vertical dos braços

Flexão do tronco com elevação lateral dos braços e extensão da perna estendida para trás

Afastamento lateral com elevação vertical dos braços, seguida de flexão do tronco

f) Flexionamentos assimétricos:

Deslocamento vertical de um antebraço e horiz. de outro

Tocar o sino com um braço e girar a manivela com o outro

Círculo das mãos em sentidos opostos

Simultaneamente: elevação horiz. de um braço à frente e lateral do outro

Simultaneamente: elevação lateral de um braço e vertical do outro

Elevação lateral dos braços, flexão dos antebraços, um no plano horizontal e outro no plano vertical

Afastamento lateral, circundação dos braços em sentidos opostos

g) Flexionamento da caixa torácica:

Levar alternadamente as espáduas para a frente e para trás com circulação das espáduas

Com elevação dos braços flexionados

Com elevação dos braços estendidos

Com circundação dos braços flexionados

Com flexão e extensão do tronco

Lição própria dita.

1 — Marchar

a) Exercícios educativos:

Marcha na ponta dos pés

Marcha com elevação dos joelhos

Marcha nos calcanhares

Marcha com extensão

Marcha alongada com grande balanceamento dos braços

Marcha alongada com o tronco flexionado

b) Aplicações:

Marcha alongada rápida

Marcha em cadência viva

2) Trepár

a) Exercícios educativos — suspensões:

Suspensão inclinada

Suspensão inclinada: braços flexionados

Suspensão inclinada: elevação do joelho

Suspensão inclinada: elevação da perna estendida

Suspensão inclinada: flexão dos braços

Suspensão inclinada: afastar e aproximar as mãos

Suspensão alongada: elevação do joelho

Suspensão alongada: elevação dos joelhos

Suspensão alongada: elevação da perna estendida

Suspensão alongada: elevação lateral das pernas

Suspensão alongada: elevação dos joelhos e extensão das pernas

b) Exercícios educativos — apoios:

Apoio de frente em uma parede, numa barra ou no solo

apóio sobre um braço

Apoio de frente em uma parede, numa barra ou no solo:

flexão dos braços

Marchar sobre a trave para a frente, para trás, e de lado

a) Aplicações:

Passagem da trave colocada a 1 metro de altura

3) Saltar

a) Exercícios educativos:

Balanceamento dos braços com flexão coordenada das pernas

Lançar para a frente

Saltar: pernas estendidas

Saltar: com afastamento lateral das pernas

Saltar: com afastamento das pernas para a frente e para trás

Saltar: cruzando as pernas

Saltos no mesmo lugar com elevação dos joelhos

vertical dos braços

Saltos no mesmo lugar: lançando uma perna para a frente e outra para trás

Saltos no mesmo lugar: em elevação simultânea das pernas estendidas

Saltos no mesmo lugar: com elevação alternada das pernas estendidas

Pular na corda

Saltar em distância (altura) com um, dois, três ou quatro passos de impulso

Saltar em distância (altura) com impulso, determinando-se o pé que deve dar o impulso

Saltos sucessivos em altura

Saltos sucessivos em distância

b) Aplicações:

Saltos em distância sem impulso

Salto em altura, de frente, sem impulso

Salto em altura de lado, sem impulso

Salto de lado, com apoio de uma das mãos, à direita, a esquerda

4 Levantar e transportar

a) Exercícios educativos:

Transportar um objeto sobre a cabeça

Passar de lado objetos diversos

Passar por entre as pernas objetos diversos

Passar por cima da cabeça objetos diversos

Passar em uma escada objetos diversos

O cântaro ou o pote de manteiga

Levantar um camarada deitado, com o corpo retesado, segurando-o sob a nuca; pô-lo em pé.

b) Aplicações:

Transporte de um camarada por dois outros (a cadeirinha)

5) Correr

a) Exercícios educativos:

Estudo da passada, no mesmo lugar

Elevação alternada dos joelhos

Estudo da passada correndo

Passadas intercaladas de dois ou três saltos

b) Aplicações:

Corrida com esquiua

Corrida por lance, deitando no fim de cada lance

Corrida em andadura moderada (passada longa)

Corrida com o tronco flexionado

Corrida de velocidade

Corrida de revezamento

6) Lançar

a) Exercícios educativos

Todos os do 3.º ano

b) Aplicações:

Lançamento de objetos leves com o braço flexionado

Lançamento de objetos leves com o braço estendido

Lançamento de objetos leves por balanceamento do braço, de trás para a frente.

7) Atacar e defender-se

a) Exercícios de oposição — Os mesmos do 3.º ano

b) Lutas de tração e repulsão:

Empurrar pelas costas um camarada que resiste

Luta da resistência, pelo punho

Descolocar um adversário, segurando-o pelo punho

Luta de tração pelos braços

Luta de repulsão, dois a dois, de frente (braços flexionados)

Luta de bastão, com uma ou duas mãos

Luta de bastão, (sentado, dois a dois)

Luta de repulsão com vara (dois a dois)

Luta de tração com vara (dois a dois)

Luta de tração com corda, de frente (dois a dois)

Luta de tração, com corda, de dorso (dois a dois)

Luta de repulsão com vara (por turmas)

Luta de tração com vara (por turmas)

Luta de tração com corda de frente (por turma)

Luta de tração, com corda, de dorso (por turma)

8) Jogos

(Dentro do espírito e da organização dos seguintes exs).

Quebra-canela em coluna

Levar o porco à feira

Corrida de canguru

Hand-ball

Bola ao triângulo

c) Volta à calma

1) Marcha lenta com exercícios respiratórios

2) Marcha com canto ou assobio

3) Alguns exercícios de ordem, curtos e variados.

INSTRUÇÕES SOBRE OS HONORÁRIOS

1 — O início e o fim das aulas, bem como o recreio, nas escolas que funcionam em dois turnos ou em turno único, devem obedecer ao horário indicado no Regulamento do Ensino:

a) *Aulas:* *Início* — 7 ou 7,30 e 12 horas ou 12,30, para as escolas que funcionem em 2 turnos: 11 horas, para as de um só turno. *Fim:* 11 ou 11,30 e 16 ou 16,30 para as primeiras e 15,30 para as segundas.

3) *Recreio:* 9,5 às 9,30 ou 14,5 às 14,30 nas escolas de 2 turnos: 13,15 às 13,45, nas escolas de um só turno.

2 — Os professores podem organizar seus horários. Recomendase, porém, que considerem o seguinte:

a) o total de horas semanais deve ser respeitado assim:

Para o primeiro ano:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral e composição — 7 horas e 45 minutos.

Aritmética — 3 horas

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos

Canto — Uma hora e 15 minutos

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora e 15 minutos.

Período livre de 30 minutos. Demais atividades como chamada — entrada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos, Total: 20 horas.

Para o segundo ano:

Língua Pátria — compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — duas horas e 30 minutos.

Ciências Nat. — Uma hora e 15 minutos.

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos.

Canto — Uma hora.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora.

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Período livre — 30 minutos. Demais atividades como entrada — chamada — recreio — saída, etc. — 3 horas e 45 minutos. Total: 20 horas.

Para o 3.º ano e o 4.º ano:

Língua Pátria, compreendendo leitura, escrita, ortografia, linguagem oral, composição e biblioteca — 7 horas e 30 minutos.

Aritmética — 3 horas.

Ciências — 1 hora e 15 minutos.

Geografia e História — Uma hora e 15 minutos.

Ginástica — Uma hora e 15 minutos.

Trabalhos Manuais e Desenho — Uma hora.

Canto — Uma hora.

Demais atividades: entrada, chamada, recreio, saída, etc. -- 3 horas e 45 minutos. Total 20 horas.

b) Antes do recreio, atividades que exijam maior esforço mental dos alunos.

c) A duração de cada aula deve ser regulada pelo interesse da classe.

d) Os períodos livres a professora preencherá com atividades que julgar mais necessárias para atender às deficiências dos alunos ou permitirá que estes trabalhem de acordo com o interesse; por exemplo: alguns em jardinagem; outros, na biblioteca; outros, em trabalhos manuais, etc., contanto que nenhum permaneça inativo.

e) Nas escolas onde não houver biblioteca, as professoras deverão fazer para a classe a leitura de algum livro interessante.

NOVOS HORIZONTES NO PANORAMA EDUCACIONAL

Pesquisa dos Fatores Emocionais na Situação Pedagógica

GENÉRICE A. VIEIRA

(*Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos*)

O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos do Ministério de Educação e Cultura no Rio de Janeiro está realizando uma pesquisa inédita no campo educacional brasileiro. Trata-se da observação e estudo dos componentes emocionais que interferem na boa ou má relação humana que se estabelece na escola entre professor e aluno. Em psicologia educacional, este aspecto do problema é um capítulo complexo e novo ou pouco explorado, apesar da amplitude e vigor de seu significado na fundação pedagógica.

No magistério, de modo geral, os cursos de habilitação profissional, os currículos escolares e a orientação técnica dos professores, referem-se, predominantemente, a normas e princípios filosóficos, psico-sociológicos e pedagógicos da educação, bem como a técnicas específicas preconizadas. O caráter humano do ensino ou o contato direto da personalidade do professor e aluno — esse laço ou fundamento que alicerça a base segura para um convívio fecundo e, conseqüentemente, para uma educação completa — ainda está relegado ao "acaso", à intuição ou percepção psicológica inconsciente que o professor porventura possua. Não saímos, ainda, do plano das hipóteses, conjecturas e coincidências no que se refere ao plano sutil, profundo e definitivo das relações emocionais que marcam o êxito ou o insucesso no ensino e, conseqüentemente, a integração ou o desajustamento dos indivíduos.

Se a ciência pudesse dar ao professor recursos conscientes, racionais e seguros para orientar-se e orientar os alunos na complexa tarefa de ensinar e aprender, quanto não lucraria a escola nessa capitalização de valores humanos e culturais que lhe cabe promover?

Quando se situa o problema da "técnica de ensino", reconhece-se com justiça seu valor instrumental — como veículo da informação e do automatismo — para insistir que só a personalidade do mestre corporifica ideais e vivifica noções, procedimentos didáticos e todos os recursos materiais. No entanto, na preparação e orientação do professor cuida-se essencial ou exclusivamente (?) da preparação intelectual e técnica. Onde a preocupação pelo aprimoramento de uma personalidade sadia e vigorosa que lhe daria a força e as possibilidades exigidas para ajustar-se à vida e à profissão, a fim de realizar — sem dano para si mesmo e para os educandos — uma obra satisfatória? Onde um pouco de luz nesse labirinto misterioso e complexo que é a interpretação da conduta humana, que daria possibilidades reais e objetivas para observar — a fim de compreender para estimular e orientar — o comportamento da criança?

Modernamente, com a nova conceituação de «ensino», o centro de interesses da didática deslocou-se do professor para o aluno. O conhecimento não é uma riqueza transmissível, mas um bem adquirível. Se ensinar é estimular e orientar a aprendizagem do aluno, o professor só existe em função do educando e sua missão primária e básica é compreender. Compreender é amar. Só quem ama, realmente, pode encontrar força e habilidade para perceber-se da criança como é, na realidade presente, a fim de descobrir o caminho que ela deseja, pode e necessita percorrer para fortalecimento do seu próprio eu e consequente ajustamento à vida e à cultura do seu povo e da sua época. Só quem compreende emocionalmente o sentido da conduta da criança, poderá arvorar-se em seu mestre legítimo, nesse esforço natural e positivo, embora inconsciente, de auto-afirmação em que o aluno procura ser cada vez mais ele mesmo, isto é, um ser humano, um tipo original — inédito no mundo — e não uma cópia, imitação ou arremedo dos "modelos" existentes.

Se a erudição e a técnica do professor fossem suficientes para educar, poderiam, perfeitamente, e muitas vezes com vantagem econômica e cultural, substituir o professor, não fosse a sua personalidade fator decisivo na obra educativa. É o contato humano sadio e esclarecido entre mestre e aluno que promove ou mobiliza os recursos essenciais a uma verdadeira educação. No educando, como em todo ser humano, vibra — antes de tudo — o desejo do intercâmbio afetivo, essa tendência natural de dar e receber que provoca a compreensão e cria o sentimento de aproximação e entendimento entre os homens. Só nesse "clima" pode manifestar-se espontânea e receptiva a inteligência que deseja e necessita conhecer ou saber. No entanto, de que "instrumentos" dispõe ou que habilitação racional possui o professor para — esquecendo-se

de si mesmo por amor à criança — chegar à intimidade desse ser que desabrocha impetuosamente para uma vida plena?

Quando deseja informar, dar elementos para elaboração intelectual do conhecimento, o professor age tecnicamente, isto é, científica e inteligentemente, porém, quando visa despertar interesses vitais, orientar positivamente uma conduta, de que recurso objetivo lança mão? A instrução é dada com precisão, medida e oportunidade; quais são, porém, os meios empregados, qual é o "planejamento" racional usado para educar? Será a informação mais necessária ou importante do que a formação de idéias e interesses? A valorização apenas intelectual do homem e da vida será mais significativa do que a vivência emocional que estrutura a conduta e fortalece a personalidade?

Cada professor em face desse problema elabora seu comportamento empiricamente, isto é, de acordo com suas percepções inconscientes, intuitivas sutis e variáveis, em grau e intensidade, de indivíduo para indivíduo. Por que todo esse empirismo, quando se trata do mais grave dos problemas — a educação — numa época em que tanto se tem avançado em todos os setores da atividade humana?

Nos centros culturais mais adiantados do mundo, sente-se uma grande preocupação pelo problema. Pesquisas nesse sentido estão sendo efetuadas em diversos países. A Inglaterra, com seu tradicional e equilibrado senso dos valores, revelou-se pioneira no estudo da questão. Deve-se à grande psicanalista inglesa — Susan Isaacs — a corajosa iniciativa de advertir o então Ministro da Educação da Gran-Bretanha sobre a imperiosa necessidade de atender-se à Educação, o estudo dos fatores emocionais. Outros países começam a dedicar sua atenção ao assunto.

Alertado o I.N.E.P. por estudiosos do problema emocional e de sua influência decisiva na situação pedagógica, acabou consentindo em que se iniciasse no Brasil pesquisa idêntica. Essa inquietação e atividade nos meios educacionais significa o descortinar de novos horizontes àqueles que aceitam ou enfrentam a responsabilidade difícil da formação e recuperação da infância. A magnitude desse trabalho alterará profundamente a estrutura do sistema educacional da atualidade, porque conduzirá à compreensão de que "a escola é o centro de saúde emocional da infância e, conseqüentemente, centro de profilaxia da doença mental do adulto".